3 1761 04036 0257

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
University of Toronto

https://archive.org/details/oportugaljesuita00grai

M. BORGES GRAINHA

# O PORTUGAL JESUITA

LISBOA
TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA
9, 11 — Apostolos — 9, 11

1893

LIBRARY
FEB 19 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

BX
3742
A1B6

# PLANO DA OBRA

Publiquei ha mezes um livro intitulado *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos,* o qual teve echo no paiz, principalmente nos centros jesuiticos. Essa publicação não era um estudo particular e exclusivo da Companhia de Jesus, era um estudo geral de todas as Congregações Religiosas existentes entre nós. E a base fundamental d'esse estudo era o conhecimento que eu tinha d'essas corporações, como testemunha, que fôra, dos factos n'elle analysados.

Do campo catholico-jesuita (pois ha tambem o catholico não jesuita) sairam immediatamente dois livros contra o meu. N'elles notei que, deixando de parte as outras Congregações, pre-

tenderam defender quasi exclusivamente os jesuitas; e que, não percebendo a força da minha prova testemunhal, julgaram que não poderia adduzir em favor das minhas affirmações documentos e citações auctorisadas.

Visto isso, vou fazer n'este livro um estudo mais particular e detalhado dos jesuitas e dos seus defensores, que constituem o que podemos chamar o Portugal Jesuita.

E pelo que respeita ás provas, pondo de parte o meu testemunho pessoal, farei ver que as minhas asserções estão fundadas em documentos valiosos, que procurei e investiguei com attenção, e em auctores de summa competencia, quasi todos laureados pelas universidades e estimados no mundo scientifico.

E para que este estudo seja mais seguro e comprehensivel, dividil-o-hei em quatro partes. Na 1.ª exporei uns conhecimentos geraes e necessarios da organisação e historia da Companhia de Jesus, seguindo os historiadores, que com mais documentos e melhor critica, lhe investigaram o caracter e as tendencias. Na 2.ª descobrirei, aproveitando-me dos livros publicados contra o meu, quaes os processos de defesa de que os jesuitas e seus defensores se

servem usualmente. Na 3.ª mostrarei, com a leitura dos seus devocionarios e relatorios, quaes os meios de propaganda, que lhes são peculiares. Na 4.ª veremos os jesuitas em acção facil e proveitosa n'este desventurado paiz, tão atrasado e tão subjugado por elementos perniciosos e corruptores.

Ao leitor fica a liberdade de examinar os documentos que apresento, de avaliar o merito dos autores que cito, e de ponderar o valor das estatisticas e dos numeros que transcrevo.

# PRIMEIRA PARTE

---

# CONHECIMENTOS GERAES

# I

## Os jesuitas estudados por auctores illustres

*Le jour où le procès des jésuites sera bien instruit, leur règne sera bien fini.* (1) No dia em que o processo dos jesuitas estiver perfeitamente instruido, o seu reino estará completamente acabado.

Por que motivo, em nossos dias, os paizes mais adeantados da Europa, a Allemanha, a Suissa, a Italia e a França, os expulsaram dos seus territorios? Porque o esplendor da sua civilisação lhes dera luz para bem os conhecerem. No dia da expulsão, esses paizes estavam repletos de discipulos d'elles. Quando nas Camaras francezas se discutia o celebre artigo 7.º da lei Ferry, que prohibiu aos je-

---

(1) Alfred Marchand, prefacio á 4.ª edição franceza do livro de J. Huber, *Les Jésuites*.

suitas o ensino em França, dois dos ministros tinham sido seus alumnos. (1)

Ora, se homens, que exprimem o mais avançado na sciencia e que conheciam os jesuitas desde a escola, os tivessem achado aptos e proprios para o progresso da civilisação, com certeza, elles, que tanto porfiam em progredir, não os teriam expulso: pelo contrario, tel-os-hiam conservado, e até protegido o seu accrescimo e engrandecimento. Mas não. Conheciam-nos, e por isso... os expulsaram. *Le jour où le procès des jésuites sera bien instruit, leur règne sera bien fini.*

A historia constante e inalteravel dos jesuitas (havemos de proval-o) resume-se n'esta phrase — emquanto não são conhecidos, são facilmente recebidos e estimados; logo que se dão a conhecer, são repellidos e expulsos.

Provar e demonstrar, com factos e documentos, quaes são as suas tendencias e o seu procedimento, é o que se chama instaurar-lhes o processo. Foi isto o que em geral pretendi no livro anterior e

(1) M. Ernest de La Rochette — Il y a ici deux ministres qui ont été élevés chez les jésuites! — (Extracto official da sessão das camaras francezas de 21 de junho de 1879, em que Paul Bert pronunciou um discurso, como relator do projecto da lei Ferry sobre o ensino)

o que vou expressamente fazer n'este, com novos factos e documentos. E n'esta empreza, convem saber-se, tenho predecessores illustres.

O processo dos jesuitas n'outros paizes já está feito por escriptores de primeira ordem. Falemos dos modernos.

Na Allemanha, o grande historiador Leopoldo Ranke, professor da Universidade de Berlim, desde 1834 fizera a descoberto a verdadeira historia da Ordem, nas suas admiraveis obras, que deram brado na Europa e na America, sobre os Papas e a Egreja nos seculos desaseis e desasete. É sobremaneira interessante a sua obra *La Papeauté et le Concile* (O Papado e o Concilio), onde, em alguns capitulos, expõe exactamente a historia e o caracter dos jesuitas n'esses dois seculos. Em 1870, J. Huber, professor da Universidade de Munich, continuou a obra de Ranke, publicando dois livros notaveis, tornando-se celeberrimo o intitulado *Os Jesuitas*, que teve logo muitas edições allemãs e cinco francezas. (1) A obra não é volumosa, mas é talvez

(1) *Les Jésuites*, par J. Huber, professeur a l'Université de Munich, traduit par Alfred Marchand. 5.e edition. Paris, Librairie Sandoz et Fischbacher, 33, Rue de Seine. 1880. — 3 fr. 50 c. Esta obra encontra-se tambem em dois volumes. A outra

a melhor cousa que se tem escripto sobre o assumpto. Tendo lido muitos livros pro e contra a Companhia, não conheço nenhum, nem mais completo nem mais perfeito e imparcial do que este do professor allemão.

Em França, em 1843, Michelet e Quinet professores na Sorbonne de Paris, sendo as suas aulas perturbadas por gritos e tumultos de adeptos dos jesuitas, (1) viram-se obrigados a desviarem-se das suas prelecções de historia geral, para fazerem algumas lições sobre a d'estes; lições que echoaram em toda a França, e ainda hoje, impressas entre as suas obras, causam admiração pelo vigor e colorido d'esse estudo synthetico e psychologico. Mas foram principalmente Gabriel Compayré, professor da Faculdade de Lettras de Tolouse, e Paul

---

obra d'este auctor intitula-se: *Lettres de Janus sur le Concile.* J. Huber é professor de Theologia Catholica na Universidade de Munich, segundo informa Compayré, pag. 162 da *Histoire Critique;* o que mais recommenda o seu livro precioso.

(1) Nas *Lições sobre os jesuitas* de Michelet veem marcados os pontos dos *rumores* e *interrupções.* No fim de cada uma, ha a nota historica das perturbações: «Cette leçon fut troublée par quelques signes d'une insolente désapprobation... Le jeudi 11 Mai, plusieurs de mes collègues et de mes plus illustres amis, français et étrangers, voulurent, en quelque sorte, protester par leur présence contre ces indignes attaques, et me firent l'honneur d'entourer ma chaire.»

Bert, professor da Faculdade de Sciencias de Paris, que em França deram nos jesuitas o golpe mortal, de que nunca mais se restabelecerão perante os homens verdadeiramente instruidos: Gabriel Compayré, com a *Historia critica das doutrinas da educação em França,* (1) e Paulo Bert com o *Relatorio apresentado á camara dos deputados sobre a lei do ensino primario,* (2) e com o livro *A Moral dos Jesuitas,* (3) ao qual andam annexos os *Discursos* d'este deputado a respeito da lei Ferry sobre o ensino. Todos estes professores universitarios, allemães e francezes, instruiram, em nosso tempo, por tal forma e tão peremptoriamente, uns pelo lado historico e outros na parte pedagogica e moral, este processo, que as duas nações, á vista dos factos e

---

(1) *Histoire critique des Doctrines de l'Education en France depuis le seizième siècle,* par Gabriel Compayré, professeur de philosophie à la Faculté des Lettres de Toulouse. — Ouvrage qui a obtenu le prix Bordin a l'Académie des sciences morales et politiques et un prix Monthyon a l'Académie Française. Paris, Librairie Hachette et C.e — Cinquième édition, 1885.

(2) *Rapport* presenté a la Chambre des députés sur la loi de l'enseignement primaire (proposition Barodet) par Paul Bert, membre de la Chambre des députés, professeur à la Faculté des Sciences. — Paris, G. Masson, éditeur, 1880.

(3) *La Morale des Jésuites,* par Paul Bert, député, professeur à la Faculté des Sciences — Dix-neuvieme mille — Paris, G. Charpentier, 1883.

documentos apontados, não hesitaram nem mais um momento em banir de si os enganadores do povo e da juventude das escolas.

Na Austria, o conde Francisco Deym, ex-discípulo dos jesuitas, escreveu umas notas importantes sobre as suas impressões do tempo em que lhes frequentou as aulas, notas de que se serviu Huber, e de que eu me servirei tambem.

Em Portugal, o processo dos jesuitas ainda não está plenamente instruido; ainda necessita de mais algumas peças elucidativas para junctar ás já apresentadas em diversas epochas e por differentes escriptores. O primeiro a começal-o, segundo a ordem chronologica das publicações que tenho á vista, foi o dr. Joaquim de Sousa Refoios, distincto lente de medicina na Universidade de Coimbra, dando a lume em 1883 o *Relatorio da Syndicancia ás casas religiosas do districto de Castello Branco*, (1) syndicancia ordenada pelo governo e da qual o corajoso

(1) *O Relatorio*, precedido e seguido d'outros documentos, appareceu com o seguinte titulo: O collegio de S. Fiel no Louriçal do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã — Apontamentos sobre o jesuitismo no districto de Castello Branco, pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, lente de Medicina na Universidade de Coimbra — 1883 — Coimbra — Imprensa da Universidade — Preço 200 rs. È dignissima de ler-se esta publicação.

professor era presidente. E' facto muito para reparar que em Portugal, como na Allemanha e na França, é ainda um professor universitario que instaura o processo dos jesuitas. Não admira, pois, que odeiem tanto as Universidades, focos de luz, elles, os trabalhadores das trevas, e lhes chamem, desesperados, «ossadas putridas». (1) Mas desesperem e raivem á vontade, que a luz cada vez se vae fazendo maior no espirito publico.

Em 1888, um ex-jesuita, que viveu na Companhia uns 12 annos e foi professor em Campolide, imprimiu tambem em Coimbra, com o nome de N. Branco, uns apontamentos de factos observados por elle no seio da corporação, com o titulo *Os Segredos dos Jesuitas de Portugal*. (2)

O sr. Lino da Assumpção tem contribuido para o conhecimento dos jesuitas, principalmente na parte historica, com os livros *Os Jesuitas* e *O Catholicismo da Côrte ao Sertão*. E na parte historica, os nossos modernos historiadores e litteratos não se

(1) *Civilta Cattolica*, jornal dos jesuitas em Roma, citado por J. Huber, *Les Jésuites*, liv. 7, pag. 202. La *Civilta* dit qu'elles (les universités modernes) sont des ossements non pas seulement desséchés, mais puants; l'odeur que répandent leurs doctrines est pestilentielle et mortelle.

(1) Achei-o á venda no Hotel Central de Coimbra. Preço 120 réis. Como prova testemunhal vale muito este folheto.

teem descuidado em gritar bem alto, com a historia na mão, que o espirito jesuitico, introduzido na sociedade portugueza principalmente pelo ensino, foi uma grande causa da decadencia nacional em antigos tempos, e que ainda hoje, por motivos de inoculação e herança, é um poderoso factor da nossa inferioridade na civilisação. O austero Herculano nas suas obras como a *Supressão das Conferencias do Casino*, o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, o sr. Oliveira Martins tambem na *Historia de Portugal*, e o sr. Theophilo Braga nas suas obras de litteratura e historia, todos, á uma, anathematizam, em face da historia, a perniciosa infiltração jesuitica no nosso organismo social.

Na Suissa, o ardente professor de Litteratura Universal na Eschola Polytechnica de Zurich, Joh. Scherr, n'um livro notabilissimo, *Historia da civilisação e dos costumes allemães* (Deutsche Cultur und Sittengeschichte), descreve d'um modo energicamente verdadeiro o typo machiavellico e malefico do jesuita.

Na Italia, o grande Gioberti, sacerdote e ministro de Estado, philosopho e publicista, publicou em 1847 um celebre pamphleto, *Il Jesuita Moderno*, que correu d'uma ponta a outra dos Apeninos, levantando o espirito publico. E' para notar que, na campanha em pró da unificação da Italia, Gioberti

teve por companheiro, além de Cesar Balbo, o conde Massimo Taparelli d'Azeglio, irmão do padre jesuita Luiz Taparelli, redactor da *Civiltá Cattolica*, vendo-se, portanto, dois irmãos, ambos notaveis, pelejando acerrimamente em campos contrarios.

Na Belgica, ainda ha pouco se presenceava o espectaculo de um discipulo dos jesuitas se tornar o seu mais illustre e temivel inimigo, fundando as sociedades do livre pensamento e sendo a alma do socialismo. Era Cesar De Paepe, a cujo enterro vimos accorrer reverente a Belgica inteira. E já antes, n'este mesmo paiz, tinha apparecido um livro intitulado *Decadencia e perigos do jesuitismo moderno*, escripto pelo padre Robiano.

Tendo o exemplo de todos estes homens illustres e de muitos outros, como Thiers, etc., parece que ninguem se deveria admirar que eu publicasse um livro que não era mais que um pallido reflexo dos de tão auctorisados escriptores. E, comtudo, o jesuitismo indigena caiu-me em cima, como sobre um scelerado; escreveram-se livros e artigos; e a sua imprensa esteve, durante mezes, a vomitar odios e insultos contra mim.

O acirramento e rancor da defeza fez-me crer que o meu livro fôra d'esses que, felizmente, conseguem excitar a opinião publica. E eu, que se-

guira aquelles grandes escriptores no ataque, vejo-me, gostosamente, forçado a seguil-os na confirmação e continuação d'elle. Pascal publicára umas celebres *Cartas Provinciaes* contra os jesuitas e em confirmação das primeiras teve de escrever segundas. Paul Bert pronunciou uns discursos contra a Companhia e depois publicou um livro *La Morale des Jésuites* confirmando o que dissera. Gioberti imprimiu o *Il Jesuita moderno* e em resposta aos adversarios escreveu logo a *Apologia* ou *defesa* do celebre pamphleto.

O presente livro, *O Portugal Jesuita*, será tambem a confirmação e o desenvolvimento do outro, *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos*. O volume anterior parece ter sido bem recebido pelo publico, pois teve grande procura: e a Commissão de Syndicancia ás Casas Religiosas, nomeada pelo governo, parece tel-o egualmente tido em alguma conta, pois me convidou a desenvolver verbalmente e por escripto certos pontos que eu expuzera resumidamente ao conhecimento publico. É esta a resposta que dou aos insultos dos meus adversarios. São estes os verdadeiros e honrosos duellos dos escriptores. Entendo, como parecem entender muitos cavalheiros que se dignaram escrever-me n'esta occasião, que as ideias

não se combatem com balas de ferro, combatem-se com balas de papel. De diversas partes tenho recebido não só felicitações, mas tambem noticias e pormenores, de que me servirei. Facto curioso: a primeira carta de parabens foi-me dirigida por um sacerdote secular, que vive em terra muito contaminada de jesuitas. Recebi tambem cartas e bilhetes, quasi todos anonymos, insultando-me e ameaçando-me; o que prova simplesmente que a obra os deixou mal feridos.

Os meus contradictores vindo seguidamente lançar, com equivocos, confusões e falsidades, umas meias sombras de duvida sobre determinados pontos, mostraram-me quaes os fracos que mais pretendiam occultar e mais desejavam arredados das minhas demonstrações. Fizeram-me um obsequio, que muito agradeço, tomando-os desde agora como collaboradores e seguindo-os pelos esconderijos onde se querem pôr a salvo, o que lhes não consentirei com documentos á vista. E visto que o jesuitismo me collocou n'um posto de honra, que de modo algum pretendo declinar, hei de continuar o trabalho encetado, hei de colher todas as peças comprovativas, hei de elucidar todos os pontos duvidosos, hei de revolver os auctores favoraveis e desfavoraveis, hei de manifestar tudo o que chegar a meu conheci-

mento, para esclarecer a questão jesuitica, que, embora alguns o não vejam, é uma questão vital para a instrucção e civilisação d'um povo; porque, como julgam as nações mais adeantadas e os espiritos mais cultos, « *os jesuitas,* segundo a phrase de Alfred Marchand, *formam uma Instiutição, cujo espirito e influencia são-o obstaculo mais consideravel ao desenvolvimento intellectual e moral das nações, e-á qual grande numero dos meus compatricios confiam-a direcção de seus filhos, porque não fazem uma ideia bem clara dos principios e sentimentos que essa instituição inculca ás novas gerações.* » (1)

Mas hei de fazer tudo isto — reparem bem os os jesuitas — unicamente com enthusiasmo pela verdade, e com o coração cheio de bondade e affecto por todos os fanatisados e opprimidos, que são o maior numero, lamentando a sua desgraça e cegueira

Pelo que respeita aos insultos, ás calumnias e ás perseguições de toda a sorte que me movem e me hão de continuar a mover, creiam que não me incommodam, nem me apartarão do caminho honrado que vou trilhando.

---

(15) Alfred Marchand, prefacio á 4.ª edição de *Les Jésuites* de J. Huber.

Podem insultar, calumniar e perseguir á vontade. É uma honra ser perseguido pelos jesuitas: é signal de caracter recto e inflexivel. Nunca os lobos estiveram de accordo com os rafeiros, que os denunciam com os ladridos e se expõem aos seus dentes em defesa dos gados.

Mas que tenho eu que vêr com os jesuitas? perguntará alguem, e já m'o teem perguntado alguns amigos, que attendem mais (o que lhes agradeço) á minha commodidade do que ao meu espirito. Porque me metti n'uma lucta em que serei aggredido por todas as fórmas? Porque me exponho á inimisade e ao odio de uma corporação, que ainda tem bastantes adeptos ou cumplices, e cujas armas de combate conheço perfeitamente?

Emfim, porque me ponho em desharmonia com os jesuitas, quando realmente podia viver muito bem com elles, sem deixar de ter as ideias que tenho? Estas considerações já me teem sido feitas por alguns. E, realmente, eu estava n'uma posição vantajosa, segundo o espirito leviano da epocha. Tinha entrada em todos os campos; podia estar á vontade entre jesuitas e liberaes, entre miguelistas e constitucionaes, podia ser um moderno com os modernos, podia ser um retrogrado com os da ideia

ultramontana. Podia mostrar-me jesuita na Rua do Quelhas e em Campolide, onde seria bem recebido, e podia mostrar-me um espirito avançado nas aulas publicas e nos meios cultos. Para o primeiro dava-me faculdade o meu appellido e a minha vida anterior, para o segundo davam-me direito os meus estudos e as minhas novas relações. Podia viver uma vida commoda, lisonjeando as ideias d'uns e d'outros, e sendo egualmente lisonjeado por uns e por outros. Ninguem melhor do que eu podia seguir esta duplicidade de vida e de apresentação. E não me faltavam exemplos. Alguns conheço eu e não poucos, que passam deliciosamente os dias n'esta duplicidade e dobrez de viver refalsado, variando de ideias conforme as pessoas com quem falam, compondo o rosto segundo as casas onde entram, dizendo coisas sanctas nos salões das beatas e jorrando blasphemias nos clubes e nos cafés, indo de manhã á egreja compungidos e virtuosos e gastando as noites na crapula e nos lupanares. E vivem satisfeitos comsigo mesmos, e todos lhes apertam a mão, mesmo aquelles a quem estes mais enganam. Chama-se até a isto — saber viver: mas devia chamar-se-lhe... outra cousa.

Ora eu podia muito commodamente ser um d'estes, sempre encobertos atraz da mascara, que variam

segundo a situação, sem terem coragem para mostrar, um dia pelo menos, o seu perfil verdadeiro, para se saber em toda a parte quem elles são.

Mas preferi, ás commodidades d'esse viver, manifestar claramente as minhas ideias, julgando fazer com isso um bem ao paiz, dando-lhe a conhecer os intentos d'uma Companhia, que os espiritos mais illuminados reputam perniciosa á sociedade, e que, por circumstancias especiaes, eu conhecia como tal e podia descobrir ao publico com maior numero de dados e esclarecimentos.

Bem vi, quando me resolvi a escrever o livro anterior, que rompia para sempre com essa vida dubia que tantos appetecem e procuram. Medi bem o passo, calculei-lhe as consequencias: percebi quanto é aspero fallar claro e dizer verdades n'este paiz tão dominado, infelizmente, por falsarios de toda a especie, que se mancommunam uns com outros para suster formas sociaes, que estão condemnadas.

Conheço bem os jesuitas, para me não illudir, acreditando evitar-lhes os dardos. Fiz conta que me perseguiriam não só publicamente nos seus orgãos e centros, como já fizeram, mas — e onde são mais perigosos — occultamente em conselho com os amigos e cumplices no enganar do povo.

Previ e espero tudo isso; mas entendi que cada

cidadão, no seu posto, deve trabalhar para desviar os estorvos ao progresso da sua patria, custe o que custar.

É sobretudo á geração nova, que pertencem estes postos avançados da honra e da lucta.

O progresso é a lucta da luz contra as trevas; mas luz que queima os que a accendem e propagam. Para termos a liberdade de pensamento, foi necessario que se deixassem queimar pela Inquisição os mais audazes pensadores. Para termos liberdade politica, foi necessario que se deixasse queimar nas barricadas o povo heroe da revolução franceza. Para termos a liberdade scientifica, foi necessario que um sabio, como Galileu, estivesse na prisão e visse condemnada, por ignorantes arvorados em mestres, a sua proposição, que afinal era a verdadeira e que hoje todos, até a propria instituição que a condemnou, teem de admittir como um facto.

É verdade que hoje já se não trata de prisões, nem de fogueiras da Inquisição, embora lhes não falte vontade. Somos mais felizes e menos valentes que os nossos antecessores. Ha apenas umas baixas intrigas e umas perseguições de atraz da esquina, que em todo o caso podem causar damno, mas que só espantam os cobardes.

Não sei se a victoria virá breve. Que ella hade vir é certo, porque o progresso marcha constantemente. Quando será não sei, nem a isso attendo. Ao soldado não se lhe pergunta se triumphou, pergunta-se-lhe se combateu até ao ultimo instante.

E, se os meus compatricios não derem a devida importancia a esta questão, que embora não pareça a alguns, tem resultados muito serios para o futuro das gerações novas, como já demonstraram sabios illustres, consolar-me-hei do atrazo d'um paiz onde a civilisação costuma chegar um seculo mais tarde, pondo os olhos na França, que lucta a braços partidos com os jesuitas, levando-os já de vencida, porque nas suas leis escolares encontrou o especifico contra a ignorancia e o jesuitismo, que afinal são uma e a mesma coisa. As leis escolares francezas reduzem-se a dois artigos fundamentaes:

*A ninguem é permittido ensinar sem ter diploma de habilitação d'uma escola official.*

*A nenhum membro de Congregação Religiosa não auctorisada é permittido ensinar ou abrir estabelecimento de ensino.*

N'estas leis está a unica salvação para o futuro da juventude escolar. E com respeito aos jesuitas, que são os mais perigosos, a França executa-as á risca. Ainda no principio d'este anno o ministro de

Instrucção Publica expulsava, mais uma vez, alguns que se tinham introduzido subrepticiamente nos seus antigos collegios de Paris. Com os olhos fitos n'esse povo francez, que produziu a exposição de 1889, é que eu trabalho tranquillamente no que julgo beneficio do meu paiz, sem me importar com as vaias e contumelias dos jesuitas e de todos os seus cumplices na ignorancia e no engano.

## II

### Resumo da Historia geral dos Jesuitas

Para conhecer o caracter d'uma corporação não ha meio mais seguro do que estudar a sua historia. Pelas acções praticadas avaliaremos o seu espirito e as suas tendencias. È seguro e é leal. Portanto o estudo da historia dos jesuitas nos tres seculos e meio da sua existencia é que nos fará conhecer o que d'elles poderemos esperar actualmente, principalmente sendo certo que os jesuitas de hoje seguem as mesmas regras dos seus antecessores, pois no Instituto da Companhia de Jesus, depois de bem firmado, não se fizeram modificações senão muito accidentaes, como teremos occasião de provar. Ouve-se muitas vezes falar dos jesuitas, como de gente lendaria. Contam-se d'elles as coisas mais absurdas. A elles mesmos parece não

desagradar essa fórma extraordinaria e phantastica com que se faz a sua historia, antes teem contribuido para isso com as narrações dos seus escriptores, (1) porque a lenda é o meio mais excellente de encobrir a verdadeira physionomia, dando ás coisas maior vulto. Mas a historia dos jesuitas já hoje não é uma lenda. Está perfeitamente estudada. Em pleno seculo desenove, com a critica historica tão avançada, com os archivos tanto a publico, com tantos escriptores de faculdades robustissimas e de actividade pasmosa, era impossivel que a historia d'uma corporação que deu tal brado em todo o mundo, não fosse estudada, examinada, discutida, averiguada e concluida. Sabios de primeira ordem a puzeram a claro. Foram principalmente os allemães, com a sua tenacidade de estudo, com o seu rigoroso criterio, e com as suas bibliothecas e archivos preciosissimos, que disseram a ultima palavra.

A estes seguirei de preferencia n'este capitulo da historia geral dos jesuitas, que julgo necessario de antemão dar a conhecer aos meus leitores, pois, a ajuizar pelos que escreveram contra o meu livro anterior, ha entre nós umas ideias muito vagas e até muito falsas sobre este assumpto.

---

(1) Huber, *Les Jesuites*. l. 1. pag. 20—l. 7. pag. 215.

E seguirei muito particularmente a L. Ranke e a J. Huber, porque são aquelles em quem encontro mais afan em provar o que affirmam e com melhores documentos. Ranke, para o livro *La papeaté et Le Concile* de que me sirvo, consultou 165 manuscriptos, além de numerosissimos auctores. J. Huber, para o seu,(1) colheu documentos ineditos valiosos, no que foi auxiliado por professores e bibliothecarios notaveis, sendo o principal o padre Theiner da bibliotheca do Vaticano. Centenares de notas indicam no original allemão as fontes do seu trabalho. Terei tambem em conta Crétineau-Joli, defensor dos jesuitas, e os proprios historiadores da Ordem, muitos dos quaes li. E' de notar que Huber escreveu muito depois de Crétineau-Joli, e por conseguinte não é sem razão que se afasta por vezes do auctor francez, se bem que este mesmo, de quando em quando, se vê obrigado a confessar as faltas dos seus defendidos, embora n'outros pontos os procure desculpar, e por vezes bem infelizmente, como teremos occasião de mostrar n'um ou n'outro exemplo. Citarei tambem o livro do *Institu-*

(1) Em francez *Les Jésuites*, e em allemão *Der Jesuiten-Orden, nach seiner Verfassung und Doctrin, Wirksamkeit und Geschichte* (A Ordem dos Jesuitas, na sua constituição e doutrina, na sua actividade e historia).

*to da Companhia de Jesus*, e servir-me-hei do exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa, que todos podem consultar. Este exemplar da Bibliotheca Nacional pertencia ao antigo collegio dos jesuitas de S. Roque, antes da sua expulsão no tempo do Marquez de Pombal, o que se prova pela phrase escripta no alto do frontispicio, com a calligraphia da epocha: *Applicado ao cubiculo do P. Proposito de S. Roque pelo Prov.al João de Seixas.* (1)

Este capitulo, no seu limitado ambito, contem o resumo de todos aquelles auctores. Cada phrase encerra um facto historico baseado em provas provenientes d'aquellas fontes.

Como se vê, ponho de parte o meu testemunho e conhecimento pessoal das coisas da Ordem, para que ninguem possa tachar este trabalho de suspeito.

Ignacio de Loyola, de nação hespanhol, depois de convertido de soldado a sacerdote, depois de ter desistido de ir com os companheiros para a Pa-

(1) O titulo do exemplar é: *Institutum Societatis Jesu ex decreto Congregationis Generalis decimae quartae, meliorem in ordinem digestum, auctum, ac denuo recusum.—Pragae—Typis Universitatis Carolo-Fernandineae in collegio Societatis Jesu ad S. Clementem. Anno 1705.* (2 volumes).

lestina, onde já antes tinha estado, [1] fundou definitivamente em 1540, com auctorisação do papa Paulo III, a Companhia de Jesus. Segundo a mente do fundador, o verdadeiro nome da Ordem não é Sociedade de Jesus, mas Companhia de Jesus, da palavra hispanhola *Compañia*, pertencente á technologia militar.

A *Imagem do Primeiro Seculo da Companhia de Jesus* (Imago primi sæculi Societatis Jesu), obra d'um escriptor jesuita, chama pomposamente á sua Ordem, a «Legião de Deus» [2]

Ignacio de Loyola [3] determinou que os seus soldados combatessem contra os herejes, os impios e os infieis com as armas do *ensino* e da *pregação*. Para o ensino havia a *escholastica*, para a pregação inventou os *exercicios espirituaes*. E, para que todos pelejassem n'uma phalange cerrada e unida, escreveu as *Constituições* com o auxilio de Laynez, outro hispanhol, que era o seu sabio. A ideia das

(1) Huber, *Les Jésuites* liv. I. pag. 9 e 10. — Vida de S. Ignacio de Loyola pelo P. Ribadaneyra.

(2) Huber, *Les Jésuites*, liv. I. pag. 20.

(3) O verdadeiro nome de S. Ignacio de Loyola é Inigo Lopez de Recalde. Tinha nascido em 1491 no antigo Castello de Loyola na provincia de Guipuzcoa, em Hispanha; fôra, primeiro, militar, e só começou a estudar aos trinta e tres annos de edade.

Constituições é a obediencia cega. Já alguem contou que n'ellas se repete quinhentas vezes que na pessoa do Superior se deve ver o proprio Christo. (1)

As *Constituições* deixadas por Ignacio não são, porém, senão uma parte muito pequena do *Instituto*. O *Instituto*, que é o codigo dos jesuitas, comprehende dois volumes grandes, de um dos quaes, apenas, as Constituições occupam só uma pequena parte, como se póde ver no exemplar da Bibliotheca Nacional. O *Instituto* foi-se preenchendo pouco a pouco. Laynez, segundo Geral, ajuntou ás *Constituições* as *Declarações*. As *Declarações*, como o nome indica, são uma explicação das regras contidas nas Constituições. Mas esta explicação altera por vezes o sentido das regras, e por vezes o restringe, e dá um falso sentido ao voto da pobreza. (2) Foi a primeira reforma da obra de S. Ignacio. As edições d'este codice anteriores a 1606 mantiveram-se secretas: havia ainda outros codices de ordenações, que ficaram secretos e nunca entraram no corpo do Instituto, dos quaes alguns raros se conservam manuscriptos em alguns archivos. (3)

---

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. II. pag. 71.

(2) Huber. *Les Jesuites*. liv. II pag. 74.

(3) *La Chalotais*, citado por Huber, liv. II. pag. 75.—Lino da Assumpção no *Catholicismo da côrte ao sertão*.

A Laynez succedeu no generalato S. Francisco de Borgia, tambem hispanhol, que teve influencia na politica da epocha e nas côrtes dos reis. Não tocou no Instituto, mas, em compensação, deixou noticia das celebres visões ou apparições da Virgem Maria, em que esta lhe promettera que nenhum jesuita iria para o inferno. O livro *A certeza de salvação na Companhia de Jesus* (arma poderosa de seducção), cuja existencia ninguem se atreveu a negar e que eu li em varias linguas, tem origem n'estas revelações imaginarias.

Morto Francisco de Borgia, o papa Gregorio XIII mandou á Congregação geral, reunida para eleger novo Geral, que escolhesse para esse cargo alguem que não fosse hispanhol, visto os tres primeiros Geraes terem sido d'essa nação. (1) O motivo d'esta intimação foram as reclamações feitas ao papa por causa de abusos e ambições dos padres da Ordem de differentes nacionalidades e tambem por questões de raça e de seita. (2) Em consequencia do mandato pontificio, saiu eleito Evrardo Mercuriano,

---

(1) Ranke, *La Papeauté et Le Concile*, tomo II, § IX, Mouvements interieurs de la Societé.

(2) Sachini, na *Historia da Companhia*, parte IV, liv. I, citado por Ranke, dá-o a entender d'algum modo: «Duas foram as origens d'estas perturbações, a ambição das diversas na-

belga. Este padre, edoso e sem iniciativa, manteve as coisas como as deixaram os hispanhoes, e estes não se agitaram.

Por morte de Evrardo foi eleito Geral Claudio Aquaviva, em 1581. A eleição d'este produziu uma revolução enorme no seio da Ordem (1)

Claudio Aquaviva, homem de pouco mais de trinta annos, educado na Curia Romana, creado no fervilhar de intrigas dos bastidores de Roma, espirito superior, d'uma actividade assombrosa e d'uma coragem raiando pela temeridade, conhecendo perfeitamente tudo o que se passava na Companhia de Jesus, no Sacro Collegio, e nas Côrtes dos reis, sabedor de todas as queixas e reclamações feitas em diversas occasiões ao Papa e á Inquisição, por pessoas leigas e ecclesiasticas e até por jesuitas, contra os abusos, costumes e leis da Ordem, determinou comsigo resolver tudo isto, fazendo uma reforma

---

cionalidades e o odio que em Hispanha se tinha aos christãos novos.»

Veja-se tambem o *Discurso de las enfermedades de la Compañia de Jesus*, pelo padre jesuita Mariana. Os jesuitas pretendem que esta obra é apocrypha, mas Huber dá boas razões em contrario.

(1) O que escrevo a respeito de Aquaviva é tudo extrahido do *Instituto da Companhia*, e da obra de Ranke *La Papeauté et le Concile.*

centralisadora, que estudou de vagar, e que levou a effeito calculada, mas tenazmente.

Aquaviva começou por fazer reunir em Roma uma Congregação geral de professos de toda a Companhia. Era a primeira vez que tal se fazia. Até então a Congregação geral só se reunira por morte d'um Geral para a eleição d'outro. O novo Geral não se contentou com a primeira Congregação, convocou outra mais tarde, sempre com a ideia fixa no plano que traçara.

Os jesuitas hispanhoes, que se julgavam os depositarios do espirito e da norma de S. Ignacio de Loyola, percebendo a remodelação intentada por Aquaviva, revoltaram-se contra elle e déram tal escandalo em toda a Christandade, que nem os escriptores jesuitas, nem o proprio Crétineau-Joly o podem encobrir. (1) Mas Aquaviva, com a sua envergadura d'aço, flexivel mas rija, domou comple-

(1) Crétineau-Joly, *Historia da Companhia de Jesus*, tomo 2, pag. 172, (exemplar da Bibliotheca Nacional): «Mais soit que certains pères fussent encore trop assujettis aux passions de l'humanité pour se laisser dominer, soit plutôt que la fierté castillane reprît trop souvent son empire, des dissensions interieures couvaient au fond des âmes.»

tamente os jesuitas de Hispanha, modificando as Constituições mais e mais. (1)

Seria longa em demasia a narração do generalato de Aquaviva: resumirei pois, indicando os factos em que mais se assignalou o seu genio reformador.

Logo que subiu ao poder elegeu superiores de sua confiança e em geral gente nova, depondo os velhos e antigos na Ordem. Com isto ficou senhor de todo o poder e movimento. Os velhos tentaram rebellar-se; forjaram-se intrigas entre novos e antigos; mas Aquaviva não cedeu um ponto.

Tirou ás Congregações Provinciaes toda a sua influencia e poder, fazendo que em todas as coisas se recorresse ao Geral.

Ao contrario dos outros Geraes, nunca saiu de Roma, nem visitou as Provincias, mas em compensação estabeleceu correspondencia activa com todos os superiores por meio de cartas, obrigando-os a dar-lhe conta por escripto, em certos periodos, de tudo o que se passava nas localidades respectivas.

Habil politico, entendeu que convinha oppôr ao poder dos jesuitas hispanhoes o dos jesuitas fran-

(1) Ranke. tom. 2 § XIII. Les changements executés dans la Constituition de l'Ordre étaient insuffisants...

cezes; com este intuito fez se nomeasse um Assistente para as Provincias de França, que o não tinham, elevando assim a cinco o numero de Assistentes, que eram só quatro por disposição da primeira Congregação geral. (1)

Escreveu Instrucções aos Superiores e Industrias para tratar as questões do espirito, que fazem parte do *Instituto*. Com as Instruções tocou nas regras da Ordem, como se póde vêr confrontando-as no *Institutum*.

Mandou compôr a *Ratio Studiorum* e promulgou-a, incorporando-a no Instituto. Só a *Ratio Studiorum*, que é uma grande reforma da instrucção jesuitica, representa, por si, obra de tanta importancia que se póde chamar uma nova fundação; porquanto a *Ratio* é coisa muito diversa da *Parte Quarta das Constituições*, onde se trata dos estudos.

Com estas obras conseguiu Aquaviva reduzir, definitiva e positivamente, toda a Companhia á obediencia d'um só homem, o Geral; dar um plano fixo

(1) *Institutum*. tom. I. pag. 519: Quintum Assistentem Galliae Provinciis concedendum esse, reliquis omnino parem. Sobre os primeiros quatro Assistentes fala o *Institutum*, tom. I. pag. 424.

e inalteravel aos estudos da Ordem; e equilibrar a politica das nações, contrapondo França a Hispanha.

Depois de Aquaviva, fallecido em 1615 ao cabo de 34 annos de governo, a Companhia ficou em bases assentes e não teve outra mudança importante.

Eis a sua organisação n'esta data. (1)

Ha um *Geral* que tem, por conselheiros, um *Admonitor* e cinco *Assistentes*, pertencentes a differentes agrupamentos de Provincias. O *Provincial* tem um *Socio* e um conselho de *Consultores*. O *Reitor* de collegio tem tambem um *Admonitor* e um conselho de padres *Consultores*.

Ha um padre Procurador para cada Provincia e outro para cada casa, encarregados dos negocios e da administração temporal.

Ha Congregações Geraes, Congregações de Procuradores e Congregações Provinciaes. As duas ultimas reunem de tres em tres annos. Póde haver mais reuniões, se sobrevierem necessidades urgentes.

O Geral, eleito pela Congregação geral, é quem nomeia todos os superiores maiores, precedendo

(1) Leia-se, sobre este ponto, todo o livro segundo de *Les Jésuites*, de Huber.

conselho e informação de Assistentes e Professos. As informações são assiduas.

O Provincial deve dirigir ao Geral relatorios annuaes e trimensaes: outros superiores devem tambem dar informações em periodos certos. Na epocha da extincção da Companhia, diz Spittler, o Geral recebia annualmente 6:584 relatorios officiaes, afóra milhares de cartas particulares. (1)

Todo o escholastico póde chegar aos primeiros cargos, mas é necessario, como condição essencial, que chegue a entrar no numero dos *professos*.

Na Companhia de Jesus ha cinco categorias: noviços, escholasticos, professos, coadjutores-espirituaes, e coadjutores-temporaes (que são uma especie de creados).

Os *noviços* estão durante dois annos entregues a meditações, rezas, e leituras de historias e vidas de sanctos, sem poderem estudar, separados do convivio do mundo e dos outros jesuitas: e não lhes é permittido ler o Instituto todo, mas apenas uma pequenissima parte. (2)

*Escholasticos* são os que fizeram os votos simples

---

(1) Huber, liv. II. pag. 110.

(2) Huber. liv. II. pag. 94. — *Institutum*, tom. I. pag.as 196 e 340.

e estão estudando ou ensinando nos collegios, antes do sacerdocio. Os escholasticos constituem diversas classes: humanistas, philosophos e theologos. As classes vivem separadas umas das outras. Em cada uma d'ellas o Superior nomeia, d'entre os individuos que a compõem, um subalterno, que é como fiscal e superintendente dos outros, encarregado de dar conta de tudo o que se passa na classe. (1)

Depois do curso de theologia, aos trinta e dois annos de edade, os *escholasticos* teem um outro noviciado, chamado *terceiro anno de provação*. É então que se lhes dá a conhecer todo o *Instituto*, pela primeira vez. Depois d'este anno de provação uns saem *professos* e outros *coadjutores espirituaes*.

Os *professos* são os que seguiram o curso *maior* dos estudos (tres annos de philosophia e cinco de theologia, conforme dispõe a *Ratio Studiorum*). Os *coadjutores espirituaes* são os que seguiram o curso *menor* ou *breve* (um ou dois annos de philosophia e dois de theologia), ou porque ficaram reprovados

(1) Huber, liv. II. pag. 95.—*Institutum* tom. I. pag. 335. Regulae Rectoris (48): *Syndicum domi constituat... Praeter hunc alios particulares syndicos in classibus singulis habeat...*

Nomeie um Syndico (fiscal) para toda a casa... Alem d'este nomeie um para cada classe.

n'algum exame, ou porque não foram julgados aptos para o curso maior.

Ás vezes, alguns dos que concluiram o curso maior não são logo admittidos á profissão, porque os superiores os não consideram sufficientemente adaptados aos moldes jesuiticos.

Os professos fazem, além dos tres votos solemnes, um voto de completa obediencia ao papa, e ainda outros votos, um dos quaes é o de ensinarem as creanças. (1)

Conhecido o organismo da Ordem, examinemos o que os seus membros fizeram na Europa e nos outros continentes.

---

(1) As diversas formulas dos votos podem lêr-se no *Institutum*, tom. I. pag. 403.

Eis o indice do *Institutum*, traduzido em portuguez:

Tom. I — Lettras apostolicas, p. 1. Compendio dos privilegios, p. 131. Exame com declarações, p. 193. Constituições com declarações, p. 211. Summario das Constituições e Regras, p. 303. Decretos das Congregações geraes, p. 405. Cannones das Congregações geraes, p. 629. Censuras e preceitos, p. 663.

Tom. II. — Formulas das Congregações geraes, p. 1. Plano dos Estudos (*Ratio Studiorum*) pag. 53. Ordenações dos geraes, p. 121. Instrucções do P. Claudio Aquaviva aos Superiores, p. 167. Instrucções aos Provinciaes, p. 182. Industrias para curar as doenças do espirito, do P. Claudio Aquaviva, p. 225. Exercicios espirituaes, p. 261. Directorio dos exercicios, p. 309. Indice geral, p. 350.

Luthero tinha levantado o grande grito da Reforma, arvorando o estandarte do *livre exame*. A crença, como tudo o mais, podia ser discutida e examinada por cada individuo. Os jesuitas correram á lucta com o principio opposto: *sujeição ao dogma, e obediencia cega*. Luthero, como todos os genios, tinha sido um homem extraordinario para o seu tempo. A epocha era de sujeição e obediencia, e estava mais de accordo com os jesuitas, que defendiam o antigo regimen anti-scientifico, do que com Luthero, que era o homem do futuro. Travou-se então uma lucta titanica: — o novo contra o antigo — a lucta de todos os tempos.

Os jesuitas tinham e teem tido sempre uma qualidade vantajosissima, que todos lhes reconhecem e que lhes deu e dá sempre as suas grandes victorias: uma dedicação activissima á prosperidade da sua Ordem.

Elles cultivaram tudo: theologia, philosophia, grammatica, mathematica, architectura, pintura e até a arte militar; veremos n'outro capitulo como as cultivaram. Tiveram os seus homens notaveis: Laynez, Salmeron, Canisio, Bellarmino, Suarez, Scheiner, Kircher, Sirmond, Bordaloue, Vieira, Xavier, Regis, etc. Entraram no ensino superior e fundaram Universidades; deram-se ao ensino secundario e

tiveram numerosos collegios; dedicaram-se ao confessionario e foram confessores dos reis; metteram-se na politica e influiram no movimento das nações; fizeram-se negociantes e tornaram-se millionarios. E tudo isto alcançaram em pouco tempo. Eis as provas.

Desasete annos depois da sua fundação, a Ordem possuia, em 12 provincias, 100 estabelecimentos e 1:000 membros. Setenta e sete annos depois da fundação, possuia 32 provincias, 23 casas de professos, 372 collegios, 41 noviciados, 123 residencias e 13:112 membros. Em 1710 os jesuitas dirigiam o ensino theologico e philosophico de mais de 80 Universidades. Em 1749, dois seculos depois da fundação, a Companhia tinha chegado ao apogeu do seu poder externo, contando 39 provincias, 22:589 membros, dos quaes 11:293 eram ecclesiasticos, 24 casas de professos, 669 collegios, 273 missões, 196 seminarios, 61 noviciados e 335 residencias. (1)

Este successo, que tão depressa havia de desvanecer-se, estonteou-os: e nós lemos nos seus escriptores um tom orgulhoso de declamação que incommoda os animos mais frios.

---

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. V. pag. 283.

A *Imagem do primeiro seculo da Companhia* diz que na Companhia, «legião de Deus, cada membro vale um exercito inteiro, e que alguns d'elles derrotaram inimigos, que um exercito poderoso não poderia rebater»; (1) Suarez lembra, com visivel altivez, que Clemente VIII chamava á Companhia «o braço direito da Egreja.» (2) E na *Imagem* lê-se: «que a Companhia de Jesus é o oraculo do papa.» (3)

A Companhia chegou a confundir a sua existencia e prosperidade com a realisação da maior gloria de Deus, tomando-se a si propria como fim da sua actividade. (4)

Sachini, historiador official da Ordem, começa a historia dizendo: «Propomo-nos contar as luctas, não de povo a povo, mas do genero humano com os ministros do inferno. Luctas, que abrangem não só vastas provincias, mas todas as terras e todos os mares, e o mesmo universo inteiro, e que teem por fim a fundação do reino de Deus. Uma corôa im-

(1) Huber, liv. I. pag. 20.

(2) Costa Rossetti, jesuita, *De Spiritu Societatis Jesu*, pag. 34 e Huber, liv. III. pag. 156.

(3) Huber, liv. III. pag. 156.

(4) Huber, liv. III. pag. 156.

mortal, o triumpho eterno, nos esperam na Jerusalem dos bemaventurados, etc. etc.»

Este orgulho, que passou das palavras ás obras, contrastando com a forma humilde com que appareceram a principio, foi a sua destruição e ruina. É por isso que a historia dos jesuitas apresenta tres phases constantes: 1.ª Começam mansa e humildemente: agradam, são bem recebidos e applaudidos. 2.ª Logo que se sentem fortes, arredam a mascara da humildade e tornam-se dominadores e prepotentes. 3.ª Os que os receberam e favoreceram, conhecem-nos então, aborrecem-nos, detestam-nos e expulsam-nos.

Com a historia na mão, Paul Bert dizia nas camaras francezas em 5 de julho de 1879: «Em menos de cem annos, depois da sua creação, os jesuitas encontravam-se em toda a parte, e por toda a parte excitavam e irritavam os animos, pois já n'essa epocha se ouvia este velho cantar:

| | |
|---|---|
| *Gubernant spirituale* | Governam o espiritual |
| *Gubernant et temporale* | Governam o temporal |
| *Gubernant omnia male* | E governam tudo mal |

| | |
|---|---|
| Avec le refrain | Com o estribilho |
| *O vos, qui cum jesu itis* | Ó vós, que com Jesu ides |
| *Non ìte cum jesuitis* | Não vades co' os jesuitas. |

E a historia dá razão a Paul Bert, como é facil demonstrar. Os jesuitas desde o principio estiveram constantemente a ser expulsos ora d'um paiz ora d'outro e a ser accusados e condemnados por tres principaes causas, todas justificadas com factos, do que darei apenas alguns exemplos por necessidade de resumir; quem quizer ver muitos mais percorra Huber, Giannone, Sarpi, Muzkowski, e outros historiadores contemporaneos.

A primeira causa de accusação era o metterem-se em negocios civis e politicos. Em 1606 foram expulsos de Veneza por se intrometterem n'uma guerra entre dois Estados de Italia. (1) O mesmo lhes aconteceu em 1715 no reino das Duas-Sicilias. (2) Em 1688, por motivo identico, foram expulsos da Russia; e quando o imperador Leopoldo desejou que se lhes permittisse voltar a Moscou, o governo russo objectou que se entremettiam nos negocios politicos e recusou a permissão. Apesar d'esta recusa, elles voltaram disfarçados como padres seculares; mas Pedro o Grande tornou a expulsal-os em 1719. De modo que no espaço de trinta annos foram duas

(1) Huber, liv. III. pag. 168.
(2) Huber, liv. III. pag. 168.

vezes expulsos da Russia. (1) Philippe II dizia, «que os jesuitas eram os unicos religiosos que não podia comprehender.» (2) E já o celebre veredicto da Sorbonne de Paris, pronunciado em 1554 contra elles, terminava por estas palavras: «esta Sociedade parece feita mais para destruição do que para edificação.» (3)

A segunda causa foi a guerra feita ás outras Ordens Religiosas. Os jesuitas pretendem que são elles os mais aptos para defender a Egreja: os seus escriptores historicos e o padre Costa Rossetti dão-no a entender mais ou menos disfarçadamente.

Na Toscana tinha-se como ponto de honra não permittir que os jesuitas levantassem cabeça, porque, dizia-se, estavam em lucta perpetua com o clero secular e com os outros religiosos. (4) Na Bohemia levantou-se uma polemica viva entre a Companhia e as outras Congregações Religiosas por causa dos direitos de certas propriedades, que aquella queria haver em detrimento dos antigos possuidores, tendo de intervir os tres archebispos-eleitores da Allemanha em favor dos direitos das outras Religiões;

(1) Huber, liv. III. pag. 236.
(2) Huber, liv. III. pag. 196.
(3) Huber, liv. III. pag. 201.
(4) Huber, liv. III. pag. 167.

mas afinal os protestantes foram os que lucraram com o escandalo d'este pleito entre religiosos. (1) O jesuita Reiffenberg conta que um prior de certa Ordem exclamava, todas as vezes que se falava dos jesuitas: *A jesuitis et calvinistis libera nos, Domine!*

A terceira causa foi a opposição feita aos bispos e aos papas. (2) Luctaram com S. Carlos Borromeu, com o archebispo de Cardenas, com o celebre bispo Palafox, que morreu em cheiro de santidade e se queixou d'elles ao papa Innocencio X, com o archebispo de Almanza de Santa-Fé da Nova Granada, e com os archebispos Guerrero e Prado de Manilla, um porque ousou reivindicar os direitos que tinha sobre a Companhia, e o outro porque se oppuzera á mania jesuitica de captar heranças. (3) A Companhia poz-se muitas vezes em contradicção com os Papas. Paulo IV e Pio V quizeram introduzir na Companhia a resa, em coro, do Officio Divino, e os jesuitas nunca se submetteram. Sixto-Quinto quiz mudar o nome da «Companhia de Jesus» em

(1) Huber, liv. III. pag. 175.

(2) Leia-se na obra citada de Huber o liv. V, que tracta das relações entre a Companhia de Jesus e a Egreja Catholica.

(3) Huber, liv. V. pag. 295.

«Companhia de Ignacio», e elles não quizeram mudal-o. Foi em vão que Urbano VII, Clemente IX, X e XI lhes prohibiram o commerciar. Urbano VIII fez que a Inquisição romana condemnasse os erros contidos na obra do celebre padre jesuita Bauny, e, comtudo, fez-se immediatamente uma nova edição em Paris. N'este tempo appareceram as *Provinciaes* de Pascal e Innocencio XI condemnou 65 proposições da moral casuistica dos escriptores da Ordem, que se pódem ver na *Moral dos Jesuitas* de Paul Bert, pag. 549; mas os jesuitas accusavam o papa de jansenista e nas paredes de Paris foram afixados cartazes convidando os fieis a rezar pela sua conversão. (1) Ainda então o Papa não tinha sido declarado infallivel!

Outras luctas, e ainda mais escandalosas talvez, travaram os jesuitas com outros papas e seus legados, como veremos agora, ao analysarmos os seus trabalhos nas antigas *Missões* da India e da America. (2)

Levados nas naus dos portuguezes os jesuitas

(1) Huber, liv. V. pag. 298.

(2) No livro IV da obra de J. Huber *Les Jésuites*, d'onde extrahio em grande parte o que refiro sobre as *Missões*, podem-se ver documentos valiosos sobre o assumpto, quasi todos colhidos na Bibliotheca do Vaticano.

foram á India, ao Japão, á China, á Africa: e tiveram os Xavier, os Britos, os Ricci e os Silveiras. Levados nas naus dos hispanhoes e dos portuguezes arribaram á America: e tiveram os Anchietas, os Nobregas, os Claver. Entre essa multidão de missionarios da Companhia muitos houve virtuosos e caritativos, mas muitos houve tambem cujo ideal supremo era a grandeza e poderio da Ordem e dos seus membros, segundo a phrase de Martin, commandante superior da antiga companhia franceza de Pondichéry. (1)

Na Asia não encontraram selvagens, encontraram sectarios de religiões constituidas: na India o Brahmanismo, na China a religião de Confucio. Mas, como introduzir n'aquelles povos a religião christã na sua forma europeia, se lhes tornava difficil e lhes dava incommodo com pouca gloria, idearam uma religião sua, em que tinham logar as superstições dos indios e os ritos dos chinezes. Era uma religião variegada, bonita, commoda, e á qual, narravam elles, convertiam infieis aos milhares, baptisando com uma simples aspersão centenas de individuos: o que leva a desconfiar da sua conversão. (2)

(1) Huber, liv. IV. pag. 268.
(2) Huber, liv. IV. pag. 244 e 261.

Para estarem á vontade n'esta propaganda não admittiam a pregação de religiosos d'outras Ordens, sob pretexto de que as differenças de habito e de methodo prejudicavam a conversão dos infieis. Cerri, secretario da Congregação da Propaganda Fide, descreve a resistencia feita pelos jesuitas da China aos missionarios franciscanos, entre os quaes havia tres bispos *in partibus* e tres vigarios apostolicos. Oppuzeram-se á admissão do franciscano Luiz Soleto, nomeado bispo do Japão, sendo o infeliz prelado preso pelos japonezes e condemnado a morrer n'uma fogueira. (1)

A noticia da todas estas coisas chegou depressa a Roma e os papas apressaram-se a escrever *breves* e a mandar legados, que examinassem a religião pregada pelos jesuitas. É o que ficou na historia com o celebre nome da questão dos Ritos. Em 1645, Innoncecio X condemnou solemnemente a opinião e a pratica dos jesuitas n'este assumpto, impondo excommunhão a quem a adoptasse. Mas os da Asia, continuaram o seguil-a, emquanto os seus confrades da Europa procuravam levar o papa a modificar a ordenação. Mais tarde Clemente XI confirmou o decreto de Innocencio X e mandou á China o car-

(1) Huber, liv. IV, pag. 248.

deal Tournon, para que se informasse e fizesse cumprir a ordem papal. Os jesuitas receberam mal o cardeal, fizeram-lhe guerra surda mas inergica, sendo afinal expulso da China e morrendo n'uma prisão de Macau: diz-se até que o cardeal foi envenenado, o que comtudo não affirmo, porque o não vejo plenamente provado. Mas é certo que elle proprio se queixou ao Papa dos vexames dos jesuitas, como consta das suas memorias escriptas pelo Cardeal Passionei. (1) E é certo tambem que d'esta vez não obedeceram ainda ás ordens do Papa.

Clemente XI e Clemente XII fizeram novos decretos e mandaram novos legados sem effeito, até que Bento XIV, que teve sempre mão de ferro contra os abusos dos jesuitas, conseguiu dominal-os depois de resistirem mais de cem annos ás ordens de Roma. Crétineau-Joly, que não póde negar os factos, embora se não queira mostrar totalmente desfavoravel aos padres, diz, comtudo, que elles, esforçando-se por fazer triumphar a sua opinião, esqueceram-se de que lhes seria mais honroso dar ao mundo um exemplo de cega submissão ao Pa-

(1) O padre Theiner, bibliothecario do Vaticano, comparou modernamente a copia do Cardeal Passionei com os documentos existentes no Vaticano, achando-a conforme e authentica-

pa do que discutir por aquella forma a sua dedicação. (1)

Só Bento XIV conseguiu acabar com uma questão que produzira na India e na Europa enorme escandalo e grande desavença entre religiosos de varias Congregações, desavença que continuou até á extincção da Ordem.

Nas Missões da America as coisas tambem não terminaram sem escandalo, e talvez maior, mas por diversa causa. E, comtudo, as Missões americanas, as celebres Reducções do Paraguay, são para muitos escriptores insuspeitos o melhor titulo de gloria da Companhia.

É certo que estas Missões contribuiram bastante para a sciencia com as explorações feitas pelos missionarios entre povos completamente desconhecidos na Europa.

N'esta parte a sua obra foi deveras original. Na America encontraram-se com puros selvagens, ignorantes, boçaes, almas virgens de todo incultas. Com

---

(1) Crétineau-Joly, *Historia da Companhia de Jesus*, tom. V, cap I, pag. 53: «Mais les jésuites, en s' éfforçant de faire triompher leurs idées, oublièrent trop qu'il eût été plus glorieux de donner au monde une exemple de soumission aveugle que de raisonner ainsi leur dévonement.»

palavras meigas e suasivas foi-lhes facil attrahil-os a si, e de tal modo lhes captaram as vontades que os *reduziram* a deixar o sertão, onde viviam dispersos, e ajuntar-se em povoados, a que chamaram, por esse facto, *Reducções*. Eram uma especie de villas, onde esses nomadas vinham viver segundo leis e formas estabelecidas pelos missionarios. Nenhum particular possuia nada, todos trabalhavam para um celleiro commum, d'onde se alimentavam, mas que estava nas mãos dos jesuitas. A Reducção não era bem uma povoação, era antes um collegio, vivendo os selvagens sem iniciativa, em sujeição e obediencia constante aos religiosos que os exploravam, como vamos ver em breve.

As *Reducções* multiplicaram-se, e teriam sido um excellente meio de civilisação, se os jesuitas se podessem desprender, aqui pelo menos, dos seus processos desleaes. Porquanto elles não consentiam que nem os outros religiosos nem os seculares entrassem nos seus dominios, sob pretexto de que iam dar escandalo aos novos convertidos com os maus exemplos europeus, mantendo assim os sertanejos em completa ignorancia e incommunicabilidade, perniciosas para a sua libertação e para o seu engrandecimento pessoal. Chegaram até a levantar um exercito de selvagens contra uma colonia portugue-

za. [1] O rei de Portugal queixou-se d'isto ao Geral Tamburini, que em 1720 prohibiu aos jesuitas do Paraguay entregarem-se a taes excessos. Aos mesmos bispos se tornava difficil e perigoso entrar nos territorios das *Missões*. A historia de Cardenas, bispo do Paraguay, contada por Huber, é uma prova evidente e grave. [2]

Palafox, bispo do Mexico, que morreu em odor de santidade, escreveu em 1649 a Innocencio X: «Fujo para a solidão a buscar na companhia das serpentes a paz e segurança que não pude encontrar na Companhia irreconciliavel dos jesuitas.» [3]

A difficuldade que sempre tiveram os europeus, extranhos á Ordem, de entrar nas *Reduções* faz que não tenhamos d'ellas noticias certas. Por isso, pouco peso podem fazer no nosso espirito as apreciações d'alguns escriptores, que d'ellas fallam com subido elogio, porque tiveram de escrever segundo as narrativas dos proprios jesuitas, que, segundo Cerri, secretario da Propaganda Fide, não nos merecem inteira confiança. [4]

---

(1) Huber, liv. IV. pag. 265.
(2) Huber, liv. V. pag. 293.
(3) Huber, liv. V. pag. 294.
(4) Huber, liv. IV. pag. 261.

Mas o grande escandalo dos Missionarios na America foi o mercantilismo.

Assim o reconheceram os Papas e o mundo inteiro.

Os Papas Urbano VII e Clement IX publicaram bullas, prohibindo-lhes o commercio sob penas ecclesiasticas. Elles não só negociavam, mas davam dinheiro a juros. O cardeal Tournon e o bispo Palafox assim o affirmam. Este ultimo, n'uma carta escripta ao Papa Innocencio X, tem este periodo: «Que outra Ordem Religiosa, a não ser a dos jesuitas, fundou bancos, prestou dinheiro a juros, e estabeleceu em suas proprias casas armazens, que não fazem honra a religiosos!»

Afinal estes giros de dinheiro e estes grandes armazens foram os que os deitaram a perder.

Sob color de sustentarem os selvagens convertidos, que tinham a seu cargo, mandavam, para serem vendidos na Europa, os generos produzidos pelo trabalho dos indios. Mas os padres valeram-se d'este motivo, aliás justo, para enriquecerem as suas casas, ficando os indios sempre pobres.

Pouco a pouco o commercio alargou-se. Compraram terrenos, pediram dinheiro com a caução dos generos, negociaram com casas commerciaes

de Marselha e Bordeus, foram felizes nas primeiras experiencias, tornaram-se banqueiros e conseguiram uma fortuna enormissima.

O marquez de Ossuna calculou para cima de 2.500:000 francos só as rendas annuaes que provinham das suas quintas em Hispanha na epocha da expulsão. Palafox escrevia, em 1647, que dois collegios na America do Sul possuiam 300:000 carneiros, e que uma das suas reffinações de assucar dava o lucro annual de 100:000 escudos. (1)

Os jesuitas continuaram commerciando e alargando o seu credito até que estalou o escandalo do padre jesuita Lavalette. Lavalette fôra nomeado Procurador das Missões. Sob a sua direcção estabeleceram-se na Martinica uma multidão de armazens e de fabricas. O credito que tinha permittiu-lhe levantar sommas importantes para fazer a exploração das terras em grande escala; com as casas Livonay e Goufiers de Marselha contrahiu um emprestimo de 2.400:000 libras. (2) Para pagar este debito, em 1756, fez partir para a Europa muitos navios, que possuia, carregados de mercadorias para serem vendidas nas praças europeas. Infelizmente

(1) Huber, liv. IV. pag. 272.
(2) Huber, liv. IX. pag. 324.

para o jesuita, rebentou n'este momento guerra entre França e Inglaterra. Os navios de Lavalette foram pilhados e roubados. A casa prestamista de Marselha teve de cessar pagamentos. Os negociantes de Marselha e outros credores exigiram á Companhia de Jesus que pagasse o debito. A Companhia recusou-se a pagar, pretextando futilmente que ignorava os encargos de Lavalette. O proprio Crétineau-Joly não desculpa n'este caso o padre, pretende porém desviar a responsabilidade dos superiores, apezar de ter escripto que estes já anteriormente tinham sido avisados dos negocios de Lavalette; mas diz entretanto que a Ordem teria andado melhor pagando logo a divida.

A recusa de pagamento por parte da Ordem foi aos tribunaes, mas os jesuitas perderam esta demanda, com que tinham feito grande ruido, julgando poder arrostar a opinião geral. O escandalo tornou-se publico em toda a Europa, e o parlamento francez em 17 de abril de 1761 prohibiu-lhes em França o exercicio das funcções ecclesiasticas.

Já antes, Bento XIV, com a rigidez do seu caracter e do seu pulso, emprehendera acabar com os abusos dos missionarios. Com esse intuito, em 1741, publicou a bulla *Immensa Pastorum*, dirigida aos bispos do Brazil, censurando a escravatura exercida

pelos jesuitas. Atacou tambem a mania jesuitica das denuncias e querellas. E em 1755 disse ao Geral Centurioni: «É certo que eu terei um successor, mas não é certo que vós, padre, o tenhaes.» (1) Centurioni ainda teve um successor, mas Ricci já o não teve.

Finalmente Clemente XIV, obrigado pelas reclamações que de toda a parte recebia contra os jesuitas, accusando-os de perturbadores da paz, de commerciantes, e de altivos e prepotentes, em 21 de julho de 1773, publicou o breve *Dominus ac Redemptor* no qual — depois de declarar que Jesus viera ao mundo para estabelecer a paz, e que a Companhia de Jesus desde a sua fundação fizera guerra a outras Ordens Religiosas, ao clero secular, ás academias, ás universidades e aos principes christãos, havendo querellas continuas entre os seus proprios membros, — usando da auctoridade pontificia *extinguia* a Companhia de Jesus, riscando-a do numero das Ordens Religiosas. (2)

Assim acabou uma Ordem, que, durante quasi dois seculos e meio, fora o pomo de discordia no mundo catholico.

---

(1) Huber, liv. IX. pag. 311.
(2) Huber, liv. IX pag. 360.

Mas os jesuitas não se sujeitaram a esta determinação do Papa, (1) como se não tinham sujeitado a outras.

Os historiadores contam a este respeito coisas graves. A correspondencia epistolar do Cardeal Bernis não lhes é favoravel. Alguns jesuitas mantiveram-se em sociedade na Russia, e n'outros paizes juntaram-se em pequenas congregações, o que era contrario ao breve papal, trabalhando sempre pelo restabelecimento da sua Ordem. Até que Pio VII, em 4 de agosto de 1814, passados quarenta annos, fez resurgir a Companhia de Jesus pela bulla *Sollicitudo ominium Ecclesiarum*, na qual diz que se julgaria culpado, repellindo da Barca de Pedro, incessantemente sacudida pela tempestade, uns remeiros vigorosos e promptos a cortar as ondas que a ameaçam.

«A Ordem de Jesus. diz Huber, era um elemento e agente indispensavel da Restauração. O inimigo que agora devia combater não era o protestantismo, mas as ideias de liberdade e de cultura superior que a revolução franceza tinha derramado no mundo.» (2)

(1) Huber, liv. IX. pag. 365.
(2) Huber, liv. IX. pag. 384.

Restabelecida a Companhia de Jesus com este fim evidente, os jesuitas atiraram-se de novo á conquista do mundo, com as suas antigas armas. Mas, infelizmente para elles, o mundo tinha feito um largo caminho na civilisação.

A Europa do seculo desanove não era a Europa do seculo desaseis. Tudo estava mudado. A epocha não era de sujeição e obediencia: era de discussão e de liberdade.

Luthero tinha triumphado. O seu grande principio, o *livre exame* — apezar das fogueiras da Inquisição, das argucias da Escholastica e dos Exercicios Espirituaes de S. Ignacio—dominava na sciencia, na politica e na religião. E a Inquisição tinha acabado, e a escholastica estava posta de parte, e os Exercicios Espirituaes só são attendidos pelos ingenuos e ignorantes.

No seculo desanove a sciencia tem entrado n'um caminho seguro de analyse rigorosa, sem preconceito de escola nem de seita. A chimica, a phisica, a botanica, a zoologia, a physiologia, a sociologia, a sciencia das religiões, tudo isto marcha n'um concerto unanime, sem prejuizos sectarios, olhando só a verdade que resalta nua e palpitante dos phenomenos e dos factos.

Contra a analyse rigorosa e contra a critica his-

torica os jesuitas não teem armas. Por isso, vindo de novo ao combate, tiveram de ficar n'um plano muito inferior. O ensino superior fugiu-lhes para sempre das mãos. Os reis, que já não encontraram absolutos, não os escolhem para confessores. O clero secular, o instruido e illustrado, sabe-lhes a historia e desvia-se a tempo. Hoje só teem collegios de instrucção secundaria, e fazem sermões ao povo, tendo os seus baluartes nos centros menos illustrados. Mas elles com a actividade e pertinacia de todos os tempos, sua qualidade caracteristica, vão luctando corpo a corpo com a sociedade moderna. N'alguns momentos chegam a levantar cabeça e a chamar-se vencedores, para logo cairem repellidos por novo e mais forte embate.

Em 1864 contavam em França 11 collegios com 4:240 alumnos. Na Belgica 11 collegios com 3:085 alumnos. Na Suissa tinham 800 alumnos no collegio de Friburgo, o seu mais notavel collegio. O collegio romano contava 1:321 alumnos entre os quaes 654 extrangeiros. O de Stonyhurst, em Inglaterra, o seu collegio favorito, educava 300 alumnos em 1860. Em Paris fundaram um estabelecimento de preparação ás escolas militares superiores e á escola polytechnica: 51 dos seus discipulos foram admittidos na escola militar de Saint-Cyr. Huber

diz «que os jesuitas citam estes numeros como titulo de gloria, mas que a ultima guerra não parece ter provado que a instrucção dada por elles aos officiaes francezes tenha sido excellente.» (1)

O certo é que as nações mais adeantadas na civilisação entendem que, apezar da florescencia *numerica* dos seus collegios, o valor *intellectual* e *moral* do seu ensino é negativo e pernicioso e como tal deve ser supprimido. Por isso em nossos dias a Suissa e a Italia os expulsaram já duas vezes, a Allemanha expulsou-os de vez, e a França não se contentou só com expulsal-os, fez leis de ensino que lhes obstruem totalmente os passos, e exerce constante vigilancia sobre elles, tendo o ministro Bourgeois feito sair, já n'este anno de 1892, alguns padres que tinham voltado para o collegio da *Rue des Postes* em Paris, porque os jesuitas não respeitam as leis que os expulsam; porquanto (como diz o P. Mattos no *Mensageiro* de fevereiro de 1892 pag. 82), os jesuitas nunca se deram nem devem dar por expulsos

O seu estado actual em alguns paizes é pouco lisongeiro. Na França não teem noviciados. O da Provincia de Tolouse estava em 1882 em Oña, em

(1) *Les Jésuites*, liv VII. pag. 185.

Hispanha, apenas com 12 noviços. Na Italia quasi não teem noviciados: o de Veneza estava na Croacia com pouca gente, e o de Napoles, embora estivesse em Napoles, era uma casa pequena com uma duzia de noviços. Na Asia e na America poucos indigenas entram na Ordem: as missões catholicas d'estas regiões são geralmente servidas por padres estrangeiros; numerosas missões protestantes, dirigidas por sociedades biblicas inglezas e norte-americanas, vão civilisando a Africa, a Asia e a America.

Na Austria e na Belgica ainda luctam com alguma vantagem contra o avanço das ideias modernas, embora sintam já os pronuncios da queda do seu dominio. O seu grande forte hoje é a Hispanha. Tinham sido expulsos d'este paiz na epocha de revolução, mas voltaram e hoje progridem alli á larga. Teem já 3 Noviciados, sendo o mais notavel o estabelecido no antigo castello de Loyola, onde em 1884 encontrei talvez cerca de 100 noviços. Teem dois *collegios maximos* para formação e educação dos novos adeptos, o da Provincia de Castella e o da Provincia de Aragão, e muitos collegios de instrucção secundaria.

De Portugal tambem tinham sido expulsos depois da queda de D. Miguel, mas voltaram em 1860

e já hoje vivem desafogadamente. A Beira e o Minho são os seus baluartes.

Antes de passarmos ávante, lancemos uma vista de conjuncto sobre os factos que auferimos de fontes historicas de valor incontestavel. Que vimos nós? Que os jesuitas a principio foram bem recebidos na Europa; que desenvolveram actividade extraordinaria em combater o principio do *livre exame;* que depois, segundo as phrazes dos proprios Papas, se tornaram os perturbadores da paz e do socego em diversos paizes; que guerrearam as outras Ordens Religiosas; que estiveram muitas vezes em lucta com o clero secular; que resistiram por vezes aos Pontifices; que de religiosos se fizeram commerciantes e banqueiros; que as suas missões, pelo desejo constante de supprimirem a liberdade e iniciativa individual, foram d'um insuccesso reconhecido; que por tudo isto, ainda antes da extincção e ultima expulsão, foram muitas vezes banidos de diversos paizes; que alguns Papas condemnaram as suas proposições e os seus modos de proceder; que o Papa Bento XIV foi um dos que mais rijamente os subjugou, prophetisando-lhes a ruina; que finalmente Clemente XIV os extinguiu e expungiu da Egreja; que Pio VII os restabeleceu; que o seu fim hoje é combater as ideias de liberdade e

cultura superior... e nós estamos assistindo diariamente á resistencia que fazem em França ao poder civil, poder que felizmente os esmaga; e que os paizes mais adeantados da Europa os teem já expulsado por mais d'uma vez. Deixe Portugal crescer os jesuitas, e ámanhã teremos cá as mesmas luctas.

## III

### A sciencia dos jesuitas

Com respeito á sciencia dos jesuitas espalhou-se, nos tres seculos passados, uma opinião demasiado lisongeira, excessiva e quasi lendaria. Os jesuitas escreveram muitos livros, dirigiram muitos collegios e fizeram grande ruido com tudo isso; e um publico menos conhecedor e intelligente deixou-se illudir, sem reparar que o merito dos auctores não está em escrever muitos livros, mas em escrever livros com exactidão scientifica e independencia de caracter, que contribuam para o adeantamento da civilisação e não para o seu estagnamento e retrocesso, e que o merito dos educadores não está em dirigir muitos collegios, mas em dirigir collegios que ministrem uma educação recta e verdadeiramente scientifica sem fanatismos nem preconceitos,

porque a sciencia não póde estar sujeita a modos de ver mesquinhos e atrasadores. Por esse motivo ha ainda hoje entre nós quem considere os jesuitas geralmente como homens sabios. Mas essa grande fama de sabios tem muito de lenda, que já está examinada, discutida e desfeita por professores e escriptores de primeira plana, como, entre outros, o celebre philosopho Leibnitz, o conde Deym, o padre Jahn Huber, velho catholico, professor de theologia na Universidade de Munich, o ex-padre Robiano, (1) o professor da Sorbonne Paul Bert e o professor da faculdade de philosophia e lettras de Tolouse G. Compayré, cuja obra mereceu dois premios, um da Academia Francesa e outro da Academia de Sciencias Moraes e Politicas de Paris.

Estes homens procederam n'este estudo, como não podia deixar de proceder gente illustrada que quer acertar com a verdade. Examinaram a *Ratio Studiorum*, isto é, o plano de estudos da Companhia, avaliaram o ensino dos seus collegios e apreciaram as obras dos seus escriptores.

Façamos um esboço d'esse estudo, seguindo aquelles auctores, pois não encontramos outros nem

(1) *Décadence et dangers du jésuitisme moderne*, Bruxelles, 2.e éd., 1853.

mais auctorisados nem mais laureados pelas academias.

E n'este campo, quero pôr de parte o meu proprio conhecimento experimental, apezar de ter estudado entre os jesuitas durante annos pelo systema da *Ratio* e de conhecer pessoalmente alguns dos chamados jesuitas sabios.

Comecemos pelo estado da questão. A questão é dupla. Trata-se de saber: 1.º se os jesuitas foram sabios nos seculos XVI, XVII e XVIII, e se encaminharam a sciencia e o ensino em sentido progressivo; 2.º se modernamente os jesuitas são sabios e se o seu ensino é accommodado ao progresso da civilisação moderna. (1

Para chegarmos a conclusões rigorosas, vejamos quaes foram os estudos dos antigos jesuitas e quaes são os dos modernos.

Em 1584 Aquaviva mandou compôr um Plano de estudos da Companhia que ficou celebre, com o

(1) Compayré, referindo-se ao ensino, põe a questão n'estes termos (tom. I, pag. 167): «La question est double: en premier lieu, il s'agit de savoir si leur enseignement a été le plus approprié, le plus conforme aux besoins des siècles passés. La chose fût-elle démontrée, et elle ne l'est pas, il resterait à décider si ce qui a été bon autrefois, l'est encore aujour d'hui, et nous avouons d'avance que sur ce point nos conclusions seront negatives». = *Histoire critique etc.*

nome de *Ratio Studiorum*. Á primeira apparição, a Inquisição e Sixto Quinto condemnaram-na. (1) Em todo o caso, em 1599 foi a *Ratio* posta em execução em toda a Ordem, vigorando intacta até á extincção da Companhia em 1773, durante quasi dois seculos.

Esta *Ratio Studiorum* estabelece 3 cursos, separados e successivos. (2)

1.º Humanidades: latim, grego e rhetorica. 2.º Philosophia e physica de Aristoteles e mathematica de Euclides. 3.º Theologia dogmatica e moral.

Como se vê, falta aqui o estudo das linguas vivas, da litteratura, da geographia, da historia geral e até da historia ecclesiastica.

Mas esta falta ainda não é o seu principal defeito: n'aquella epocha estes estudos eram geralmente descurados. O seu principal e enorme defeito, peculiar á Companhia de Jesus, são certas regras, pelas quaes se vê evidentemente que «a base da educação jesuitica, como diz Compayré, é a obediencia cega e a suppressão de toda a liberdade e espontaneidade». (3) Eis algumas d'essas regras.

---

(1) Huber, liv. VII. pag. 148.

(2) Veja-se Huber *Les Jesuites*, liv. VII; e Compayré, *Histoire Critique etc.*, tom. I, liv. II.

(3) *Histoire de la pédagogie*, pag. 120.

Regra 54 do Provincial: «Como a *diversidade* e *novidade* de opiniões póde não só impedir o fim que a Companhia tem em vista para a gloria de Deus, mas tambem. e muito mais, *fazer perigar a estabilidade da mesma Companhia*, é necessario por todos os modos *apertar*, dentro de certas leis, a *liberdade de introduzir e seguir* opiniões. Por isso cuidem os Provinciaes deligentissimamente que, segundo a mente das Constituições, *sejam observadas exactamente*, por todos os nossos e principalmente pelos professores, *todas as regras* que se prescrevem na *Ratio Studiorum.*» (1)

Regra 16 do Provincial: «Convem que os professores de philosophia (a não ser que uma extraordinaria necessidade outra cousa exija) *não só tenham já anteriormente estudado theologia*, mas a tenham repetido durante dois annos, para que a doutrina d'esses professores possa ser *mais segura e sirva melhor á theologia.* Mas os que forem *inclinados a novidades* ou de *ingenho demasiado livre*, esses devem ser indubitavelmente excluidos do cargo de ensinar. (2)

Regra 1 do Professor de Philosophia: «Visto

(1) *Institutum Societatis Jesu*, tom. I, pag. 315.
(2) *Institutum*, tom. II, *Ratio Studiorum*, pag. 55.

que as artes e as sciencias naturaes *dispõem* a intelligencia para a *theologia* e servem para o perfeito conhecimento e uso d'ella e por si mesmas contribuem para esse fim, é justo que o professor, procurando em tudo a gloria de Deus, as ensine de modo que *prepare os seus alumnos*, e principalmente os da Companhia, para a *theologia*, *excitando-os muito* ao conhecimento do seu creador.» (1)

Regra 2 do Professor de philosophia: «Nas coisas de algum momento não se desvie de Aristoteles, salvo n'algum ponto que já todas as academias não approvem, *principalmente se isso não estiver de accordo com a orthodoxia da fé*; porque n'esse caso deve *procurar refutar com valentia* quaesquer argumentos tanto d'esse como de qualquer outro philosopho, segundo recommenda o concilio Lateranense. (2)

Regra 3 do Professor de philosophia: «Os interpretes de Aristoteles que *não forem favoraveis á religião christã*, não os leia *sem muita escolha* ou pelo menos *não os leve para a aula*; e *acautele-se de que os seus discipulos se affeiçoem a elles.*» (3)

---

(1) *Institutum*, tom. II. *Ratio Studiorum*, pag. 76
(2) *Institutum*, ibidem.
(3) *Institutum*, ibidem.

Regra 4 do Professor de philosophia: «Pelo mesmo motivo não apresente em separado nenhum tractado das Digressões de Averroes (e o mesmo se deve dizer das outras obras d'elle), e, se alguma coisa boa d'elle se houver de citar, cite-a, *mas sem louvor*; e se fôr possivel, *mostre que elle a tirou d'outro auctor.*» (1)

Regra 5 do Professor de philosophia: «*Não se affeiçôe, nem faça que os seus discipulos se affeiçoem* a alguma opinião ou seita dos Averroistas ou dos Alexandrinos, ou d'outros philosophos similhantes; nem dissimule os erros d'uns e d'outros, antes *procure com esses erros deprimir com mais intimativa a auctoridade d'esses escriptores.*» (2)

Regra 6 do Professor de philosophia: «Pelo contrario nunca fale de S. Thomaz *senão com muito louvor,* seguindo-o de muito boa vontade, onde convier; e, se fôr necessario apartar-se alguma vez das opiniões d'elle, faça-o *difficultosamente* e *reverentemente.*» (3)

Regra 1 do Professor de rhetorica: «O estylo (embora se *possam tocar de leve* os historicos e os

---

(1) *Institutum*, tom. II. *Ratio Studiorum,* pag. 76.
(2) *Institutum*, ibidem.
(3) *Institutum*, ibidem.

poetas latinos dignos de approvação) deve ser adquirido *quasi unicamente pela leitura de Cicero.*» (1)

N'estas regras prescreve-se o seguinte: 1.º Afastar do ensino todos os espirítos mais livres, que são sempre os genios e os talentos possantes. 2.º Encaminhar todo o ensino philosophico a ser servo da theologia. 3.º Não permittir aos estudantes da Companhia a leitura de auctores contrarios ás opiniões da Ordem. 4.º Deprimir, deshonrar e, pelo menos, não louvar os auctores contrarios ás opiniões da Companhia e que possam desilludir e illuminar o espirito do estudante; e pelo contrario louvar sempre aquelles cujas opiniões estão de accordo com as da Ordem. 5.º Não permittir a entrada a ideias novas, que possam abalar o edificio da Companhia.

Compayré diz portanto com razão: «a educação para os jesuitas é um meio e não um fim; um meio de propaganda religiosa e de influencia politica.» (2)

Com estas regras e com estas intenções, que podia produzir a Companhia no campo da sciencia?

---

(1) *Institutum*, ibidem, pag. 91.
(2) *Histoire critique etc.*, tom. I. pag. 205.

Leibnitz deixou escripto: «os jesuitas, pelo que podemos julgar, ficaram abaixo da mediocridade.» (1) E Voltaire disse: «os jesuitas não me ensinaram se não tolices e latim.» (2) Michelet escreveu: «o mechanismo dos jesuitas foi activo e poderoso; mas não produziu nada que tivesse vida... faltou-lhes o que se chama um grande homem... nem um só homem em tres seculos!» (3) E essa é a verdade: os jesuitas escreveram muitissimas obras, tiveram muitos e numerosos collegios, mas entre elles não ha um homem que tenha dado uma nova orientação a qualquer ramo das sciencias, que tenha sido um genio.

É certo que os jesuitas foram muito activos e deligentes no estudo e no ensino; todos lhes reconhecem essa qualidade; mas aquellas regras que lhes impedem a liberdade de ler, estudar, escrever e fallar como entenderem e quizerem, não só não permittiram os vôos do ingenho, mas tornaram os

---

(1) *Jesuitae, quantum hodie apparet, infra mediocritatem stetere* (Lebnitii *Opera, Genevae*, 1768, tom. VI, pag. 65.)

(2) Compayré, *Histoire critique, etc.* tom. I. pag 166: «Voltaire disait: «Les pères ne m'ont appris que des sottises et du latin.»

(1) Compayré, *Histoire Critique*, etc., tom. I, pag. 170.

seus escriptores muito mediocres e as suas obras muitas vezes perniciosas.

Os irmãos Agostinho e Aloisio Backer elevam a 9:000 os escriptores jesuitas. Mas Huber diz «que o numero dos auctores dignos de consideração é imperceptivel no meio d'essa multidão immensa de escriptores sem valor.» (1)

Mais de 300 jesuitas escreveram sobre grammatica. O padre Manuel Alvares escreveu uma grammatica latina, que foi usada na Ordem; mas não é original, nem scientifica; emquanto que o padre Condren, da Congregação do Oratorio, inventou o estudo da grammatica por quadros, que é quasi uma advinhação dos modernos processos de ensino, (2) para não falarmos dos modernos Madvig, Berger, Seyffert, etc. etc.

Emquanto a linguas vivas o jesuita Juvency escrevia no seculo desasete: «tenha-se muito resguardo em ler auctores francezes, sobretude os poetas: n'elles perde-se o tempo e talvez os costumes.» (3) Os litteratos allemães eram tratados pelos jesuitas do mesmo modo, segundo prova Huber. Pelo con-

(1) *Les Jésuites*, liv. VII, pag. 203.
(2) Compayré, *Histoire critique*, tom. I, pag. 215.
(3) Compayré, *Histoire critique*, tom. I. pag. 198.

trario a Congregação do Oratorio e os pedagogistas de Port-Royal desenvolviam o gosto pela leitura dos auctores francezes.

Na poesia, os jesuitas não deram nada, absolutamente nada, além d'esses acrosticos, tragedias e ridicularias em verso, que só visavam á morte da poesia. E entretanto Corneille, Molière, Voltaire, Camões, Tasso e tantos outros seculares e leigos produziram as obras dramaticas e poeticas que admiramos.

Na oratoria, tiveram Bordaloue, Segneri e Vieira; mas Bossuet e Fenelon, que não eram jesuitas, são-lhes superiores.

Em philosophia, tendo muitos auctores, como Saurez, Vasquez, etc., não tiveram um philosopho que se libertasse da escholastica e nos trouxesse uma novidade; «o que escreveram, diz Huber, é como um post-scriptum da escholastica, uma reproducção da edade-media.» Entretanto Bacon lançava a base da philosophia experimental, e o grande Descartes, que fôra discipulo dos jesuitas mas repudiara os seus methodos, tendo-se dedicado ás sciencias exactas, fundou em philosophia o verdadeiro methodo scientifico. E os jesuitas não só ficaram inferiores ao seu discipulo, mas guerrearam a sua philosophia, e o jesuita André foi perseguido pelos

seus confrades por louvar e querer ensinar o systema de Descartes. [1] Pelo contrario, a Congregação do Oratorio adoptou o methodo d'este grande philosopho.

Em historia os escriptores jesuitas quasi não merecem credito: é o seu peior campo e mais escandaloso. Todos os auctores que tratam d'este assumpto são concordes n'esta apreciação á vista de documentos. Huber diz «que escrever historia inspirada só pela verdade era coisa impossivel á Companhia de Jesus, como se prova pelos documentos ha pouco publicados pelo professor allemão Friedrich ácerca da *Historia da Baviera* escripta pelo jesuita Bervaux». Estes documentos são as informações dadas pelos censores da Companhia a respeito d'aquella obra. [2] O padre jesuita Brunner a quem foi prohibida a publicação da *Historia de Luiz da Baviera* escreveu em 1636 a Elie Ehinger: «A Companhia não permittiria a livre indagação da verdade historica, ainda quando um membro da Ordem se quizesse dedicar a este estudo.» [3]

Os jesuitas contam entre si muitos historiadores

(1) Compayré, *Histoire critique etc.*, tom. I, pag. 195.—Huber refere o mesmo.

(2) Huber, liv. VII. pag. 208.

(3) Huber, liv. VII. pag. 211.

quasi todos eivados do espirito de occultar ou falsificar o que lhes não convem. Leibnitz aconselha «que não se confie a nenhum jesuita a direcção de qualquer bibliotheca ou archivo com medo de que elles falsifiquem ou supprimam os documentos que lhes não convierem.» (1) Entretanto é digna de se citar a *Historia de Hispanha* pelo padre Mariana, embora a *Historia da Catalunha* pelo nosso Francisco Manuel de Mello lhe seja anteposta em valor litterario e historico por quasi todos os criticos.

Em astronomia os jesuitas tiveram melhores homens, que teriam adeantado a sciencia, se os seus confrades não os obrigassem ás vezes a manifestar e seguir opinião contraria á sua, como prova Huber. (2) Os mais celebres são Scheiner, Kircher, Boscowich, etc. Quando Scheiner disse ao seu confrade padre Buscé que o sol tinha manchas, este respondeu-lhe espantado que se enganava, porque conhecia bem todo o Aristoteles e não lera n'elle tal coisa. Mas, apesar de todos os seus homens eminentes em astronomia, a Companhia combateu com todo o empenho o celebre Galileu, sendo o jesuita

(1) Vidé citação de Huber, liv. VII. pag. 215.

(2) Huber prova-o com a analyse d'algumas obras de escriptores jesuitas, liv. VII, pag. 218 e seguintes.

Bellarmino a alma da perseguição que se lhe moveu, o que prova bem o espirito atrasador da Ordem. (1)

A theologia, considerada pelos jesuitas como a primeira das sciencias, foi cultivada por elles com o maior zelo. Huber, professor de theologia na Universidade de Munich, diz que elles tractaram a dogmatica sob a forma de polemica e a moral sob a forma casuistica; casuistica que deu azo ás *Provinciaes* de Pascal (2), em virtude das quaes muitas proposições jesuiticas foram condemnadas pelo Papa. E Moehler nota que, na mão dos jesuitas, a dogmatica se tornou um esqueleto de noções aridas e estereis, e que a influencia exercida por elles na sciencia moral foi perniciosa.

No ensino das Universidades e dos collegios dos jesuitas, que nos primeiros tempos tiveram algum brilho, não tardou a manifestar-se decadencia. Huber prova que, desde que os jesuitas entraram na Universidade de Ingolstadt, esta começou a decair de dia para dia.

Quando Carlos VI quiz fazer uma reforma uni-

(1) Huber, liv. VII, pag. 218.

(2) Pascal affirmou, pouco antes de morrer, que lera todas as passagens dos livros dos jesuitas por elle citados nas *Provinciaes*, tendo lido tambem a obra inteira do Padre Bauny.

versitaria, o governo informou que os jesuitas eram responsaveis pela decadencia dos estudos, accusando-os de descurarem o ensino da litteratura allemã, de terem por professores rapazes de vinte e menos annos e de os mudarem com frequencia. (1) Huber traz muitas provas de decadencia em diversas Universidades, e conclue: «a verdade é que os meritos relativos do ensino dos jesuitas deviam diminuir á medida que a sciencia, os methodos de educação, e a instrucção faziam progressos e se desenvolviam sobre uma base mais ampla da humanidade. (2) Compayré diz: «que os jesuitas no seculo desaseis se tenham inclinado deante da auctoridade de Aristoteles, passe; mas o que admira sobremaneira é vel-os nos seculos desasete e desoito persistir nos mesmos erros.»

O leitor conhece já, pelos factos e pela auctoridade de professores eminentes, quanto vale a lenda dos jesuitas sabios nos seculos XVI, XVII e XVIII.

Vejamos no seculo XIX.

Agora a sua inferioridade é espantosa. E não admira; todas as sciencias teem progredido só n'este

(1) Huber, liv. VII, pag. 190.
(2) Huber, liv. VII, pag. 177.

seculo mais que em muitos outros juntos. E a sciencia, como disse Clémenceau espirituosamente, é heretica. (1)

Os jesuitas, reconhecendo tristemente este rapido e insubmisso caminhar da sciencia, viram-se obrigados em 1832 a tocar na *Ratio Studiorum.*

O Geral Roothan modificou-a um pouco, introduzindo-lhe o ensino das linguas nacionaes e o estudo da historia ecclesiastica, ampliando um pouco mais o ensino das sciencias naturaes, e libertando o ensino philosophico da sujeição de Aristoteles. Eis como ficaram os tres cursos depois d'essa modificação: 1.º Humanidades, latim, grego, lingua nacional e rhetorica. 2.º Philosophia escholastica, mathematica elementar e sciencias naturaes elementares, (repare-se bem — o estudo scientifico é só elementar). 3.º Theologia dogmatica, moral e historia ecclesiastica.

Ainda faltam aqui a litteratura propriamente dicta, a geographia e a historia geral, além de faltarem cursos superiores de lettras e de sciencias naturaes e sociaes.

Á historia Roothan não quiz dar ainda logar

(1) La sciencie est hérétique. — Extracto official da sessão das camaras francezas em 21 de junho de 1879.

honroso e fixo nos estudos da Companhia. Elles temem a historia. Um jesuita allemão, que em 1833 (no seculo XIX!) fez um programma para o collegio de Landshut, diz, com toda a candura, «que a historia é a perda de quem a estuda». (1)

Mas as modificações feitas na *Ratio* pelo Geral Roothan pouco effeito produziram nos estudos scientificos da Ordem, segundo a opinião de Huber e de Compayré.

O padre Geral, Pedro Bekx, successor de Roothan, escreveu em 1854 ao ministro dos cultos da Austria que a *Ratio* é a regra immutavel da Ordem, e que se não póde modificar senão em pontos de detalhe para se conformar ás exigencias do tempo. (2) E assim é na verdade, porque na nova *Ratio* ficou o espirito das regras acima citadas, cujo effeito é a suppressão da liberdade de leitura e de opinião. É por isso que aos estudantes humanistas da Companhia, cuja edade é geralmente de 17 a 23 annos, se prohibe a leitura dos modernos escriptores litterarios desde Victor Hugo a Bourget; e aos estudantes do curso de philosophia, cuja edade orça geralmente por 20 a 25 annos, se prohibe a leitura

(1) Huber, liv. VII, pag. 172.
(2) Huber, liv. VII, pag. 172.

de Darwin, de Draper, de Kant, de Comte, etc., como sei por experiencia.

Por este motivo a Companhia de Jesus continua encerrada na sua escholastica, sem produzir philosophos que não sejam escholasticos, como Kleutgen, Pesch, Liberatore, etc., que fui obrigado a estudar, que só se usam em seminarios e exprimem uma sciencia atrazadissima — um post-scriptum da antiga escholastica da edade-media, na phraze de Huber.

Emquanto ás sciencias, diz Compayré na sua obra critica, cuja edição é apenas de ha sete annos, «os sabios, sobretudo, são raros na Companhia: citando-se Sirmond, Kircher e, em nossos dias, o padre Secchi, temos citado quasi todos.» (1)

Emquanto ao ensino, o conde Francisco Deym, ex-discipulo dos jesuitas, affirma «que os professores dos collegios dos jesuitas estão longe de possuir os conhecimentos especiaes dos professores mais mediocres dos lyceus allemães.» (2)

Com o conhecimento d'estes factos estudados praticamente na convivencia dos jesuitas, escrevi eu,

(1) *Histoire Critique*, tom. I, pag. 170, 5.ª edição, na qual responde aos ataques dirigidos pelos jesuiias contra a sua obra.

(2) Huber, liv. VII, pag. 178.

em *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal*, o capitulo XV, mostrando pela analyse da *Ratio* que os jesuitas não eram sabios, como vulgarmente julgam algumas pessoas menos illustradas.

Esse capitulo—viu-se evidentemente – foi um dos que mais incommodou os jesuitas. Por isso os seus defensores: o sr. Correia Portocarreiro, padre ordenado havia mezes n'um seminario, e um anonymo director do jornal *A Ordem* procuraram rebater o effeito do capitulo, apresentando grandes listas de jesuitas, a que deram o pomposo nome de sabios.

Mas foi esse o melhor processo que podiam seguir para provar precisamente o contrario, que os jesuitas não são sabios, confirmando assim as minhas affirmações.

E, senão, vejamos.

1.º Os defensores dos jesuitas apresentaram-nos muitos *nomes* de suppostos jesuitas sabios.

Essas grandes listas poderão enganar os ignorantes e ingenuos para quem foram escriptas — mas só esses. Os estudiosos e intelligentes riem-se d'ellas, porque é facil conhecer a nullidade da maior parte d'esses pretendidos sabios e o valor real dos restantes.

Hoje já ninguem ignora que ha diccionarios modernissimos, com supplementos quasi annuaes, onde vem apontados os *nomes* dos homens que se vão tornando notaveis na sciencia e na historia.

Ha o de Larousse, o de Vapereau, o de Gubernatis e outros, que se encontram facilmente nas bibliothecas publicas e particulares.

Pois bem: o leitor curioso não tem mais que pegar nas taes listas de jesuitas sabios e procurar-lhes os nomes n'esses diccionarios.

Eu já tive esse trabalho: e, de toda essa multidão de suppostos sabios, difficilmente encontrei meia duzia d'elles, e esses collocados n'uma ordem muito inferior.

E note-se que aquelles diccionarios não são difficultosos em conceder logar nas suas columnas a auctores pouco illustres; e se reputassem d'algum valor todos os jesuitas indicados, tel-os-hiam publicado, como fizeram aos pouquissimos havidos por notaveis; a alguns dos quaes já eu tributara preito n'outro capitulo do mesmo livro.

Convem tambem reparar bem nos nomes que se leem n'esses diccionarios, porque, ás vezes, ha dois e mais individuos com o mesmo appellido dos jesuitas, mas não são jesuitas, são leigos e até protestantes.

2.º O criterio dos defensores dos jesuitas é contraproducente.

O sr. padre Correia Portocarreiro *nomeia* muitos jesuitas, que elle chama grandes sabios, mas não aponta *obras* da maior parte d'elles.

E o caso é que alguns d'esses sabios (alguns dos quaes conheço pessoalmente) nem sequer escreveram obras, e outros escreveram apenas livros devotos, que tambem conheço, sem valor scientifico. A mais d'isso, diz coisas monstruosas. Assim diz que o padre La Torre (com quem fallei muitas vezes) é considerado o melhor classico hispanhol da actualidade. Entretanto furtou-se á difficuldade insuperavel de indicar uma obra d'esse padre, que auctorise tal fama de classico: fama que aliás não lhe reconhecerá quem saiba um pouco de litteratura hispanhola, onde ha distinctissimos escriptores, como o Duque de Rivas, Castellar, José Zorilla, Selgas, Fernan Caballero, Trueba, Campoamor, Galdós, Pereda, Nuñes de Arce, seculares e leigos, d'alguns dos quaes tenho lido obras de muito valor, emquanto que do padre La Torre apenas conheço a collecção das cartas de S. Ignacio de Loyola, com prologo e notas do dicto padre.

O sr. padre C. Portocarreiro aponta tambem com louvor o P. Miguel Mir, que realmente é superior

a La Torre. Mas precisamente quando o sr. padre C. Portocarreiro o estava exalçando e honrando... o P. Mir abandonava a Companhia. É mais um para juntar aos jesuitas sabios que... saem. (1)

O director da *Ordem*, para conhecermos os jesuitas sabios, dá-nos a pag. 130 este criterio «... se precorresse os catalogos que todos os dias publicam as casas allemãs, francezas e inglezas, havia de encontrar obras litterarias, historicas e geographicas que lhe não deixariam tachar de ignorantes os jesuitas em taes assumptos.» Que desgraçado criterio e tão anti-scientifico! Que felicidade para todos os que publicamos livros, se o publico o acceitasse. A estas horas, já o meu antagonista da *Or-*

(1) O Jornal *El Liberal* de Madrid de 7 de Março de 1892 dá noticia da saida do padre Mir da seguinte forma:

«La aparicion de este estudio (*Bartolomé Leonardo de Argensola*, por el P. Miguel Mir,) ha coincidido com la salida del P. Mir de la Compañia de Jesus. Dicese por ahi (y recojo el rumor con todo género de reserva, limitaciones, prontitud á rectificar, etc. etc.) que no ha sido ajeno á la exclaustracion del P. Mir su empeño en titularse «*de la Real Academia Española*,» al frente de los libros, y non de la «*Compañia de Jesus*,» como ponen todos los jesuitas, Coloma inclusive. De ser cierto el caso, nada mas honroso para el P. Mir que este esmero en apartar lo temporal de lo espiritual, cuidando delicadamente de no mezclar las lettras profanas con los votos regulares, y aun de anteponer un titulo litterario á un *tatuaje* religioso.

*dem* e eu eramos tidos e havidos por sabios, porque temos obras nos catalogos dos nossos livreiros.

Os defensores dos jesuitas devem elevar o seu criterio; hão de reparar que não basta apontar *nomes* de jesuitas e chamar-lhes sabios, é necessario que os jesuitas *nomeados* sejam tidos e havidos por sabios no mundo scientifico; e não basta indicar *obras* dos taes jesuitas sabios, é necessario que essas *obras* sejam bem conceituadas no mundo scientifico, e como taes consultadas nas Universidades e preconizadas pelos sabios de valor universalmente reconhecido; nem basta copiar a *Bibliotheca dos escriptores da Companhia de Jesus,* é necessario conhecer-lhes o valor, o que os defensores não pódem alcançar, e por isso até deixaram em silencio alguns escriptores illustres, ao passo que reproduziram vulgaridades abaixo de toda a critica; nem basta que alguns poucos membros sejam notaveis na sciencia, é necessario que toda a Ordem esteja animada de espirito scientifico, sem preconceitos sectarios, com liberdade de leitura e opinião.

3.º Os defensores dos jesuitas dão-nos tambem muitos d'elles como sabios, por escreverem e redigirem Revistas catholico-jesuiticas, que conheço. Na Ordem costumam ser encarregados d'esse trabalho os padres mais distinctos.

Mas esse facto muitas vezes não é abonatorio da sciencia d'esses homens, póde até ser signal do contrario. Porque essas Revistas inspiram-se no mesmo espirito da *Civilta Cattolica*, que é talvez a mais divulgada e considerada: e a *Civilta* apresenta-se aos seus leitores com as ideias que se deprehendem do seguinte periodo: «as Universidades modernas são ossadas não só resequidas, mas putridas; e o cheiro que espalham as suas doutrinas é pestilencial e mortal.» (1) Ora homens que pensam assim dos cursos superiores e teem n'esta conta a sciencia dos professores universitarios de todo o mundo poderão ser tidos por sabios? Então onde está a sciencia, se não está nas modernas universidades e nos seus lentes? Estará por ventura nos conventos, nos seminarios, e nos collegios de instrucção secundaria dos jesuitas, que outros não teem?

Os paladinos dos jesuitas para bem defenderem os seus suppostos sabios deviam ter seguido outro caminho, e eu vou indicar-lh'o para seu bem.

Deviam ver se podiam mostrar-nos — e provar-nos — porque não basta affirmar:

(1) Huber, *Les Jesuits,* liv. VII pag. 202

1.º Se ha auctores jesuitas, cujas obras sejam livros de texto adoptados nas Universidades modernas, nas faculdades de sciencias e de lettras, indicando a Universidade e a faculdade, podendo começar esse trabalho pelos cursos superiores de Coimbra, Lisboa e Porto.

2.º Se alguns escriptores modernos, tidos e havidos no mundo scientifico como homens de valor, louvam e recommendam as obras dos taes suppostos jesuitas sabios modernos, como necessarias para o estudo de qualquer ramo de saber.

3.º Se algum jesuita descobriu, por exemplo, a electricidade dynamica, o electro magnetismo, a analyse e synthese do som: se algum interpretou o Rig-Veda, o Avesta, os cuneiformes e os hieroglyphicos egypcios.

4.º Se algum jesuita moderno é philosopho considerado no mundo scientifico, como Kant, Hegel, Fichte, Schelling, Hume, Hamilton, Stuart Mill, Spencer, Littré, Lotze, Wundt, Comte, etc., seculares, leigos e até protestantes.

5.º Se algum jesuita moderno, além de Secchi, é avaliado no mundo scientifico, na plana de Laplace, Wolf, Arago, J. Müller, Helmholtz, Claude Bernard, Darwin, Virchow, Jussieu, etc., etc. seculares, leigos e até protestantes.

6.º Se algum jesuita moderno é tido e havido no mundo scientifico, pelo que respeita a sciencias historicas, como Niebuhr, Mommsen, Lassen, Curtius, Ranke, Guizot, Waitz, Weber, etc., etc, seculares, leigos e até protestantes.

7.º Se algum jesuita, em philosophia e lettras, é tido e havido no mundo scientifico como Bopp, Diez, Bréal, Curtius, O. Müller, Teuffel, Taine, Scherer, etc., etc., seculares, leigos e até protestantes.

Quando os defensores dos jesuitas poderem responder satisfatoriamente a estes quesitos, então — e só então — ficará por terra tudo o que eu tinha escripto e tudo o que escreveram Ranke, Huber, Compayré, Bert, Deym, etc. professores universitarios das faculdades de sciencias, philosophia, lettras e historia, ácerca da sciencia dos jesuitas.

## IV

### As Missões dos jesuitas entre barbaros

Depois de conhecidos os estudos dos jesuitas convem fazer algumas reflexões geraes a respeito das suas missões entre os povos barbaros.

Porque estas missões — repare-se bem — dependem essencialmente de estudos especiaes e professionaes. Póde-se mesmo dizer que a questão das missões é uma questão de estudos.

O que é uma missão entre povos incultos ou selvagens? É uma estação civilisadora, comprehendendo certa extensão de terreno, dentro do qual alguns individuos, sejam de que religião fôrem, se dedicam a instruir os selvagens, ensinando-lhes a ler, a escrever, a contar, a agricultar a terra, a explorar as riquezas minerologicas do solo, a exercer a industria e o commercio, a praticar os offi-

cios mechanicos de pedreiro, ferreiro, carpinteiro, marceneiro, etc., ensinando-lhes ao mesmo tempo a sã moral e os costumes civilisados da Europa.

É isto o que se chama uma missão moderna, como os espiritos cultos a intendem e como os povos adeantados a pôem em pratica.

Foi por se não comprehender assim que as antigas missões dos jesuitas, além dos escandalos já historiados, tiveram um insuccesso final por todos reconhecido, apesar dos muitos varões de virtude e de boa vontade que n'ellas empenharam o trabalho e a vida. Falando d'ellas, Doellinger, velho catholico, antigo professor da Universidade de Munich, disse: «A experiencia de tres seculos prova que os jesuitas não teem mão feliz; a benção do ceu não repousa sobre as suas emprezas. Elles edificam com um ardor que se não cança; mas sobrevem uma rajada de vento que lhes derruba o edificio, ou uma inundação que o leva, ou, tambem ás vezes, a obra apodrece por si mesma e se lhes esphacela nas mãos. Póde-se-lhes mesmo applicar o proverbio oriental: onde o turco põe o pé, a herva não rebenta. As suas missões no Japão, no Paraguay, e entre as tribus da America do Norte, pereceram. Um dia chegaram a dominar na Abyssinia, mas logo em seguida todo o seu poder desabou, e fo-

ram expulsos para sempre. Dos seus penosos trabalhos no Oriente, nas ilhas da Grecia, na Persia, na Criméa, no Egypto, que resta hoje? — Apenas uma reminiscencia longinqua.» (1)

O sr. Lino d'Assumpção escreveu com sobejo motivo: «Ahi estão as historias das missões a attestarem que, intransigentes e fanaticos, sinceros de crenças e ignorantes da natureza, da indole, caracter e condições da vida do gentio, apenas se contentavam (os missionarios) de lhes ensinarem umas exterioridades devotas, sem alcance moral, cuja resultante era um prestigio, quasi sempre passageiro, para o missionario. Emquanto a cruz não era protegida pela bandeira desfraldada no angulo do bastião do presidio, triste era o resultado da missão. Hoje, para mim, o verdadeiro missionario é o engenheiro. Em logar de egrejas, caminhos de ferro, e de quando em quando, em vez de ladainhas, unisonos de Chassepots ou Remingtons.» (2)

---

(1) Citado por Huber, liv. IV, pag. 276

(2) *O Chistianismo da Corte ao Sertão*, pag. 171, capitulo IV, Exploração á Africa nos inedictos da bibliotheca de Evora.

Merece ser lido com attenção este capitulo do livro do Sr. Lino d'Assumpção, onde se descrevem as missões dos jesuitas segundo as informações colhidas n'uma carta d'um antigo missionario jesuita. A pag. 174 lê-se: Aprendemos tambem da lição desta carta a singular maneira usada pelos jesuitas de fazer

O engenheiro, o industrial, o professor é hoje o verdadeiro missionario: ou melhor, o missionario moderno deve ter uma instrucção composta dos elementos de tudo isto. E não são só os protestantes, cujas missões vão avassalando quasi todos os povos barbaros, que assim o entendem. Até já no nosso seminario das missões de Sarnache o governo, segundo me consta, mandou estabelecer aulas onde se ministrasse ao padre alguma instrucção industrial. E os padres da Congregação do Espirito Santo, segundo me dizem, teem em Cintra uma quinta onde os futuros missionarios aprendem uns principios de agricultura e industria colonial e os misteres mechanicos mais necessarios na Africa.

Os jesuitas, porém, não teem estudos especiaes ou profissionaes para se prepararem para as missões do ultramar. Já o vimos no capitulo antecedente analysando a sua *Ratio Studiorum* (programma de estudos) e ouvindo a auctoridade de professores eminentes. Os seus estudos reduzem-se a isto: 1.º latim, grego, rhetorica, lingua nacional; 2.º philosophia escholastica, mathematica e physica ele-

---

catechese; elles por motivo de religião não se limitavam a trazer o gentio aos seus collegios «em grilhões, e todos presos em correntes» mas queimavam-lhes as casas» «e a do principal, ajunta Pedro Tavares, depois de queimada a salguei».

mentares; 3.º theologia dogmatica, moral e historia ecclesiastica.

Onde estão aqui noções de agricultura, de commercio, de exploração do solo, de trabalhos mechanicos e outros necessarios constantemente entre barbaros?

Os jesuitas, estando em Portugal ha trinta annos, teem uma casa para Noviciado perto de Torres Vedras, onde resam, meditam e leem livros devotos; teem outra casa em Setubal, onde estudam os cursos de humanidades e de philosophia; mas não teem casa alguma para receberem as mais simples noções professionaes absolutamente indispensaveis ao missionario moderno.

N'outros paizes, onde conheço muitos jesuitas, tambem estes não possuem casas d'esta especie.

A razão d'esta falta tão sensivel é muito facil de conhecer.

A *Ratio Studiorum* dos jesuitas, onde se determina tudo o que respeita aos estudos, não prescreve nada a respeito de instrucção especial ou professional, porque está ainda influenciada pelo espirito do seculo deseseis; e os jesuitas sentem grande difficuldade e até repugnancia em tocar no *Instituto* e mais ainda na *Ratio*, porque temem que estas modificações destruam a concatenação e segu-

rança do espirito das Regras, que faz toda a força da Ordem.

Pelo contrario os protestantes, inspirados em ideias mais modernas e civilisadoras que os jesuitas, fundaram em diversos paizes grandes sociedades, não só para auxiliar com dinheiro os seus missionarios protestantes, mas para lhes dar uma educação profissional, composta de todas as noções commerciaes e industriaes adequadas a esse mister. Alem de muitas outras, tenho recebido noticia das seguintes: na Allemanha a de Wortemberg, na Suissa a da Bale. na Inglaterra as de Londres, Liverpool, Edimburgo, Cabo, etc, nos Estados-Unidos a de New-York e outras.

A Allemanha manda missionarios para a Africa allemã, para os principados danubianos, para a Turquia, e principalmente para Palestina onde se fundaram colonias allemãs; a Suissa para a America e para a Africa, havendo já quatro missões de protestantes suissos, enviados do Cabo, no nosso territorio de Lourenço Marques: a Inglaterra e os Estados-Unidos mandam missionarios para todo o mundo, tendo enchido de missões a Africa, a Asia e a Australia, desenvolvendo prodigiosamente a civilisação, engrandecendo o seu dominio, e fundando colonias como a do Cabo e a dos Lagos na Africa,

a da Guyana na America, a de Sydney na Australia, a de Bombaym na Asia, etc., etc.

Fundado na falta, que encontrei entre os jesuitas, de estudos profissionaes para a formação de missionarios modernos e na vantagem conhecida d'esses estudos entre os protestantes, escrevera eu, em *Os jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal*, o capitulo XXV onde estabelecia um parallelo entre o missionario protestante e o missionario jesuita. N'elle se liam já estas palavras a pag. 314: «sabe (o missionario jesuita) prégar, foi o que aprendeu; poderá ensinar as primeiras lettras; mas isso é secundario para o jesuita. Commercio e industria, não os sabe, porque os não aprendeu nos estudos... Os jesuitas ligam tão pouca importancia a estas coisas terrenas e mundanas, como lhes chamam, que os padres só se dedicam á prégação e ao culto divino e deixam o ensino das creanças aos *irmãos coadjutores* ou *leigos*, que são os creados dos jesuitas recrutados entre a gente baixa do povo... São tambem os *leigos* os incumbidos de ensinar as artes, a industria e o commercio aos selvagens; coisas que não poderão fazer, senão imperfeitissimamente, attenta a sua origem e a sua ignorancia forçada pelas Regras.»

O anonymo director do jornal *A Ordem* preten-

deu refutar esse capitulo, para o que empregou muita rhetorica; mas esqueceu-se de provar a unica coisa que devia provar, isto é, que os jesuitas fazem estudos especiaes para as missões, indicando as casas onde os fazem e quaes os estudos que fazem: n'isto nem sequer fallou, e entretanto emquanto o não provar, fica de pé tudo o que escrevi, que está fundado neste singelo axioma: ninguem póde ensinar o que não aprendeu, porque ninguem nasce ensinado. Mas, ao passo que deixou de provar, porque o não podia fazer, a unica coisa que devia, escreveu phrases que muito servem para confirmar as idéas por mim apresentadas no outro livro, como se vae ver.

A pag. 222 e seguintes, confrontando o missionario jesuita com o protestante, diz, referindo-se ao jesuita:

«O missionario deverá ser sempre um homem despido de todos os interesses mundanos, cheio de dedicação e fé, avançando para os infieis com a *cruz* por *bandeira, os olhos postos no céo* e o *pensamento bem longe das cousas da terra*... *Prégar, converter* e se fôr preciso morrer abraçado á cruz, eis a sua *ambição*... A caridade é a sua divisa; a *palavra* é a sua *arma;* a *roupeta* é a sua *bagagem;* a *cruz* é a sua *bandeira*...»

Depois referindo-se ao missionario protestante (além de muitos insultos, que lhe dirige, sem provas, e que omitto, porque não redijo nem reproduzo insultos) escreve: «o missionario protestante *não tem grande empenho* de *prégar* e *converter*, que produz uma fé ardente e uma convicção profunda, porque na seita *extinguiu-se a verdadeira fé e desappareceram* todas as *convicções profundas* em presença *do livre exame* (1). O seu espirito é mais da *terra* que do *céo*, e toda a *sua attenção se volta mais* para as *cousas* do *mundo* do que para as *cousas* de *Deus*.»

Nas passagens transcriptas o director anonymo confessa, sem o querer, que o missionario protestante é o que civilisa verdadeira e positivamente, como hoje toda a gente instruida entende a civilisação.

Porque o protestante, segundo elle, olha e attende ás *cousas da terra* e o jesuita ás *cousas do céo:* isto é, o protestante alarga o commercio, explora o terreno, põe as casas commerciaes europeias em communicação com as povoações dos

(1) Optimo criterio o do director da *Ordem! O livre exame*, isto é, a sciencia com a sua critica rigorosa não produz *convicções profundas;* provavelmente é a *ignorancia* que produz a *convicção!!!*

barbaros, serve até de intermediario entre as praças commerciaes e os centros de industria, canalisando assim todas as fontes de producção e riqueza, e espalhando nos sertões os costumes e os productos europeus, como sabem todos os que conhecem esta questão, ainda que ligeiramente, e como o anonymo director concede e affirma.

O missionario jesuita, segundo elle, *préga, converte,* tem *os olhos postos no céo,* e o *pensamento longe das cousas da terra:* isto é, não faz caso de ensinar ao selvagem a exploração do solo, despreza as industrias, põe-se mais em communicação com Roma do que com as praças commerciaes (coisas terrenas das quaes *tem o pensamento bem longe*) e tem da civilisação uma opinião totalmente contraria á que teem os povos adeantados, porque, hoje, a *arma* do missionario não deve ser a *palavra* que faz crentes, deve ser a *instrucção* que faz agricultores, industriaes e civilisados; a *bagagem* do missionario não deve ser só a *roupeta* que o cobre, deve ser o livro de leitura, o livro Razão, a machina, o arado, o alvião e todos os utensilios que fazem o homem *senhor das cousas da terra*, que o missionario *tem longe do pensamento*, segundo o seu defensor affirma; e a *bandeira* do missionario não deve ser só a *cruz,* signal santo das

doutrinas do Christo, mas devem ser as bandeiras das nações que o missionario deve engrandecer, tornando civilisados os povos incultos pertencentes ao mesmo paiz.

Felizmente nem todos os Religiosos pensam como o anonymo director da *Ordem*, porque os Benedictinos, os Padres Brancos e outros já não levam por *bagagem* só a *roupeta*, levam muitos instrumentos de agricultura e industria; a sua ambição não é só *prégar e converter*, é ensinar e auxiliar a agricultura e a industria. E por seguirem esta opinião, contraria á do director anonymo, as missões em Huila dos padres do Espirito Sancto estão produzindo bons resultados, como me teem contado individuos que as observaram.

Oxalá para as missões da nossa Africa mandassem muitos mais padres, que aqui ministram um ensino fanatico em collegios que se podiam dispensar.

Os jesuitas deveriam imitar esses Religiosos, pondo de parte a sua antiquada *Ratio Studiorum*, e dando ensino profissional aos seus missionarios, que deviam desviar das povoações da Beira e do Minho, onde andam fanatisando inutil e prejudicialmente o povo, e do ensino reaccionario dos collegios, para os empregarem nas possessões africanas, para

onde tem mandado apenas pouquissimos padres que conheço e não dos de mais valor, podendo e devendo mandar muitos mais. Deviam-se lembrar que ao lado da sua missão da Zambezia já ha em Lourenço Marques quatro missões de padres protestantes, enviados pelos inglezes e que receberam educação especial na cidade do Cabo, e que um missionario protestante suisso acaba de entrar no Kraal de Gungunhama, onde poderiam estar já alguns missionarios portuguezes que andam talvez aqui angariando freiras para os conventos.

Neste ponto é ainda digno de imitar-se o exemplo do governo francez, que não quer nem permitte religiosos e principalmente jesuitas no seu territorio europeu e civilisado, mas permitte-os nas colonias, onde lhes proporciona todos os meios de exercerem o mister de ensinar as lettras e as industrias.

O mesmo fazem os Estados-Unidos e a Inglaterra, que, ao passo que educam e espalham missionarios protestantes pelas suas colonias e ainda pelas que não são suas, não deixam de admittir a cooperação dos religiosos nas missões, *onde elles lhes conveem;* nem duvidam louvar a estes, quando o merecem, e censurar os seus, quando e onde são dignos de censura. Ao passo que os

nossos defensores dos jesuitas louvam os seus incondicionalmente e para os protestantes só teem palavras de insulto e rancor. Entretanto os paizes protestantes e anti-catholicos vão progredindo pasmosamente e nós e os outros paizes eivados e dominados por jesuitas vamos ficando no couce dos paizes civilisados! Muito se devem rir os protestantes dos seus insultadores e incondicionaes defensores dos jesuitas, emquanto elles vão avassalando mundo!

Oh! os jesuitas portuguezes, se deveras teem o espirito de abnegação que professam, mostral-o-hão mais facilmente nas incommodidades do sertão do que aqui entre as attenções e offerendas dos seus fanaticos cultores das nossas cidades e aldeias.

# SEGUNDA PARTE

---

# PROCESSOS DE DEFEZA

# I

## Como os jesuitas se defendem

Os processos de defeza empregados pelos jesuitas estão já tão conhecidos que, quando o publico os observa em qualquer individuo, lhes chama logo processos jesuiticos.

Mas, como desejo tractar a questão jesuitica com toda a seriedade, apresentando todos os elementos que possam fazer força em espiritos rectos e reflectidos, não me contentarei com essa opinião vulgar, mas mostrarei com provas, como já o fez o grande Pascal, que esses processos não só são executados ainda hoje pelos jesuitas, mas são approvados e auctorisados pelos seus livros de Moral.

Os processos de que se servem contra os inimigos reduzem-se a tres classes:— a calumnia, — o insulto — e a falsidade. A calumnia é levantada sem

o mais leve fundamento; o insulto é arremessado da maneira mais descortez e desbragada; e a falsidade é exercida por todos os modos de enganar. E estes processos executam-nos com tanta maior energia e abundancia quanto mais forte julgam o inimigo.

Pascal, o austero e integro philosopho de Port-Royal e eminentissimo classico francez, descobriu-os e estudou-os rigorosamente nas *Provinciaes* (1), principalmente nas Cartas 15.ª e 16.ª

Eis algumas das suas considerações traduzidas da

### Carta decima quinta

«*Que os jesuitas não consideram a calumnia como «crime, e que não fazem escrupulo de se servir d'ella «para desacreditar os seus inimigos.*

«MEUS REVERENDOS PADRES.

«Visto que as vossas imposturas augmentam todos os dias, e que vos servis d'ellas para ultrajar cruelmente as pessoas piedosas que são contrarias aos vossos erros, vejo-me obrigado, por interesse

(1) Les Provinciales *ou lettres écrites par Louis de Montalte a un provincial de ses amis et aux RR. PP. jésuites sur le sujet de la Morale et de la politique de ces pères par* Blaise Pascal — *accompagnée de notes — Paris —G. Charpantier et C.ie, éditeurs — Rue de Grenelle, 11 — 3 fr. 50.*

d'ellas e da Egreja, a descobrir um mysterio do vosso modo de proceder, para que se possa reconhecer em face das vossas proprias maximas que credito se deve dar ás vossas injurias.

«Sei que aquelles que não vos conhecem bem teem difficuldade em determinar-se n'este ponto, porque se acham na necessidade ou de acreditar os crimes incriveis de que accusaes os vossos inimigos, ou de vos ter por impostores, o que lhes pareceria egualmente incrivel.

«Como! (dizem elles), se as coisas não fossem assim, atrever-se-hiam pessoas Religiosas a publical-as, e expor-se-hiam a condemnar-se por causa de taes calumnias?...

«De modo que, como a unica coisa que os impede de repellir a vossas maledicencias é a estima que teem de vós, se lhes provar que vós não tendes da calumnia a ideia que elles imaginam que tendes, e que julgaes poder salvar-vos calumniando os vossos inimigos, é indubitavel que o peso da verdade os determinará immediatamente a não dar credito ás vossas imposturas. Este será pois o assumpto d'esta carta.

«Não farei ver sómente que os vossos escriptos estão cheios de erros, quero passar ávante. A's vezes póde-se dizer coisas falsas julgando-as

verdadeiras, mas a qualidade de mentiroso suppõe a intenção de mentir. Farei ver, pois, meus padres, que a vossa intenção é mentir e calumniar, e que é com conhecimento e premeditação que imputaes a vossos inimigos crimes de que sabeis que estão innocentes, porque julgaes podel-o fazer sem sair do estado de graça... isto é, sem peccar. Porque esta é uma doutrina tão commum em vossas escolas que a sustentaes não só nos livros, mas ainda na defesa de theses publicas, o que é a suprema ousadia; como entre outras nas vossas theses de Louvaina do anno de 1645, n'estes termos: «Não é senão peccado venial calumniar e imputar falsos crimes para desacreditar as pessoas que fallam mal de nós: *Quidni non nisi veniale sit, detrahentis auctoritatem magnam, tibi noxiam, falso crimine elidere?*» E esta doutrina é tão constante entre vós, que trataes de ignorante e temerario quem a ousar atacar. Foi o que experimentou o padre Quiroga, capuchinho allemão, quando se lhe quiz oppôr. Porque o vosso padre Dicastillus o atacou immediatamente, e falla d'esta disputa n'estes termos, *De Just.*, l. 2, tr. 2, disp. 12, n. 404: «Certo religioso, grave, descalço e encapuchado, *cucullatus gymnopoda*, que não nomeio, teve a temeridade de desacreditar esta opinião entre as mu-

lheres e os ignorantes, e de dizer que era perniciosa e escandalosa contra os bons costumes... Mas eu sustentei contra elle, como sustento ainda, que a calumnia, quando se usa contra um calumniador, ainda que seja uma mentira, nem por isso é peccado mortal, nem contra a justiça, nem contra a caridade; e, para o provar, forneci-lhe uma multidão de nossos padres e universidades inteiras compostas de professores nossos, os quaes todos consultei, e entre outros, o reverendo padre João Gans, confessor do imperador, o reverendo padre Daniel Bastèle, confessor do archiduque Leopoldo, o padre Henrique, que foi preceptor d'estes dois principes; todos os professores publicos e ordinarios da Universidade de Vienna (toda composta de jesuitas), todos os professores da Universidade de Gratz (toda de jesuitas), todos os professores da Universidade de Praga (cujos chefes são jesuitas): de todos os quaes tenho em meu poder as approvações da minha opinião, escriptas e assignadas pelo seu punho: alem de que tenho ainda por mim o padre Pennalossa, jesuita, prégador do imperador e do rei de Hispanha; o padre Pillicerolli, jesuita, e muitos outros que tinham julgado esta opinião como provavel já antes da nossa disputa.»

«Vedes pois, meus padres, que poucas opiniões

tendes tomado tanto a peito estabelecer e defender como esta; assim como poucas ha de que tanta necessidade tenhaes como d'esta...

«Ninguem se admire pois de ver os jesuitas calumniadores: n'este ponto asseguraram a sua consciencia e nada os póde impecer; porque, pelo credito que teem no mundo podem calumniar sem temer a justiça dos homens, e pelo que arranjaram sobre casos de consciencia estabeleceram maximas para o poder fazer sem temer a justiça de Deus.

«Eis ahi, meus padres, a fonte d'onde nascem as vossas negras imposturas. Eis ahi o que levou o vosso padre d'Anjou a desacreditar no pulpito, na egreja de Saint-Benoît, em Paris, em 8 de março de 1655, pessoas de importancia que recebiam esmolas para os pobres da Picardia e da Champagne, e para as quaes ellas contribuiam em grande parte; e a dizer, por horrivel mentira, capaz de fazer estancar a caridade, se alguem désse credito ás vossas imposturas, «que sabia de sciencia certa que essas pessoas tinham desviado esse dinheiro para o empregar contra a Egreja e contra o Estado»; o que obrigou o cura d'essa parochia a subir no dia seguinte ao pulpito para desmentir taes calumnias. Foi por esse mesmo principio que o vosso padre Crasset prégou tantas imposturas em Or-

léans, que foi necessario que o bispo de Orléans o interdissesse como impostor publico, pelo seu rescripto de 9 de setembro ultimo, no qual declara «que prohibe ao padre João Crasset, da Companhia de Jesus, prégar na sua diocese... porque sabia que o dicto Crasset tinha feito um discurso cheio de falsidades e calumnias contra os ecclesiasticos d'essa cidade etc...»

Pascal continua, n'esta carta 15.ª e na 16.ª, a citar calumnias dos jesuitas contra pessoas respeitaveis, provando tudo com documentos e citações de auctores jesuitas, documentos e citações que elle, antes de morrer, confessou ter visto e examinado por seus proprios olhos, o que os jesuitas queriam pôr em duvida. (1)

Paul Bert na *Moral dos Jesuitas*, desde paginas 147 a 154, prova egualmente com muitos testemunhos e citações de escriptores jesuitas que a diffamação e a falsificação, mais ou menos disfarçadas, são coisas consentidas e approvadas pelos seus livros e compendios de Moral.

E, para poderem falsear a verdade com tranquillidade de consciencia, estes padres adoptaram um methodo muito simples, a que chamam *restric-*

(1) Huber, l. VIII, pag. 266.

*ção mental,* que consiste em dizer as coisas de maneira que o publico possa ser enganado, pelo emprego de palavras ambiguas e termos equivocos.

Por amostra, basta citar uma pequena passagem do *Compendio de Moral* do padre Gury, jesuita moderno, adoptado em muitos seminarios, no tractado do VIII Preceito do decalogo, cap. I, artigo II, paragrapho 443.

«È permittido, algumas vezes, usar a *restricção* largamente isto é impropriamente *mental* e *palavras equivocas*, quando o sentido visado por quem fala póde ser comprehendido. Porque *em si* não é um mal, pois o proximo não é *propriamente* enganado, ainda que, por um justo motivo, o pomos *em occasião* de se enganar. De mais, o bem da sociedade exige que haja um meio de occultar legitimamente um segredo; ora não ha outro senão o equivoco ou a restricção larga ou impropriamente mental. È permittido usar d'esta *restricção* larga, mesmo em *juramento*. . . »

Esta mesma linguagem enviezada do Gury dá a entender a extensão de que é susceptivel a *restricção mental*, desde que cada um pode julgar o bem da sociedade como lhe parecer, e pode a seu talante medir até onde vae simplesmente a *occasião* de engano, ou o engano *propriamente* dicto.

No cap. II, art. I, paragrapho 446, estabelece que a diffamação directa é mortal *em si*, *mas* que a gravidade ou venialidade da diffamação deve ser apreciada sobretudo pela consideração da gravidade do mal causado e não da do crime attribuido ao proximo; e que por isso se deve ter em conta o valor do diffamador e o do diffamado. Donde resulta que, se o diffamador julgar o diffamado no infimo grau da dignidade humana, pouco escrupulo deve ter em diffamal-o, porque a gravidade da diffamação diminue á medida que desce o valor do diffamado. Ora como, segundo adeante veremos, alguns defensores dos jesuitas disseram, entre outras injurias, que eu não tenho o minimo valor moral, segue-se que posso ser por elles diffamado á vontade, sem a menor perturbação de suas sanctas consciencias; e assim o fizeram na realidade.

Quem quizer conhecer a amplitude d'estas idéas jesuiticas pode ler *A moral dos Jesuitas* por Paul Bert, onde veem copiadas algumas opiniões d'estes padres sobre o assumpto.

Tendo, pois, os jesuitas e seus defensores a consciencia encouraçada com estas *sanctas* e *justas* maximas, não é para admirar que as empreguem á vontade contra os seus adversarios.

Foi por isso que contra o seu terrivel inimigo, Pascal, usaram toda a sorte de calumnias e insultos, chamando-lhe, entre outros nomes feios, «impio, truão, farçante, impostor, calumniador, hereje, calvinista disfarçado, discipulo de Dumoulin, possesso d'uma legião de demonios, etc... (1)

E a Paul Bert, outro adversario formidavel, chamaram «libertino, materialista, desavergonhado, homem infecto de todos os vicios e torpezas de Paris, vergonha da tribuna franceza, miseravel, debochado, etc.» (2)

Felizmente, eu tambem fui contemplado pelos jesuitas e seus defensores com estes e talvez maiores insultos, á mistura de calumnias com que tentaram denegrir-me a reputação. Essa raiva porém, não só me não incommoda, mas pelo contrario me serve de titulo de gloria, porque sei pela historia que os jesuitas mostram sempre maior furor contra os inimigos que maior mal lhes causam. Deixaria portanto passar-me aos pés desappercebidamente essa onda de immundicie, que só suja as boccas d'onde sae, se não fosse conveniente mos-

(1) *Les Provinciales*, 12.e Lettre, pag. 221.

(2) *La Morale des Jésuites*, Dix-neuvienme mille, préface pag. V.—Paul Bert levou aos tribunaes alguns dos seus insultadores.

trar ao publico, com provas colhidas em flagrante, os processos jesuiticos de insulto, calumnia e falsidade por elles empregados para enganarem o seu publico ignorante, cujos espiritos se tivessem porventura sobresaltado com as verdades expostas no meu livro anterior.

Analysarei pois rapidamente as tres *Respostas* dadas ao meu livro pelos amigos dos jesuitas. Antes, porém, de entrar na sua analyse, convem saber que todas ellas foram approvadas totalmente e elogiadas incondicionalmente pelo padre jesuita Affonseca Mattos no *Mensageiro do Coração de Jesus*, de que é redactor, no n.º 131, fevereiro de 1892, pag. 94 — e n.º 133, abril de 1892, pag. 238.

## II

### O sr. Padre Corrêa Portocarreiro

A primeira *Resposta* que appareceu ao meu livro era assignada por um tal sr. padre Corrêa Portocarreiro, que se ordenára havia pouco tempo no seminario do Porto.

Não sei se os jesuitas a julgarão de muito pezo para a sua defeza; isso é lá com elles. Para o conhecimento dos processos jesuiticos, atraz indicados, vale realmente muito, porque n'ella se encontram empregados todos d'um modo grosseiro sim, mas por isso mesmo mais claro e positivo.

O proprio frontispicio, já de per si só, é uma prova do processo de falsidade e engano; porque apresenta *dois titulos,* não só differentes, mas *contrarios;* um na capa, contra os jesuitas e exaltando a mi-

nha obra; outro, dentro, na primeira pagina, a favor dos jesuitas e envilecendo o meu trabalho.

Na capa lê-se:

MORTE AOS JESUITAS

*Duas palavras de louvor e enthusiastico apoio ao precioso e opportunissimo livro—do sr. Manuel Borges Grainha—Os jesuitas etc.—por um ex-jesuita—companheiro e amigo do auctor.—Porto, etc.*

E dentro, na primeira pagina, lê-se este titulo:

TRETAS D'UM SENHOR PROFESSOR DE LETTRAS

*Rapida analyse — das mentiras, falsificações, calumnias, villanias de toda a especie — e desproposito — do sr. M. Borges Grainha — a proposito do caso das Trinas — pelo Padre Francisco Corrêa de Portocarreiro. — Porto, A. Dourado, editor,* 1892.

Depois de ter comprado este folheto consultei alguns livreiros dos mais antigos de Lisboa e Porto, e todos me affirmaram que o facto d'um livro com dois titulos *contrarios* era caso novo e unico no nosso mercado de livros e que nunca tinham visto similhante processo de reclame, enganando o publi-

co. Cabe pois aos defensores dos jesuitas a primazia de darem um tal exemplo de deslealdade:

Terá havido individuos que, julgando as ideias do livro pelo titulo da capa, o comprassem enganadamente. Não sei se será legal tal processo de haver o dinheiro dos compradores; indigno, é-o com certeza. E já me contaram d'alguem que, tendo sido burlado por essa forma, rasgou indignado o folheto deante de varias pessoas, logo que caiu no logro. Ha mais. Um amigo meu, vendo só o titulo da capa, julgou que realmente a obra era em minha defeza e admirou-se de que eu consentisse sem protesto na publicação d'um livro anonymo em meu favor. Felizmente uma publicação de tal especie era contra mim e a favor dos jesuitas!

A imposição dos dois titulos contrarios n'esta publicação ainda dá margem a considerações d'outra ordem.

A capa dos livros é o que nas montras costuma estar exposto á curiosidade dos compradores; portanto o editor e o auctor do livro, procurando arranjar para a capa titulo que attrahisse compradores, impuzeram-lhe um que era contra os jesuitas e a meu favor; logo o editor e o auctor mostraram julgar que o publico que compra e lê livros tem aversão aos jesuitas e estima a acção de os com-

bater; logo o auctor e o editor concordam em que os jesuitas estão desacreditados no conceito do publico que lê e é instruido.

E por isso determinaram commetter um acto de cobardia, e em vez de atacarem o inimigo de frente, indicando logo na capa do livro o conteudo d'elle, não o fazem, antes se acobertam atraz da mascara do louvor do inimigo, para depois o combaterem traiçoeiramente perante os incautos que casualmente tivessem caido no engano de comprar um livro que não quereriam comprar.

Realmente, se o editor, o sr. Dourado, e o auctor, sr. padre Corrêa Portocarreiro, não tivessem feito outra coisa senão imprimir no folheto os dois titulos contrarios, só com isso já teriam feito muito contra o jesuitismo, dando-lhe a conhecer os processos. Porque: 1.º foram desleaes para com o publico que compra livros; 2.º deram aos livreiros um mau exemplo, que felizmente não será imitado; 3.º significaram concordar em que os jesuitas não são estimados pelo publico que lê; 4.º mostraram cobardia acobertando-se com o louvor do inimigo; 5.º procuraram a venda d'um livro por um processo que não honra quem o emprega.

Passando do frontispicio ao interior da obra, vê-

se que o bom do padre não intentou defender os jesuitas (pois, como elle proprio confessa, do meu livro apenas leu alguns poucos capitulos) o que quiz foi mostrar a minha physionomia, como elle diz, isto é, *insultar-me* — que é outro processo jesuitico.

Para se chegar a esta convicção bastaria lêr os titulos dos capitulos, que todos são dirigidos a responder a esta pergunta, feita no principio do folheto: quem é o sr. Grainha? — Sempre a questão pessoal!

Para esse fim andou rebuscando na minha vida, que desconhece totalmente, e sobre a qual diz erros a cada passo, alguns dos quaes terão de ser corrigidos em logar competente. Mas, como ainda assim não encontrasse facto criminoso que me podesse lançar em rosto — posto que elle não aponta algum, antes confessa (pag. 27) que «não sabe de maculas occultas do sr. Grainha» e (pag. 13) que «reconhece e estima o meu talento» — resolveu-se a seguir o processo jesuitico de insultar o inimigo, quando na vida não se lhes descobre serio motivo de descredito. E, uma vez postado n'esse campo, o sr. padre Corrêa Portocarreiro excedeu todos os actuaes defensores dos jesuitas.

Eis alguns poucos dos muitos insultos que me

dirige, n'uma linguagem de verrina atrabiliaria, pelo facto unico de eu expôr as minhas idéas a respeito das Congregações Religiosas!

Coração de lama (pag. 37), pedante (pag. 39), canalha (pag. 44), trapaceiro remendão (pag. 45), escoadouro de immundicia (pag. 46), ridiculo parlapatão (pag. 48), antichristo em miniatura (pag. 51), vão phantasma de palavrorio (pag. 51), sem vergonha (pag. 52), pobre simplorio (pag. 64), cara estanhada (pag. 67), gerico (pag. 72), sordido cigano (pag. 72), monstro (pag. 73), perfido (pag. 73), muladar de miserias (pag. 73), criminoso (pag. 105), scelerado (pag. 105), etc., etc., etc.

Claro está que estes insultos não me incommodam, antes os tomo como titulos de honra, visto o campo d'onde veem, e d'onde teem sido lançadas eguaes irreverencias a pessoas como Pascal, Thiers, Michelet, Quinet, Gioberti, Paul Bert, Compayré, etc., etc.

O que mais admira é que o sr. padre jesuita Affonseca Mattos, director do *Mensageiro do Coração de Jesus,* chame aos artigos, onde o padre Portocarreiro vazou estas immundicies, «bellos e substanciosos artigos». (1)

(1) *Mensageiro do Coração de Jesus.* Fevereiro de 1892 pag. 94.

E é esta a linguagem d'um sacerdote! d'um ministro de Jesus, do bondoso Jesus! d'um padre cujo mister é o amor do proximo! d'um homem que por officio e vocação deve ter o coração aberto sómente á compaixão e a todos os sentimentos ternos e affectuosos para com os seus similhantes, embora peccadores, e cuja linguagem deve ser sempre um modelo de cordura e dignidade! E é esta a linguagem que applaude e louva incondicionalmente outro sacerdote, cuja profissão e edade exigiam a mais limpida correcção e que quer passar por intermediario e mensageiro do Coração de Jesus! Como é verdadeira aquella phrase de Edgard Quinet: Jesus passou-se para o nosso lado! Compare-se a linguagem do sr. padre Corrêa Portocarreiro com a do meu livro anterior que, no dizer do sr. Teixeira Bastos, «não respirava odios, pelo contrario havia em todo elle um sopro de justiça e de amor do proximo» (1), e pergunte cada um á sua consciencia — de que lado está Jesus?

Mas o sr. padre Corrêa não se limitou a insultos calumniosos, por cada um dos quaes poderia ser accusado e punido legalmente com as leis vigentes do paiz, passou tambem a calumnias mani-

(1) *O Seculo*, 6 de dezembro de 1891.

estas e tão manifestas que elle proprio reconheceu algumas.

Demos um exemplo. Na *Palavra*, jornal religioso do Porto, onde primeiro sairam em artigos os capitulos do folheto a que me refiro, o auctor escrevera: «A data, que o sr. Grainha apresentou no fac-simile da sua demissoria, não é verdadeira». (1)

Isto equivale a dizer que sou falsificador de documentos, que é a peior qualidade d'um escriptor e lhe tira totalmente o credito litterario, que se deve respeitar com todo o melindre; e os que leram no jornal religioso aquella noticia, dada por um padre, deveriam ter ficado com esse mau conceito a meu respeito. E comtudo a noticia era totalmente falsa, porque o fac-simile apresentado não era o da minha demissoria, mas da d'outro individuo, como veria, se lesse com attenção o livro que pretendia refutar. E a calumnia era tão flagrante e tão facil de descobrir que o sr. Corrêa a omittiu no folheto a pag. 26, assim como omittiu mais alguns erros que n'esse ponto dissera a meu respeito.

Mas, sr. padre Corrêa, V. Rv.ª tem obrigação de saber as leis theologicas e até as leigas a

(1) *A Palavra*, n.º 158. 16 de dezembro de 1891, 1.ª pag., 2.ª columna, nota.

respeito do roubo da honra, e portanto deve saber que para uma completa restituição não basta omittir a calumnia n'outra publicação, é necessario retractar-se no mesmo logar onde a publicou, e avisar os seus leitores da *Palavra* de que não tinha fundamento para me fazer passar por «falsificador de documentos». D'outro modo a restituição não é perfeita e a sua consciencia não deveria ficar tranquilla.

Aponto só este caso para lhe não dizer que deve retractar mais falsidades do seu livro, como todo o capitulo III onde inventou coisas de que não fallei, o capitulo IV que é falso, como provarei a seu tempo, e o XV onde começa por insinuar certa falsidade a meu respeito, acabando, afinal, por affirmal-a cathegoricamente; e assim por deante.

Mas tudo isto lhe relevo em vista d'algumas declarações que fez de passagem: a primeira é dizer (pag. 27) «que não sabe de maculas occultas» que me deshonrem; e a segunda é testemunhar (pag. 37) que fui eu «que pedi pertinazmente licença para sair da Ordem, despresando tudo o que me objectavam os superiores e pessoas de familia», o que prova que eu servia ali para alguma coisa e que era estimado, d'outra maneira teria sido expulso ou pelo menos mandado embora logo á primeira petição da minha parte, pois quem não serve é despedido ou

se deixa facilmente sair, como o sr. padre confessa ter-lhe acontecido (pag. 80), ao passo que comigo se empregaram todos os meios de me conservar e reter.

Ha ainda (pag. 83) outra declaração muito digna de se archivar, e é que «um jesuita convidou o sr. padre Corrêa para uma vantajosa posição». Ficamos, pois, sabendo que os jesuitas, sendo religiosos que nada devem ter de si nem do mundo, propõem «posições vantajosas». E diga-se que os jesuitas não procuram ter influencia e que não a exercem a seu talante, segundo as suas conveniencias.

E mais não acho, no folheto em questão, digno de reparo, apesar de o ter lido todo varias vezes para ver se encontrava uma *prova* que desfizesse qualquer affirmação do meu livro, que estaria prompto a rectificar n'este. Mas em vão: o sr. padre nega o que lhe parece, mas não *prova* as negações. Faz muito barulho por eu não traduzir á lettra uma palavra d'uma regra latina, mas não sabe que a traduzi como ella é entendida na practica jesuitica, e que d'isso avisei os leitores anteriormente, e que reproduzi as palavras latinas para poderem ser consultadas.

De resto o sr. padre Corrêa pouco ou nada poderia fazer de melhor, porque: 1.º dos 32 capitulos

do meu livro que pretendia refutar confessa (pag. 72) «ter lido seguidamente só os primeiros sete capitulos, e aqui e alem, um ou outro trecho». E' processo muito seguido por jesuitas, como veremos n'outros logares, refutar um livro que se não leu!

2.º pouco ou nada sabe da Companhia de Jesus, porque confessa nunca ter sido alumno de collegios jesuiticos como extranho á Ordem, nos quaes bastante se aprende dos seus processos de seducção, ao passo que eu fui seis annos alumno d'um d'esses collegios; e confessa mais que esteve apenas no Noviciado e no Recolhimento da Companhia durante quatro annos e meio, percorrendo apenas duas casas de Ordem, ao passo que eu estive muito mais tempo e precorri muitas mais casas, o que elle parece ignorar.

3.º (e esta é talvez a principal razão da sua obra) o seu estado mental deprehende-se do facto confessado por elle a pag. 82, onde nos conta que aos 22 annos de edade «fugia de casa» e «embrenhado pelas matas» «desabafava a sua dôr com a Mãe celeste em desprimorosos versos», versos dos quaes nos dá uma amostra no folheto! E no final da pag. 46 estampou em letra de imprensa uma anecdota impossivel de ser transcripta por uma penna decente... cuja reproducção dá a medida e o valor d'um cerebro.

## III

### O Director da «Ordem»

A segunda *Resposta* ao meu livro tem este titulo:

RESPOSTA

*ao livro de — Manoel Borges Grainha — sobre — Os Jesuitas — e as congregações Religiosas em Portugal — nos ultimos trinta annos — pelo — Director da «Ordem».*

Como se vê, esta publicação não traz o nome, nem a profissão do auctor: é uma publicação anonyma.

*A Ordem* é um jornal reaccionario de Coimbra, pouco conhecido; e o director d'elle ainda o é menos, porque este periodico varia facilmente de di-

rector e não se sabe se o de ámanhã será o mesmo d'hoje. Por esse facto aquelle folheto reveste um caracter perfeitamente anonymo.

Eu sabia que, em tempos, fôra director da *Ordem* o illustre lente de theologia, sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos; não estava, porem, certo se actualmente o era. Mas desde que vi a linguagem do pamphleto, grosseira e impropria de pessoa bem educada, persuadi-me logo que s. ex.ª não perfilharia uma obra, em que a maneira de raciocinar corre parelhas com a maneira de dizer. E, dadas as relações de amizade que existiam entre o distincto lente e a minha pessoa, escrevi a s. ex.ª com o intento de saber positivamente se consentia em passar por auctor do folheto.

S. ex.ª respondeu-me logo na volta do correio, em carta muito cortez, com data de 6 de fevereiro de 1892, da qual transcrevo apenas os seguintes periodos, que honram s. ex.ª e podem servir de ensinamento a todos os anonymos:

«Ex.mo Sr.—Ha dois annos que deixei de ser director da *Ordem*... E creia o meu bom amigo que se eu me resolvesse a escrever contra o livro de v. ex.ª teria a delicadeza de, por carta, me dirigir a v ex.ª e a coragem de, em publico, pôr o

meu nome... O que vem para o caso é só asseverar a v. ex.ª que não sou eu o auctor dos artigos contra o livro de v. ex.ª e que, se houvesse de escrever algo, poria o meu nome no fim do que escrevesse. Não é meu feitio furtar-me á responsabilidade do que escrevo. Mande em tudo o que tem a honra de ser

De V. Ex.ª
am.º e collega

Coimbra 6-2-92.

*Luiz M. S. Ramos.*»

Sei particularmente, e de fontes auctorisadas, que o director da *Ordem*, á data do apparecimento do folheto, era um segundanista da Universidade, cujo nome e vida não ignoro, mas que não publico, visto elle, não subscrevendo aquella producção, mostrar desejo de ficar occulto. Não serei eu que lhe cause o minimo embaraço na carreira, antes lhe desejo todas as felicidades.

A este estudante anonymo querem fazer passar por auctor do livro; o que não é admissivel, porque n'elle ha referencias constantes a coisas muito intimas da Companhia de Jesus, as quaes não pode saber senão quem teve relações muito intimas com jesuitas ou é jesuita, e nenhuma d'estas condições se dá no referido anonymo.

O verdadeiro auctor pode-se procurar n'outra parte: porque sei que alguns jesuitas, e particularmente o sr. padre Affonseca Mattos, redactor do *Mensageiro do Coração de Jesus*, costumam escrever anonymamente para os jornaes religiosos do paiz e principalmente para a *Ordem*.

Parece portanto muito provavel que o tal director anonymo não tenha na obra mais parte do que a de coordenar as informações e artigos enviados por jesuitas. A cada passo se lê no folhêto: «fomos informados». E essas informações são verdadeiras? E quem as garante? Eu para escrever não fui informado — vi.

Seja como fôr, não me importa, nem faz ao caso saber-se quem é o *verdadeiro* auctor do livro.

Mas o que interessa muito ao meu intento, e unicamente por isso acabo de fazer estas observações, é ficar bem clara, perante o publico, a cobardia dos jesuitas e seus defensores, cobardia que ainda teremos occasião n'este opusculo de ver em em muitos outros.

Alguns escrevem em defeza dos jesuitas, mas só a estes communicam o nome do auctor para ter jus ás «posições vantajosas» reveladas pelo sr. padre Corrêa Portocarreiro; e não teem a coragem de assignar publicamente o seu nome para assim po-

derem viver uma vida dubia, apparecendo jesuitas onde convenha, e anti-jesuitas onde fizer conta.

Esta falta de coragem, este apparentar duas caras, é uma consequencia muito conhecida e muito triste da influencia jesuitica.

O que porem me causa, não odio, mas pena e lastima, devo confessal-o com sentimento, é que um alumno d'um curso superior não tivesse o brio sufficiente para ou não consentir em ser testa de ferro de ninguem, ou assignar o seu nome e profissão logo na frente do folheto.

Ou se está em circumstancias e se tem coragem para assignar o que se escreve, e então escreve-se; ou se não está em circumstancias e se não tem coragem, e então não se escreve.

Uma publicação anonyma é sempre um mau exemplo para o publico e pouco valor tem entre pessoas instruidas.

Oxalá a edade, o raciocinio e a sciencia tragam esta convicção ao anonymo collaborador d'uma defeza de cuja verdade ou falsidade pouco pode saber.

Entrando no amago do livro, encontramos n'este, como no antecedente, os mesmos processos jesuiticos: insultos, calumnias e falsidades.

Chama-me traidor (pag. 11), paspalho (pag. 84), inepto (pag. 112), má rez (pag. 193), parvo (pag. 115), e mil outros *gros mots*, como dizem os francezes, n'uma linguagem, menos phantastica que a do sr. padre Corrêa Portocarreiro, mas evidentemente mais rancorosa e ferina.

No outro livro presente-se um sujeito que não tem poder nos nervos, n'este sente-se alguem que está ferido, desesperadamente ferido, tendo ainda a setta inimiga a retorcer-se-lhe no musculo.

As calumnias e as insinuações calumniosas abundam ali.

Logo no primeiro capitulo insinua que eu «fôra comprado para escrever contra os jesuitas» e que «pretendi explorar as bolsas do publico».

Mas não apresenta uma prova, um documento, um dicto de testemunha ou de quem quer que seja para confirmar essa calumnia, que é aviltante, porque só se deixam comprar os espiritos cobardes. Se quizesse informar-se, como devia e tanto mais quanto se diz catholico apostolico romano, havia de encontrar, onde o livro foi impresso, bastantes pessoas que lhe attestariam o contrario. Porque a calumnia é falsa, falsissima; e repto o director anonymo a que a prove.

E, comtudo, só a má fé podia levar o director

da *Ordem* a ver no meu livro intuitos de exploração, porquanto o director do *Correio da Noite*, que não me conhecia, dando noticia do meu livro, n'uma local que não se pode taxar de demasiado lisongeira, escreveu entre outras coisas:

«O livro (*Os Jesuitas* etc.) terá por isso grande procura, devendo-se dizer, em abono da verdade, que as suas affirmações são deduzidas geralmente com imparcialidade, o que affasta as suspeitas de especulação, que porventura poderiam recair sobre o volume, ao ler-se-lhe o titulo e especialmente o *aproposito*». (1)

Que differença entre um director e o outro. Mas a differença explica-se: um é conhecido e toma a responsabilidade do que escreve; o outro é um desconhecido, um anonymo.

O director da *Ordem* diz ainda outras calumnias a meu respeito, algumas das quaes serão desfeitas n'outros logares. Mas, como tudo isto não lhe parecesse de bastante effeito para me desacreditar, procurou desacreditar-me o livro por questões grammaticaes dizendo: pag. 6 «que em tudo é reles», pag.

---

(1) *Correio da Noite*, sabbado, 26 de dezembro de 1891, n.º 3:690.

19 «que não tem merecimento algum por qualquer lado que o consideremos», pag. 193 que tem «mil tolices grammaticaes».

As taes tolices grammaticaes consistem em *erros de typographia*, porque o livro foi escripto e impresso em pouco mais de um mez, estando eu longe da cidade onde se imprimia e sem poder revêr as provas pela pressa com que se publicou.

Mas entretanto o director anonymo é que mostra pouco conhecimento linguistico, pois affirma pag. 115 que *sanscritica* se deve escrever *sanskritica* como se n'essa lingua houvesse a lettra *k*, que é grega e não existe em sanscrito e por isso os francezes escrevem com razão *sanscritique*.

Será porém muito verdadeira a apreciação do director da *Ordem* sobre o meu livro; entretanto o sr. D. José Francisco de Paula de Almeida e Silva, ex-jesuita, que esteve oito annos na Companhia e que confessa fôra convidado para escrever sobre o assumpto, e de facto escreveu, deixou impresso na *Nação* (n.º 11:588, 21 de janeiro de 1892, 2.ª pagina):

«O livro (*Os Jesuitas* etc.) é uma bem trabalhada arma de propaganda anti-jesuitica, e nos nossos meios burguezes e populares consiguirá o seu intento etc. etc. . . . »

Entendam-se lá os dois defensores dos jesuitas...

Para refutação do meu livro o director anonymo emprega tres processos — mutila-me os trechos que cita — serve-se de rabulices — e diz falsidades. Vejamos apenas um exemplo de cada um, entre muitos.

Mutilação de trechos. A pag. 260 do folheto da *Ordem*, lê-se:

«Na pag. 300 do seu livro (*Os Jesuitas* etc.), tratando de desacreditar os collegios dos jesuitas, diz que o collegio de Campolide é uma «casa velha, feita de remendos e de nesgas»; na pag. 344, pretendendo demonstrar que os jesuitas são ricos e teem dinheiro, escreve: «No Collegio de Campolide teem-se construido partes novas de grande valor, seguindo uma planta, que conheço, com quatro grandes alas, das quaes uma está concluida. Fizeram-lhe já a um lado uma egreja notavel, com alguns objectos artisticos de preço, como o orgão e os vitraes de figuras a côr, imitação do antigo, mandados vir da Allemanha, obras no valor de muitos contos de réis». De maneira que o Collegio de Campolide serve ao mesmo tempo para mostrar que os jesuitas são pobres e que são ricos. Não

sabemos em qual das duas passagens havemos de acreditar».

E eu sei bem em que hei de acreditar, porque me vejo forçado a acreditar na má fé do director anonymo, pois para *arranjar* a contradicção cortou, na primeira citação, sete palavras que a desfaziam totalmente. A primeira citação, como se encontra no meu livro a pag. 300, é: «Em Lisboa ha o Collegio de Campolide, casa velha, feita de remendos e nesgas; *que se anda refazendo de novo actualmente*». Tirando as ultimas sete palavras, ha effectivamente contradicção, mas copiada na integra a citação, que é bem pequena, não só não ha contradicção mas harmonia perfeita.

E depois de fazer mutilações d'estas insurge-se contra mim, por eu não ter copiado longos trechos do padre Affonso Rodrigues; mas não quiz reparar que copiei a parte que, segundo o mesmo Affonso Rodrigues, «respondia *ao ponto* da difficuldade» (*Resposta* da *Ordem* pag. 64, antepenultima linha); ao passo que elle ahi mesmo, pag. 61, omittiu outra citação, que eu fizera, apenas de cinco linhas e que é importantissima para o caso.

No genero — rabulice — ha coisas que fazem rir. Assim, para desculpar o facto de os jesuitas não mostrarem as Constituições, o Instituto, os Pri-

vilegios e as Annuas da Companhia, o director anonymo diz, pag. 54: «Mas para que hão de mostrar-se esses livros a qualquer pessoa indistinctamente? Para os impios se rirem da sua fé e da sua vida christã? para lhes falsificarem os textos e deturparem-lhes as intenções, como fez Grainha?» — Que defeza tão calva? Se esses livros estivessem patentes a todos, é que ninguem os podia falsificar, porque era facil a qualquer verificar a exactidão ou inexactidão das citações. Por outro lado, como a gente só se ri do que é ridiculo, o director anonymo, fazendo aquella advertencia, dá a entender que ha n'esses livros muitas coisas para rir... e ha tambem muitas outras para não rir, porque são perniciosas á sociedade.

Um exemplo de falsidade historica.

No meu livro, pag. 173, dissera eu, porque o ouvira a um jesuita conhecido de Moigno, «que Moigno tivera de sair da Companhia por teimar em publicar a sua obra *Lições de calculo differencial e integral* contra a vontade dos superiores». O director anonymo, contradictando-me, mas sem apresentar documentos nem auctoridades em contrario, affirma, pag. 147, que «Moigno fôra demittido por violar o voto da pobreza, mandando comprar machinas de grande valor sem licença dos superiores.»

Esta affirmação é falsa, theologicamente e historicamente.

Theologicamente: porque, segundo a Egreja catholica, ha perdão para todos os peccados; e desde que Moigno se arrependesse e confessasse, tudo estava sanado, não havendo perigo de escandalo publico, o qual seria o unico motivo de expulsão. Ora aqui não havia perigo de escandalo, porque os vendedores não se importam nem sabem se quem compra tem ou não tem voto de pobreza, o que querem é dinheiro; demais, todos sabem que os jesuitas compram machinas, e são geralmente os professores de sciencias os que as encommendam; e de certo Moigno não queria as machinas para as ter na gaveta ou trazer na algibeira, portanto iriam para o gabinete da casa.

E historicamente: porque realmente sabe-se a causa da saida de Moigno, que era e foi sempre muito conhecido em Paris e falleceu ainda ha pouco tempo. Eis como Larousse, no artigo sobre Moigno, conta o facto no *Dictionaire du XIX Siècle:*

«Por este tempo, Moigno publicava o *primeiro* volume da sua grande obra: *Lições de calculo differencial e integral* (4 volumes in-8.º) redigidas segundo os methodos e as obras publicadas ou ineditas de Cauchy.

«Acabava o primeiro volume de attrahir a attenção de todos, quando o sabio Padre Boulanger, superior dos jesuitas em França, nomeou o padre Moigno professor de historia e de hebreu no seminario de Laval. Moigno, que, por esta ordem, era forçado a renunciar aos seus estudos scientificos e a deixar Paris, onde já tinha tomado conhecimento com alguns sabios como Thenard, Ampère, Biot, Dumas, Arago, pediu instantemente ao Padre Boulanger que o deixasse continuar nos seus trabalhos; mas o superior não accedeu á sua petição; e, depois d'uma lucta de quatro annos, Moigno retirou-se da Ordem dos Jesuitas para se entregar desembaraçadamente aos seus estudos de predilecção, apezar das difficuldades e miserias que o esperavam.»

Vapereau, no *Dictionnaire des Contemporains*, artigo *Moigno*, apresenta a mesma causa da saida d'este padre, o que tudo condiz com o que eu affirmára no livro anterior.

Eis pois bem claro o motivo da saida de Moigno da Ordem dos Jesuitas. Moigno, depois de publicar o 1.º volume das *Licções*, queria continuar a publicar os outros, e não queria sair de Paris.

Os superiores, porem, queriam forçal-o a sahir de Paris e a dedicar-se a outros estudos. Moigno

não se sujeitou a essa ordem e desobedeceu preferindo sahir da Companhia. Feliz desobediencia, que nos deu os outros tres volumes das *Lições*, que foram publicados por elle já fóra da Ordem.

Da auctoridade de Larousse e de Vapereau, e das razões allegadas, conclue-se quão falsa e futil é a affirmação do Director da *Ordem*, para a qual não adduz nenhuma auctoridade comprovativa. E no folheto ha muitas similhantes, algumas das quaes — as de mais valor — terão ainda refutação n'outros logares.

Os tres processos empregados pelo director da *Ordem* para defender os jesuitas fazem-me lembrar a passagem com que o distinctissimo lente de Theologia da Universidade de Munich, Joh. Huber, termina as suas observações a respeito do modo de escrever historia entre jesuitas:

«Como se vê (diz Huber), é necessario desconfiar de toda a obra historica escripta por um jesuita; porque fazem servir a historia para os fins politicos da Ordem. Não só a Companhia se tem permittido falsificações e suppressões, mas nega a authenticidade das peças mais dignas de confiança e tem até fabricado documentos.» (1)

(1) *Les Jésuites*, l. VIII, pag. 214.

Não terminarei sem archivar uma phrase do auctor anonymo, que confirma o que eu escrevêra a respeito do espirito acanhado do ensino jesuitico e ao mesmo tempo define o auctor quem quer que elle seja.

A pag. 120, achando razoavel que se não permitta aos estudantes jesuitas, geralmente de 17 a 25 annos de edade, a leitura das modernas obras litterarias e philosophicas, escreve esta desculpa: «Nada mais justo: *antes da instrucção está o bem da alma*». De modo que a instrucção oppõe-se ao bem da alma! De modo que a ignorancia é o bem da alma!

Por isso diz, pag. 129, que é perniciosa á educação dos jovens a leitura de obras de Alexandre Herculano, como *A suppressão das Conferencias do Casino* e a *Historia do estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Bem sei: a historia faz-vos mal, muito mal. . e Herculano é o nosso melhor historiador.

E por isso nega, pag. 175, (elle, o anonymo) a auctoridade de Hippeau em coisas de instrucção, quando ainda hoje é este o auctor classico, de todos consultado, sobre a historia da pedagogia em diversos paizes.

Está definido o folheto e o seu auctor.

## IV

### Antonio José Rodrigues da Silva Gandra

A terceira *Resposta*, em ordem chronologica, é a que melhor e mais facilmente serve para mostrar os processos jesuiticos. Toda ella é falsidade, mas falsidade insidiosa e cobarde.

O seu titulo é:

JESUITAS E MAIS ALGUMA COISA

*Estudo pittoresco da Companhia — dentro e fóra da* grainha, *escripto em horas de bom humor — pelo seu auctor — Antonio José Rodrigues da Silva Gandra — doutor e ex-lente de philosophia, bacharel formado na sagrada sciencia theologica pela Universidade de Coimbra, egresso da Companhia de Je*

*us etc., etc., etc.* — PARTE I [1] — *Os Jesuitas em i mesmos — Editor José Fructuoso da Fonseca.*

Quem ler este frontispicio e o livro fica julgan-lo que o auctor tem *realmente* o nome com que as-igna e os qualificativos litterarios que lhe addicio-ıa. E, comtudo, nada mais falso. 1.º Aquelle no-ne é supposto, é um *pseudonymo;* 2.º O auctor do ivro não é um só, são pelo menos dois; 3.º Os ualificativos adjunctos são pelo menos duvidosos.

E' o sr. padre jesuita Affonseca Mattos, chefe os jornalistas catholicos do paiz, quem se encarre-ou de assim o declarar no *Mensageiro do Coração e Jesus,* n.º 133, abril de 1892, pag. 239, onde, logiando este livro, escreve: «A introducção d'este vro mal se poderá comprehender se não se souber ue o auctor não é só um. Pelo menos são *dois*». )ra a *dois* auctores correspondem *dois* nomes, se-arados e completos, logo aquella assignatura é ılsa e portanto um pseudonymo.

Da declaração do sr. padre Mattos resulta: 1.º ue os verdadeiros nomes dos auctores já são co-hecidos pelos jesuitas, que podem convidar para

(1) Até hoje, 26 de agosto de 1892, ainda não me consta a ublicação das outras *Duas Partes* restantes e promettidas.

as taes «*posições vantajosas*» descobertas pelo sr. padre Corrêa Portocarreiro.

2.º que os verdadeiros auctores não tiveram a honradez de declarar ao publico, para quem escrevem, os seus verdadeiros nomes; ficando assim uma porta aberta para a vida dubia, isto é, pro-jesuitas onde convenha, e anti-jesuitas onde fôr conveniente.

Mas afinal quaes são os auctores do livro?

Direi o que me foi indicado, mesmo sem o trabalho de averiguar o facto, que pouco me interessa.

O pseudonymo, com que o livro é assignado, Antonio José Rodrigues da Silva Gandra, contem parte dos verdadeiros nomes dos auctores e deverá dividir-se assim: Antonio—José Rodrigues—da Silva—Gandra. Que vem a ser:

*Antonio* Correia de Menezes,
*José Rodrigues* Cosgaya,
J. *da Silva*,
*Gandra*,

padres e professores do collegio da Formiga no districto do Porto. Ao primeiro pertence o qualificativo verdadeiro de «bacharel formado em theologia em Coimbra», e aos restantes pertencem os outros qualificativos de «egresso da companhia de Jesus» e «doutor e ex-lente de philosophia» (em Hespanha?). Que verdade e valor tenham estes qua

ficativos não o sabemos, porque os diplomas de stabelecimentos estrangeiros não teem valor em arte nenhuma sem novo exame em estabelecimen-s similares nacionaes.

E estas indicações estão de accordo com algu-as passagens do livro, ainda que confusas, a pag. 0 e 82.

Segundo me consta por pessoas competentes e nhecidas d'aquelle bacharel, o sr. padre Antonio orreia de Menezes é o principal e quasi total au-or do livro, tendo apenas recebido informações os outros.

Se realmente o sr. Antonio Correia de Menezes é o ictor do livro, é muito para lastimar e entristecer ie um rapaz novo, já formado e formado em theo-gia, e por conseguinte com a sua carreira feita entro do estado ecclesiastico e com a responsabi-dade de honrar a faculdade que o formou, ande rocurando subterfugios, encostando-se a outros, ara se furtar ás responsabilidades publicas de es-iptor.

N'um estudante, e nos nossos meios, ainda, até erto ponto, se pode desculpar occultar o nome em uestões irritantes. Mas as responsabilidades d'um adre formado n'um curso superior são muito gra-es para que a sua honra não periclite. Assim fica

a gente a pensar que ou não tem do jesuitismo o conceito que apregoa no livro, ou a sua vida não está de accordo com o que escreve, ou nas aulas não ouviu applaudir os jesuitas como diz, ou é um cobarde deshonrando a nova geração academica.

Quando um homem instruido tem certas idéas, defende-as, mas defende-as corajosamente, com lealdade e sem sophismas, sellando-as com o seu nome, e, se necessario fôr, com o sangue quente das veias.

Se eu, em vez de julgar que o jesuitismo é mau, julgasse que elle era bom; em vez de ter escripto e *assignado* um livro contra elle, tel-o-hia escripto a favor, mas tel-o-hia *assignado* egualmente.

Pobres jesuitas! E' para os lamentar. Escreve-se um livro que parece não lhes ter sido agradavel pelo barulho que na imprensa religiosa do paiz fizeram contra elle; saem tres livros a defendel-os, mas os defendentes teem o cuidado previo de ou occultar os nomes em publico ou pelo menos nas capas pôr um titulo vergonhoso para os defendidos.

Coragem! senhores defensores dos jesuitas. Se o jesuitismo é bom, mostrem-nol-o, mas de fronte erguida; se é mau, ponham-se do nosso lado, mas tambem de fronte erguida. Cobardes não se querem cá d'esta banda.

O auctor, que começa enganando o publico tentando fazer passar um nome falso por nome verdadeiro, serviu-se tambem de um estylo já conhecido como mais facil para evitar difficuldades e enganar os ingenuos.

Este estylo, muito usado entre polemistas catholicos que escrevem para o vulgo, consiste em forjar um dialogo em que se finjam a discutir dois contendores, um a favor e outro contra. Resulta, porém, que, como o dialogo é fingido e fabricado só por um dos contendores, este põe na bocca do outro as respostas que quer e como quer. D'ahi vem fatalmente que o adversario apparece sempre vencido; diz sim, quando o outro lhe põe na bocca, sim; e diz não, quando o outro quer que diga não.

E este systema ainda dá a vantagem de se insultar e calumniar o adversario á vontade (e o nosso auctor fel-o largamente) sem se lhe poder exigir a responsabilidade do facto, porque se pode desculpar dizendo que tudo aquillo é pura ficção.

Claro está que esta argumentação insidiosa e falsa, em que o verdadeiro adversario está longe e não pode responder o que se deveria no caso sujeito, só enganará ignorantes e ingenuos. Por isso o jesuitismo defende tanto a ignorancia que já o outro escreveu: «antes da instrucção está o bem

da alma», isto é, o bem de ser enganado por processos bem simples e grosseiros.

Ora francamente, este estylo é arma muito embotada e está melhor n'um pregador d'aldeia do que n'um homem formado que se quer honrar escrevendo.

Por este motivo o folheto ainda tem menos valor contra mim do que os dois atraz analysados, dos quaes tira quasi todas as noticias que dá. Mas tem muito valor para se conhecer como esta gente falta á verdade com a maior semcerimonia, sem sequer se dar ao cuidado de saber se ha documentos em contrario do que affirma. Demos alguns exemplos.

Escrevera eu no livro *Os Jesuitas etc.*, (pag. 132) que «no noviciado o *mestre* dizia aos noviços que, se alguem lhes perguntasse se elles eram jesuitas, e vissem que a pergunta tinha por fim descobril-os ou perseguil-os, deviam responder que não eram jesuitas». O pseudonymo auctor nega isto (pag. 45) e diz mais (pag. 47) que «os jesuitas não negam a sua qualidade».

Ora bem. Abrindo o Relatorio da Commissão de Syndicancia, feita em dezembro de 1880 ao collegio de S. Fiel, da qual era presidente e relator o corajoso lente da Universidade, dr. Refoios, lê-se

a pag. 18: «Todos (os padres do collegio) declararam *una voce* que não pertencem a nenhuma congregação religiosa: mas da resposta accentuadamente negativa dos outros destacam-se a do director Antoni e a do padre thesoureiro; o 1.º disse: «*se me perguntam se eu pertenço a alguma congregação religiosa,* direi que não»; o 2.º declarou no dia 6 que foi educado e ordenado pelos padres da companhia de Jesus, que hoje não pertence a ella, mas que, se o obrigarem a sahir do collegio de S. Fiel, voltará para os seus mestres (sic).»

Entre os padres, cujo nome vem no Relatorio, dois são professos J. B. de Antoni e Mario Arcioni, outros são coadjutores espirituaes e outros eram escholasticos.

E nos *Segredos dos Jesuitas de Portugal*, por N. Branco, que esteve doze annos entre elles, lê-se pag. 6 «Se lhes perguntam (aos noviços) e aos que teem os votos *simples*, se são jesuitas, francamente dizem que não: os professos respondem por egual modo, fazendo uma *restricção mental*, inventada por elles para melhor enganarem e mentirem quando quizerem, sem que de tal os possam arguir».

Em frente d'estes dois documentos, um official e outro particular, o publico julgará da veracidade do pseudonymo auctor.

Outro exemplo. Dissera eu no outro livro, pag. 218 e 220, que o padre Aquaviva nas *Industrias*, das quaes reproduzi alguns trechos, dava a conhecer a existencia de jesuitas indifferentes e de jesuitas mais amigos da propria gloria do que da virtude. O pseudonymo auctor, pag. 125 e outras, affirma, chicanando, que as palavras de Aquaviva não indicam que elle tivesse notado taes especies de jesuitas, mas que simplesmente as previne. Ora a gente abre as *Industrias* do padre Aquaviva e lê logo no *Proemio* que o proprio Aquaviva nos diz que vae escrever «o que notou com a cuidadosa observação de muitos annos» *(quae sedula observatione tot annorum spatio deprehendi)*. (1)

Outro exemplo ainda. Escrevera eu (pag. 140) que os *exercicios espirituaes* se fazem em sitio escuro, impedindo-se de entrar a claridade do dia. O pseudonymo auctor nega (pag. 50) o facto de se exigir escuridade nos aposentos onde se fazem os *exercicios*. E a gente abre o livro dos *Exercicios*, escripto por S. Ignacio de Loyola, auctor d'elles, e lê, nas observações sobre o modo de os fazer *(Additiones ad exercitia melius agenda)*, a septima que diz «privar-se de toda a claridade da luz, fechan-

(1) *Institutum Societatis Jesu*, tom II. *Industriae* etc.

do portas e janellas etc.» *(privare omni lucis claritate claudendo fenestras et januas etc.)* (1)

E assim continua o livro entretecido com falsidades sobre coisas que qualquer pode conhecer logo nos primeiros seis ou sete mezes de noviciado, o que faz suspeitar que nenhum dos auctores passou sequer pelas portas do Noviciado da Ordem.

E como elles previam que, com tanta ignorancia das coisas da Companhia, seria facil ficarem envergonhados, por isso occultam os nomes, e discutem comigo — mas na ausencia — para que lhes não podesse mostrar os fundamentos das minhas verdadeiras respostas.

Continuem tranquillamente a enganar os ignorantes, senhores professores pseudonymos, já que ensinam (pag. 82) a doutrina de que «a morte moral do pensamento é a philosophia livre», como se podesse existir verdadeira philosophia que não fosse livre, e chamam «joldra» (pag. 49) a Flaubert, Zola e Daudet, chefes dos modernos processos litterarios; e já que no nosso paiz, ao contrario dos paizes adeantados, é permittido dirigir estabelecimentos de ensino, e ensinar, sem ter diploma official de habilitação para esse effeito.

---

(1) *Institutum Societatis Jesu,* tom. II. *Exercitia spiritualia.*

## V

### Os jornaes catholico-jesuitas

Uns certos jornaes catholicos do paiz metteram-se desde o principio na questão jesuitica, levantada por mim, e, mostrando-se solidarios com os jesuitas, atacaram-me durante mezes. Não fallarei senão d'aquelles dos quaes me chegaram ás mãos alguns numeros enviados por amigos. Ainda assim tenho deante de mim um bom maço d'elles, que corresponde a um bom maço de insultos.

Convem, pois, para um completo conhecimento do Portugal-Jesuita fazer um pequeno estudo sobre o proceder d'essa imprensa.

N'este capitulo, como nos outros, limitar-me-hei quasi exclusivamente a fazer citações; e o leitor ajuizará por si da sciencia, do criterio, da boa fé e do s

A primeira coisa que esses jornaes pretenderam (e não conseguiram) foi que o meu livro anterior se não lesse. Mas com que criterio o fizeram? Parece incrivel!

*O Commercio do Minho*, jornal legitimista de Braga (n.º 2793, 5.ª feira, 26 de novembro de 1891, pag. 2.ª, columna 2.ª) escreveu: «Foi espalhado por ahi o prospecto d'um livro — *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos*... Pelos *titulos* dos capitulos se conhece a peça. *Ha-de ser* a reedição de todas as calumnias que contra os jesuitas teem sido urdidas desde o parlamento de Paris de 1762... Repetimos: ficam prevenidas as familias honradas, para não admittirem no seu seio o livro, que *ha-de ser* infame por força.» Que se deve dizer d'um jornalista que, sem ler um livro, o julga só pelo annuncio dos titulos dos capitulos! Que dirá elle do livro do director da *Ordem,* que tem os mesmos titulos, e é totalmente opposto ao meu! E depois que criterio tão justo e sensato expresso nas palavras «ha-de ser infame por força»!

Está-se aqui a vêr a falta, no redactor, d'um curso de lyceu com philosophia e litteratura.

Na *Palavra* (n.º 146, 3.ª feira, 1 de dezembro de 1891, pag. 1) está escripto: «Entre os annun-

cios dos jornaes mais lidos encontra-se um assim intitulado, *Os Jesuitas* etc. . *Não* li o livro, a que acima alludo *nem o quero* lêr; o seu frontispicio define-o solemnemente e o arrazoado dos capitulos decifra-se em duas palavras: morte ao jesuita».

Mas o mais curioso ainda é que o escriptor, não tendo lido o livro, o critica e julga, e diz que «n'elle ha a calumnia revestida de quadros lugubres e quem sabe? os mais obscenos» e que n'elle «dizem-se babuseiras, disparates, mentiras, calumnias; passa-se impunemente e com o maior desplante por cima do que ha mais sagrado e santo na terra e no ceu! blasphema-se de Deus e injuriam-se os homens» E emprega duas columnas a fazer por esta forma a critica d'um livro que só conhece pelo annuncio. Claro está que esse escriptor (quem quer que elle seja teve o cuidado de occultar o nome atraz d'um pseudonymo e fez muito bem em vista da sua obra) não estudou os mais simples elementos de litteratura dos lyceus, onde se ensina a critica litteraria e a historica.

A *Ordem* (n.º 1:439, 2.ª feira 13 de junho de 1892) passa ainda ávante, e prophetiza já sobre o livro, que n'este momento estou escrevendo, n'estes termos

«*Novo disparate* — Dizem-nos que o sr. Manuel

Borges Grainha está perpetrando (sic) um novo livro sobre jesuitas e congregações religiosas... Dizem-nos mais que os defeitos do novo livro serão apenas as mentiras e calumnias, porque a parte grammatical é competentemente revista por um sujeito muito entendido em questões de virgulas».

Uma prophecia e uma falsidade — que hei de escrever mentiras e calumnias, e que o livro é revisto por pessoa differente do auctor. — E tudo isto sobre um livro que ainda se está a escrever!

Que jornalistas! Estes redactores julgarão que não ha gente sensata e mediocremente instruida lá no seu campo?! Parece que assim o julgam.

Apezar de todas estas criticas, feitas sem ler o livro, e apezar de toda a boa vontade de que o livro se não lesse, o certo é que foi muito lido e teve algum successo, porque se venderam a seguir mais de dois mil exemplares logo ao principio.

Era necessario, pois, tomar por outro caminho: era necessario desacreditar um auctor, cuja obra estava incommodando. E isso pode-se fazer, com plena tranquillidade de consciencia dentro da doutrina jesuitica, porque o padre jesuita Gury diz «que é permittido revelar os crimes verdadeiros e occultos de qualquer pessoa quando ha uma verda-

deira causa; e uma d'ellas é impedir um mal que ameace a religião ou qualquer communidade.» (1) De modo que, quando qualquer pessoa ataca a religião, o meio de a combater não é a discussão leal e sem sophismas, é... publicar os crimes do sujeito... a questão pessoal!

Mas a difficuldade estava em achar crimes verdadeiros ou causas verdadeiras para me desacreditar; porque um meu antigo condiscipulo de collegio, Benevenuto de Sousa, hoje padre, n'um artigo, em que me atacava, deixou escapar uma confissão preciosa e é que nos meus seis annos de collegio «me viu premiado e honrado por todos» (2); o sr. padre Corrêa Portocarreiro confessou, como já vimos, que no meu tempo de religião «nunca soube de mim maculas occultas»; e um anonymo que se diz meu ex-discipulo, n'um artigo, que é uma diatribe contra mim, viu-se obrigado a escrever a respeito do meu tempo de collegio «que cursei com aproveitamento», a respeito do meu tempo de religião «que com intelligencia regular e *applicação assidua* (que é a melhor virtude d'um estudante) e

(1) Tratado do VIII preceito do decalogo, cap. II, 447.

(2) *A Palavra*, n.º 186, 5.ª feira, 21 de janeiro de 1892, pag. 1.ª, columna 2.ª

com mestres que me dirigiam etc. saí, diga-se em abono da verdade, um discipulo aproveitavel», e que «no Curso Superior de Lettras obtive sempre optimo e excellente resultado», e «que no concurso para uma das cadeiras do lyceu fui bem classificado». (1)

Ora com uma folha corrida tão lisongeira, passada por inimigos e insultadores, e escripta em jornaes catholicos — note-se bem — logo nos primeiros dias da questão, parece que eu estava ao abrigo de qualquer insulto por parte d'estes jornaes, com respeito ao meu modo de proceder moral e intellectual. Mas não foi assim, porque já Pascal tinha descoberto, entre as maximas jesuiticas, que, quando não ha motivo verdadeiro de descredito, pode-se invental-o, o que apenas é peccado venial — « *Ce n'est qu'un péché véniel de calomnier et d'imposer de* ***faux*** *crimes pour ruiner de créance ceux qui parlent mal de nous*». (2)

Com estas maximas não admira que os redactores catholicos do paiz, e seus correspondentes, tenham inventado as falsidades que lhes approuve,

---

(1) *A Palavra*, n.º 146, terça feira, 1 de dezembro de 1891, pag. 1.ª, col. 1.ª e 2.ª

(2) *Les Provinciales*, quinzième lettre, pag. 282.

em locaes que tenho actualmente deante dos olhos, mas que nem sequer vale a pena desmentir. Nem admira tambem que me chamem a cada passo, em prosa e verso nomes insultuosos e grosseiros, como infame, malandro, etc.

A *Palavra* (n.º 203, 2.ª pag.) publicou um suelto com o titulo *Guilhermina que o não é,* no qual, com o intuito de me amesquinhar, inventava uma scena em que punha em paralello com uma rapariga de má nota uma pobre senhora que não conheço, mas que me dizem ser uma virtuosa anciã sustentada pela casa real em attenção ao marido que morrera pobre; e não reproduzo a invenção n'esta obra para não contribuir á deshonra com que a maculou o jornal catholico.

O pseudonymo auctor do folheto *Jesuitas e mais alguma coisa* tambem inventou muitas scenas, n'este sentido, que alguns ingenuos terão acreditado. (1)

Mas n'esta campanha de diffamação, forjando

(1) Tenho presente uma carta que me foi enviada por um caixeiro d'uma livraria, dizendo não ser verdadeiro o facto que lhe attribue o auctor d'aquelle folheto a pag. 177, e mostrando-se indignado com o procedimento do citado auctor. O pseudonymo nem vale uma indignação, elle inventou isso e muito mais e para esse fim fingiu um dialogo onde eu não estava presente.

falsidades, levou a palma a *Nação,* a ponto de julgar conveniente, para edificação do publico, mostrar algumas d'essas calumnias.

*A Nação,* como leu que eu tinha abandonado a direcção d'uma revista litteraria por ter occupações importantes, inventou logo que sobre as minhas relações financeiras com a administração da tal revista «corriam por ahi coisas pouco edificantes».

A questão era d'essas que não podem soffrer demoras de rectificação e por terceira pessoa fiz chegar á redacção do jornal prova do contrario.

Obrigado a rectificar á vista de documento, ainda que não o fez, como devia, errando até o nome do signatario do documento, viu-se forçado a escrever: «por nossa parte nada affirmamos, porque *nada sabemos n'este poncto* contra o sr Grainha». (1) Então se *nada sabe,* como *sabe* que correm coisas pouco edificantes?

Desalojado d'este campo, o campo moral, procurou outro, o intellectual, e escreveu: «Ninguem que comparar o libello do falso Grainha poderá deixar de achar este escrevinhador um alvar rabiscador, sem nenhum valor moral, nem intellectual. E é pre-

(1) Veja-se *A Nação* n.º 11:586, sabbado 16 de janeiro de 1892, 2.ª pag., col. 1.ª e 2.ª

ciso que se saiba que este desgraçado pavoneando-se com o seu curso superior de lettras foi n'elle um estudante muito inferior apanhando o seu R e fugindo de concorrer em Lisboa aos logares do magisterio, onde encontraria examinadores d'esse curso de quem se arreceou por muito conhecido, e safou-se para os concursos de Coimbra, onde entre quatro concorrentes a tres cadeiras, foi o quarto classificado, pelo que devia ter ficado fóra, sem a protecção do sr. José Luciano, que lá pôde anichar este producto incapaz! Depois andou pelo Porto, Aveiro, e Braga, d'onde tem sido expulso pela repulsão geral que inspira» (1)

Este periodo da *Nação* é um amontoado de calumnias desde a primeira á ultima palavra, podendo-se desfazer com documentos officiaes, que o articulista poderia ter consultado, se o seu fim não fosse calumniar. E, senão, veja o leitor.

No periodo diz-se que «eu fui no curso de lettras um estudante *muito inferior,*» quando é certo que pelo menos fui o *primeiro* estudante do meu curso. Porquanto dos 10 alumnos, que nos matriculámos

(1) *A Nação* n.º 11:598, terça feira, 16 de fevereiro de 1892, pag. 2.ª col. 1.ª

em 1886, fui eu o *unico* que fiquei approvado nas disciplinas do 1.º anno, logo na primeira epocha. No 2.º anno frequentámos apenas 2 alumnos e eu fui o *unico* que fiquei approvado. Fui tambem o *unico* do meu curso que passei na epocha normal para o terceiro anno e que conclui o curso não só *sem reprovação,* mas com algumas distincções. (Consta dos respectivos livros da matricula e dos exames do Curso Superior de Lettras)

No mesmo periodo diz-se «que fugi de concorrer em Lisboa aos logares do magisterio», quando a verdade é que n'essa occasião, na circumscripção de Lisboa, não havia logar vago no continente, havendo-o apenas nas ilhas para onde eu não pretendia ir. (Consta do *Diario do Governo).*

Diz-se mais «que, em Coimbra, entre quatro concorrentes a tres cadeiras, fui o quarto classificado», quando a verdade é que fui o *primeiro* classificado, obtendo eu 14 valores e os outros todos menos: e o favor que devo ao sr. José Luciano é ter sido despachado em segundo logar, devendo-o ter sido em primeiro. (Consta do livro dos termos dos resultados das votações nos concursos aos logares de instrucção secundaria, circumscripção de Coimbra, 1888.)

Diz-se tambem no periodo da *Nação* que «ten-

do andado pelos lyceus do Porto, Aveiro e Braga, d'elles tenho sido expulso pela geral repulsão que inspiro», quando a verdade é que tendo sido despachado em 1888 para o lyceu d'Aveiro, n'elle leccionei perto de dois annos; de cujo serviço tenho um attestado muito honroso (que deve existir na Direcção de Instrucção Publica annexo ao meu requerimento de candidato ao magisterio) passado pelo reitor d'esse lyceu, conego José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, hoje fallecido, onde se lê «Attesto que o ex.mo sr. Manuel Borges Grainha, professor n'este lyceu, tem mostrado inteira competencia no ensino e promovido o adiantamento dos seus alumnos, portando-se nos exames com rectidão, e imparcialidade nos julgamentos. — Aveiro, 20 de setembro de 1890.»

D'este lyceu requeri para concorrer a uma vaga do lyceu de Braga, ao qual pertenço actualmente, para o que tive de fazer concurso de grego, ficando approvado com distincção, obtendo 15 valores. E do actual Reitor d'este lyceu, o ex.mo sr. Padre Julio Celestino da Silva, tenho o seguinte attestado. «Attesto que o supplicante (Manuel Borges Grainha) fez parte dos jurys de exames de geographia, historia, philosophia, litterarura e inglez, durante a primeira epocha do actual anno lectivo, n'este ly-

ceu, prestando-se sempre da melhor vontade e dedicação para tal serviço, e havendo-se tambem sempre com a dignidade propria de examinador justo. imparcial e independente. — Braga, 30 de julho de 1892».

No lyceu do Porto apenas tenho estado em epochas de exames, por nomeação do governo; e do dignissimo Reitor d'esse lyceu, dr. Illidio Ayres Pereira do Valle, tenho o attestado seguinte, que deve existir na Direcção Geral de Instrucção Publica: «Attesto que o ex.mo sr. Manuel Borges Grainha tomou parte nos exames de instrucção secundaria no lyceu Central do Porto na primeira epocha do anno lectivo de 1889 a 1890, como membro dos jurys de Lingua e Litteratura Portuguezas, e que no desempenho d'esta commissão de serviço se houve pela forma mais cabal e satisfatoria a todos os respeitos e com o maximo zelo, dignidade e competencia. — Lyceu Central do Porto, 11 de setembro de 1890.»

Já vê pois a *Nação* que «o alvar rabiscador, sem nenhum valor moral, nem intellectual», como me chama, tem os melhores documentos moraes e intellectuaes; e que só, por uma inqualificavel necessidade jesuitica de calumniar e desacreditar o adversario, cujas verdades incommodavam, podia ter

escripto aquelle periodo entre muitos outros do mesmo jaez.

Que admira, porem, que a *Nação* se tenha atirado falsamente, para me aggredir, á questão pessoal, se o sr. padre jesuita Mattos lhe deu o exemplo no *Mensageiro do Coração de Jesus* (n.º 131, fevereiro de 1892, pag. 96). Mas o sr. padre Mattos é muito mais jesuita que o redactor da *Nação*, e por isso não defende os jesuitas directamente nem me insulta directamente, e nunca pronuncia a palavra jesuita nem o meu nome. Assim querendo chamar-me «vicioso incorrigivel» applica-me a seguinte phrase escripta pelo sr. Ferreira Deusdado na *Revista de Educação e Ensino* (n.º 12 do 6.º anno, pag. 538): «A educação religiosa é um importante factor do caracter; mas para as naturezas... ruins chega a ser impotente, porque esses individuos são quasi sempre *os viciosos incorrigiveis*..., e ou saem voluntariamente da Ordem ou ella os expulsa.» (1)

(1) O artigo do sr. Ferreira Deusdado a que se refere o sr padre Mattos, parece ter sido publicado depois em folheto com o titulo *O Recolhimento da Môfeita e o Espirito das ordens religiosas*, que não pude lêr, porque não o encontrei posto á venda, nem em Lisboa nem no Porto, e só tive noticia d'elle pelo n.º 132 do novo *Mensageiro*, de março de 1892, no qual o sr. padre jesuita Mattos diz: «Merece agradecimento o illus-

Com que então, sr. padre Mattos, eu sou um *vicioso incorrigivel,* apesar de ser premiado em estudante, de não ter maculas occultas dentro da Ordem, *de os superiores instarem vivamente commigo para ficar n'ella,* como fica provado, e apezar de ter, na vida publica, optimas classificações e attestados passados por pessoas seriissimas.

Com que então, sr. Ferreira Deusdado, os que saem das Ordens Religiosas são quasi sempre os *viciosos incorrigiveis,* desde o allemão Luthero até ao francez Moigno, ao italiano Curci, ao hespanhol Mir, e aos portuguezes Capella, Portocarreiro, D. José de Almeida, e a uma multidão d'outros que teem saido da Companhia de Jesus em Portugal n'estes trinta annos, como mostrarei adiante?

Entretanto, para melhor estudo d'este poncto de criminologia, dir-lhe-hei que existem em Portugal, só dos que eu conheço *saidos* da Companhia de Jesus em alguns annos, 4 professores de lyceu, 1 de escola agricola, 1 de seminario, 4 de institutos particulares de ensino sendo 2 directores d'elles, 2 empregados publicos, 1 parocho, alem d'outros que

---

trado professor publico por tal escrever e publicar sem temer o *que dirão* certas criticas levianas, que por desgraça constituem ás vezes a chamada *opinião publica* nos tempos que vão correndo». Pena foi que se não puzesse á venda.

morreram já, e d'outros ainda vivos e cuja profissão actual ignoro: posso indicar nomes e moradas, quando fôr necessario. Todos estes serão *viciosos incorrigiveis?*

Assim se estudam os homens! O sr. padre Mattos nota com um ponto de admiração (!) o seguinte commentario que elle faz áquella phrase do sr. F. Deusdado: «N'esta *Revista de Educação e Ensino* escreve o sr. Adolpho Coelho, que algumas vezes tenho combatido, e o sr. Visconde de Ouguella, *grão-mestre da Maçonaria!*» Parece admirar-se da collaboração reunida d'aquelles tres cavalheiros.

E o jesuita continua, referindo-se ao meu livro, na sua linguagem bizarra:

«Até alguns jornaes republiqueiros impiotes tacharam o livreco de infame. Só o *Seculo*... oh! o *Seculo* dos *Theophobos* (é o nome que dá sempre ao sr. Theophilo Braga) e mações *limeiros* como haviam de abandonar um *theophobosinho* (muito agradecido) maçozinante em começo? Mas esses mesmos.. limitaram-se, e via-se que estavam a garatujar constrangidos. Emfim castigo de Deus, que não precisa de pau nem de pedra.. O menino quer ir para Vianna ou voltar para Aveiro; mas parece que todos lhe torcem a cara!...» Sobre o

mesmo assumpto Monsegnor Almeida Silvano escreveu precisamente o contrario na *Palavra* (n.º 176, janeiro de 1892) «Vae em dois mezes que os orgãos republicanos e liberaes de 10 réis não cessam de tocar a buzina e soprar ao fagote para fazer chamariz a um pamphleto.» *Os Jesuitas* etc.» Quem fallará verdade? o sr. padre Mattos ou o sr. Almeida Silvano? Parece que a votação é a favor d'este ultimo, porque o primeiro não cita nenhum dos taes jornaes «republiqueiros impiotes», e eu tenho presente grande numero de jornaes elogiando o livro, republicanos e não republicanos, não só portuguezes, mas até estrangeiros, como o *Liberal* e as *Dominicales* de Madrid, a *Avançada* de Barcelona e o *Jornal do Brazil* do Rio de Janeiro.

De resto que terá o Coração de Jesus com que eu queira ir para Vianna ou para Aveiro? Sinto declarar-lhe que não adivinhou o meu desejo? Mas tudo isto é escripto para enganar os rapazes filiados na Ordem, mettendo-lhes medo para não sairem nem escreverem contra ella.

Enganar: eis o que estes jornaes pretendem, e conseguem em grande escala no seu meio devoto. Enganar, e enganar a todos os respeitos, como prova a seguinte noticia da *Ordem*.

*A Ordem* (n.º 1:449, 2.ª feira, 27 de junho de

1892, 1.ª pag., 4.ª col.) n'uma local, com o titulo *Eleições na Belgica*, dando conta do resultado do apuramento geral da votação, accrescentava: «Os catholicos venceram em circulos onde sempre ficaram derrotados pelos liberaes. De eleição para eleição *cresce* a maioria catholica.» Isto é simplesmente falso. E' certo que a maioria nas duas camaras ainda é catholica, mas o que é falso, falsissimo, é que essa maioria tenha *crescido;* porque a verdade é que *decresceu*, tendo pelo contrario *augmentado* o numero dos liberaes. «Na legislatura actual os liberaes são mais, muito mais, que na anterior»: foi esta a resposta que recebi no consulado belga em Lisboa, onde me fui informar particularmente em 24 de agosto ultimo; o que de resto, muitos jornaes noticiaram na occasião.

E o *Seculo* de 19 de junho sob a mesma epigraphe de *Eleições na Belgica*, com numeros extrahidos dos jornaes belgas, fazia notar que na capital, Bruxellas, os liberaes tinham obtido uma victoria completa. Nos centros mais illustrados a liberdade do pensamento domina. A illustração popular na Belgica não corresponde ao seu commercio e industria, á medida que progredir a instrucção veremos quem vence. Por isso a *Nação* (n.º 11:584) chama *flagello de Deus* ao socialismo.

## VI

### Monsegnor Almeida Silvano

De todos quantos escreveram contra o meu li-
ro, o homem que mais espanto me causou foi Mon-
egnor Almeida Silvano, não por causa do Almei-
la Silvano, mas por causa do Monsegnor. Não sa-
ia que o antigo estudante, director do jornal *A*
*Ordem,* jornal que chegou a ser censurado pelo sr.
Bispo-Conde, tinha sido elevado á dignidade de
Monsegnor. E não sabia tambem que um Monse-
gnor podesse escrever o que o leitor vae lêr.

Historiemos.

No livro *(Os Jesuitas* etc.) pag. 178, fallando do
padre Antonio Vieira, classico portuguez e jesuita
celebre, affirmara eu tres coisas: 1.ª que Vieira fô-
ra perseguido pela Inquisição; 2.ª que fôra perse-
guido pelos proprios jesuitas; 3.ª que morrera pri-

vado do voto que, como professo, tinha nas coisas da Ordem.

E dissera que estas coisas eram tão verdadeiras que até o padre André de Barros, apezar de jesuita, as historiara na Vida, que escreveu, d'este celebre orador.

Como o meu livro tinha de ser resumido, para ser popular, não dei mais extensão ao assumpto: mas tinha conhecimentos de sobejo para escrever aquellas linhas, porque desde 1877 a 1882 pudera ler, vivendo entre jesuitas e á falta d'outros livros, a Vida de Vieira, os tres volumes das suas cartas, e os 14 volumes dos seus sermões, e tinha convivido com o padre Honorati, que tentou refundir aquelles sermões (1) e que conhecia a fundo a vida do nosso classico.

Monsegnor Almeida Silvano tomou á sua conta estudar os pontos historicos, por mim indicados. E estava no seu direito. A elucidação d'um ponto historico, feita segundo as regras da critica impar-

(1) Os sermões refundidos appareceram com o titulo de *O Chrysostomo Portuguez;* no 1.º volume e talvez no 2.º collaboraram tambem os padres jesuitas João Seraphim e Joaquim Campo Sancto; nos outros Honorati foi menos auxiliado; até eu, tendo 16 annos, fui encarregado de rever algumas provas de typographia.

cial, illustrada e philosophica, é sempre um bom serviço ao publico.

Mas um escriptor, que quizesse tractar largamente d'aquelles pontos, o que devia fazer?

Devia ler toda a obra de André de Barros; devia examinar se n'ella havia passagens que se referissem aos factos por mim indicados, tendo o cuidado de reparar que o biographo era um jesuita.

Notadas essas passagens, devia averiguar que influencia tiveram os factos narrados no andamento geral da vida de Vieira. E para isso devia estudar a historia geral dos jesuitas e até a profana n'essa epocha, porque, como sabe qualquer simples estudante de historia, um facto particular está relacionado com factos geraes da mesma epocha.

Mais: devia tambem estudar quaes eram os superiores jesuitas d'essa epocha, e examinar quaes poderiam ter perseguido Vieira e quaes o poderiam ter defendido; e devia tambem, se apparecessem casos de perseguição, examinar as causas d'elles. Feito todo este estudo prévio cuidadosamente, devia começar os seus artigos, entrando logo na analyse das passagens de André de Barros referentes aos pontos indicados; e essa analyse devia ser feita segundo as regras rigorosas da critica historica,

e com a linguagem clara, simples e serena exigida pela critica litteraria.

E que fez o Monsegnor?

E' espantoso o que elle fez.

Começa em 24 de janeiro de 1892 — repare-se bem, em ***24 de janeiro*** — a escrever na *Palavra* artigos e mais artigos sobre a vida do padre Vieira desde a sua creancice, como se alguem se occupasse a perseguir uma creança, até a sua velhice, *deixando de parte* tudo o que podesse indicar perseguição ao padre. Gasta-se n'isto até 13 de fevereiro, estabelecendo desde o principio ao fim «que na vida do padre Vieira, por André de Barros *não* se encontra *coisa alguma* que se pareça com o que affirma o sr. Grainha,» (1) e mostrando-se «horrorisado com a infamia da minha obra, com a minha degradação de escriptor» e (n.º 234) «com o meu requintado impudor».

Eu ia lendo os artigos, que me eram enviados por um amigo, pasmava da probidade litteraria de Monsegnor, e chegára até a mostrar a um defensor do partido catholico duas passagens de André de Barros onde havia signaes de perseguição a Vieira.

Mas eis, senão quando, em ***25 de março,*** preci-

(1) *Palavra*, n.º 189, 24 de janeiro de 1892, 1.ª pag., 2.ª col

samente *dois mezes depois*, parada quasi a questão, quando os leitores da *Palavra* estavam fartos de ouvir a Monsegnor que «não se encontrava coisa alguma que indicasse perseguição a Vieira» — eis senão quando, *dois mezes depois*, Monsegnor vem dizer, muito tranquilla e docemente, na *Palavra*,— que sim — que sempre havia alguma coisita — «que, com effeito, ha *dois casos* em que o Padre Vieira foi objecto de queixas ou *reparos de alguns padres jesuitas.*»

E vem dizer isto em 25 de Março, (1) depois de ter affirmado em 24 de janeiro que «não havia coisa alguma», de ter *saltado* esses casos nos seus logares competentes chronologicamente, e de me ter enchido de insultos violentos que inçam os artigos, que tenho á vista. No que commetteu Monsegnor tres peccados graves: peccou contra a probidade litteraria, porque saltou no logar proprio e chronologico um facto que se deu logo no principio da vida publica de Vieira e que influiu n'ella, como veremos, enganando portanto os seus leitores com essa mutilação ou salto; peccou contra a probidade historica porque affirma «que não havia coisa alguma que se parecesse com o que eu affir-

(1) *Palavra*, n.º 239, 25 de março de 1892, 1.ª pag. e 1.ª col.

mára», quando confessa «haver dois casos»; e peccou contra a probidade christã insultando-me e gritando contra a «degradação e impudor d'um escriptor», que fundava as suas affirmações em casos que afinal o insultador reconhece existirem.

E aos artigos em que assim se falta á probidade chama o sr. padre jesuita Mattos «artigos magistraes»! (1)

Mas, se Monsegnor peccou tanto por omissão nos seus artigos até 25 de Março, n'este não deixou de peccar menos e talvez mais. E para que o leitor possa julgar n'este pleito, entre Monsegnor e a minha humilde pessoa, vou fazer duas coisas: primeira, mostrar, com auctoridades competentes, que nos dois factos apresentados por Monsegnor já ha prova sufficiente das minhas affirmações anteriores; segunda, esboçar um resumo da vida do padre Vieira, com datas, factos, razões e confrontos com a historia geral dos jesuitas e de Portugal n'essa epocha, já que Monsegnor a truncou e saltou e se esqueceu de se referir á historia geral da epocha, que é lei elementar em critica historica.

(1) *Mensageiro do Coração de Jesus*, n.º 135, Junho de 1892, nas capas.

Estudemos

O PRIMEIRO CASO

apontado por Monsegnor e colloquemol-o na epocha em que se deu chronologicamente, onde fôra saltado por elle, e o leitor verá a sua importancia. Seguiremos André de Barros na vida de Vieira, edição da Bibliotheca Nacional, e Larousse no *Dictionnaire du XIX siécle*: livros, portanto, faceis de consultar.

Vieira nasceu em Lisboa em 1608, sendo levado para o Brazil em 1616, com oito annos de edade, por seu pae, que foi residir na Bahia. Aqui estudou no collegio dos jesuitas, e em 1623 — aos 15 annos de edade — entrou na Companhia de Jesus. Em 1635, com 27 annos, foi ordenado sacerdote, tendo feito um curso brilhante. Em 1641, quando na Bahia se soube da restauração de Portugal, o Vice-Rei, D. Jorge de Mascarenhas, mandou a Lisboa seu filho, D. Fernando, dar vassalagem ao novo rei, D. João IV; e por companheiros do filho mandou dois jesuitas nobres, Simão de Vasconcellos e o nosso Antonio Vieira, porque os governadores geraes e os reis, n'aquella epocha, dispunham quasi discrecionariamente dos seculares e muito mais dos religiosos. Chegado a Lisboa, Vieira appareceu no paço com D. Fernando

e logo ás primeiras entrevistas cahiu nas boas graças de D. João IV, que a pouco trecho o julgou homem recto e intelligentissimo e o tomou por seu prégador e conselheiro. Ouvia-o em tudo, interrogava-o sobre negocios seculares e ecclesiasticos, dirigia-se pelas suas palavas, que resultavam sempre justas e proveitosas, e serviu-se d'elle como embaixador enviando-o a varias côrtes.

A inveja, suscitada por estes favores do rei e pela eloquencia do padre, começou de apparecer. «Contra esta celebridade de nome e applauso sahiu intrepidamente a emulação tão cega na propria infamia, como na honra alheia»: (1) escreve André de Barros, e continúa referindo as invejas e satiras de que foi victima por parte de seculares e religiosos de outras Ordens, e segue immediatamente, sem interrupção alguma, a narrar o tal *primeiro caso*, que Monsegnor se permittiu saltar n'este logar e publicar só dois mezes depois.

Eis as palavras de André de Barros: (2)

«Corria n'este tempo o alto conceito e confiança, que do seu profundo juizo, e vastissima comprehensão

(1) Vida do padre A. Vieira, pag. 23.

(2) O leitor intelligente terá o bom senso de reparar que este historiador é um jesuita a falar de jesuitas, e que na Or-

fazia o augustissimo Rei: communicava com elle os mais arduos e occultos negocios, que n'aquelle tempo opprimiam a Monarchia, como logo referiremos; e esta *privança* e *favor* em Palacio, deu occasião ao zelo a julgar que o Padre Antonio Vieira *intentava* com o Soberano *introduzir novidades* na Companhia de Jesus; sempre n'ella, e em qualquer Religião, de muito damnosas consequencias. A união e theor com que se fundára esta provincia, na consideração de alterado, fez tal impressão em muitos animos, que se temeu o religiosissimo coração de Vieira que a Companhia de Jesus o *demittisse* de si. Chegou *esta vez* a *furia* dos ventos ao Olimpo.» (1)

Leamos agora Larousse, no artigo—Vieyra (Antoine).

«*Desde* 1652, — attente-se bem n'este *desde* — os jesuitas, irritados por uma medida que lhes embaraçava a prégação no Brazil, e que julgavam aconselhada por elle (Vieira), quizeram *expulsal-o* da sua Sociedade como *innovador.*»—«*Dès* 1652, les jésuites, irrités d'une mesure qui leur interdisait la précadition au Brésil, et qu'ils avaient cru conseillée par lui, avaient volu *l'exclure* de leur societé comme *novateur*».

---

dem não se podem publicar livros sem auctorisação dos Superiores, segundo prescreve a Regra 42 do *Summarium Constitutionum* (*Institutum S. J. tomo I*), e que por tanto certos factos serão narrados com demasiado artisticos correctivos.

(1) Vida do padre Vielra, pag. 24.

N'estas citações d'um biographo jesuita e d'outro profano vemos: 1.º que os jesuitas incriminaram o padre Vieira de *innovador*, 2.º que o quizeram *expulsar*, 3.º que a *furia* contra elle subiu *ao mais alto* grau.

E Larousse, que nos diz que os jesuitas estavam irritados com o padre *desde* 1652, indica mais abaixo que elle em 1688 tinha reentrado nas graças da sua Ordem, sendo nomeado, pelo Geral, Visitador da Provincia do Brazil. E n'este largo periodo, André de Barros ainda nos diz que Vieira foi accusado ao Padre Geral: «ainda houve zelo que deu conta ao Padre Geral de algumas coisas que notava de menos acerto no Padre Vieira», (1) e indica tambem que essas accusações eram calumniosas.

Ora parece-me que o facto de os jesuitas terem Vieira por *innovador*, de o *accusarem* ao Geral, de o quererem *expulsar* e d'esta *furia* chegar ao *mais alto grau*, não são signaes de muita amabilidade para com um homem e exprimem perseguição, e muito mais se tivermos em conta aquelle *desde* de Larousse, que indica que a perseguição assim como foi grande tambem foi prolongada, o que é já uma confirmação do que eu disse, porque isto dava-se

(1) Vida do padre Antonio Vieira, pag. 600.

no principio da sua vida publica. (1) E, comtudo, Monsegnor Almeida Silvano escreveu «que-na vida de Vieira por André de Barros não havia coisa alguma que se parecesse com o que eu affirmava.»

E o mais curioso, e de menos probidade talvez, é que vendo-se forçado em 25 de Março a citar esta passagem de André de Barros, ainda a torce miseravelmente; porque escrevendo este historiador que os jesuitas queriam *demittir* Vieira da Ordem por julgarem «que intentava introduzir novidades na Companhia,» Monsegnor diz que foi pelo receio de que Vieira viesse a perder a vida do espirito com a occupação dos negocios seculares — e que por isso lhe parece que os padres consultaram se seria preferivel que Vieira sahisse da Companhia, para como padre secular, ficar mais livre e desembaraçado a se dedicar a taes emprezas já então do agrado do Rei.

---

(1) Seria longo, n'este ponto, explicar a questão das missões, de que falla Larousse; Vieira não queria se prohibissem as missões, queria que fossem bem dirigidas. Bastará saber-se que, quando elle voltou para as missões do Maranhão, não pôde decidir senão dois padres a acompanhal-o: «não pôde n'esta occasião (diz André de Barros, pag. 179) conseguir para companheiros mais que *dois* sujeitos, quando com toda a ancia suspirava por muitos.» André de Barros indica que as causas de queixa contra Vieira começaram já antes de 1652.

André de Barros e Larousse dizem que os jesuitas julgavam que Vieira *intentava innovações*; Monsegnor diz que receiavam que *perdesse a vida do espirito*: André de Barros e Larousse dizem que os jesuitas pensaram em *demittil-o*, Monsegnor diz que não é demittir que é deixal-o *livre* e *desembaraçado* para os negocios politicos. Monsegnor é evidentemente mais jesuita, isto é menos franco, do que o proprio biographo jesuita.

Se na primeira affirmação de Monsegnor ha manifesta contradicção com as de Barros e Larousse, na segunda ha uma grande ignorancia historica, porque todos sabem que, nos seculos XVI e XVII, os jesuitas, e até os considerados sanctos como Ignacio de Loyola, Francisco de Borgia e Luiz Gonzaga, se metteram muitas vezes na politica.

A verdade é que o padre Vieira queria, não *innovar*, como diziam alguns jesuitas seus inimigos, mas *reformar* muitas coisas que então lhe não agradavam na Companhia, e que infelizmente já não havia força para reformar, como diz Ranke precisamente d'esta epocha: «já nem era prudente tentar reconduzir os jesuitas á pureza da sua instituição.» (1) Vieira, porém, deu mostras, por varias

(1) Dejá, il n'était plus prudent de tenter de ramener les

vezes, de tentar essas reformas. Seguiremos ainda André de Barros. No Brazil escreveu «exhortações e documentos com que *promovia o maior ajuste de costumes em toda a Companhia*» e esses documentos constavam de setenta e cinco capitulos que mandou ao Geral dos jesuitas, e nos quaes este não achou que mudar. (1) Mais tarde, em 1663, encontrando-se Vieira no collegio de Coimbra, «accendeu-se em zelo e *rompeu em invectivas* contra as faltas de observancia religiosa» (2)

E mais tarde ainda, em 1689, sendo então Visitador da Provincia do Brazil, escreveu ao Geral Thyrso Gonçales uma carta sobre a reforma dos costumes e educação dos novos jesuitas. Ouçamos as palavras de André de Barros:

«Desembaraçado (o padre Vieira) d'esta sagrada expedição, entrou logo no gravissimo trabalho do governo domestico, em que via na criação dos mais moços systema diverso d'aquelle antigo, em que elle se creara nos *dourados tempos* em que viviam n'aquella provincia heroes. A auctoridade, e altas virtudes de varões tão illustres o incitavam a reduzir algumas determina-

---

jésuites à la verité de leur instituition. *La papeauté et le concile*, tomo 3, liv. 8, § XI pag. 290.

(1) Vida de Vieira, pag. 617.

(2) Vida do padre A. Vieira, pag. 616.

ções modernas aos dictames primeiros. Consultou ao Reverendissimo Padre Geral em Roma, escrevendo-lhe sobre este ponto: e para que o visse e os fiadores do seu discurso trouxe-lhe á memoria os claros nomes d'um padre Manuel de Nobrega, Luiz da Gran, Joseph de Anchieta, etc.

«Quando a auctoridade de tão gloriosos paes não bastasse, fez uma combinação de tempo e das consequencias de um systema com as do outro, que foi evidente demonstração, apparecendo alli as utilidades, ainda temporaes do primeiro, discommodos e damnos do segundo. Vê-se n'aquella famosa carta o juizo contender profundo com o desejo de *maior observancia, perfeição e credito* da Companhia.

«D'esta materia como primeira, passou a entender na segunda, que era a das sciencias e empregos litterarios, sollicitando com todo o desvelo a *promoção* das nossas escolas». (1)

N'este trecho vê-se evidentemente que Vieira encontrava na Companhia muitas coisas que lhe desagradavam e que estavam em desharmonia com o antigo viver dos primitivos padres da Ordem, o que concorda com o que diz Ranke a respeito d'esta epocha: «*dejà, il n'était plus prudent de tenter de ramener les jésuites à la verité de leur instituition.*» O padre Vieira, porém, como vimos, por varias ve-

(1) Vida do Padre Vieira, pag. 467.

zes gritou contra a imperfeição actual e intentou *reformas*, que trouxessem a antiga perfeição. Não admira pois que tivesse inimigos e que fosse acoimado de *innovador* e *accusado* ao Geral. Todos os censores e reformadores criam inimigos, Monsegnor!

Analysemos agora

O SEGUNDO CASO

que Monsegnor se dignou occultar durante dois mezes, repetindo durante elles «que não havia coisa alguma que indicasse perseguição» e veremos, com a auctoridade de André de Barros, quem tem razão, se Monsegnor se eu.

Historiemos um pouco este ponto, seguindo o biographo jesuita.

Em 1681 voltou Vieira, de vez, para o Brazil, não lhe sendo muito favoravel em Lisboa o regente de Portugal, D. Pedro.

Em 1688, tendo já 80 annos, foi Vieira nomeado Visitador e Superior dos jesuitas no Brazil pelo novo padre Geral Thyrso Gonçales, que o conhecia e admirara em Roma. É, em rigor, o primeiro governo que lhe foi confiado directamente pelo Geral e acceito e exercido pelo padre. Em 1691, acabados os tres annos que costumam durar estas superiori-

dades na Ordem, Vieira foi exonerado; tinha 83 annos e estava cançado.

Foi n'este tempo de governo que elle escreveu a celebre carta ao Geral, atraz indicada, sobre as reformas, e tentou executal-as no Brazil. Convem ter isto bem presente: é talvez um fio conductor.

Em 1694, tendo Vieira 86 annos, teve logar o tal «segundo caso de queixa». Ouçamos André de Barros:

«Em maio de 1694 se celebrou no Collegio da Bahia Congregação Provincial, em que se havia de eleger sujeito cabal, que fosse por Procurador d'aquella Provincia a Roma. E' apertadamente prohibido na Companhia, sob graves penas, sollicitar votos para si ou para outrem... O Padre Antonio Vieira que tinha visto em Roma a cabeça de toda a Companhia, e sabia como alli são *medidos* os sujeitos. que lá mandam as Provincias, *cheio de zelo,* de que por *parte da Provincia do Brazil apparecesse em Italia um varão cabal,* declarou *(o que se não prohibe)* em conferencia com outros padres, quem julgava ser o mais apto... Concordou com elle o Padre Ignacio Faya; e *como se* os dous induzissem a outros, ou procurassem votos para determinado sujeito, levantou-se a tempestade.

«Julgaram os *superiores actuaes,* ouvidos os termos da conferencia, serem ***reus*** *de crimine ambitus* os Padres Antonio Vieira e Ignacio Faya. Assim lhe foi intimar a ambos o Padre Provincial com o Padre Reitor

do Collegio, e o seu Ministro, declarando-os *privados de voz activa e passiva;* pena das leis. Esta é a diversidade de juizos em communidades ainda santas, onde o fogo do zelo de uns tem por illicito, o que o zelo de outros justamente abraça, chegando a ver-se entre S. Pedro e S. Paulo, sobre o mesmo ponto, juizos encontrados.

«O grande Vieira, que vogou sempre sobre altas tormentas victorioso, vendo-se n'esta tempestade, salpicado de negras ondas, que tão feamente maculavam suas cans de mais de 80 annos, gastado em ardente zelo do serviço de Deus e observancia das leis da Companhia, temeu o escandalo dos mais moços, e que tão feio remate de seus dias seria pessimo exemplo aos vindouros, e implorou *juizos mais livres* á sua causa.

«Escreveu a Roma: propoz ao Rev.^mo^ Padre Geral a *verdade* do que fallara ácerca do sujeito da eleição; o *crime*, que lhe *formaram;* a *sentença*, que lhe deram; as *penas* que lhe intimaram; pediu então que se dignasse Sua Paternidade de mandar ver o processo da causa, e *declarasse se tinha delinquido, ou não*. Foram os autos a Roma com os ditos, e qualidades das testemunhas, e tudo quanto se *póde* allegar contra os *chamados* reus.

«Com idas, voltas, informes, e com o remontado das terras, houve notavel demora. Chegou finalmente a decisão, *quando já tinha passado a melhor vida* o Padre Antonio Vieira, mas o Rev.^mo^ Padre Geral, tão justo em corrigir culpas, como em defender *innocentes*, para que não ficasse depois da morte viva esta nota, e offuscado

o nome de um varão tão esclarecido, mandou certa circular a esta Provincia de Portugal, a qual publicamente se leu no collegio maximo qual é o de Coimbra. Por ella se restituia a fama aos Padres Antonio Vieira e Ignacio Faya, e declarava por *nulla* e *sem vigor* a sentença que *contra elles* se dera na Provincia do Brazil.» (1)

Este trecho de André de Barros é importantissimo pelo que diz e pelo que cala.

O biographo não diz claramente o que Vieira manifestava em conversa; mas deduz-se que era uma d'estas idéas: ou dizia que o padre mais competente para ir como procurador a Roma era o padre Faya; ou dizia mais francamente que os dois competentes e conhecedores das necessidades da provincia eram elle Vieira ou o padre Faya, mas tendo elle já 86 annos e estando cançado, a deitar sangue pela bocca, cheio de achaques, restava só o padre Faya. (1) Mas em qualquer dos casos era manifesto que Vieira julgava o padre Faya como o unico «varão cabal» que poderia mandar a Roma a Provincia do Brazil.

---

(1) Vida do Padre Vieira, pag. 480.

(1) O Padre Honorati, auctor do *Chrisostomo Portuguez*, era de opinião que seria esta ultima idéa a expendida por Vieira, visto terem ambos sido condemnados egualmente.

Da passagem citada deduz-se: 1.º que Vieira não fez nada prohihido, pois só declarou em conversa o seu modo de sentir (o que não é prohibido, diz Barros); 2.º Que não tendo practicado acção prohibida, foi logo *accusado falsamente e condemnado sem defeza;* 3.º que a culpa de Vieira (sancta culpa) era *zelar* que apparecesse em Roma pela provincia do Brazil um *varão cabal;* 4.º que isto significa que Vieira não considerava outros como «varões cabaes» senão o padre Faya, e é prova de que o não eram, o que devia ferir a vaidade dos companheiros jesuitas, porque em fim eram homens; e Monsegnor tem de concordar que um jesuita, por ser jesuita, não é anjo, nem deixa de ser homem; 5.º que, segundo André de Barros, aquelles superiores do Brazil eram apaixonados, pois diz que Vieira procurou *juizos mais livres;* 6.º que toda aquella accusação contra Vieira era *falsa*, e portanto *calumniosa*, pois assim o entenderam o Geral e os Assistentes e os Revisores de Roma.

E, francamente, quem poderá julgar isentos de paixão aquelles superiores jesuitas do Brazil, que se atrevem a condemnar immediatamente como mau religioso e mau intreprete das leis, só por causa de simples conversas, um homem velho, de 86 annos, já no cabo da vida, cheio de doenças e sof-

frimentos, como narra o seu biographo, um homem que fora seu superior posto pelo Rei e depois mais tarde pelo Geral, um homem que toda a vida clamára pela observancia e perfeição da Ordem que elle via diminuida; emfim um homem que varias vezes fugira das côrtes e grandezas do mundo para os sertões e ali se sujeitára a mil soffrimentos e maus tractos por amor dos pobres sertanejos, dando exemplos admiraveis?!

E quem poderia julgar, senão juizes cegos pela paixão, que um ancião de 86 annos, alquebrado e gasto, tivesse a ambição de querer ir a Roma, onde estivera tantas vezes e cujo clima lhe fôra sempre prejudicial, como veremos adeante, tendo, alem d'isso, de atravessar o oceano nos barcos de vela d'aquelle tempo, com delongas de mezes e perigos de tempestades e naufragios, que conhecia bem de perto?! Só uma paixão cega e muito cega, poderia arrastar esses superiores a fazerem tão mau juizo de Vieira, para o qual os superiores de Roma não acharam motivo. E lá morreu, tres annos depois, o sancto velho, o antigo prégador regio e embaixador de Portugal, com as venerandas cans de 90 annos, enlameadas e emporcalhadas torpemente.

E apezar d'isso atreve-se Monsegnor a dizer que

os superiores jesuitas nunca perseguiram Vieira e que na sua vida «não se encontra coisa alguma que *se pareça* com o que eu affirmara». Mas para o provar (contradicção pratica e crassa) occulta estes casos aos seus leitores durante os dois mezes, em que escreve sobre o assumpto, saltando-os no logar competente, e só os publica, quando já eu tinha mostrado a alguem estes mesmos casos, enchendo-me entretanto de insultos os mais soezes como (*Palavra* n.º 202) «misero e despejado escrevinhador», etc., etc.

Monsegnor estaes julgado!

Resta-me apresentar aos meus leitores um breve resumo da vida do padre Vieira, jesuita celeberrimo, já que aquelle Monsegnor o não soube fazer. Claro está que não tocarei senão os traços mais geraes e salientes para ser breve. E dividil-ei em 5 periodos, justificados pelos factos.

O *primeiro* periodo vae desde 1608, anno do seu nascimanto, a 1641, data do seu primeiro apparecimento na côrte de Portugal. Este periodo é preenchido pela sua carreira de estudante e professor, que foi brilhantissima, mas pertence á sua vida particular.

O *segundo* periodo vae desde o anno de 1641,

que travou relações com D. João IV, até 1656, em que morreu este rei. Este periodo é caracterisado pela inveja e calumnias que certos jesuitas armam contra Vieira e pelo grande lustre que lhe dá D. João, fazendo-o apparecer, como seu delegado especial, nas côrtes da Europa. Foi n'este periodo que se passou a primeira tormenta, que já relatámos com auctoridade de André de Barros e de Larousse, sendo accusado de *innovador* e estando a pique de ser *expulso*; e o seria talvez, se o Rei, superior temporal, o não tomasse á sua conta, dando-lhe um bispado, caso fosse demittido, cuja honra lhe chegou a offerecer, sendo regeitada por Vieira, que tinha outros ideaes mais amplos.

O Rei manda-o a Hollanda, a França, a Inglaterra, e a Roma para tractar do reconhecimento pelas potencias da independencia de Portugal. Em Roma, o embaixador hispanhol, temendo-se da habilidade de Vieira, intíma com fanfarronadas hispanholas o Geral dos jesuitas, Picolimini, a que mande retirar Vieira, d'aquella cidade. O Geral curva-se á exigencia, e obriga Vieira a sair de Roma n'uma epocha perigosa para a sua saude.

De volta a Portugal, em 1650, o padre, aborrecido do que vira e sentira, e desejoso de pôr em pratica as suas ideias antigas das missões, consegue

obter licença do Rei para voltar ao Brazil. Este concede-lh'a afinal em 1652, mas nomeia-o (elle, El-Rei [1]) Superior dos missionarios do Maranhão.

O *terceiro* periodo começa com a morte de D. João, o seu grande amigo e protector, em 1656, e termina em 1669, em que vae segunda vez a Roma. Este periodo é o mais calamitoso da sua vida; é o desabar de todas as tempestades formadas das invejas anteriores e retesadas durante annos contra o antigo embaixador e prégador de D. João IV, sem encontrar um reparo seguro para sua defeza.

---

(1) Monsegnor Silvano, com a sua ignorancia sobre o modo de ser da companhia de Jesus e da monarchia portugueza n'esta epocha, mostra-se perturbado sem saber quem nomeou Vieira Superior das Missões do Maranhão, e diz (*Palavra*, n.º 199, pag. 1, col. 4) que André de Barros não o declára. Quem o nomeou superior foi El-Rei D. João IV, Monsegnor. E assim o declára André de Barros n'uma passagem, por signal citada por Monsegnor na *Palavra*, n.º 204, pag. 1.ª col. 2.ª, na qual se lê: «porque além de lhe (a Vieira) ter *entregue* seu augusto *Monarcha* (D. João IV) a *superintendencia* d'aquella espiritual e trabalhosa conquista de almas, (a missão de Maranhão) quando deixando a Côrte, (em 1652) se dedicou ás Missões, etc.» O direito que os reis tinham para isso já vinha de D. João III.

E a Provisão Real d'essa *superintendencia* transcreve-a André de Barros a pag. 62. A historia, Monsegnor, a historia... quer-se bem estudada e confrontada: os factos historicos estão concatenados.

Na corte de Lisboa passam-se coisas que tornam «este periodo o mais vergonhoso da historia de Portugal» (1) diz o sr. Pinheiro Chagas, e na Companhia de Jesus diz Ranke «que já nem sequer era prudente intentar reconduzir a antiga pureza da Ordem».

A principio, em 1658, ainda Vieira foi conservado nas missões e lhe foi confirmada e augmentada pelo Geral, parece que por vontade da regente D. Luiza, a superioridade em que o investira o fallecido Rei. Mas em breve o Governador do Maranhão manda prender os missionarios e o proprio Vieira, e fal-o vir *preso* a Lisboa em 1662, onde o ampara fracamente a mesma regente, a rainha-mãe.

Mas nem os ventos da Corte, nem os da Companhia, lhe eram favoraveis; por isso, n'esse mesmo anno de 1662, é mandado para o collegio do Porto. André de Barros cala o motivo, que aliás é facilimo de ajuizar pelo que se segue e pelos seus sermões e cartas.

Em 1663 é mandado para o collegio de Coimbra. André de Barros cala egualmente o motivo d'esta nova mudança de casa para casa. Em Coimbra rebenta a borrasca accumulada e preparada de

(1) Resumo da Historia de Portugal, pag. 74.

longe. Vieira é *preso* pela Inquisição, que o retem em custodia dois annos e tres mezes. Larousse tambem conta o facto. Vieira, com a sua sciencia e agudeza, defende-se dos Inquisidores, como um leão, mostrando-lhes que nunca prégara heresias, apertando-os com citações, sem ter livros, e só se rende quando lhe dizem que o Papa tambem condemnava algumas proposições dictas por elle no pulpito, onde subira como prégador regio, fazendo sombra a todos. Rendido, é julgado, e condemnado a ir viver toda a vida para Pedroso, pequena povoação arredada de Coimbra, silencioso e recolhido perpetuamente. N'este ponto acode-lhe o Geral Oliva e o papa Clemente X, que no tempo da prisão do S. Officio tiveram conhecimento das defezas esplendidas e prodigiosas de Vieira, e o isentaram dos inquisidores e até suspenderam o *sancto* tribunal em Portugal durante alguns annos.

Com esta fulgurante sahida da tormenta, começa um periodo de gloria, da sua grande gloria: é o *quarto* desde 1669 a 1681. Vae a Roma para tratar da canonisação dos martyres do Brazil, coisa que os jesuitas portuguezes muito desejavam e que entregaram a Vieira, porque necessitando de «procurador destro» (phrase de Barros), o nosso classico era quem mais lhes servia. Em Roma é recebido

por Oliva, pelo Papa e pela Curia Romana com enthusiasmo, causando pasmo os seus sermões e a sua agudeza. Foi a epocha da sua rehabilitação com a Ordem (na phrase de Larousse). Oliva, Geral dos jesuitas, prégador do Papa, e mais amigo das lettras, de que era eximio cultor, do que de tratar da observancia e dos cuidados da Ordem,[1] festejava immenso Vieira, desejava que elle ficasse sempre junto de si e propoz-lhe varios cargos importantes em Roma; mas o padre não pôde acceitar, porque em Roma achava-se sempre doente, e demais elle amava as missões do Brazil, isso é incontestavel, e Vieira, sendo um santo homem, via que era mais util o seu trabalho de reformador no Brazil, ainda em começo, do que em Roma, já corrupta.

O *quinto* e ultimo periodo entra em 1681 em que volta para a Bahia, e termina com a sua morte em 1697. O rei de Portugal, D. Pedro, não lhe era muito affeiçoado, mas tambem se não incommodava com o esplendor de Vieira no Brazil. Vieira estava velho e era reconhecida por todos a sua isen-

(1) Ranke descreve o Geral Oliva, com muita razão, por estas palavras: «Oliva était un homme qui aimait le repos, la bonne chère et les entrigues politiques». Nem vale nada que um tal A de Saint-Cheron barafuste contra Ranke, o eminente professor de Berlim.

ção, a sua virtude, e que os seus intentos chamados de innovação eram conseguir na Ordem a primitiva observancia. O novo Geral, Thyrso Gonsales em 1688 nomeou-o Visitador e Superior de todos os jesuitas do Brazil, cargo que elle cumpriu como já vimos até 1691. E este periodo seria para Vieira d'uma santa paz, entre a impressão dos seus livros, que lhe tinham sido mandados publicar para com o lucro da venda se auxiliarem as missões, e os seus achaques e as suas crenças religiosas do ceu e as patrioticas do *Quinto Imperio*, se a maldita Congregação lhe não viesse manchar as cans immaculadas e alvissimas, e amargurar horrendamente — quanto elle não soffreria! — os tres ultimos annos da existencia do maior jesuita portuguez, que jámais appareceu, e que eu adoro desde a leitura dos *Logares Selectos* no meu tempo de creança.

Tentei fazer um esboço da vida de Vieira, que mão infiel truncara. N'elle vimos o celebre jesuita perseguido por alguns superiores jesuitas portuguezes e brazileiros e não bem tratado por um Geral, e vimol-o tambem mais tarde defendido e honrado por dois Geraes. Vimol-o defendido e honrado por um Rei e por alguns vice-reis, e vimol-o tambem desamparado e maltratado por outro Rei e por

outros vice-reis. E da Inquisição, essa vergonha do catholocismo, foi uma grande victima, como todos os grandes homens d'essas epochas.

Infelizmente ainda não possuimos uma historia sobre a vida d'este grande portuguez, completa, imparcial e franca, sem subterfugios nem ambages de que tanto abusa André de Barros, por imposição das regras da sua Ordem. Só a poderá escrever quem conhecer intimamente a historia patria, universal e a da Companhia n'aquella epocha, bem como as regras e organisação interna d'esta Ordem, não sendo, porém, jesuita nem ajesuitado; porque havendo muito a censurar no ecclesiastico e no civil, a obrigação imposta de se não publicar livro sem revisão dos superiores faz que, segundo diz Huber, «não nos possamos fiar em obra historica escripta por auctor jesuita» ou ajesuitado, o que é talvez peior, accrescentarei eu. E André de Barros já nos deu, com o seu silencio e omissões, uma prova d'isso, e Monsegnor Silvano nos deu prova muito maior saltando e omittindo o que o jesuita não saltou nem omittiu.

Seria este um optimo livro para commemorar o segundo centenario da morte de Vieira, que se approxima, em 18 de junho de 1897.

## VII

### O sr. Padre Martins Capella

N'esta galeria do Portugal Jesuita apparece-nos agora novo assumpto de observação. São os protestos. Apoz as defezas dos jesuitas, vem os protestos a favor d'elles. Vejamos se estes valem mais do que aquellas.

Um collega meu no ensino, o sr. Padre Manuel José Martins Capella, professor do lyceu de Vianna do Castello, publicou na *Palavra* (n.º 163, 22 de dezembro de 1891,) um protesto contra mim e a favor dos jesuitas. Podia lavral-o em pleno direito. Assiste a cada cidadão a faculdade de manifestar em publico as suas ideias, consentaneas ou não consentaneas com as dos outros, embora esses outros sejam nossos amigos, nossos collegas ou nossos parentes. E este direito é indiscutivel, e foi com

elle que escrevi o outro livro e estou escrevendo este e especialmente este capitulo. O que, porém, não assiste a ninguem, e muito menos a um professor official de philosophia, é o direito de faltar ás regras da logica e da critica litteraria.

Se o reverendo professor, Martins Capella, faltou ou não a estas regras, dil-o-ha o leitor, depois de ler o Protesto, que passo a reproduzir em typo menor, e os pequenos commentarios que cada periodo d'elle me suggere. Sublinharei certas palavras que me parecem mais dignas de attenção.

PROTESTO DO SR. PADRE CAPELLA

«Constando-me por via de *referencias* dos jornaes, e de uns *papelinhos de côr* por ahi espalhados á guiza de *annuncio* para espectaculo de barracão, o apparecimento de um livro contra os jesuitas pelo sr. Manuel Borges Grainha, antigo alumno d'aquelles padres e hora collega meu no ensino, julguei dever de consciencia dar testemunho aqui em *contradita* do sr. Grainha nos termos seguintes»:

N'este periodo o rev. professor declara que *não leu* o livro, que o conhece só por via de *referencias de jornaes* e pelos *annuncios* do livreiro, e comtudo diz que me vae contradictar. A isto occorre-me fazer as seguintes perguntas: 1.ª Será criterio solido

e seguro, recommendado pela critica litteraria e philosophica, servir-se só das referencias dos jornaes e dos annuncios para não só apreciar, mas fazer a critica d'um livro, como o rev. professor vae fazer? 2.ª Em que regras philosophicas se terá fundado o rev. professor para dizer que no meu livro ha que contradictar, não o tendo lido? 3.ª Em que regras philosophicas se terá fundado o rev. professor para ajuizar d'um livro só pelos titulos d'elle, sendo aliás os mais inoffensivos possivel?

O rev. professor pretende tambem amesquinhar o livro chamando aos annuncios do livreiro «papelinhos de côr, á guiza de annuncio para espectaculo de barracão». Só tenho a observar-lhe que a phrase não é original, é imitada d'um versificador que na mesma *Palavra* já antes os comparara a «qual annuncio de estupida tourada».

«Sem pretender apreciar agora os quilates de cavalheirismo com que aggride a Irmã Collecta, mulher e actualmente presa nas cadeias de Lisboa, nem o rigor logico com que prende «o caso das Trinas» com o instituto da companhia;»

N'este paragrapho usa o rev. professor d'uma muito conhecida figura de rhetorica chamada *preterição*, que consiste, segundo todos os compen-

dios, em ir dizendo uma coisa fingindo que se não quer dizer, e em ir insinuando affirmações fingindo que se não affirma. Portanto aqui ha affirmações, embora disfarçadas e se não as quizesse fazer não as teria indicado. E são ellas: 1.ª que aggredi a Irmã Collecta, o que é falso para todos os que leram o livro, e nenhum dos defensores da Irmã encontrou n'elle palavras aggressivas contra aquella freira; 2.ª que não ha rigor logico em tratar o caso das Trinas n'aquelle livro; o que só prova que o rev. professor nem sequer leu o titulo da obra que está contradictando, o qual é «*Os Jesuitas* E *as Congregações Religiosas em Portugal*». Ora as Trinas formam uma Congregação Religiosa existente em Portugal, logo deviam alli ser estudadas, bem como aquelle caso de envenenamento que se tinha passado n'uma das suas casas. Effeitos de julgar sem ler: coisa muito commum entre jesuitas e ajesuitados.

«Não buscando tão pouco ajuizar da moralidade do acto de passar dos jesuitas para os arraiaes da maçonaria, onde parece ter fixado tenda, nem do caso galante de usar contra os antigos mestres e bemfeitores aquelles mesmos recursos de instrucção que a elles deve na maior e melhor parte;»

Novas affirmações encapotadas: 1.ª que lhe pa-

rece que sou mação; 2.ª que foi acto immoral passar do campo dos jesuitas para o contrario; 3.ª que foi egualmente acto immoral atacar os antigos mestres; 4.ª que foi egualmente acto immoral atacar mestres e bemfeitores. Ás quaes respondo: 1.º que não sou mação, porque o não tenho querido ser; 2.º que é sempre moral passar d'um campo para outro, quando a nossa razão e o nosso estudo nos dizem que est'outro é o justo e o razoavel; foi isto o que me aconteceu; não fazer a passagem aconselhada pela razão instruida é que é immoral; ensina isso a philosophia; 3.º que é egualmente moral e scientifico refutar antigos mestres, quando a nossa razão e o nosso estudo nos dizem que os antigos mestres erram e que convem descobrir-lhes os erros; foi isto o que me aconteceu; o não fazer a refutação em tal caso é que é immoral; 4.º que os jesuitas não são meus bemfeitores, como provarei; pelo contrario fizeram, durante muito tempo, mal ao meu espirito e á minha intelligencia; não quero porem mal nem tenho inimizade pessoal a nenhum d'elles individualmente; o que detesto, porque o julgo mau, é o systema e o modo de proceder actual da Ordem.

«Sem me importar com o valor do seu livro como peça litteraria ou trabalho de critica, se virá para

maior lustre do Curso Superior de Lettras, ou terá de ficar na galeria da *Deducção Chronologica,* da *Origem Infecta da Relaxação da Moral dos denominados jesuitas* e que taes joias da velha litteratura pombalina;»

A isto não tenho nada que dizer. Se o livro é peça litteraria ou não, se honra ou não honra o Curso Superior de Lettras, isso pertence ao publico e ao mesmo Curso dizel-o. Entretanto o livro foi elogiado pelo sr. Theophilo Braga, um dos mais notaveis lentes do mesmo Curso, em duas columnas do *Jornal do Brazil* do Rio de Janeiro (11 de janeiro de 1892), pelo sr. Teixeira Bastos, um dos mais notaveis discipulos d'aquelle Curso, n'um longo artigo de fundo no *Seculo* de 6 de dezembro de 1891, e pelo sr. Lino d'Assumpção, outro antigo alumno muito notavel, no boletim bibliographico do *Dia* de 16 de janeiro de 1892. E o sr. Theophilo Braga diz que mostro no livro «seguro criterio historico.»

Ora eu não posso ter em menos conta estes cavalheiros, com estudos superiores e nome feito no campo das lettras, do que o rev. professor que não possue, ao que me consta, esses predicados litterarios.

«Não curando assim mesmo da nobreza de intuitos com que veiu açodado lançar a nova publicação an

voragem da avidez de escandalos, aberta entre as massas ignaras pela imprensa venal, e torpemente explorada com o tal «caso das Trinas.»

Aqui affirma o rev. professor, rhetorica e simuladamente, que os meus intuitos ao escrever aquelle livro não foram nobres e honrados. A theologia catholica ensina que só Deus vê os corações; e não sei o que Deus dirá, vendo que o rev. professor lhe usurpou os direitos. Eu, pela minha parte, digo que tive os mais honrados intuitos, porque só intentei manifestar ao publico um systema que me parece a mim e a homens eminentes prejudicial á sociedade.

«—atendo-me sómente a seu voto pessoal na *diffamação* dos jesuitas portuguezes, venho oppôr-lhe o meu voto de *louvor* aos ditos padres.»

Isto é grave, gravissimo, sobretudo n'um professor e n'um sacerdote. Affirma o rev. professor que eu *diffamei:* e comtudo não leu o livro, e portanto não póde rigorosamente saber se *diffamei* ou não. A *diffamação* é um crime: logo o rev. professor assaca-me um crime sem ter lido a peça que constituiria esse crime. A philosophia e a moral, que eu conheço, estigmatisam tal modo de emittir juizos.

«Vitupera o sr. Grainha? Pois louvo eu. *Dictum pro dicto valet,* pois quiz Deus nos topassemos na mesma plana social, e em condições algo similhantes os dois».

No meu livro não ha *dictos*, ha *factos* presenceados por mim e por muitas testemunhas, cujos nomes já declarei á auctoridade competente. Por isso o meu livro não se rebate com dictos; é necessario *provar* que aquelles factos não são verdadeiros. O não ter lido o livro fez-lhe julgar a tarefa mais facil. Provas, provas e documentos em contrario, é o que se quer e não affirmações, dictos e protestos.

«Mais *intensas* foram por certo as relações do sr. Grainha com os jesuitas, mais *extensas* as minhas; pois desde ha perto de trinta annos tenho com elles tratado, e por algumas temporadas convivido.»

Aqui ha uma verdade e uma falsidade. É verdade que as minhas relações são mais *intensas*, como confessa, mas é falso que sejam *menos extensas,* pelo contrario o são mais; porque ha tambem perto de trinta annos que conheço e trato com jesuitas, tendo alem d'isso convivido com elles dentro das mesmas paredes cerca de 20 annos, como será facil provar, e conhecendo centenares e centenares de jesuitas portuguezes e estrangeiros, ao passo que

o reverendo professor não conhece senão alguns poucos jesuitas e apenas viveu com elles effectivamente talvez um, ou dois, ou tres annos e não seguiu os cursos dos estudos jesuiticos e por isso os desconhece praticamente.

Pois bem, eu affirmo com inteira segurança:

1.º Que de quantos jesuitas tenho conhecido em Portugal, nacionaes e estrangeiros, até hoje NEM UM só topei, que não fosse modelo de sacerdotes catholicos no saber variado e solido, na inteireza de costumes, no zelo esclarecido e firme, na piedade mais sincera, na caridade mais de lei».

Foi o proprio rev. professor que notou com versaletes a phrase NEM UM SÓ. *Nem um só* jesuita que não seja um modelo, isto é, um sancto! é talvez a primeira vez que se lê isto no mundo! Como desmentido a esta phrase tenho auctoridade ponderosa e insuspeita: é o sr. padre Corrêa Portocarreiro, o qual no seu livro, atraz analysado, escreveu (pag. 83): «Um desgosto cruciante, o maior, e mais duradouro, que até hoje tenho soffrido, de que, segundo todas as apparencias, *alguns* (jesuitas) me foram *causa*, até certo ponto *censuravel*, tem-me de ha muito affastado das suas casas». Estes *censuraveis* tambem serão modelos? E no folheto publicado por N. Branco, outro ex-jesuita,

encontram-se indicações d'outros jesuitas que tambem não são modelos.

«2.º que os institutos dos jesuitas primam entre os seus congeneres; e os educativos de preferencia todos são buscados pelos paes para educação de seus filhos».

Como desmentido a isto tenho tambem documento competentissimo, pois é official e assignado por tres cavalheiros encarregados de syndicar um d'estes institutos, e dos reputados melhores, o collegio de S. Fiel. No Relatorio da Syndicancia escreveu, como relator, o sr. dr. Refoios, distinctissimo lente de medicina na Universidade de Coimbra: «A alimentação é pois insufficiente, ao menos para os alumnos,» pag. 27, e «o ensino da philosophia e principalmente o da historia é vicioso . . » pag. 28.

«3.º Que os jesuitas iniciaram entre nós, ha cerca de trinta annos, um movimento de regeneração *christã*, a todos os respeitos digno das bençãos de Deus e da nossa gratidão; e pelo ensino, pela obra do retiro espiritual ao clero, pela propaganda de bons livros, pela cultura das lettras, pelas missões dadas no continente, nas ilhas adjacentes e em nossas colonias da Africa e Asia continuam os tradicionaes serviços da Ordem a Portugal; pelo que *bem merecem* da sociedade portugueza como os que mais».

Aqui ha um erro sobre sciencia das religiões, que queremos admittir fosse lapso involuntario do rev. professor. Attribue os factos que narra a «regeneração *christã*», devia estar escripto a «regeneração *catholica*,» pois os protestantes tambem são *christãos* e não julgam aquelles factos como acções de regeneração. O christianismo, como ensinam até os compendios de geographia ao tractar das religiões, divide-se em: catholicismo, protestantismo, culto scismatico: e ha tambem o rito grego.

E não só estes, mas tambem muitos anti-catholicos se chamam christãos por seguirem as maximas moraes e philosophicas exaradas nos evangelhos. E' muito, muitissimo, differente catholico e christão.

E se os jesuitas bem merecem ou mal merecem do paiz, a maioria do paiz é quem tem direito a dizel-o, e não uma só pessoa.

«4.º Que estas affirmações vizam sómente a restabelecer a verdade *dos factos* no animo das pessoas honestas, menos conhecedoras dos reverendos padres jesuitas.»

Que *factos* serão estes, cuja verdade quer restabelecer o rev. professor? Os do meu livro não são, porque elle, não os tendo lido, não os conhece. Lo-

go devem ser outros e com esses não tenho nada que vêr.

«5.º Que é espontaneo e gratuito este meu testimunho: pois nem directa nem indirectamente me foi requerido e nenhum proveito d'elle *posso* esperar, mais que a satisfação da minha consciencia.»

N'este ponto sou bem mais generoso que o rev. professor; elle não acredita nos meus nobres intuitos e eu acredito nos d'elle; pois acredito que o seu testimunho é espontaneo, que é gratuito, que lhe não foi requerido e que em paga d'elle nada espera. O que, porem, não acredito é que nada *possa* esperar; porque, embora não espere, *pode* esperar:

1.º ser louvado pelo sr. padre Mattos no *Mensageiro*, perante os 6:000 leitores, e já o foi depois do seu protesto por duas vezes: e ha muitas pessoas que desejam muito esses louvores, e ellas lá sabem por quê.

2.º *pode* esperar, embora não espere, as «posições vantajosas» descobertas pelo sr. padre Portocarreiro: e essas «posições vantajosas» podem apparecer d'um momento para o outro. . .; porque emfim os jesuitas ainda teem certa influencia no poder ecclesiastico e até no temporal. Não quero,

porem, dizer com isto que o rev. professor escrevesse o protesto movido por esses intuitos, creio plenamente na sua sinceridade; os jesuitas é que provavelmente o não perdem de vista e teem muita razão, para os seus fins d'elles.

«6.º Que não conto ser desmentido, pois nunca o fui até hoje, mercê de Deus; nem em publico nem em particular.»

Parece-me que Deus d'esta vez não lhe concedeu a mercê de não ser desmentido, porque foi desmentido não só por mim, que é o menos, mas pelo sr. padre Portocarreiro, ex-jesuita; pelo sr. N. Branco, ex-jesuita; pelo sr. dr. Refoios; pelo sr. Theophilo Braga; pelo sr. Teixeira Bastos; pelo sr. Lino d'Assumpção; e até pelos compendios de geographia.

«Vianna do Castello, 19 de dezembro de 1891.

MANOEL JOSÉ MARTINS CAPELLA

Presbytero secular, professor no Lyceu.»

Temos aqui a assignatura e os qualificativos: faltou só dizer-nos se é formado em theologia pela Universidade ou pelos seminarios. E, como quasi só em Portugal, se não exije um curso superior ou

normal para a candidatura ao magisterio, tambem não seria mau esclarecermos sobre este ponto, pois d'estas coisas tambem póde depender um pouco o valor do protesto, ao menos para certas pessoas.

Para maior honra do rev. professor accrescentarei que o sr. padre jesuita Mattos no *Mensageiro do Coração de Jesus* (n.º 131, fevereiro de 1892, pag. 95), elogia e recommenda «o protesto do valente escriptor padre Capella, professor do lyceu de Vianna.»

Já que temos entre mãos este protesto e o seu elogio, para maior honra ainda do mesmo rev. professor não deixarei em silencio outro protesto tambem contra mim em parte e o seu elogio pelo mesmo jesuita. No *Mensageiro* de dezembro de 1891, nas capas lê-se:

«Um dos mais illustrados professores do lyceu de Vianna do Castello, o rev. sr. P. M. S. Martins Capella, declara na *Ordem* que se despede de collaborador e assignante da *Revista dos Lyceus,* periodico impio, ao qual já nos referimos na *Defeza* do n.º 126; e dá a razão, que é haver tido elle «por parte da direcção e de bom numero de collaboradores assumido uns tons nada equivocos de propagandista doutrinaria cujas ideias não são nem foram nunca...» os do illustre signatario».

Copiei textualmente e fiquei com desgosto d'aquella reticencia. Apezar de eu fazer, n'aquella epocha, parte da direcção d'aquella Revista, não tive conhecimento do protesto e creio que nenhum dos outros directores, distinctos professores do lyceu do Porto, o teve até agora. Tive, porem conhecimento dos seguintes factos: 1.º que tendo-me o rev. professor dicto que não lhe agradaram certos artigos do sr. Theophilo Braga e d'outros collaboradores, eu lhe disse que escrevesse a refutação d'elles, e seria publicada com interesse na mesma Revista, pois n'ella havia logar para todas as discussões; 2.ª que escrevendo o mesmo rev. professor a outros directores da Revista no mesmo sentido, lhe foi respondido o mesmo que eu lhe respondera; 3.º que em vez de se vir bater, no campo apontado, com os adversarios cujas ideias censurava, foi para o jornal a *Ordem*, que de nenhum d'aquelles directores e collaboradores é lido, e n'esse jornal publicou a declaração de que só conheço as palavras citadas pelo padre Mattos.

E' muito commodo, rev. professor, escrever protestos na *Ordem* e na *Palavra*, onde não encontra adversarios, senão amigos e até admiradores. Mas as ideias religiosas, como todas as ideias, não se propagam com admirações de ignorantes e elogios de

amigos, é com combates renhidos perante os homens sabios cujas razões em contrario é necessario rebater. Por outra fórma a gente fica a pensar que ou as ideias são más ou se não sabe defen del-las ou se não tem valentia para as defender em campo descoberto aos tiros inimigos. O escriptor valente procura ataques, não procura admirações; por isso eu não publiquei as minhas ideias em jornaes amigos e pouco lidos, mas lancei-as ao publico e do modo mais publico que pude.

Mas o rev. professor, que se não quiz bater em publico, no campo que se lhe offereceu, apparece mais tarde, fazendo um discurso n'um seminario.

E' ainda o sr. padre Mattos quem nos dá conta d'elle, no *Mensageiro*, n.º 138, setembro de 1892; pag. 566, dizendo: «que é tão notavel e tão opportuno este eruditissimo discurso, que a nossa vontade seria copial-o todo.»

Mas o redactor jesuita não o copía todo, copía apenas trechos, dos quaes transcreverei alguns para que se saibam as opiniões dos jesuitas e dos seus defensores a respeito da Renascença, de certas questões philosophicas, e do modo de ensinar nas nossas escolas superiores, pois de tudo isto fala o sr. Padre Capella no tal discurso com applauso do jornalista jesuita.

«Ferviam as controversias, cultivavam-se com afinco as linguas mortas, buscavam-se a peso d'ouro os antigos codices e n'esta febre denominada *Humanismo* nenhum escrupulo na beberragem, com tanto que tivesse sabor classico. Assim se inoculou á farta na *philosophia* moderna, como nas *lettras* e nas *artes*, a peçonha do neo-paganismo. Peçonha digo com respeito ás sciencias philosophicas, esta transfusão do velho sangue hellenico.»

Eis, pois, como o rev. professor defina a Renascença: «uma inoculação peçonhenta».

«Por mal de nossos peccados... Bacon com a sua gente regeitara, infamando-o, o filtro severo do syllogismo... Para maior mal, apparecia Descartes a tempo de secundar esta corrente, demolindo os diques seculares da velha escholastica. Á cantaria cyclopica das theses fundamentaes, tão provadas de longa data, substituiu desconnexa paliçada, erguida a esmo sobre o terreno mal seguro da novidade.»

Eis como define os dois grandes philosophos, Bacon e Descartes, tidos como genios do seu tempo: «dois males dos nossos peccados.» Eis como define as argucias aprioristicas da velha escholastica: «cantaria cyclopica».

«Accrescentemos que em nossas escolas superiores, sentem-se mais intensas as correntes do pensamento

philosophico, tanta vez damninhas ás compleições delicadas. Uns trinta annos haverá quando em Coimbra o *hegelianismo* de Michelet teve devotos muitos moços talentosos... Pouco depois estava em moda Comte e Littré... Com o *positivismo* juridico coincidia o *darwinismo* na faculdade de philosophia... Nas escolas de medicina parece endemico o *materialismo* organicista... Por seu lado e para não ficar atraz, envia-nos o Curso Superior de Lettras, nas dobras de muito e mui louvavel zelo pedagogico, não só «os processos de critica moderna» que possue officialmente e a fundo, senão os melhores *preconceitos* mais ou menos remoçados, de Draper e Jacolliot. São seus principaes campos de exploração a historia e a linguistica, e lidam ahi dois lettrados de renome além de muita peonagem menos adestrada.»

Eis como define as escolas superiores do paiz: «correntes damninhas a compleições delicadas». O sr. padre jesuita Mattos extasia-se deante d'estes periodos: eis, pois, como pensam os jesuitas e os seus defensores. Entretanto nós cá «a peonagem», «por mal de nossos peccados» galvanisados por aquellas correntes, tentamos «adestrar-nos», com o tempo e o estudo, no sentido d'ellas, pois nos foram transmittidas por mestres que a nossa razão nos diz serem mais sabios que os actuaes jesuitas e seus defensores.

E «nas dobras de muito e mui louvavel zelo pedagogico» ficamos fazendo votos para que em Portugal se adoptem as leis escolares francezas, allemãs e d'outras nações adeantadas, que exigem que ninguem possa ser candidato ao magisterio sem diploma official de habilitação em escola normal ou faculdade superior.

## VIII

### Um protesto de familia

É com o coração maguado, o espirito oppresso, a imaginação povoada de ideias lugubres e horrorosas, que entro n'este capitulo.

Pensei muitas vezes se o devia escrever ou se o devia omittir. Comecei-o muitas vezes, e muitas vezes o abandonei.

Tenho que tratar n'elle uma d'essas questões, que, além de sempre melindrosas, são, no meu caso especial, de recordação dolorosissima, porque será necessario ir tocar em fibras tornadas sensibilissimas por uma dôr antiga, mas sempre viva.

Protesto, e tomo por testemunhas todas as pessoas que leram o meu livro, *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos*, que em todo elle, nas suas 374 paginas, nem

uma só vez se acha escripto o nome de meus tios, os rev.os padres Grainhas, e que nem uma só vez se encontra n'elle phrase ou palavra que o leitor discreto possa legitimamente attribuir pessoal e directamente a meus tios, os rev.os padres Grainhas.

E lavro este protesto com o sentimento e seriedade de quem tem deante de si abertas muitas campas tumulares, onde jazem os seus entes mais queridos, aos quaes, — ai de mim! — eu não pude dar o ultimo osculo no seu derradeiro momento de existencia, por effeito do fanatismo religioso; e com a tristeza e magua de quem tem espalhados por esse mundo muitos entes egualmente queridos e ainda vivos, dos quaes tenho vivido e viverei apartado, por effeito do mesmo jesuitico fanatismo.

É bem triste a minha historia e a da minha familia . E eu tive familia? Tive-a... mas roubaram-me muito cedo. Dizem-me que é coisa suavissima ter familia. Não o sei . . eu não pude sentir os afagos da minha, porque um sopro de insania religiosa m'a dispersou, quando dei os primeiros passos no mundo, sem me deixar d'ella outras recordações, senão as mais funestas e afflictivas.

A minha historia, e a dos meus, é um bem triste exemplar do que póde o fanatismo jesuitico, quando

entra n'uma familia e n'ella chega a dominar. E quantas familias eguaes á minha! Felizes os leitores, que não conhecerem isto praticamente, e mais felizes ainda os que tomarem experiencia n'este exemplo para precaverem as suas contra o terrivel flagello!

Todas estas recordações e considerações me são arrancadas do mais intimo da alma por um *Protesto*, assignado contra mim, por meus tios, os rev.os padres Grainhas, e que appareceu impresso na *Palavra*, e depois com tanta publicidade em toda a imprensa que não me é airoso deixar de o mencionar n'esta obra.

Santos velhos! Tantas coisas leram na imprensa catholica contra o sobrinho, tantas infamias e torpezas me assacaram todos, que, provavelmente movidos por isso, julgaram que ficariam maculadas as suas ideias de catholicismo antigo e intransigente, se publicamente não mostrassem a sua opposição ás minhas.

E podiam-no fazer em bom direito, assim como eu podia escrever o que entendesse. Mas fizeram-no, insultando-me a mim, que tinha guardado silencio absoluto sobre as suas pessoas... Esqueço totalmente esses insultos, em que talvez não pensaram bem n'aquelle momento de exaltação religiosa.

E fizeram-no, e isto é o peior e o que me obriga impreterivelmente a escrever este capitulo, lançando sobre mim directamente e indirectamente sobre os meus honradissimos progenitores insinuações que a mais d'um respeito exigem explicação.

Antes de ler esse protesto, convem saber-se que um só de meus tios o podia ter concebido e escripto, porque o outro, já de ha muito, antes da publicação do meu livro, estava incapaz de qualquer esforço mental e physico, por effeito de repetidos insultos apopleticos que lhe tinham enfraquecido a razão e os membros, e não lhe permittiam ler, nem escrever, nem quasi entender o que se passava em volta d'elle.

Feitas estas observações previas e necessarias, leia-se esse protesto de meus tios contra um sobrinho, que nem uma palavra escrevera a respeito d'elles:

«Ex.mo sr. director do jornal catholico *A Palavra*.

Todos em Portugal, bons e máos, conhecem os sentimentos profundamente catholicos, que, por mercê Divina, sempre tivemos, temos e esperamos da Misericordia infinita teremos até o ultimo instante da nossa vida.

Todos conhecem o amor, respeitos e veneração, que sempre consagrámos, e consagrâmos a todas as Ordens

Religiosas, especialmente á Companhia de Jesus, á qual entregámos de bom grado os mais caros penhores do nosso coração, que Nosso Senhor a ella se dignou chamar. Um d'elles, excellente joven, santo e sabio, que por annos regeu as cadeiras de Introducção e Mathematicas no Collegio de S. Fiel, já descansa com a morte do justo, fiel á sua vocação, que ternissimamente amava.

O outro regeu tambem por longos annos varias cadeiras de Sciencias e Lettras no Collegio de Campolide. Seu zelo o levou ás Missões do Oriente, sendo superior da Missão de Macau; de lá o mandaram regressar os seus superiores por estar já ás portas da morte.

Veio aqui restabelecer-se com os ares patrios e nossos cuidados medicos; mal restabelecido ainda, voltou a seus trabalhos apostolicos, e lá está com grande consolação nossa, e summo contentamento seu. Isto todos conhecem; mas como o nosso silencio na presente circumstancia poderia servir d'occasião d'escandalo a algum fraco e menos instruido, vimos por este meio protestar contra as infames injurias, aleives e calumnias, que um *infeliz* sobrinho nosso, o qual antes, por se envergonhar do nosso nome, se assignava Manuel Borges Correia, e agora, para o manchar, retomou o nome de Grainha, se atreveu a escrever contra a Religião, Summo Pontifice, Devoção ao Sagrado Coração de Jesus e Ordens Religiosas em Portugal, sobretudo contra a Companhia de Jesus, a quem, depois de Deus, elle deve tudo o que tem!!

Protestamos pois solemnemente contra tantas ca-

lumnias, impiedades e aleivosa ingratidão. Felizmente o *misero* com o seu livro *infame* só a si fez mal, ainda que lhe sobrasse desejo de o fazer aos outros. Não faz mal aos máos; porque têm entre elles gente de maior pezo e alcance, que têm dito o mesmo contra Deus e os seus Santos. Não faz mal á Companhia de Jesus; porque sua gloria e brilho não póde, nem de leve, ser offuscada pela *immunda saliva*, que lhe atira um *misero*, a quem ella, bondosa, por largos annos deu pão e ensino. E permittiu Deus para melhor se ver a *falsidade* e *estulticia* das asserções d'esse *misero*, que elle negasse á Companhia o saber, que bons e máos n'ella reconhecem. De certo quem duvida, que a Companhia de Jesus é tida por todos, e com razão, pela mais sabia das Ordens Religiosas? De certo que mal poderia fazer esse *misero* á Companhia de Jesus, a essa illustre pleiada de campeões da Egreja, a esse valente exercito de Apostolos, Santos e sabios, a esse esquadrão de Christo, que os impios temem, e por isso de continuo injuriam; e os catholicos amam e veneram, e por isso de continuo louvam e enaltecem?

Digne-se a illustre e sabia Companhia de Jesus acceitar os nossos mais profundos respeitos, que aqui solemnemente lhe tributamos. O *infeliz* e *desgraçado* só a si fez mal, não duvidando, para ganhar os trinta dinheiros e um pouco de honra vã e tola, gravar em sua frente o ferrete do *ingrato*, do *calumniador* e do *traidor* emfim, nome odioso a toda a gente, que se presa.

Discutir tolas calumnias, além de desnecessario, pois

ellas por tão ridiculas e mal ordenadas a si mesmas se refutam, é dar-lhes consideração que não merecem.

Por isso, depois d'este nosso protesto, só nos resta pedir a todos os nossos amigos e conhecidos, a todos os que lerem estas linhas a caridade de pedirem pela conversão d'esse *miseravel,* sobrinho nosso, que apostatou com grandissima magoa do nosso coração, do fundo do qual lhe perdoamos a grandissima injuria, que nos fez, cobrindo de vergonha o nosso nome. Ficando nós fazendo votos ao céo para que elle se converta, como o temos feito, desde que elle deixou a Companhia de Jesus; confiando na Misericordia Divina, que tal *infeliz* e *desgraçado* voltará ao redil da Santa Egreja Catholica, de que tão horripilante e insensatamente se trasmalhou.

Covilhã, 15 de dezembro de 1891.

Padre *João Rodrigues d'Oliveira Grainha.*
Padre *Francisco Maria Rodrigues d'Oliveira Grainha.* (1)

N'este documento, meus tios chamam-me, sem apresentarem provas, ingrato, traidor, calumniador, misero, desgraçado, infeliz e miseravel. Miseravel!.. sim, sou bem miseravel, nem sequer soube o que era ter familia!

A mais disso, dão-me em rosto com o modo de ser de alguns parentes meus que vivem nas Con-

(1) *Palavra*, n.º 160, sexta feira, 18 de dezembro de 1891.

gregações Religiosas. Podiam ter-me lançado em rosto muitos mais, e é precisamente d'estes mais, e muito mais, que infelizmente terei de me occupar n'este capitulo.

Diz-se no protesto «que depois de Deus, devo tudo á Companhia de Jesus»: d'aqui poderia alguem inferir que meus paes não foram honrados, que me abandonaram ou não trabalharam para me dar uma educação primorosa. Tudo isso é falso, e eu necessito deixar-lhes o nome bem illibado, custe a quem custar. Primeiro meus paes e depois o resto do mundo.

Fallemos primeiro dos signatarios do protesto que o leitor terá desejo de conhecer, e que eu tratarei com toda a consideração, recato e respeito, não só pelas relações de intimo parentesco, mas pela sua elevada posição, e ainda pela natural delicadeza de gente que se preza, que exige uma linguagem urbanissima em casos similhantes, embora tenha recebido insultos gravissimos, que quero julgar inconscientes.

O primeiro signatario do documento era o rev. dr. João Rodrigues d'Oliveira Grainha, fallecido a 19 d'agosto do corrente anno, na edade de 76 annos, por cujo lugubre successo trajo n'este momento o lucto rigoroso que a sociedade prescreve,

e o meu espirito está emocionado com ideias não menos luctuosas do que o traje externo. Quantos sepulcros me recorda aquelle sepulcro! Paz aos mortos: descanço eterno nos seus leitos glaciaes.

O illustre extincto era um dos mais valentes campeões dos seus arraiaes.

E' sempre bom ser grande em qualquer campo. Elle não seguia o catholicismo dandy, que ora está em moda, um catholicismo versatil e elegante, mas que prescreveu o *syllabus*. Elle era da velha guarda dos reaccionarios intransigentes e intolerantes nas suas ideias.

A sua modalidade intellectual, o seu modo de proceder e toda a sua vida ficam bem retratados n'este periodo do seu testamento escripto: «Detesto e aborreço d'alma e coração o maldito, diabolico e infernal liberalismo, inimigo irreconciliavel do catholicismo, o conjuncto de todos os erros e de todos os vicios, crimes e maldades de que a malicia humana é capaz, instigada por Satanaz. Dou graças a Deus por nunca ter sido liberal e lamento a infeliz sorte e incomprehensivel desgraça dos que abraçam o liberalismo.»

Meu tio, o rev. padre João Grainha, formara-se em direito pela Universidade de Coimbra, ha já bem quarenta annos: dos bancos da escola já saiu

sacerdote. Não sei o que eram os estudos juridicos e theologicos d'aquella epocha; o que sei é que meu tio não era um homem instruido na moderna accepção da palavra; quasi não lia mais nada do que o breviario e algum jornal catholico do paiz; nunca advogou, nem d'isso tractava; nunca procurou nem quiz cargos nem empregos; vivia da sua fortuna paterna, que administrava zelosamente, e dos proventos do seu sacerdocio particular.

Pertencia a uma especie de Ordem Terceira dos Jesuitas ou afilhados da Ordem, como lhe chama Huber, (1) que são individuos seculares gozando de certos privilegios e regalias dos religiosos da Companhia; confessou-m'o elle a mim mesmo, alguns annos ha: d'estes são poucos em Portugal e eu conheço alguns. Depois de 1880 chegara mesmo a entrar no noviciado da Ordem, mas não se resolveu a permanecer n'ella, como religioso, e saiu.

O segundo signatario, e auctor do protesto, é o reverendo dr. Francisco Rodrigues de Oliveira Grainha, irmão mais novo do antecedente, formado em medicina em Coimbra e tambem sacerdote. Foi no seu tempo um dos mais vivos e folgazões academicos, celebre em questões proprias dos ver-

(1) *Les Jésuites*, liv. II, pag. 98.

des annos. Admoestações paternas, severas e praticas, a leitura das *Noites* de Young, e conversas com o dr. Lemos, sacerdote muito notavel em Coimbra por essa epocha, fizeram do academico irrequieto, um convertido e um mystico. Quiz abandonar a medicina no segundo anno da formatura, mas o pae obrigou-o a concluil-a. Logo depois tomou ordens no seminario de Santarem, onde ensinou physica, passando d'ahi para professor no collegio de S. Fiel. N'este periodo frequentava o padre Francisco Grainha as salas aristocraticas dos seus correligionarios miguelistas, em cuja agremiação politica se tornou distincto.

Pouco depois fixou residencia na Covilhã, sua terra natal; e a medicina exercida gratuitamente com os pobres, as esmolas que lhes dava para receitas e tratamento, e a sua eloquencia fogosa e popular, crearam-lhe um predominio enorme entre os seus conterraneos, do qual se serviu, junctamente com o outro irmão, para o proselytismo religioso.

Assim como os beneficiados pela sua sciencia medica e gratuita são muitos, assim os victimados pelo proselytismo religioso são muitos tambem e talvez mais. Quantos rapazes e raparigas mettidos nos conventos! Quantas familias soffrendo os effeios desoladores da eterna ausencia das pessoas

mais queridas e talvez as mais necessarias. Elle, porém, julga tudo isto bom e santo e por isso não lhe farei offensa, senão elogio, no que tenho, infelizmente, de narrar.

Deixando outras familias, levantarei apenas um pouco o veu que encobre o triste scenario da minha, já que meu tio não duvidou começar esta desgraçada empreza, pondo-me na triste necessidade de a continuar para justificação da memoria de meus paes, que não foram culpados em tantas desgraças, para reparação da minha honra gravemente offendida, e para que n'esta obra fique um exemplo do que é uma familia victimada por esse Portugal Jesuita, que muitos desconhecem, e outros, pelo não conhecerem, julgam bom.

Francisco Rodrigues d'Oliveira Grainha e Rita de Jesus Sena, meus avôs, tiveram dois filhos, João e Francisco, já mencionados, e quatro filhas, Maria Angelica, Joanna, Rosa e Rita: estas duas ultimas ficaram solteiras, e a ultima, a mais nova, já morreu freira, porque teve a infelicidade de chegar ao uso da razão quando os dois padres já dominavam na familia.

Joanna Grainha, minha santa mãe, casou com João Borges Correia, negociante, e tiveram numerosa prole, sendo eu o ultimo filho: com o meu nas-

cimento existiamos vivos quatro irmãos e quatro irmãs.

Maria Angelica Grainha casou em primeiras nupcias com Antonio da Costa Terenas e em segundas com José Rodrigues Rogeiro, havendo d'estes matrimonios dois filhos e quatro filhas, além d'outros que morreram cedo.

Quando nasci havia, pois, duas familias irmãs, compostas de oito raparigas e seis rapazes.

Meu avô, Francisco Grainha, fabricante de lanificios, tratou de associar ao seu negocio os dois genros Borges Correia e Rodrigues Rogeiro, começando em breve a casa a prosperar.

Já vimos que meu avô mandara os dois filhos João e Francisco a estudar, um direito e outro medicina. Julgava o prudente negociante que d'esta forma estabelecia solidamente a sua descendencia, consorciando as filhas com negociantes da sua profissão e dando aos filhos carreiras litterarias, honrosas e lucrativas; e entendia que d'esta arte essa já numerosa familia, vivendo na doce paz e alegria do convivio domestico, se tornaria forte, e se propagaria lançando profundas raizes na sua terra natal. E assim seria, se o fanatismo religioso e jesuitico não viesse transtornar esses planos e dispersar, com um tufão ardente, todos os membros d'ella,

para longe das casas paternas, afastando-os uns dos outros para sempre, permanecendo só alli os causadores do afastamento dos outros!

Vejamos como isto se fez.

Meu pae, negociante honrado e como tal muito estimado, tinha alargado o commercio á medida que a prole augmentava, e lhe dava esperanças de futuro auxilio. Quando, porém, estava no auge d'este desenvolvimento commercial, viu-se sem filhos que o pudessem auxiliar.

Meus tios, os rev.os padres Grainhas, tinham adquirido em toda a familia um dominio absoluto, e como tinham por maxima que o mundo é um logar de peccados e que é perigoso para a salvação da alma viver n'elle, trataram de fazer que os sobrinhos e as sobrinhas entrassem nos conventos.

De minhas quatro irmãs, as tres mais velhas entraram na Congregação das Dorotheias, freiras que ellas nunca tinham conhecido, bem como nenhumas outras, porque até então as não houvera na Covilhã. E — facto curioso — minha irmã mais nova, Maria do Ó Borges Grainha, (1) que fora educa-

(1) Um jornal reaccionario de Vizeu, *Revista Catholica*, entendeu que me desprestigiava attribuindo-me o appellido d'esta minha irmã, que lhe vinha d'uma imagem obesa e informe, que existia na egreja de S. Francisco, matriz de minha freguezia,

da durante annos no collegio das Dorotheias da rua do Quelhas, em Lisboa, nunca a puderam persuadir a fazer-se freira. Verdade seja que, em consequencia d'essa recusa, morreu bem depressa na flor da edade, poucos mezes depois de casada.

Com os irmãos procedeu-se do mesmo modo: deu-se-nos uma educação encaminhada a fazer de nós padres ou frades, e que produziu o seu resultado. Só ao mais velho, attenta a sua repugnancia para as lettras, o dedicaram ao commercio, onde tambem não provou. Os dois seguintes, Francisco e José, (1) os unicos de que fala o protesto, entraram na Ordem dos Jesuitas, tendo 15 a 16 annos de

---

com o titulo patusco de *Senhora do O'*, e que é causa de alguns tontos padrinhos darem esse appellido caricato a algumas meninas minhas patricias. O tal jornal dizia pois falsamente que me fora applicado a mim aquelle epitheto, (cuja origem ignorava), porque, com a minha rudeza, não pudera aprender na escola durante muito tempo mais que a lettra O. Isto passava-se dos 4 aos 5 annos. Calumniado desde os 4 annos!

(1) No protesto diz meu tio que este meu irmão José era «amantissimo da sua vocação» e outras coisas mais. Não era nada d'isso, porque era bastante intelligente. O que elle não tinha feito, por influencia de meus tios, antes de entrar na Ordem, eram os exames no lyceu das poucas disciplinas de preparatorios que aprendera em S. Fiel, como tambem os não fez o outro irmão que lá está; e por isso o José instou comigo para eu não entrar na Ordem sem fazer esses exames, que muito me serviram depois. Este facto explica muitas coisas...

edade; um, o José, lá falleceu e o outro ainda lá vive. A mim metteram-me aos 8 annos no collegio de S. Fiel, d'onde, aos 15 annos, fui seduzidamente tambem para a mesma Ordem, e lá estive até aos 24.

Quando cheguei aos seis annos, edade em que começava a ter consciencia do que se passava em volta de mim, já meus irmãos e irmãs tinham desapparecido de casa de meus paes, e o espectaculo que esta apresentava era o mais lastimoso que se possa imaginar e que toda a vida trarei gravado na imaginação, como se o estivesse vendo a cada hora.

Eramos só em casa, meu pae, minha mãe e eu: o irmão mais velho estava mezes e mezes por fóra em diversas occupações.

Meu pae, sentindo pouco a pouco demolir-se-lhe a casa e as esperanças d'ella, que eram os filhos, teve um primeiro ataque apopletico, que lhe nublou a intelligencia e o pregou entrevado n'uma cadeira. E eu triste creança passava horas e horas ao lado do pobre velho: elle ria e chorava com as minhas creancices, sem eu o entender a elle nem elle a mim; elle com a incoherencia da razão perdida, eu com a incoherencia da razão incipiente. Estavamos alli duas creanças, uma a desabrochar outra a fenecer: eu levava o dia a tagarelar para elle, e elle

quasi sempre mudo: só ás vezes articulava palavras desconnexas; e ás vezes com a bocca hiante chamava a gritos por alguns dos filhos. Mas nenhum d'elles lhe respondia e era necessario que eu lhe dissesse para o calar: «não estão cá, já lhe disse que se foram embora.» «Foram-se embora...» era assim que me respondiam tambem, quando eu perguntava pelos irmãos e irmãs que mal tivera tempo de conhecer antes de os encerrarem nos conventos.

Minha mãe, entretanto, sobrecarregava com o peso de todos os negocios e cuidados da casa que eram grandes: quantas vezes a vi chorar! Horrivel recordação!

Em fim o martyrio findou. Eu fui mandado para o collegio dos jesuitas em S. Fiel; algum tempo depois soube que morrera minha mãe sem ter ao lado uma só das filhas, (ella que tinha quatro vivas!), e dos filhos só tinha, junto a si, um, o mais velho, o que não era jesuita; decorridos apenas oito dias morreu meu pae, o pobre entrevado, sabe Deus por que motivo, e nas mesmas condições ou peiores ainda do que minha santa mãe.

E não querem que eu grite e dê brados contra o mais infame de todos os ladrões, esse que se chama o fanatismo religioso, o jesuitismo.

No outro ramo da familia, descendente de minha tia Maria Angelica Grainha, as coisas correram do mesmo modo e com mais aggravantes circumstancias ainda.

Das quatro filhas, que restavam vivas, nenhuma d'ellas escapou á seducção religiosa. Todas quatro foram feitas freiras, e algumas estando já pedidas em casamento. Tres ainda estão nos conventos, e uma já falleceu n'elles.

Com os dois filhos o processo não conseguiu produzir o seu natural effeito. Com um ainda se tentou executal-o com rigor; e foi necessario uma illiada de trabalhos para elle se ver livre do sacerdocio a que o queriam submetter. A consequencia d'esta resistencia, porém, foi que os dois filhos se sentiram forçados a abandonar a casa, que depois, entregue a extranhos que parece não foram fieis, acabou ha pouco de afundir-se.

E a mãe d'elles tambem morreu, não nos braços das filhas, tendo vivas quatro!, mas nos braços de mulher extranha, e que mulher!

Leitos de morte! sepulcros cerrados! quantos mysterios encobris!

Aqui não ficou exarado senão o que era absolutamente indispensavel para a minha honra e a de meus honradissimos progenitores. E como resumo do

que fica exposto apresentarei o seguinte quadro da

FAMILIA GRAINHA (1)

**Francisco R. d'Oliveira Grainha* e ** Rita de Jesus Sena*

- **João, padre*
- Francisco, padre
- **Maria Angelica*, casada
  - *João*, casado
  - Antonio, casado
  - **Maria José* . . . . . freira Salesia
  - Maria Rosa. . . . . freira Dorotheia
  - Rosa. . . . . freira Salesia
  - Amelia . . . . . freira Dorotheia
- **Joanna*, casada. . . . . .
  - **João*, casado
  - Francisco de Salles. . jesuita
  - **José* . . . . . jesuita
  - Manuel, solteiro. . . . . ex-jesuita
  - Rita . . . . . freira Dorotheia
  - Maria do Espirito Santo freira Dorotheia
  - Josepha . . . . . freira Dorotheia
  - **Maria do Ó*, casada.
- **Rosa*, solteira
- **Rita*, freira de S.ta Thereza.

(1) Os nomes anotados com * designam as pessoas já fallecidas e os em *gripho* as que tiveram descendencia.

D'este quadro se vê que, a seguir-se a vontade e os intentos de meus tios, a minha familia estava hoje extincta; porque *João*, o unico descendente que a continúa com a sua prole, esse mesmo teria tambem de ser sacerdote, se não tivesse despedaçado violentamente os laços com que o prendiam, sahindo intrepida e quasi heroicamente do seminario de Santarem, quando pretendiam que elle tomasse as primeiras ordens. A esse acto de pouco vulgar energia corresponderam meus tios com uma perseguição systhematica e pertinaz, durante muitos annos, apenas interrompida, quando precisavam aproveitar-se do seu valimento.

N'outras familias da Covilhã e seus arredores poderia descobrir tambem uma similhante dizimação por effeito do fanatismo sectario de meus tios. Só a historia cómpleta da minha, segundo as informações que me foram dadas pelos membros mais antigos d'ella, demandaria um grosso volume, que seria a tortura do meu coração e um auto de fé do jesuitismo. E escrever-se-ha, se fôr necessario.

Teria acabado aqui este dolorosissimo capitulo, se meu tio, o auctor do protesto, não me tivesse assacado um crime, dizendo que eu mudei de nome, coisa propria de malfeitores e vadios.

Tenho de explicar esta insinuação, usando de generosidade e lealdade para com esse meu tio, sem sequer de leve tocar em certos pontos melindrosos da sua honra, e no que por vezes tem apparecido na imprensa a seu respeito.

Historiemos este ponto. Em 1886 resolvi abandonar a Companhia de Jesus, onde entrára seduzido aos 15 annos, desilludido já e convencido que era errado o caminho que seguia; e a me dar forças para esta resolução contribuira muito a morte, prematura e pouco antes succedida, de meu irmão José, aquelle com quem mantinha relações mais intimas, e que foi victimado pela tisica em virtude de excessivo trabalho na Ordem.

Saido da Companhia, dirigi-me á Covilhã a casa de meus tios, que eram os parentes mais proximos que me restavam. Demais, meu tio, padre João Grainha, ficara meu tutor e dos outros irmãos durante a menoridade; tutoria de que nunca houve contas. Meus tios não me receberam bem a principio; já o esperava. Depois, já melhor dispostos, fizeram-me esta proposta: ou tu segues o sacerdocio, mesmo como padre secular, e então tudo o que temos é teu; ou não te ordenas, e então escusas de contar comnosco para nada.

Davam-me tempo para me resolver; mas eu re-

solvi logo alli dizendo-lhes que não queria ser padre. Não vendi a minha vontade nem a minha consciencia; se as quizesse vender tinha tudo; não fui um vendido, nada podia esperar. Dois ou tres dias depois, saí para Lisboa, levando uma pequena quantia, parte d'um resto do meu patrimonio que se acabava de vender; as outras partes foram entregues ao collegio das Dorotheias da Covilhã, como tinham sido entregues aos jesuitas d'alli algumas rendas provenientes da minha casa. Foi isto o que me communicou o meu tutor.

Em Lisboa, matriculei-me no Curso Superior de Letras, ao qual devo grande parte, a maior e melhor, do pouco que hoje sei; e de quasi todos os dignos lentes recebi provas da maior sympathia e dedicação. Estimo ter ensejo de fazer publico este meu testemunho agradecido.

Mas, como para viver e seguir aquelle curso, necessitava de leccionar, fiz-me annunciar para esse effeito. Bem depressa conheci que o appellido Grainha, que sempre usara, me impedia a leccionação e portanto os meios de subsistencia. Deixei-o então, *durante dois annos* e *só particularmente*, assignando-me, como leccionista, Manuel Borges Correia, nome de meu pae. Mas o meu nome em todos os exames desde o de instrucção pri-

maria até ao ultimo do Curso Superior, em todos os requerimentos para o magisterio e em todos os mais documentos, foi sempre e é Manuel Borges Grainha. Com elle fiz os preparatorios, com elle entrei nos jesuitas, com elle me matriculei no Curso, com elle concorri ao magisterio. Só particularmente e para viver, o modifiquei durante dois annos, nos quaes não recebi signal de benevolencia de meus tios nem dos jesuitas e só quando já estava na vida publica fui importunado por elles. Parece-me pois que não é grande a culpa, e se a ha, não é minha por certo, é de quem foi causa do facto. E, comtudo, eu podia ter mudado esse appellido officialmente, como outros da minha familia o mudaram. Mas não o quiz fazer. E eu, confesso-o, não me envergonho nem envergonhei nunca do nome Grainha, que é tanto meu, como de meu tio, porque nos vem do mesmo tronco. Prezo esse nome: elle é grande no campo jesuitico onde meu tio milita, e o meu desejo seria fazel-o egualmente grande, ou maior, se possivel fosse, no campo contrario, onde estou convicto.

Este livro, como o outro, e como talvez outros, em diversos generos, são a prova pratica d'esse intento. Pena tenho eu que a obra não corresponda ao desejo. Mas farei o que puder dentro das

minhas acanhadas forças intellectuaes e physicas. Em todo o caso, meus tios já me tentaram por varias vezes aproveitar para o seu campo, do que ha testemunhas e eu tenho documento, mandando-me pedir para eu redigir um jornal jesuitico na Covilhã, destinado aos operarios. O trabalho era pouco e a gratificação, disseram-me, era boa. Mas eu, que desprezo todos os que se vendem, nem sequer me dignei responder. Os pobres e excellentes operarios da Covilhã teem lá muito quem os engane e, infelizmente, sempre será possivel achar quem se venda para esse triste mistér.

O leitor sensato deve ter calculado quão doloroso me terá sido ter escripto este capitulo, tão particular e minucioso; mas tanto era necessario para responder não só ás insinuações de meus tios, mas tambem a uma multidão de calumnias que os chamados jornaes catholicos do paiz arremessaram contra mim e contra os meus, algumas das quaes já appareceram e outras apparecerão ainda em seu logar proprio. Alem de que a familia Grainha é tão conhecida em todo o paiz, como reaccionaria e jesuitica, que o conhecimento d'estas coisas, quasi do dominio publico, assume um caracter geral, que póde servir de exemplo a todos para se livrarem d'este terrivel dizimador das familias, o jesuitismo.

## IX

### Uma excepção honrosa

E' um dever fazer justiça a todos; e eu cumpro sempre este dever com gosto e satisfação. E já que n'este estudo do Portugal Jesuita não encontrámos até agora senão adversarios que usam uma linguagem desbragada, insultuosa e grosseira, com argumentos de rabulas, com citações mutiladas, e com calumnias feiissimas e gravissimas, desde os Monsegnores até aos mais novatos jornalistas; é de justiça declarar que houve um defensor dos jesuitas, um só de todos os que li, que não usou essa linguagem, nem me dirigiu insultos, nem me assacou calumnias, a não ser uma ou outra palavra menos pensada, sobre a qual não farei incidir a attenção, advertindo sómente ao leal adversario que certos termos não se devem empregar a respeito d'uma

coisa ou pessoa sem a sua prova immediata e formal.

Mas pondo de parte essas meudezas, sinto-me gostosamente obrigado a confessar que houve uma excepção honrosa entre os defensores dos jesuitas. Esta excepção, tanto mais honrosa quanto foi unica, é o sr. D. José Francisco de Paula de Almeida e Silva, descendente do grande Marquez de Pombal, ministro de D. José I. (1)

Li os artigos publicados no jornal a *Nação* desde o n.º 11:581, 31 de dezembro de 1891, até ao n.º 11:610, 15 de março de 1892. Sò a estes me refiro, pois só estes vi; e portanto só a estes attribuo a honra de excepção, que é de presumir terá continuado em subsequentes artigos que procurei mas não encontrei e não sei se realmente appareceram já.

E' muito digno de observação o que se passou n'este caso, e tão instructivo para o estudo que estamos fazendo, que não deixarei de o relatar.

O jornal miguelista, a *Nação*, convidou o sr. D. José a escrever contra o meu livro, porque este cavalheiro viveu entre os jesuitas de 1875 a 1883,

---

(1) Elle proprio o declara na *Nação*, n.º 11:589, 26 de janeiro de 1892, pag. 3.ª, col. 1.ª

aproximadamente 8 annos; (1) em cujo espaço convivi com elle por duas vezes de 1877 a 1878 no Barro, e de 1881 a 1882 em Setubal.

O meu antigo consocio acceitou o convite. (2)

Mas a principio nada escreveu a respeito do meu livro, falou de politica e de miguelismo, dizendo a este, entre outras cousas: «tambem não creio que haja verdadeiro e bem racciocinado legitimismo, onde *predominar o rancor vingativo* contra os partidos contrarios.» (3)

A sua gente, porem, não estava muito satisfeita com os artigos do sr. D. José, que até 21 de janeiro, durante vinte dias, ainda não se tinha atirado a mim e á minha obra, como outros escriptores da *Nação* já tinham feito e do modo que já vimos. E' o sr. D. José quem nol-o diz: «Disseram-me, que é de absoluta necessidade que eu falle do livro diffamador, que o leia, e das suas calumnias diga, o que me parecer; e se não me conduzir as-

(1) *Nação*, n.º 11:594, 6 de fevereiro de 1892, pag. 2.ª col. 2.ª

(2) *Nação*, n.º 11:581, 31 de dezembro de 1891, pag. 1.ª col. 5.ª

(3) *Nação*, n.º 11:584, 12 de janeiro de 1892, pag. 3.ª, col. 1.ª

sim, os impacientes talvez adoeçam de indignação.» (1)

Foi então que o sr. D. José soltou apenas algumas palavras a respeito do meu opusculo, para formular a seguinte opinião: «Li-o (o meu livro) com a attenção necessaria e de modo a poder formar o criterio seguinte: E' uma bem trabalhada arma de propaganda anti-jesuitica, e nos nossos meios burguezes e populares conseguirá o seu intento, mórmente agora depois do *Caso das Trinas* e de tantas calumnias, a que os *zelosos* catholicos teem deixado de responder e de desmascarar nos proprios periodicos que as propagaram, e cujos infelizes leitores continuam a tel-as por *verdadeiros factos*!» (2)

Esta opinião vinda d'um adversario compensa-me o trabalho d'uma obra, cujo unico intento era esclarecer «os burguezes e os populares», e esse parece ao adversario que o consegui.

Mas ao adversario direi que talvez os zelosos catholicos tenham deixado de desmascarar as calumnias, porque ellas não são calumnias, são verda-

---

(1) *Nação*, n.º 11:588, 21 de janeiro de 1892, pag. 2.ª col. 5.ª

(2) *Nação*, n.º 11:588, 21 de janeiro de 1892, pag. 2.ª col. 5.ª

des e portanto não se podem desmascarar; e será por isso que certos escriptores, em vez de virem responder nos jornaes onde ellas se propalam, vão, como já vimos, para a *Palavra* e para a *Ordem* e para outros similhantes.

Mas o sr. D. José antes de entrar no assumpto, para que fôra convidado que era a critica do temeroso livro, declara cathegoricamente que não me vae insultar, nem calumniar, porque diz, e muito bem, que a razões verdadeiras ou falsas não se responde com insultos nem calumnias. Eis as suas palavras: «Não rompi logo em excessos de sentimentalismo? Fil-o de proposito. A razões verdadeiras ou falsas, não se responde com parcialidades de affecto, nem lamentações plangentes, nem com invectivas irosas. Tive mão em mim, para não seguir o mau estro d'aquelles, que por excesso de sentimentalismo foram mais damnosos que uteis, ás causas que defendiam.» (1)

Excellente modo de pensar, e severissima lição a todos os anteriores paladinos dos jesuitas! As razões e os factos do meu livro ou eram verdadeiros ou falsos; se verdadeiros, calassem-se e admittis-

(1) *Nação*, n.º 11:588, 21 de janeiro de 1892, pag. 2.ª, col. 5.ª

sem-nos; se falsos, refutassem-nos, mas com *provas* e *documentos*, e não com insultos, nem calumnias, nem protestos, porque os insultos, as calumnias e os protestos só servem para mostrar a falta de *provas* e de *documentos* em contrario. E o sr. D. José já dissera linhas antes que um livro refuta-se com outro livro. (1) Que dirão a esta tão razoavel opinião do sr. D. José os srs. padres Portocarreiro, Capella, Silvano, etc., etc. que tiveram o «mau estro» de comprometter a defeza, chegando a dizer o sr. padre Capella, que nem «um só» jesuita conhece que não seja um «modelo»: todos sanctos! Eu, sendo adverso á Ordem, desculpára muitos, os indifferentes e os fanatisados.

O sr. D. José, tendo já entrado no assumpto, no capitulo III, que tem o seguinte titulo «como se escreve este livro», faz nova confissão, e muito mais explicita, do mesmo principio da imparcialidade pessoal, e da forma urbana e cortez de dizer. As suas palavras n'este ponto revestem um caracter profundamente grave e sensato:

«Eu é que não quero distinguir d'aqui na multidão lustrosa dos adversarios, individuos, personalidades,

(1) *Nação*, n.º 11:588, 21 de janeiro de 1892, pag. 2.ª col. 4.ª

partidos, nem concretar os meus pensamentos aos labores de *questões pessoaes*, sempre odiosas, irritantes, apaixonadas, incompativeis com o meu feitio moral, perigosas para o meu temperamento, e *inteiramente improprias da augusta magestade dos Principios*, que são a divisa que defendo, o unico motivo da minha vinda a este incruento torneio da imprensa. Tambem não me deixarei levar (como já disse acima) do sentimento parcialissimo e imperioso da *grata amizade, mal invocada em assumptos de ordem superior*, e muito alheios ás considerações pessoaes, por mais caras e venerandas, que estas sejam.

«E n'isto já hei dado provas bem frisantes; pois até agora tenho-me conservado n'uma *certa questão* inteiramente isolado no meu criterio, evitando tudo que o possa fazer inclinar para um ou outro lado do fiel da rectidão e do realmente positivo, chegando o melindre a ser tão escrupuloso que ainda não li nada, do que se tem escripto ácerca da mesma questão levantada ultimamente contra os Jesuitas (de todos os estados, classe e sexos).

«Sei comtudo que entre muitas e grandes verdades de doutrina e justo desforço, se hão affirmado *pequenas inexactidões, referentes a um individuo* (1) *o qual*

(1) Este individuo sou eu; o sr. D. José para fazer um trabalho totalmente imparcial e impessoal nunca escreveu o meu nome em seus artigos, nem o substituiu por outros, ao contrario do que fez o sr. padre jesuita Mattos, que, em vez do meu nome, escrevia epithetos injuriosos para mim.

*poderá responder a ellas triumphantemente.* E Deus nos livre de certos pequenos triumphos n'estas circumstancias tão anormaes e de tanta ignorancia religiosa! E Deus nos livre tambem de zelos excessivos, que se podem comparar ao affecto de certos animaes que tanto abraçam os filhos, que os soffocam e matam!...

«Tenhamos sempre caridade, muita caridade enraizada no fundo d'alma, afim de correspondermos em tudo e sempre á dulcissima doutrina de Jesus e á alta missão de apostolos da verdade e da justiça n'este campo da imprensa.» (1)

As phrases que sublinhei são verdadeiras maximas, e são tambem a minha defeza mais completa e indiscutivel, porque vem d'um adversario. Diz com muita razão, que as questões pessoaes não teem nada com os principios, e que a amizade e o sentimentalismo não se devem invocar n'esta questão.

E diz mais que os adversarios affirmaram contra mim «pequenas enexactidões a que eu posso responder triumphantemente», como já respondi. Peço perdão para fazer notar ao sr. D. José que as inexactidões não foram «pequenas», mas grandissimas. Porque affirmar que um individuo é

(1) *Nação*, n.º 11:610, 15 de Março, de 1892, pag. 3.ª col.as 3.ª, 4.ª e 5.ª

pouco limpo em questões financeiras, que foi um estudante infimo, que tem sido expulso de estabelecimentos officiaes e que chegou ao ultimo grau da deshonra [1], coisas todas affirmadas pelo mesmo jornal a *Nação*, onde o sr. D. José escrevia, não são «pequenas inexactidões», são calumnias gravissimas.

Felizmente que o sr. D. José no mesmo jornal afiançou que eu podia responder triumphantemente a ellas e sobretudo á primeira, que era a mais grave, e cuja contraprova lhe passou pelas mãos, dignando-se fazer-me um serviço que muito agradeço a s. ex.ª

O sr. D. José, além de ser o unico que soube elevar-se acima da questão pessoal, foi tambem o unico que se collocou no terreno verdadeiramente catholico da defeza, sabendo separar a religião, da Companhia de Jesus; não subordinando aquella a esta, mas vice-versa. É o que se deprehende da divisão do seu trabalho:

«E com estes sentimentos sinceros, com a paz nos labios e no coração, paz para os individuos, embora haja guerra sem quartel contra os falsos principios, en-

(1) *Nação*, n.º 11:510, 29 de dezembro de 1891, e seguintes.

tremos na materia pricipal d'este livro, em cuja 2.ª parte trataremos da doutrina catholica: na 3.ª dos que lhe são realmente adversos: e na 4.ª da Ordem dos Religiosos da Companhia de Jesus, como um appendice illustrativo da obra e não como unico motivo da sua publicação.» (1)

Optima divisão: aqui estão as coisas no seu logar. O sr. D. José declara que a questão, para a qual fora tão rogado pela *Nação*, e da qual este jornal se tornara um campeão desbragado, será tratada apenas como um appendice illustrativo.

O mais curioso, porém, é que os artigos do sr. D. José pararam aqui, com o simples ennunciado da obra; pelo menos não vi mais nenhum, apezar de ter o cuidado de ler a *Nação* durante algum tempo ainda, á espera da continuação da obra promettida e sobretudo da 4.ª parte, que era a que me interessava. Não sei se o sr. D. José levou a cabo a empreza, ou se parou com ella, ou se ainda a está compondo, porque, embora antigos conhecidos, nunca tivemos occasião de falar depois de sahidos da Ordem, e na primeira occasião que appareceu o sr. D. José teve melindre de se encontrar comigo,

(1) *Nação*, n.º 11:610, 15 de março de 1892, pag. 3.º col. 6.º

melindre aliás muito justo. Mas pela correcção, que s. ex.ª já tinha mostrado em artigos antecedentes, eu confesso que não tinha melindre n'isso; porque entendo que dois individuos, embora adversarios á outrance na questão dos principios, pódem perfeitamente conviver e tratar-se, desde o momento que sabem ser correctos e cortezes na discussão.

E nós ambos, embora cortezes, somos adversarios e militamos em campos diametralmente oppostos; não falo já na questão jesuitica pois ainda a não vi tratada pelo sr. D. José até ao momento em que escrevo este capitulo; mas no fundamento e base de toda a obra do sr. D. José, que elle expoz no capitulo II assim intitulado: «porque se escrevem estes apontamentos.» (1) N'este capitulo indica-nos que o criterio com que escreverá a obra é o expresso nas palavras d'um evangelista: *Quisquis non receperit regnum Dei, velut parvulus, non intrabit in illud.* — *Quem não admittir o reino de Deus, como creancinha, não entrará n'elle.* Este texto tem varios sentidos, mas aquelle em que parece tomado pelo sr. D. José, e se deprehende dos dizeres d'este capitulo, é que as coisas da Religião as devemos admittir como creanças. E o sr. padre

(1) *Nação*, n.º 11:607, 9 de Março de 1892, pag. 3.ª

Conceição Vieira, outro escriptor da *Nação*, assim explica aquelle texto, no mesmo jornal, n.º 11:598 em que ambos collaboram: «Emfim, meu leitor, tudo revella, que o homem tem, na sua vida, de encontrar as taes *forcas caudinas* com frequencia, e que tudo lhe é necessario para dar uma prova da sua submissão voluntaria aos ensinamentos do Espirito Santo, custe-lhe lá os maiores sacrificios; que, esbelto e alto que seja, como um *pharol*, tem de deixar a sua impertigada verticalidade, para se rojar por terra, e enfiar a modo de *reptil*, pelo orificio unico, que se lhe apresente, ainda que impossivel lhe pareça que por elle possa caber; e então quando tal lhe aconteça, brade por Jesus, que o auxilie, e verá que, sem quebrar osso nem macerar ou arranhar a carne, rapidamente se encontra livre dos embaraços, que um pouco antes julgava insuperaveis.» (1)

Ora este criterio é que não posso admittir, nem hoje o admittem os melhores pensadores. Isto de admittir ensinamentos religiosos «como creanças», e de perante elles «rojar-se como reptis», a minha razão não m'o consente, nem o consente a de homens de primeira ordem, lentes de cursos superio-

(1) *Na ção*, n.º 11:591, 16 de Fevereiro de 1892, pag. 3.ª col. 1.ª

res, e notabilidades, que escrevem sobre religião. Hoje a Sciencia das Religiões estuda-se no estrangeiro nas Faculdades de Philosophia e de Lettras das Universidades, e não só nas Faculdades de Theologia. E quem se dedicar aos estudos Religiosos tem de ler e estudar as obras de religião de Taine, de Renan, de Burnouf, de Lefèvre, de Letourneau e de Julien Vinson, e outros.

Nem creio que sobre religiões se possa escrever bem sem a leitura d'aquelles auctores ou sem o conhecimento das fontes scientificas e linguisticas d'onde elles auferiram os elementos dos seus estudos. Para o estudo d'uma religião é necessario estudal-as todas, e a chamada catholica é uma d'ellas, e não é nem a mais antiga nem a mais universal, como sabe qualquer modesto estudante de instrucção secundaria. O estudo das religiões demanda muito conhecimento da antropologia, da psychologia comparada, da philologia comparada, das linguas orientaes, da prehistoria e da historia universal. Só quem tiver estes estudos poderá ter fundos e seguros conhecimentos religiosos. Isso de ser *creança* e *reptil* em questões de religião, francamente, não sei como uma razão bem instruida e formada o possa admittir. N'este ponto estamos, pois, em completa desharmonia o sr. D. José e eu.

Eu tambem em creança, porque me enganavam, tive a opinião do sr. D. José; mas a leitura do Taine, do Bournouf e dos outros auctores citados, e o estudo das religiões primitivas e da escola alexandrina varreram-m'a completamente; com o que estou muito satisfeito. E é por esse motivo tambem que na historia da Companhia de Jesus não me curvo, como creança ou reptil, deante das affirmações e enthusiasticos elogios de certos catholicos, por elevada que seja a sua posição; mas vou ás fontes historicas, e examino o que elles fizeram na instrucção, na civilisação, na moral e na politica, e estudo tudo isso segundo os documentos apresentados por escriptores, que no mundo scientifico são tidos e laureados como melhores e mais sabios historiadores. Assim consulto o Ranke, o Huber, o Compayré, e ouço o Thiers, o Paul Bert, o Gioberti, ministros de estado em paizes estrangeiros e escriptores de primeira plana. E todos estes são homens da nossa epocha, que seguem o caminhar da sciencia. Emquanto que a favor dos jesuitas não vejo historiador ou escriptor moderno, de valor comparavel ao d'aquelles, e quasi nenhum digno de se ler além do Cretineau-Joli, o qual, ainda assim, confessa que na Companhia ha bom e mau; e bem examinadas as entrelinhas da sua obra, en-

contramos, embora muito enflorados, quasi todos os defeitos e males que aquelles auctores assacam á dicta Companhia.

Escrever, sem consultar auctores e testemunhas pró e contra, não é bom systema; e comtudo o sr. D. José diz-nos que o segue, por estas palavras: «as presentes circumstancias me obrigam a escrever (a obra) sem consultar auctores e auctorisados pareceres de amigos.» (1) Assim, sr. D. José... cautela com o resultado!

(1) *Nação,* n.º 11:610, 15 de Março de 1892, pag. 3.ª, col. 2.ª

## X

### Os defensores occultos

Temos visto até agora muitos defensores officiaes e officiosos dos Jesuitas, que gastam o seu tempo a escrever livros e artigos em favor d'elles. Estes defensores servem-lhes para conservar a aura de bondade e sciencia entre o vulgo ignaro das nossas povoações ainda fanatisadas. Por isso lhes louvam e agradecem, como vimos, as defesas, cujo valor os leitores sensatos poderão ter já aquilatado pelo que fica exposto. Mas os grandes defensores dos jesuitas, em que elles teem a sua esperança e põem a sua fortaleza, são os occultos. São os que quasi nunca escrevem a favor d'elles, e até algumas vezes fallam contra elles, e é possivel até que lhes tenham odio inveterado. Parece paradoxal, mas é muito verdadeiro e positivo, como vou

já provar com factos e auctoridades de valor, depois de lhes descrever as especies curiosas.

Estes defensores podem-se dividir em tres classes.

A primeira é a de certos rapazes, fatuos de talento e enfatuados de vaidade, que, incapazes por si sós de se abrir carreira no terrivel *struggle for life* em que os homens actualmente se alçapremam uns aos outros, entendem que, por motivos de familia e de outras relações naturaes ou industriosamente adquiridas, os jesuitas lhes podem servir ou para arranjarem um d'esses chamados bons casamentos, ou para terem entrada em certas salas que se chamam de bom tom (e elles lá sabem por quê), ou para obterem certas «posições vantajosas», que já nos foram reveladas por pessoa lá d'elles. Estes são uns pobres diabos, muito orgulhosos comtudo, que tem sempre a consciencia em almoeda, exposta ao quem dá mais, vivendo agarrados ás saias e ás batinas, como o já proverbial bacharel da *Reliquia* do nosso grande romancista.

Nem vale a pena fallar d'elles: vão ás egrejas; ouvem sermões que detestam, mas louvam; narram coisas piedosissimas, em que não crêem, nas reuniões das beatas poderosas; e, quando se podem escapar ao cheiro do incenso, blasphemam nos ca-

fés e nos lupanares, como todos os demonios da luxuria, começando por empastelar no mais immundo ridiculo as pobres creaturas que os protegem. A unica habilidade d'estes está em saberem manter essa vida dubia por meio de equilibrios verdadeiramente malabarescos.

Outra classe é a de certos homens mais graves e conhecidos como muito liberaes, que sem se deixarem ficar debaixo da acção dos jesuitas, comtudo de quando em quando os defendem perante os poderes publicos, vendendo-lhes cara essa defesa, fazendo-a reverter em ganancia pecuniaria ou em influencia local. São d'essa gente chamada illustrada, liberal, muito seria e muito prudente, mas cujo alvo de toda a illustração, liberalismo e prudencia é... o egoismo.

A terceira classe é a dos politicos ou melhor dos politicões. Julgam que o jesuitismo tem muito poder em questão de eleições e que lhes serve para conservar o povo na sua ignorancia e ovina submissão, emquanto elles vão muito socegada e regaladamente comendo e disfructando os proventos que tiram d'essa estupidez calculada dos povos. São os mesmos que deitaram abaixo os thronos absolutos dos reis, aos gritos ardentes de liberdade, egualdade e fraternidade; mas agora, bem e

commodamente sentados nos degraus dos thronos constitucionaes d'esses reis de farça sobre quem dominam, já não podem ouvir gritar a serio pela mesma liberdade, egualdade e fraternidade. E, como o povo parece começar a remecher-se na cama da sua ignorancia secular, e a tentar abrir os olhos e levantar os punhos para os seus commodistas representantes, estes cavalheiros apegam-se a tudo quanto possa demorar o acordar das massas, fartas de soffrer, e como já não acham fortes os grilhões da imprensa nem as difficuldades da instrucção, amparam e auxiliam o jesuitismo, que lhes parece actualmente o melhor elixir para o embrutecimento popular e ainda da classe media que não lê nem estuda.

Creio que estes cavalheiros se enganam duplamente. Primeiramente os jesuitas não tem poder proprio, só teem o que os mesmos politicos lhes dão; haja vista o que lhes fez Bismark, Victor Manuel e Ferry. E' curiosa esta scena no nosso paiz. Os jesuitas andam sempre com o credo na bocca temendo que um governo qualquer os expulse, e os politicos andam sempre a temer que os jesuitas e seus amigos lhes deem um cheque nas eleições ou os deitem abaixo das bancadas ministriaes. Fazem-me lembrar os dois andaluzes *del cuento*, que n'uma

noite de luar percorriam juntos um bosque, em continuo sobresalto sem se atreverem a fallar nem a gesticular, julgando sempre, um do outro, se outro seria um assassino.

Em segundo logar o jesuitismo já não póde suster o movimento moderno, porque já não consegue enganar bastantemente o povo e porque os discipulos dos seus collegios, e eu poderia citar muitos nomes, são hoje os maiores auxiliares e propagandistas das ideias republicanas e socialistas, redigindo jornaes, fazendo discursos e trabalhando activamente.

O leitor que não conhece bem o Portugal Jesuita quererá provas de que no nosso paiz existe alguma coisa d'isto, e de que as causas do facto são as que apontei.

Tem muita razão: e para satisfazer a sua curiosidade transcreverei alguns trechos do livro do sr. dr. Refoios, na introducção ao relatorio de syndicancia ao collegio de S. Fiel; e o leitor fará o juizo que lhe parecer. Devo, porém, declarar que não é meu intuito applicar determinadamente ás pessoas de quem se falla na citação a rudeza das minhas phrases anteriores, que teem um sentido muito geral e qué podem ter mais ou menos logar em todos os paizes, onde houver homens cujo espirito conservador fôr synonymo de egoista:

«Durante a sessão legislativa de 1881 houve na Covilhã uns tumultos, dirigidos pelos jesuitas que incitaram o povo atacar a casa do theatro onde se levava á scena um drama anti-jesuitico; o sr. Rodrigues de Freitas, então deputado, tendo conhecimento d'esses factos, interpellou sobre elles o sr. ministro do reino e pediu que á camara dos deputados fosse enviado o relatorio. (1)

«O sr. Luciano de Castro respondeu que esperava pelos relatorios de todos os governos civis para estudar então o assumpto.

«Apezar das instancias do sr. Rodrigues de Freitas, que chegou a apontar á camara os vicios principaes do collegio de S. Fiel, é certo que o ministerio progressista cahiu, sem que o pedido do sr. Rodrigues de Freitas fosse satisfeito.

«Seguiu-se no governo um ministerio regenerador sob a presidencia de Rodrigues Sampaio.

«O sr. Luciano de Castro, então simples deputado, pediu que o ministro do reino trouxesse á camara electiva o relatorio, recebido pelo governo progressista; e se a memoria me não falha, Rodrigues Sampaio respondeu que o mandaria procurar na secretaria, pois que não apparecera ás primeiras pesquizas.

«Seguiu-se no parlamento um longo periodo de silencio sobre tal assumpto, até que o sr Pedro da Silva Martins, deputado eleito por Castello-Branco em 1881,

(1) E' o relatorio de syndicancia ao collegio de S. Fiel e da Covilhã, elaborado pelo mesmo sr. dr. Refoios.

pediu novamente o relatorio na sessão legislativa do corrente anno de 1883.

«O sr. Thomaz Ribeiro, ministro do reino, respondeu que lhe constava ter o relatorio desapparecido da secretaria do ministerio do Reino.

«Ainda durante a sessão legislativa d'este anno o sr. Marianno de Carvalho, a proposito da discussão da reforma do ensino secundario, se referiu largamente ao collegio de S. Fiel, narrando factos, que constam do relatorio, embora alguns um pouco alterados.

«Referindo-me a esta alteração, de certo involuntaria, não devo passar além sem declarar que não pretendo dirigir por isso uma censura ao illustre deputado; ignoro completamente a fórma como elle se habilitou com o conhecimento d'esses factos: é possivel que lhe fornecessem, já um pouco alterada, a copia do relatorio, como egualmente a forneceram ao illustrado redactor do *Povo Portuguez*.

«Apreciando muito rapidamente, mas com a maior e mais serena imparcialidade, os factos que ficam apontados, direi que realmente me parecia melhor que o sr. Luciano de Castro se apressasse a trazer á camara, em quanto ministro, o relatorio, do que se demorasse a ponto de ter de o pedir como deputado ao ministro que lhe succedeu.

«Este pedido do sr. Luciano de Castro, como deputado, é a confissão de que encontrou no relatorio factos importantes, sobre os quaes não quiz ou não poude providenciar, em quanto ministro.

«E o sr. Pedro Martins não se melindrará nas boas relações que tem comigo, se eu lhe disser n'este logar com toda a franqueza que desejava antes vel-o impressionado pelos terriveis effeitos dos jesuitas no districto de Castello-Branco, e especialmente na Covilhã, pedir ao sr. Thomaz Ribeiro o relatorio e pedir-lhe na camara providencias sobre a attitude perigosa e ameaçadora do jesuitismo na Covilhã logo durante a sessão legislativa de 1882, em quanto conservava relações amigas com o governo, do que ter guardado esse pedido para a sessão de 1883, quando deixára de ser amigo do governo.

«Similhantemente eu desejara ver o sr. Marianno de Carvalho pedindo logo em 1880 ao governo progressista providencias com a mesma energia, com que só em 1883 apontou ao governo regenerador, seu adversario, o collegio de S. Fiel.

«Na sessão legislativa de 1880 tambem se discutiu e até se approvou uma refórma de instrucção secundaria; o ensejo era, portanto, o mesmo.

«Finalmente o sr. Thomaz Ribeiro, ministro do reino, respondendo em plena camara que lhe constava ter desapparecido do seu ministerio o relatorio; e não tendo uma só palavra de extranheza por tal desapparecimento (que é a subtracção d'um documento official); e não promettendo espontaneamente que tractaria de descobrir quem o subtrahiu, e em que epocha se fez a subtracção; mostrou ao paiz inteiro que o jesuitismo nos assoberba já por tal fórma, apezar das leis do Marquez de Pombal, que os seus sectarios invadem a se-

cretaria do ministerio do reino, subtrahem os documentos officiaes que os compromettem, e que esta subtracção se faz impunemente, auctorisando portanto quantas fôr conveniente fazer.

«N'esta apreciação não agradarei a nenhum dos individuos cujos actos aprecio. Não admira: porque eu encaro esta questão, completamente despreoccupado com as difficuldades que qualquer partido possa encontrar para as suas conveniencias transitorias, quando quizer tocar de vez na lepra do jesuitismo e se resolva a cural-a entre nós.

«Tem-me querido parecer que os nossos partidos liberaes teêm receio de tocar-lhe, e que, reconhecendo a necessidade de o fazer, desejam antes que os seus adversarios o façam.

«De maneira que este relatorio, naturalmente destinado a concorrer, na medida do valor dos factos que encerra, como uma parcella a addicionar a tantas outras para reunir a grande familia liberal portugueza contra os fortes e incessantes manejos jesuiticos, tem sido desviado d'esse fim, e tem servido d'arma politica d'um partido liberal contra outro tambem liberal.

«Os jesuitas são o *tertius gaudet* n'esta lucta.

«Pela minha parte resta-me a consciencia de ter empregado desde o principio, quanto de mim dependia, o maior cuidado em desprender este assumpto d'estas luctas de imparcialidades politicas.

«Acceitando o encargo da commissão de inquerito ao collegio de S. Fiel e a dois outros collegios na covilhã,

apontados como estabelecimentos dirigidos por jesuitas, julguei prestar um serviço á causa liberal do meu paiz, e em especial ao districto de Castello-Branco, onde vivi desde creança; porque acreditei que sobre o espirito do sr. Luciano de Castro, expedindo a portaria de 17 de novembro, se fazia sentir a influencia da energia de Julio Ferry e o desejo de evitar que os jesuitas, expulsos da França, viessem engrossar o numero dos que em Portugal já cresciam e floresciam, embora mais escondidos do que hoje.» (1)

N'este trecho vê-se claramente como os jesuitas são protegidos por todos os partidos liberaes monarchicos; e as causas d'essa protecção, são as já acima por mim apontadas, e confirmadas, como vamos vêr, pelos srs. dr. Theophilo Braga e dr. Refoios, cada um dentro das suas ideias politicas.

O sr. dr. Theophilo Braga, escrevendo a respeito do meu outro livro, tem estas phrases: «Deante da corrente impetuosa do socialismo, ou da incorporação do proletariado na sociedade moderna, os dois poderes decahidos (o espiritual theologico e o temporal das monarchias constitucionaes) colligaram-se para o retrocesso. Onde houver um governo

(1) *O collegio de S. Fiel* etc. pelo dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, lente de medicina na Universidade de Coimbra, de pag.as III a VII.

com intuitos conservantistas ahi apparece logo o jesuita para organisar o systema de reacção a favor do passado.»(1)

E o sr. dr. Refoios, no livro citado, pag. XVI, diz: «As aspirações republicanas, intempestivas ainda para a actual posição que Portugal occupa na linha ondulosa da sua evolução social, enchem de receio muitos espiritos conservadores, e podem concorrer para engrandecer o partido reaccionario.»

Os governos enganam-se n'este ponto redondamente: o povo começa a descrer dos jesuitas, como mostrarei praticamente n'outra parte; e dos collegios dos jesuitas estão sahindo os maiores inimigos dos jesuitas, da monarchia, e de todos enganadores, porque alli, em convivio com elles, é que nós aprendemos praticamente a conhecer os modos com que nos pretendem illudir, dando-nos assim a vontade e o appetite de declarar todos esses enganos publicamente, como já teem feito muitos d'elles no estrangeiro e em Portugal e como eu fiz e continuarei a fazer.

E querem saber qual é a paga que podemos esperar dos liberaes os que assim desmascaramos o

---

(1) *Jornal do Brazil*, do Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1892, pag. 1.ª, col. 6.ª

jesuitismo. Leiam este trecho do mesmo corajoso lente, sr. dr. Refoios, a pag. XVIII.

«Este relatorio encerra para mim mais do que uma lição pratica.

«A improficuidade do relatorio, pela falta de força dos nossos governos evidenciada nas primeiras paginas d'este prologo, fez-me arrepender da parte que me competiu n'este trabalho.

«Não foi só o termos de saltar por cima dos avisos que na Covilhã nos fizeram de que era perigoso no estado, então actual, d'excitação d'animos irmos ao collegio para nos desempenharmos da nossa missão; foi ainda o tornar-se vehemente uma lucta minha com o reitor do lyceu de Castello-Branco, onde eu era professor provisorio, lucta originada na protecção que elle pretendia dispensar por si e *por mim* ao collegio de S. Fiel, mas lucta desigual pelas accusações *que em officios* elle me fazia occultamente para a Direcção Geral de Instrucção Publica.

«E comtudo a incuria, que permittiu deixar desapparecer da secretaria do ministerio do Reino um documento official, permitte tambem que continue reitor do lyceu de Castello-Branco (estabelecimento que devia desenvolver todos os seus elementos de competencia com o collegio de S. Fiel, tornando-o tanto menos frequentado quanto mais elevado fosse o ensino no lyceu) o unico professor do lyceu, que por méra conveniencia vive em apertado amplexo com o collegio de S. Fiel, e que figura como advogado que fez o testamento

de que fala a petição articulada (pag. 56 d'este folheto). E a responsabilidade d'este facto pésa já sobre tres governos: — o progressista que recebeu o relatorio, e os dois governos regeneradores que já se lhe seguiram.»

Eis o que me espera a mim, e já o senti em pequena dose, e da parte de individuos, cuja posição obrigava a serem circumspectos, e a não se curvarem a exigencias de ninguem. E o mais curioso é que esses individuos procuraram dirigir as suas manobras occultamente, julgando, os coitados, que poderiam ficar gosando o resultado, envolvidos na sombra do segredo, sem repararem que o nosso paiz é muito pequeno e que afinal tudo se vem a descobrir. Tenho demasiada altivez para saber desprezar esses cobardes desdenhosamente, esperando que os sevandijas ergam um dia a cabeça ao rez do chão, para lhes descrever a figura publicamente. Cobardes! que se encobrem, porque o seu nome só por si já é uma exautoração. Pois fiquem certos que não me fazem desviar um apice da corrente propagandista que encetei.

O sr. dr. Refoios no trecho citado diz-nos que o seu relatorio foi improficuo.

Foi-o, com certeza, pelo que respeita aos poderes publicos; mas pelo que respeita «ao serviço que

o illustre lente desejou prestar á causa liberal do seu paiz, e em especial ao districto de Castello Branco», parece-me poder afiançar a s. ex.ª, como lenitivo a um trabalho digno do mais enthusiastico applauso, que, no districto de Castello Branco e em toda a Beira, o relatorio produziu um effeito excellentemente liberal: ficou n'elle por esse modo o jesuitismo muito desmascarado perante as pessoas sensatas; e um signal d'isso é que a muitos individuos tenho ouvido narrar certos factos quasi pela mesma fórma com que estão no relatorio.

# TERCEIRA PARTE

---

# MEIOS DE PROPAGANDA

# I

## A propaganda jesuitica

Os meios de propaganda mais usados pelos jesuitas, apesar da multiplicidade e diversidade em que a inventiva d'estes padres é fecundissima, pódem reduzir-se a quatro grandes classes: os *Exercicios Espirituaes*, as *Associações Devotas*, o *Confessionario*, e o *Ensino*.

Já n'outro livro toquei estes processos de propaganda, mas muito ao de leve e quasi perfunctoriamente; n'este vou tratal-os com maior desenvolvimento e methodo.

E agora procurarei provar tudo com documentos jesuiticos; abstendo-me o mais possivel de falar, e deixando que os proprios jesuitas elucidem os meus leitores com as suas publicações, de que estou bem

munido, e das quaes hei de fazer largos e curiosissimos extractos.

Por este modo ninguem me poderá tachar de falsario nem de suspeito; e o leitor poderá mesmo deixar de acreditar qualquer coisa para a qual eu não adduza documentos e provas d'outras pessoas e principalmente de jesuitas.

Convem desde já notar, para comprehensão do que se vae ler, que os religiosos da Companhia estudam cuidadosamente os meios sociaes em que vivem, e sem abandonarem nunca os seus processos já experimentados, varíam o modo de applicação segundo as circumstancias de sexo, categoria, aptidão e illustração das pessoas a quem se dirigem, e segundo o maior ou menor grau de civilisação das povoações que se propõem minar.

Estudaremos a sua variada propaganda pelo lado intellectual, economico, e moral. Para este triplice aspecto da questão ouso chamar a attenção do leitor.

## II

### Os Exercicios Espirituaes

Ignacio de Loyola, depois de convertido, dirigiu-se á pequena povoação de Manresa e internando-se n'uma cova, que hoje se venera com o nome de *Santa Cueva*, alli esteve durante muitos dias meditando e orando, seguindo nas suas meditações o *Exercitatorium spirituale* do benedictino Garcia Cisnéro. (1) O fructo d'esse retiro foi o livro dos *Exercicios Espirituaes*, que compoz mais tarde, dizendo que a Virgem Maria lh'os ensinara e como que dictara.

Em 1594, sendo já Geral dos jesuitas o celebre Aquaviva, escreveu-se, por suas ordens e indicações,

---

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. I, cap. II, pag. 33.

um segundo livro, como additamento áquelle, intitulado *Directorio dos Exercicios Espirituaes.* (1)

No Proemio do *Directorio dos Exercicios* diz-se que «todos os jesuitas devem pôr grande cuidado em aprender a manejar esta arma dos exercicios» e que «a experiencia ensina serem os exercicios de incrivel utilidade.» E logo no primeiro capitulo diz-se que «o proposito de todo o jesuita deve ser induzir suavemente, a fazer os exercicios, quantas pessoas fôr possivel», e que «é necessario usar de prudencia para conseguir esse intento, persuadindo

(1) Tudo o que escrevo n'este capitulo será extrahido, como o leitor verá, do livro dos *Exercicios Espirituaes* escripto por S. Ignacio de Loyola; do *Directorio dos Exercicios Espirituaes*, escripto segundo as ordens de Aquaviva; do livro de Huber, *LesJésuites*, (*Der Jesuiten-Orden*); do livrinho intitulado *Pensae-o-bem*, escripto pelo padre Baudrand, jesuita; e do livro *Missão Abreviada*, pelo padre M. J. Gonçalves Couto. Estes dois ultimos são a exposição dos *Exercicios* dados ao povo em forma de *missões*, e encontram-se á venda em todo o paiz. Os dois primeiros estão escriptos em latim e podem consultar-se no *Institutum Societatis Jesu*, tomo II, que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Da obra de Huber, já muito conhecida do leitor, póde-se mandar vir de Berlim (Carl Habel) a edição allemã e de Paris (G. Fischbacher) a Franceza. São, portanto, livros que todos podem confrontar. No nosso estudo seremos informados officialmente pelo *Mensageiro do Coração de Jesus*, revista jesuitica, que se vende na rua do Quelhas, 6, Lisboa, e extra-officialmente por cartas de cavalheiros, que se dignaram auxiliar-me com noticias, que muito agradeço e guardo.

essas pessoas com descrição e modestia, em tempo e occasião opportuna; acautelando-se especialmente de fazer suspeitar que as querem attrahir para o estado religioso», e que «as melhores occasiões para induzir qualquer individuo a fazer os exercicios são quando tenha alguma afflicção interior ou exterior, quando os seus negocios não corram bem, quando seja tratado mal pelos seus proprios parentes ou amigos, ou quando se dêem outras causas similhantes.»

Conhecidas estas ideias dos jesuitas, expostas com as suas mesmas palavras, que todos pódem examinar no livro citado, fica bem claro o alto valor que ligam a esta arma dos *Exercicios* e que hão de procurar empregal-a com todas as pessoas e por todos os modos. E assim o fazem. Vamos, pois, examinar o que sejam estes *Exercicios*; a extensão e o modo como são empregados; e a moralidade das suas praticas; e servir-me-hei sempre das proprias phrases das obras citadas, pondo de parte o meu conhecimento proprio, apesar de ter passado por quasi todos os exercicios de que vou falar.

Os *Exercicios Espirituaes* dividem-se em 4 partes, chamadas semanas pelo auctor, porque cada parte dura uma semana: na 1.ª medita-se sobre o

fim do homem, o peccado, e o inferno; na 2.ª sobre o reino de Christo e sobre a vida de Christo até á sua Paixão; na 3.ª sobre a Paixão de Christo; e na 4.ª sobre a Resurreição do mesmo Christo.

A serie total das meditações, normalmente, deve durar um mez. Mas aqui começa a tactica dos jesuitas.

O capitulo IX do *Directorio* prescreve o modo de dar os *Exercicios* aos varios generos de pessoas. (1) E divide-as em duas grandes classes: 1.ª aquellas a quem é conveniente exercitar em todas as meditações; 2.ª aquellas a quem não é conveniente dar todas as meditações. Dão-se todas aos religiosos e a algumas raras pessoas seculares, principalmente sacerdotes; e não se dão todas ás outras categorias, como são: o vulgo do clero secular, os homens do mundo, as creanças, as senhoras, e o povo. Para estas classes os exercicios costumam durar só 8 a 3 dias. É isto o que prescreve o *Directorio,* e é assim que se faz. E a prova de que actualmente tudo isto se pratica litteralmente em Portugal, encontramol-a a cada passo no *Mensageiro do Coração de Jesus.* No n.º 131, fevereiro de 1892, nas

(1) *Directorium,* cap. IX. De variis hominum generibus, quibus dari possuent exercitia.

capas, lê-se: «*Exercicios espirituaes ao clero*, dar-se-hão em Lisboa no hospicio de Santa Martha, dos 7 aos 13 de fevereiro. Os Rev.$^{mos}$ Ecclesiasticos que desejarem tomar parte n'este retiro queiram avisar quanto antes o Rev.$^{mo}$ sr. P. João de Deus Laceiras, secretario da Associação dos Exercicios Espirituaes ao Clero do Patriarchado, (Travessa do Pasteleiro, 2, 2.º) Esta Associação, canonicamente erecta, lucta com graves difficuldades pecuniarias para levar a cabo o seu intento de subministrar ao clero as accomodações necessarias para *este* e *outros* retiros. As pessoas que lhe quizerem valer, certas de que contribuirão para *uma obra de muita gloria de Deus*, poderão dirigir as suas *esmolas* ao mencionado sr. P. João Laceiras ou ao Rev.$^{mo}$ sr. P. Fernando Thomaz de Brito, (Rua de S. Roque, 39, 3.º)»

N'esta citação temos já: 1.º uma Associação com o fim de subministrar os *Exercicios*; 2.º dois padres que recebem esmolas; 3.º um peditorio de esmolas, (d'estes peditorios havemos de encontrar muitos n'este livro, e os devotos que vão pagando).

No mesmo numero do *Mensageiro*, annunciam-se «Exercicios ao clero em Braga, na capella do Sagrado Coração, Rua de S. Bernabé, 42, (que é a residencia dos jesuitas), na fórma dos annos ante-

riores. . . » No n.º 127, outubro de 1891, tambem nas capas, lê-se: «*Exercicios espirituaes do clero:* —acabam de se fazer mais uma vez no seminario de Vizeu, no collegio de Campolide, *etc.*, com bom resultado, como sempre. Dentro em pouco se farão nos seminarios do Funchal e de Santarem.»

Temos, pois, já official e jesuiticamente declarados os *Exercicios espirituaes ao clero*, no hospicio de Santa Brigida em Lisboa, no collegio de Campolide em Lisboa, na residencia dos jesuitas em Braga, e nos seminarios de Vizeu, de Santarem, do Funchal, etc. No collegio dos jesuitas em S. Fiel tambem se fazem, do que ha testemunha auctorisada.

N'uma carta que me foi dirigida pelo sr. Sebastião Ramos Preto, que reside no Louriçal do Campo, aldeia distante apenas alguns metros do collegio de S. Fiel, é-me communicada a seguinte noticia, muito importante: «No collegio de S. Fiel teem-se feito os chamados *Exercicios espirituaes*, que são distribuidos do seguinte modo: Para os alumnos, tres dias ao anno; para o povo, oito dias ao anno; para os padres, oito dias ao anno. Para estes, são convidados os parochos das aldeias limitrophes, naturalmente para captarem as suas sympathias. Consta-me que este anno houve um *retiro* especial

para as *senhoras* que costumam frequentar o collegio, cujas praticas não eram feitas na Egreja, mas sim no interior do collegio n'uma sala *ad hoc.*»

Aqui temos no collegio de S. Fiel exercicios para quatro classes de pessoas: padres seculares, estudantes, povo, e senhoras; e os exercicios dos padres e das senhoras são geralmente em epocha em que os collegiaes estão fóra.

Todos os alumnos de Campolide e de S. Fiel são testemunhas praticas dos tres dias de retiro ou *Exercicios a estudantes*, de que tambem se fala no *Relatorio* do sr. dr. Refoios, pag. 30.

Os *Exercicios* ás *senhoras* não são na Egreja mas em salas especiaes, e tambem se fazem, segundo informações jesuiticas, em Braga e no Porto. A *Palavra* ainda ha pouco noticiou que a elles concorreram no Porto cerca de 100 senhoras.

Os *Exercicios espirituaes* ao povo é o que se chama as *missões*, das quaes já me occupei n'outro livro, e n'este nada tenho a desdizer, antes provarei com citações dos livros jesuiticos tudo quanto disse anteriormente.

O *Mensageiro*, n.º 134, maio de 1892, nas capas, dá tambem noticia de *exercicios espirituaes* para *homens*, na Egreja de Santa Brigida, na Rua do Quelhas, n.º 6, residencia do provincial dos jesuitas.

Resumindo: temos, pois, que os jesuitas em Portugal dão exercicios espirituaes a 6 classes de pessoas separadamente: aos religiosos noviços e a raros seculares, ao clero secular, a homens do mundo, a estudantes, a senhoras, e ao povo. Aos noviços e a raros seculares dão-nos durante um mez, aos alumnos dos collegios durante tres dias, e ás outras classes de sete a oito dias.

Vejamos, em segundo logar, em que consistem os exercicios, como são dados a cada uma d'estas categorias sociaes, o fructo que d'elles pretendem tirar os jesuitas, e a moralidade d'essas praticas e meditações, tudo segundo os seus livros, e informações auctorisadas.

### EXERCICIOS AOS NOVIÇOS RELIGIOSOS E A RAROS SECULARES

Examinemos primeiro os *Exercicios* na sua fórma mais completa e perfeita, em que são dados só aos religiosos noviços e a raras pessoas seculares, que os fazem durante um mez, o que nos servirá de base solida para os conhecermos nas fórmas mais grosseiras com que são dados a outras classes.

Os *Exercicios* estão montados como uma machina rotatoria, que pouco a pouco vae envolvendo o individuo sem este o presentir. E, para que esta ma-

china produza o devido effeito, o auctor e o additador rodearam-na d'uma atmosphera especial, como se faz a certos apparelhos de sciencias naturaes. Assim prescreve-se que «os exercicios se devem fazer em logar isolado da convivencia d'outras pessoas e muito mais das familiares», e que «o exercitante não deve ser visitado senão pelo instructor ou outra pessoa por elle enviada» (1), e que n'este isolamento ainda «se deve privar da claridade do dia, fechando portas e janellas, que só se pódem abrir para ler ou tomar alimento» (2), e «deve até evitar lembranças que produzam alegria» (3), e «não deve levantar os olhos para ninguem a não ser para fazer um signal de cumprimento quando houver necessidade» (4). Mettido o individuo n'esta prensa, e isolado de todos, e principalmente dos parentes e dos amigos, e até das proprias ideias alegres e felizes, ainda a liberdade lhe é coarctada por outros modos. «Não deve meditar senão o que o instructor lhe propuzer, e nem sequer deve conhecer as meditações seguintes» (5), e «em cada me-

(1) *Directorium*, cap. IV. De loco exercitiis idoneo, et de quibusdam particularibus.

(2) *Exercitia Spiritualia*, additiones, — septima.

(3) *Exercitia Spiritualia*, additiones, — sexta.

(4) *Exercîtia Spiritualia*, additiones, — nona.

(5) *Exercitia Spiritualia*, annotationes—undecima.

ditação deve fingir na imaginação uma scena apropriada ao assumpto conforme vem indicada no livro dos exercicios, e que se chama *composição de logar*» (1), e «no final da meditação deve proromper em exclamações pautadas pelo mesmo assumpto» (2).

As meditações feitas por este modo hão de ser quatro ou cinco por dia, de uma hora cada uma. (3) E estas meditações não são raciocinadas á luz da sciencia, mas da fé: alli não se discute, nem examina o assumpto que se medita, acceita-se como está exposto. Assim a primeira meditação, chamada do fundamento, começa por estas palavras: «O homem foi creado para louvar e reverenciar a Deus e para se salvar servindo ao mesmo Deus. E todas as restantes coisas foram creadas por causa do homem, para o ajudarem a proseguir o seu fim... E por isso devemos haver-nos com summa indifferença para com todas ellas, etc.» (4)

Quantas coisas discutiveis racionalmente, e admittidas alli sem a mais simples discussão! E todas

(1) *Exercitia Spiritualia,* primum exercitium.

(2) *Exercitia Spiritualia,* secundum exercitium.

(3) *Directorium,* cap. III. De quibus monendus sit exercitia ingrediens, et de tempore meditandi.

(4) *Exercitia Spiritualia,* prima hebdomada, principium sive fundamentum.

as mais meditações, ainda sobre a historia da vida de Jesus, são dadas como positivas e indiscutiveis!

Presa assim e encadeada a razão, a imaginação e até o affecto, o espirito entra n'um estado de exaltação religiosa que raia pela allucinação. «O escriptor Bode, que percorreu toda a serie dos *exercicios* e fez uma exacta pintura dos seus effeitos psychologicos, julga que não ha meio mais efficaz do que este para produzir em nós a exaltação mais viva e o enthusiasmo religioso mais ardente e mais sombrio.» (1)

Esta exaltação mental é o primeiro resultado dos exercicios. E em virtude d'ella o individuo começa a conceber uma norma de vida ideal, contraria ás affeições humanas, que não é mais que um refinamento de mysticismo; e, como a nossa natureza tem sentimentos racionaes e legitimos oppostos a isso, sobrevem uma tempestade de pensamentos contradictorios e duvidas de consciencia a que os theologos chamam escrupulos. Todos os tratadistas são concordes nos effeitos afflictivos causados no espirito pelos escrupulos, que são um resultado tão constante dos *exercicios espirituaes* que S. Ignacio

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. I, cap. II, pag. 26.

de Loyola, auctor d'elles, escreveu no mesmo livr um capitulo sobre os escrupulos. (1)

O resultado immediato que os jesuitas preten dem tirar d'esta doença mental (que outra cois não são as exaltações e duvidas de espirito) qu produziram por meio das meditações no individu que se lhes sujeitou, é leval-o a «fazer uma con fissão geral» (2) e a «escolher um padre que de fu turo seja o seu guia no caminho espiritual e com o qual ha de tratar tudo o que pertence á sua al ma.» (3) Isto é, levar o individuo a sujeitar-se abso lutamente e para sempre ao padre jesuita ou aje suitado. As consequencias d'esta sujeição ao con fessor ver-se-hão n'outro capitulo: aqui só registo o facto.

Outro resultado, e um dos mais funestos, é, no auge d'esta exaltação mental, fazer que o exercitan te trate de eleger um estado de vida, pois os *exercicios* falam d'esta eleição ou escolha no fim da segunda semana, quando já se tem meditado no inferno e na vida de Christo. O resultado da escolha

(1) *Exercitia Spirituatia*: Quaedam notatu digna de scrupulis.

(1) *Directorium*, cap. XVI: De confessione generali.

(1) *Directorium*, cap. XI: Quae commendanda sunt ei qui absolvit exercitia.

de vida n'esta occasião e n'estas circumstancias é que o exercitante se inclina necessariamente para o estado religioso, que lhe é exposto como o melhor para a salvação, «porque Deus, (como se lê no *Directorio*) muito claramente exhortou ao seguimento dos conselhos (que são os votos religiosos), e no estado matrimonial mostrou que ha grandes perigos». (1)

Resumindo, vimos que os resultados dos exercicios são: a exaltação religiosa, as duvidas e o desasocego do espirito, o cair-se nas mãos d'um padre que se arvora em director espiritual sem cujo o conselho nada se faz, e finalmente a alliciação para o estado religioso, mas com calculo e evitando que o exercitante presinta este intento.

Será tudo isto moral? Este dominio do padre sobre o individuo e esta sedução para o estudo religioso, —ambas as coisas procuradas por meio da exaltação mental e pelo isolamento total dos paes, dos parentes, dos amigos e de todas as pessoas que não sejam o director ou seu enviado, sem poder tomar conselho com estranhos—todas estas coisas serão acções moraes, practicadas com os noviços religio-

(1) *Directorium*, cap. XXIII: Quales esse debeant, qui ad electionem admittuntur.

sos, que geralmente são pessoas novas e menores de 15 a 20 annos? Pois isto faz-se annualmente no convento do Barro, perto de Torres Vedras. O pseudomino auctor dos *Jesuitas e mais alguma coisa*, defensor e amigo d'elles, confessa, pag. 49, que estes «exercicios espirituaes se fazem effectivamente».

EXERCICIOS AO CLERO SECULAR

Já vimos, com documentos positivos, que annualmente se dão *exercicios* ao clero pelo menos em 8 pontos differentes do paiz. O assumpto d'elles e o modo de os fazer, embora sejam similhantes aos anteriores, podem differir comtudo na duração e em muitas particularidades ás vezes fundamentaes. O mesmo livro do *Directorio* nos diz a esse respeito o seguinte: «Se o instructor que dá os *exercicios* teme que o exercitante se aterre e afaste, ao apresentar-lhe todas estas coisas, melhor será apresentar só algumas, ou não exaggerar muito: mas se depois vir que elle se vae sentindo com gosto espiritual, e que se está tornando capaz de supportar tudo, então convem excital-o a fazer os exercicios com toda a perfeição.» (1)

(1) *Directorium*, cap. II: Quommodo dispositus esse debeat, qui ad exercitia facienda accedit.

D'aqui se vê que póde succeder a muitos pobres sacerdotes que teem feito os exercicios, julgarem que sabem perfeitamente o que elles são, e comtudo não terem ouvido nunca talvez senão a minima parte d'elles e a mais superficial.

E quem são os que fazem annualmente esses exercicios? São — geralmente — os que pertencem á massa anonyma do clero. O alto clero, os sacerdotes mais illustrados, esses não vão lá, porque dizem, e com muita razão, que bem sabem meditar, sem ouvir o jesuita, que será muito menos sabedor do que elles. São estas as informações que tenho recebido d'alguns sacerdotes instruidos e respeitaveis. E realmente parece vergonhoso para o sacerdote, que tem a profissão de ser o mestre do povo em theologia catholica, ir seguir uma serie de meditações sobre a direcção d'outro sacerdote que não tem mais valor que elle; porque muitas vezes, sacerdote leitor, o jesuita que vos dá os *exercicios* na Beira é um simples padre que estudou n'um seminario do norte, e o que vos dá os *exercicios* no norte é um simples padre que estudou n'um seminario do sul; e a maior parte d'esses jesuitas, que vos dão os *exercicios*, são os jesuitas tidos por mais inferiores, porque os melhores teem mais que fazer; informae-vos bem e sabereis se fallo

verdade, e se os conheço bem. Mas os sacerdotes seculares farão o que entenderem, porque, como são de maioridade, estão no direito de se submetterem a todas as direcções que quizerem, inclusivé á d'algum irmão leigo, o que já tem acontecido.

Entretanto nós, os profanos, podemos saber por informação auctorisada quaes os sacerdotes julgados bons pelos jesuitas e quaes os julgados maus.

Padres maus, segundo indica o sr. padre jesuita Mattos, (1) «são padres *illustrados* que frequentam *clubs* republicanos, vão ao café e ao theatro, não desconhecem o toucador das damas, e as redacções dos jornaes.» E diz que estes «são poucos em numero e menos em merecimentos, o que é realmente para lastimar, porque com a cooperação d'elles, se houvesse muitos, o *progresso* alcançaria rapidamente o seu ideal sublime». E padres bons são «os que vivem sempre agarrados aos seus usos e costumes, quero dizer aos canones, vestidos sempre de batina, de corôa aberta, sempre no confessionario ou no pulpito ou no catecismo, sempre com as suas confrarias e Apostolados da Oração ás voltas.»

De modo que, padre que appareça em clubs, em

(1) *Mensageiro*, n.º 132, março de 1892, pag. 167 e 168.

ıeatros, em cafés, em redacções de jornaes... pa-
re mau! Padre que ande pelos confessionarios e
elas confrarias e Apostolados da Oração com bea-
as, que são as principaes e quasi exclusivas frequen-
adoras d'essas coisas... padre bom! E parece
ue d'estes padres *bons* temos ás centenas, porque
sr. padre jesuita Mattos, no *Mensageiro*, n.º 139,
utubro de 1892, pag. 639, diz que «só a casa
los *Exercicios* de Braga recolheu no anno passado
*entenares* de exercitantes». Centenares?... aqui
ıão haverá algarismos a mais?

EXERCICIOS AOS SEMINARISTAS

Os seminaristas, quando estão proximos á orde-
ıação, são obrigados por certos prelados a fazer os
xercicios espirituaes.

Alguns padres novos teem-me contado o que ou-
viram n'essa epocha de exercicios. E' apenas uma
variante do que já fica indicado. Ha, porem, um
oncto em que o jesuita insiste especialmente com
respeito ao seminarista, e é que veja bem se tem
vocação ou não para o sacerdocio, porque é este
ım mistér muito sancto e difficil. Esta insistencia,
que parece á primeira vista muito razoavel, é uma
perfeita burla dirigida aos pobres rapazes e que a
alguns tem causado graves incommodos de espiri-

to, sem lhe poderem dar remedio senão seguir ávante e ordenar-se, tenham ou não tenham vocação. E digo que é burla, porque os jesuitas devem saber qual é a actual organisação dos seminarios e que os pobres seminaristas se vêem na triste necessidade, para terem de que viver, de abraçar a vida ecclesiastica n'aquella altura. E um defeito d'essa organisação, talvez o principal e causador da coacção implicita de muitos seminaristas, encontro-o muito nitida e exactamente exposto n'um artigo escripto na *Revista dos Lyceus* pelo sr. J. de Meira, director da Escola Industrial de Guimarães.

Eis as suas palavras:

Ha ainda outro grave defeito na actual organisação do ensino secundario clerical.

Aos 12 annos entra no seminario o pequeno estudante. É a edade, em que todas as creanças suppoem em si vocação ecclesiastica, desde que as familias lhes imponham, ou por qualquer fórma inculquem essa carreira. Segue regularmente os seus estudos e dá provas de suficiente aproveitamento.

Aos 16 ou 17 annos tem completado o seu curso secundario, e está apto para matricular-se no curso de theologia. É então que as verdadeiras vocações principiam a definir-se.

Se o estudante pensa no seu destino, e começa a presumir que lhe escasseiam as aptidões naturaes para

a profissão que lhe insinuaram, vê-se na triste conjunctura de, ou voltar ao começo dos seus estudos, sentando-se novamente ao lado dos estudantes que principiam, sujeitando se a novas provas e arriscando-se a dissabores que nas suas circumstancias especiaes são mais fortemente dolorosos, ou de romper com os seus naturaes instinctos, suffocando as tendencias da sua vocação, e deixar-se ir, embora constrangido, ao complemento do destino que lhe impuzeram. A primeira hypothese é difficilmente realisavel.

Por um lado o brio do estudante, para quem é sempre d'invencivel repugnancia descer na escala hierarchica em que se collocou, por outro a ameaça frequente de suspensão de recursos por parte das familias que se vêem na imminencia de repetir despezas já feitas, são outras tantas razões para que o conflicto que se levanta no espirito do alumno difficilmente se decida no sentido da primeira solução. Não se lhe abre então outro caminho.

O estudante dá ingresso no curso de theologia, e quanto mais sóbe, tanto mais avulta e se radica a impossibilidade de voltar atraz. Com vontade ou sem ella o estudante faz-se padre.

N'este encadeamento de factos ha sob apparencias de liberdade uma evidente coacção para muitos estudantes que aos 12 annos não conhecem e aos 17 ou 18 não podem escapar-se da engrenagem em que foram apanhados.

Remedeia-se o mal acabando a especialidade dos exames preparatorios e sujeitando-se todos, quer se

destinem, quer não á carreira ecclesiástica, aos exames dos lyceus.

D'esta fórma, se o alumno em qualquer altura deseja mudar de rumo, não precisa voltar completamente ao começo dos seus estudos secundarios. Basta concluir os preparatorios que lhe restam, e é admittido em qualquer curso superior.

D'este modo fica ainda sanado outro inconveninte resultante d'aquella organisação: o desprestigio da classe clerical que procede da falta cada vez maior d'individuos competentes para occupar os postos superiores da jerarchia ecclesiastica.

É sabido que muitos estudantes, depois de haver frequentado os cursos theologicos diocesanos, iam cursar as faculdades superiores de theologia ou direito na Universidade, uns á sua custa, outros á dos proprios seminarios.

Estes estudantes vinham depois desempenhar diversas commissões mais ou menos importantes, taes como professores do curso theologico, desembargadores das relações ecclesiasticas, vigarios geraes, conegos das sés cathedraes, etc.

Uma parte dos actuaes lentes de theologia da Universidade tem esta origem. Ora esta especie, dadas as actuaes circumstancias do ensino, ha de ir rareando, senão desapparecendo completamente. (1)

Sendo isto, como é, rigorosamente exacto, quem

(1) *Revista dos Lyceus*, n.º 9. pag, 407, 408 e 409.

pode duvidar que é perfeita burla a insistencia do jesuita em atemorisar o seminarista dizendo-lhe que repare bem se tem ou não vocação para o sacerdocio, quando esse seminarista já tem concluido o curso theologico e não lhe resta outro modo de vida senão o sacerdocio?

Ora os jesuitas, se não se quizessem burlar d'esses bons rapazes, que me merecem toda a compaixão e consideração, o que deviam era empregar toda a sua influencia perante certos prelados, que é muita, para que se removesse esse defeito da actual organisação dos estudos ecclesiasticos, que está sendo causa da desgraça de muitos rapazes, e alguns poderia eu citar, e está desprestigiando o clero, o que de certo não faz honra á religião catholica. Mas, como hão de querer pedir isso aos prelados, se elles fazem o mesmo ou peior com os novos adeptos da Ordem? E podiam tambem pedir aos prelados que se exigisse aos futuros professores dos seminarios, para entrarem n'aquelle magisterio, concurso de provas oraes e publicas, como se exije aos dos lyceus e mais estabelecimentos publicos; porque a actual falta de concurso não honra os seminarios nem os seus professores.

## EXERCICIOS AOS COLLEGIAES

Os exercicios aos collegiaes costumam durar tres dias; mas como os padres diariamente, durante o anno, vão continuando a sua obra pelo ensino, como veremos adeante, aquelles poucos dias são bastantes para causar no espirito das creanças, geralmente de 10 a 16 annos, impressões a mais d'um titulo condemnaveis.

Mais adeante provarei, com nomes e datas, quantas creanças são assim attrahidas para o estado religioso. Aqui deixarei apenas expressa a impressão de tortura e desasocego de espirito que os exercicios produzem nos alumnos, servindo-me para isso das palavras d'um antigo alumno de collegio de S. Fiel, hoje estudante n'uma escola medica do paiz, o qual, em data de 12 de abril de 1892, me escreveu uma carta a respeito do meu livro, da qual destacarei os seguintes periodos:

«Acabo de ler o teu livro, *Os Jesuitas* etc., e n'elle noto que, sem quereres fazer estylo, és na verdade, quanto se póde ser, sincero, fiel e verdadeiro... Quem ler o teu livro, no que diz respeito aos *exercicios espirituaes,* verá logo pela simples leitura, por que torturas e martyrios não passará aquelle que está debaixo do seu jugo, ou antes, tyrannia religiosa... Nem me quero lembrar d'esses tempos de horror, de desasocego con-

stante d'espirito, d'esse mal estar continuo de consciencia esphacelada por um não sei quê vago, indefinido, imaginario, uma vida toda espirito, toda imaginação, em que a alma mordida, macerada por mesquinhos preconceitos, terrores infernaes, por vezes viu apagada a luz da razão».

Não póde ser mais claro, nem melhor exposto em face da sciencia medica. E o leitor sensato e instruido ajuizará se esses terrores imaginarios e esses desasocegos de espirito serão convenientes em pobres creanças incapazes ainda de serios raciocinios e se lhes darão alegria e facilidade para os estudos? O mesmo se pratica com as meninas nos collegios das Religiosas.

### EXERCICIOS AOS HOMENS DO MUNDO

Com estes é que os jesuitas applicam largamente a theoria das conveniencias. Falam segundo o auditorio que teem; se é bastante instruido e de ideias livres, põem de parte as theorias catholicas mais ferrenhas e fazem conferencias ligeiras, eruditas e até attractivas, em que talvez o inferno ou não é trazido á collação, ou só vem muito philosophica e occultamente.

Leamos o *Mensageiro* (n.º 134, maio de 1892, nas capas): «***Exercicios espirituaes***... Aos *exercicios* (na egreja de S. Brigida, Rua do Quelhas, 6,

Lisboa) concorreu grande numero de cavalheiros de todas as classes sociaes. O primeiro dos conferentes (1) tomou por thema os progressos da impiedade em Portugal e a nocividade do quebrantamento da lei moral... e referiu muitos exemplos e factos que viu nas suas viagens apostolicas. O segundo... occupou-se da apparição do homem na terra, seu desvio, e remedio para a sua redempção, demonstrando sempre uma vasta e proveitosa erudição...»

EXERCICIOS ÁS SENHORAS

Já vimos atraz com informação auctorisada que os exercicios ás senhoras, pelo menos em S. Fiel, em vez de se darem na egreja, se dão n'uma sala interior do collegio. Ora o *Directorio dos exercicios* prescreve precisamente o contrario, por estes termos: «mas deve-se observar uma coisa, que a prudencia aconselha e é que ellas devem ir á nossa egreja para ouvir as meditações: e proceda-se d'este modo cautelosamente para que não haja nenhuma suspeita ou escandalo» (2) Mas os actuaes je-

(1) Occulto aqui o nome dos conferentes, porque um d'elles levava-me a algumas considerações sobre a deslealdade de se mutilar um nome que se póde confundir com outro.

(2) *Directorium*, cap. IX: De variis hominum generibus, quibus dari possunt exercitia. — Sed illud observari deberet,

suitas portuguezes não querem evitar essa suspeita ou escandalo, que já se tornou publico, porque no mez de agosto d'este anno o caso foi noticiado nos jornaes mais lidos do paiz.

E como se dão os exercicios ás senhoras? O mesmo *Directorio* nol-o ensina, dizendo que se lhes devem dar como ás pessoas rudes e ignorantes: «A este capitulo (dos rudes e ignorantes) pertencem tambem as mulheres, algumas das quaes ás vezes nos pedem para fazer os exercicios, e portanto com ellas deve-se proceder do mesmo modo que com as pessoas rudes, exceptuando alguma de tão bom entendimento e tão capaz das coisas espirituaes, e que tenha tanto ocio em casa, que se lhe possam dar todos ou a maior parte.» (1)

E' coisa realmente muito curiosa: as mulheres são hoje o grande sustentaculo do jesuitismo e do ultramontanismo, e comtudo os jesuitas e geral-

---

quod prudentiae est, ut ipsae in ecclesiam nostram veniant ad accipiendas meditationes: et ita caute procedatur, ne ulla suspicio aut scandalum sequatur.

(1) *Directorinm*, cap. IX: Ad hoc autem caput (de rudibus et illetratis) pertinent etiam feminae, quarum aliquae interdum expetunt exercitia, atque ideo cumiis idem modus servari debet, qui cum rudibus, nisi esset aliqua tam bono judicio, et ita capax rerum spiritualium, tantumque otii domi haberet, ut exacte omnia, aut majorem partem facere possit.

mente todos os escriptores ecclesiasticos tratam as mulheres nos seus livros com o maior desprezo; o que já deu assumpto a um excellente livro do distincto escriptor hespanhol Cristóbal Litrán, *A mulher no Christianismo*, (1) no qual se acham compendiadas phrases de muitos padres a respeito da mulher.

S. João Chrisostomo diz: «De todas as bestas feras a mais perigosa é a mulher». S João Damasceno escreve: «A mulher é uma filha da mentira, sentinela avançada do inferno». S. Agostinho accrescenta: «a mulher é a seiva do peccado... A mulher não póde ensinar, nem ser testemunha, nem julgar, nem muito menos mandar... A mulher é um animal que só se deleita no toucador.» E S. Gregorio conclue: «E' mais difficil encontrar uma mulher boa do que um corvo branco.»

E os jesuitas, pela linguagem do *Directorio*, tratam as senhoras como rudes e ignorantes, e dizem que se lhes devem dar os *exercicios* como aos rudes e ignorantes, isto é, como ao povo. E quão cheios de falsidades e phantasias sejam os *exercicios* ao povo vamos vel-o agora, pelos seus livros.

(1) *La Mujer en el Christianismo.*

## OS EXERCICIOS AO POVO

*Os exercicios* ao povo é o que se chama a *Missão*, e os padres que os dão chamam-se os Missionarios. Já n'outro livro descrevi esta arma jesuitica com sufficiente desenvolvimento, e ninguem deu *prova* nenhuma do contrario. N'este, não tanto para confirmação desnecessaria do antecedente, mas para que as pessoas sensatas se convençam de como os missionarios enganam o povo, não farei quasi mais do que transcrever alguns trechos dos seus dois livros, a *Missão abreviada* e o *Pensae-o bem*, que elles teem espalhado com tanta profusão nos centros populares e fanatisados que o primeiro já tem 13 edições; e é da decima terceira que me vou servir, devendo saber-se que é auctorisada por um bispo.

Peço ao leitor que não fixe a sua attenção sómente no grande ridiculo das transcripções que vae ler, mas tambem na inconveniencia e immoralidade de se dizerem taes coisas do pulpito abaixo e de se metter este livro nas mãos das creanças e das beatas.

Meditação 6.ª sobre o peccado (pag. 47):

«O peccado grave faz uma alma tão feia e tão abominavel aos olhos de Deus, que não ha fealdade, nem

abominação a que possa comparar-se. Santa Catharina de Senna viu a um Anjo em figura visivel, o qual tapava o nariz quando passava por alguma pessoa manchada com peccados deshonestos. Santa Francisca Romana, estando ao pé d'alguma pessoa manchada com peccado mortal, sentia tão mau cheiro, que não o podia supportar. S. Filippe Nery tambem conhecia pelo mau cheiro os que andavam em peccado mortal, e dizia que cheirava tão mal o peccado, que não havia no mundo um mau cheiro igual.

«Santa Catharina de Senna, em certa occasião esteve para vomitar as entranhas por via do mau cheiro que lhe causou certa mulher, que chegou ao pé d'ella muito asseada e enfeitada, mas em peccado mortal».

## Meditação 11.ª sobre o juizo universal (pag. 75)

«Depois de tudo reduzido a cinzas, por todo o mundo se ouvirá uma voz, a voz do Archanjo, que dirá: Levantae-vos, mortos, e vinde a juizo... Estas palavras, n'outro tempo proferidas por S. Vicente Ferreira perante um auditorio de trinta mil pessoas, causaram tamanho susto, que todas ellas cahiram por terra; e isto aconteceu por tres vezes: logo que será quando ellas forem proferidas pelo Archanjo em nome do proprio Deus?...»

## Sobre o mesmo assumpto o *Pensae-o bem* (pag. 52):

«Estranhos prodigios de poder, e de terror annun-

ciarão a sua vinda, e serão os mensageiros do seu juizo, e das suas vinganças.

«Ver-se-ha com assombro e espanto ao mando do divino Juiz eclipsar-se o sol, e esconder aos olhos dos mortaes a sua luz; a lua converter-se em côr de sangue; as estrellas soltarem-se do firmamento; uma horrorosa escuridão espalhar-se sobre o universo, e cobril-o de trevas; toda a terra abalada nos seus eixos tremer, e lançar no meio de todos os corações o mesmo tremor, que a ha de agitar; o mar enfurecido sair de seus limites; toda a naturesa posta em perturbação e confusão caminhar para uma destruição geral. Levantar-se-ha então do seio da terra um fogo vingador, acceso pelo sopro da ira divina, o qual consumirá finalmente este espaçoso universo.

«Ao primeiro som da trombeta fatal, que farão ouvir os Anjos, todos os mortos saindo de seus sepulchros serão levados áquelle celebre valle, onde será o ajuntamento geral de todos os homens, que viveram, que vivem, e que hão de viver sobre a terra. Sim, todos quantos somos, seremos citados áquelle tremendo tribunal, onde o Soberano juiz nos interrogará, nos examinará, e nos julgará em todas as cousas, e com todo o rigor dos seus juizos».

Instrucção 51.ª sobre os bailes e danças (pag. 347 e 349):

«As danças entre pessoas de differente sexo são prohibidas, por serem occasião de muitos peccados mortaes.

«A Sagrada Escriptura nos diz, que o homem é inclinado a peccar, ainda mesmo sem incentivo externo, só em razão da propria concupiscencia; mas que se observa nos bailes senão innumeraveis incentivos para o peccado? Que é uma cantiga amatoria n'um baile? Qual é a razão porque esses dançadores não querem dançar senão com as novas? Ainda não entendeis o mysterio? Pois está bom d'entender. Moços novos, e talvez bem deshonestos, a dançar com raparigas novas, que muitas vezes pretendem seduzir, tendo toques, e ouvindo canticos affectuosos, lançando varias vezes vistas curiosas, tocando uns nos outros a cada instante, que é isto, paes de familia? Ainda dareis essas liberdades aos vossos filhos e filhas?»

Instrucção 50.ª sobre o luxo e modas (pag. 341 e 343):

«O luxo é um vicio, que consiste em vestir e ornar o corpo mais do que é preciso. Os animaes naturalmente se vestem d'aquellas pennas, ou pêllos que lhes dá o Creador; e nós ainda que superiores aos animaes, precisamos cobrir nossa nudez com algum vestido: porém muitos homens e mulheres abusam e excedem os limites da razão.

«Para que servem os *calçados de verniz*, os espartilhos, os enchumaços, as luvas de renda, os anneis, os diamantes, as fitas volantes, as flores na cabeça, e mais enfeites? Para que servem tantos vestidos, tantas saias, tantos engommados e encrespados? Para que ser-

e tudo isto? Será para livrar do frio? Não é preciso anto. Será para cobrir o corpo? Tambem não é preciso anto. Logo, para que é tanta cousa? E' para agradar o mundo; é para se conformarem com o espirito do nundo; é, finalmente, para servirem ao demonio; pois m tudo isto ha peccados maiores ou menores, ao me-os defeitos, do que tudo haveis de dar conta a Deus.»

Instrucção 70.ª sobre o director espiritual (pag. 419, 420 e 421):

«O menino necessita de que lhe dêm a mão, e o en-inem a andar; todas as artes precisam de mestres para e aprenderem; a náu vae arriscada, se lhe falta o pi-oto; o caminhante póde errar o caminho, se não tiver uem o guie: ora tudo isto nos deve convencer do uanto nos importa ter um Confessor pratico, sabio e irtuoso que dirija nossas acções, e nos encaminhe ara o céo; e quão arriscado vae aquelle que não quer uscar esta guia, nem a tem; ou se a tem, não lhe bedece humildemente, antes pelo contrario segue a sua ropria vontade, e o seu dictame...

«O ter cada anno seu Director é o mesmo que não ter enhum.

«Quem deixa um bom Director, é como quem deixa a eus; porque é o Director o que faz as vezes de Deus cá o mundo para com o seu dirigido.

«Não quereis que o vosso director se accommode, ou ondescenda com a vossa vontade, mesmo em cousas

espirituaes, como são: jejuns, cilicios, disciplinas e outras austeridades; como dormir menos, ou fazer mais oração; pois tudo isso, se é feito contra o preceito do Director, é vicioso, é nocivo, porque é peccado.»

## Instrucção 42.ª sobre o matrimonio (pag. 308):

«Jesus Christo não só elevou o matrimonio á razão de sacramento, mas até o ennobreceu, figurando n'elle a sua união com a Santa Igreja.

«No entanto, melhor é o estado de solteiro, e muito melhor o estado virginal; sim o estado virginal, porque n'este mundo faz dos homens Anjos!! Bom era que muitos abraçassem estes dous estados; mas na sociedade tambem é necessario haver os matrimonios. Mas como se deve celebrar este tão grande sacramento? que preparações devem haver? que intenções devem levar? Eu vou dizel-o.

«Devem saber os deveres dos paes para com os filhos no temporal, e muito mais no espiritual; e attender e considerar nos grandes encarregos e perigos de salvação em que se vão introduzir.

«Por modo nenhum deve haver namoros, ou conversas amatorias entre os proprios pretendentes.»

## Instrucção 1.ª sobre o Apostolado da oração (pag. 150):

«Ninguem póde duvidar que vamos atravessando tempos os mais perigosos para a Santa Igreja, e para a

alvação das nossas almas. Por toda a parte reina a im-
iedade, a incredulidade, o materialismo, o indifferen-
ismo, a corrupção, a devassidão, e a immoralidade! E
que remedio para tão grandes males? E' fazermos uma
erta liga, em que todos nos tornemos Apostolos.

«A' vista d'isto vamos todos a unir-nos, fazendo esta
ga espiritual. Mas o modo como? O modo é entrar no
postolado da Oração e do Sagrado Coração de Jesus,
nstituido para este mesmo fim.

Menos do que isto tinha eu dito n'outro livro a
espeito das ideias que os missionarios propagam
as Missões, e, comtudo, os defensores dos jesui-
as cobriram-me de insultos! Pelas passagens ci-
adas se vê que, além das coisas absurdissimas e
nfinitamente ridiculas que os missionarios prégam
respeito do peccado, do juizo final, dos bailes e
las modas, procuram submetter o povo á sujeição
bsoluta do padre chamado director espiritual e
lliciar uns a entrar no Apostolado da Oração,
uja moralidade estudaremos adeante, e levar ou-
ros ao estado religioso, preferindo o estado de
olteiro ao de casado. Mas foi isto precisamente o
que eu disse no outro livro, e comtudo os adver-
arios chamaram-me calumniador!

## III

### As associações devotas

Huber diz: «os jesuitas mostraram-se sempre infatigaveis na invenção de novas confrarias, procissões, peregrinações e festas proprias para impressionar do modo mais grosseiro a imaginação popular... Procuraram saturar todo o mundo de associações para apanhar todas as classes sociaes nas suas redes e nas da Egreja.» (1)

Mas em cada congregação só entravam pessoas de classes determinadas. Assim havia uma congregação especial para os nobres, outra para os negociantes, outra para os trabalhadores, e assim por deante, estabelecendo perante os altares do Christo

---

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. VI, pag. 130 e seguintes.

Crucificado as mesmas differenças que havia perante os thronos dos reis.

O *Instituto da Companhia de Jesus* fala n'estas congregações, e a *Ratio Studiorum* estabelece-as para os estudantes.

Modernamente os jesuitas, vendo que lhes vae faltando o terreno por causa do desenvolvimento da instrucção e civilisação popular a que não pódem já obstar, redobram de esforço na applicação d'esta sua arma, que tão bem provou n'outras epochas. São os seus livros que nos dão noticia do facto e dos motivos d'elle.

O *Regulamento das zeladoras do Apostolado da Oração* prescreve a estas senhoras o seguinte:

«Terão horror ao *theatro* e aos *divertimentos mundanos,* que são sempre perigosos, ainda que, em certas occasiões, não sejam motivo de peccado. É sobretudo por meio de *congregações, associações* ou *confrarias* que é possivel livrar pouco a pouco d'este perigo as almas que a elle estão expostas». (1)

De todas estas recommendações dos jesuitas se

(1) *Regulamento das zeladoras do Apostolado da Oração*, pag. 17. Vende-se em Lisboa, na Administração do *Mensageiro do Coração de Jesus*, Rua do Quelhas, n.º 6, (conhecida residencia dos jesuitas).

conclue evidentemente o grande valor que attribuem a esta arma das associações. Vejamos, pois, quantas são, quaes as suas praticas, e qual a moralidade ou immoralidades d'ellas. E quantas são as congregações ou associações que os jesuitas têem estabelecido em Portugal? São muitas, e eu pertenci a quasi todas e por acaso ainda encontrei entre os meus papeis o diploma de uma.

Falarei principalmente de tres: a de S. Luiz, a da Virgem Maria, e a do Apostolado do Coração de Jesus; esta ultima tem açambarcado quasi todas as outras, e por isso me merecerá maior estudo, feito sobre os seus livros, regulamentos e relatorios, que tenho deante de mim.

### CONGREGAÇÃO DE S. LUIZ GONZAGA

Esta congregação foi estabelecida para os alumnos mais novos dos collegios jesuiticos e tambem para os seminaristas.

S. Luiz é-lhes apresentado como modelo de castidade. Mas afinal, lendo-lhe a vida, encontramos que não é um modelo de carne, é um modelo de pedra, é uma estatua. Convém que o vulgo profano conheça alguns trechos da vida d'este e de outros santos, para que se saiba quantas falsidades e contradicções procuram os jesuitas introduzir nos

espiritos das pobres creanças; sem repararem que essas mesmas creanças com a reacção do raciocinio na maior edade hão de censurar gravemente os seus enganadores. Leamos, pois, alguns trechos da vida de S. Luiz Gonzaga, da Companhia de Jesus, pelo padre Tavani, jesuita.

Pag. 9. «A marqueza, (mãe de Luiz), como tão pia, queria que seu filho fosse dado á devoção e por isso lhe ensinou a fazer o signal da cruz e a rezar o Padre Nosso, etc... E na verdade grandissima *piedade* e summo *temor de Deus* ia apparecendo cada dia mais no menino... Depois de ter começado a *andar* por casa *por seu pé,* muitas vezes se escondia, e, quando o procuravam, o achavam em algum logar *retirado fazendo oração*».

Um menino de dois a tres annos de edade, não tendo portanto nem vislumbres de razão, já tem *summo temor de Deus*, *grandissima piedade* e *faz oração*!!! e portanto já sabe que Deus existe, o que é esse ente, como se lhe deve prestar culto, e que se faz oração em logar retirado! Tudo isto é um cumulo de absurdos. E comtudo deram-me a ler este livro em creança, e eu e os outros condiscipulos da mesma edade acreditavamos tudo a pés juntos!

Pag. 13: «Quando chegou á *edade de sete annos*, de tal sorte se *voltou* para *Deus*, e se *consagrou ao serviço* de sua *Divina Magestade*, que costumava chamar a este o tempo de sua conversão».

Que prodigio de talento para comprehender tanta coisa, como aqui está implicita, aos sete annos!

Pag. 15: «Mas o menino, ainda que sómente de oito annos,... disse a sua mãe: Minha mãe e senhora, vós tendes dito que desejarieis ter um filho religioso; julgo que Deus vos fará esta graça e julgo que serei eu».

Aos nove annos, diz o livro, pag. 18, que fez voto de castidade: e aqui começa o modelo, mas que não póde servir, e eis a razão:

Pag. 18: «Affirmam os confessores (de Luiz Gonzaga) com juramento, que elle, em todo o tempo de sua vida, *não* teve *nunca* o mais pequeno *estimulo* ou *movimento carnal* no corpo, nem na alma *pensamento* ou *imaginação contraria* ao proposito e voto feito».

Assim... todos são intangiveis e immaculados. Ora a razão do facto, se elle é verdadeiro o que é necessario pôr de remissa, está expressa a

Pag. 23: (Tendo onze annos sobreveiu-lhe uma enfermidade). Era esta enfermidade uma suppressão de aguas, e assim com o parecer dos medicos se resolveu a con-

sumir com a *dieta* os humores crassos de que se julgava nascer aquella enfermidade, parecendo milagre o não morrer, porque, se á refeição chegava a *comer um ovo todo,* o que mui *raras vezes* acontecia, julgava ter tido um lauto banquete... E por isso, ainda que por uma parte lhe aproveitasse este modo de se livrar d'aquelle mal, porque nunca mais tornou a padecer d'elle, por outra lhe causou tanto damno ao *estomago,* que, ainda mesmo quando o queria, nem podia *tomar* alimento, nem *retel-o.* Pelo que, sendo d'antes cheio e bem nutrido, se tornou cada vez mais macilento e myrrhado, até que por fim *a compleição ficou definhada.* Tirou pois d'aqui uma grande vantagem para a sua alma...»

Este modelo é pois muito bom para aquelles que, além de viverem com um ovo por dia, tem a *compleixão totalmente definhada...*

O mais curioso é o seguinte facto, já antes dos onze annos:

Pag. 19. «Se por acaso acontecia que a marqueza, lhe mandava algumas damas que a serviam, para lhe levar algum recado, elle chegava á porta, e com os olhos baixos, lhes respondia e as despedia: e *ainda* com a marqueza, *sua mãe, não gostava de falar só,* e assim quando acontecia que os que estavam presentes se iam, ou *procurava tambem ir-se,* ou seu rosto se *enchia d'um formoso rubor.* Tão acautelado era e circumspecto».

Que infamia enorme encerram as ultimas phrases d'esta citação! Lançar assim uma nodoa impura no amor de mãe . . aos onze annos! E querem que acreditemos n'isto quando a nossa razão funcciona regularmente ?! E não querem que a reacção do nosso espirito em face d'estas leituras seja severa e desapiedada ?!

Depois Luiz Gonzaga entrou nos jesuitas, e continuou a ser santo, pois já *o era de um para dois annos*, e *nunca* sentiu *movimento carnal* nem imaginação contraria, porque não comia mais de um ovo ao dia; e depois morreu, e foi proposto como modelo da mocidade estudiosa; e esta mocidade imitava-o muito bem, se tivesse a tal enfermidade, e não comesse mais que um ovo, etc, etc. . .

A congregação de S. Luiz serve nos collegios para premiar a sujeição e o pouco sangue dos collegiaesinhos de 8 a 12 annos, porque só pódem fazer parte d'ella os melhores comportados, segundo os jesuitas entendem o comportamento, isto é, aquelles a quem o corpo não puxa para sahir fóra da fórma, em que os fazem andar em certas occasiões, nem os tenta o sangue para dar um bofetão no parceiro que fez perder um jogo, etc., etc., que são os unicos peccados que póde commetter uma creança dos 8 aos 12 annos. E serve tambem nos collegios

de meninos e nos de meninas para arrancar do coração das creanças os affectos naturaes da familia e até o amor de mãe, e arrastal-as para os conventos, que vão augmentando por estes processos.

Porque a Congregação de S. Luiz tambem existe nos collegios religiosos de meninas; e eu acabo de ouvir algumas que pertenciam a ella n'um collegio de freiras, d'onde ha pouco sahiram, e lá leram tambem o livrinho onde veem os trechos que o leitor já conhece e muitos outros que não tenho tempo de citar, mas que poderá ler, se (como eu fiz) mandar 190 réis á administração do *Mensageiro*, rua do Quelhas, 6, (residencia dos jesuitas), em Lisboa.

### CONGREGAÇÃO DE MARIA OU MARIANA

Os estudantes e os homens do mundo pertencentes a esta congregação costumam chamar-se Congregados de Nossa Senhora, e as meninas e as senhoras tomam o nome de Filhas de Maria.

A congregação Mariana ou de N. Senhora, nos collegios, é o segundo passo depois da de S. Luiz, e entram n'ella os alumnos já mais crescidos de 13 ou 14 annos por deante.

Eu pertenci a esta congregação, sendo collegial em S. Fiel, e não fui um simples membro d'ella,

mas fui dos fundadores e occupei muito tempo o logar de secretario até sahir do collegio e contribui tambem para a compra de alguns objectos d'ella. Fundou-se em 1 de janeiro de 1875; tinha eu então 13 annos menos alguns dias; e, como nunca tinha dado nenhum bofetão nos meus condiscipulos (arrependo-me d'isso), e me confessava e commungava todos os oito dias, era tido por um anjinho. Quão mudado estás! dirá algum leitor devoto. — Sim, estou; mas então o uso da razão ainda não era forte e o meu cerebro estava vasio de conhecimentos, que só vieram com o estudo aturado; e eis, devoto leitor, tudo explicado.

Para a Congregação não podem entrar senão os melhor comportados; de modo que ella não tem um fim educativo nem se julga capaz de amansar um espirito rebelde. Convem ir reparando n'esta falta de confiança dos jesuitas em poderem educar os espiritos mais rebeldes, que por isso não admittem nos seus collegios alumnos que tenham mais de 13 annos de edade.

O director da Congregação é um jesuita: a mais d'isso ha um presidente, dois assistentes, um secretario, um thesoureiro e um conselho de consultores, escolhidos entre os Congregados collegiaes.

Os fins e resultados d'esta associação são:

1.º estabelecer differenças entre os alumnos do nesmo collegio, tornando-se a congregação como lasse privilegiada á qual se attende mais: isto já mau; 2.º estabelecer um foco de denuncias nos ollegios, porque ha informações colhidas entre os ollegiaes para se averiguar os que são dignos ou ão da admissão: isto é peior; 3.º obrigar os con-regados a mais algumas rezas, alem das já dema-iadas d'estes collegios: passe, são algumas dôres le joelhos a mais; 4.º procurar que elles se confessem communguem todos os oito dias, o que para o res-o dos collegiaes é obrigatorio só mensalmente; vere-nos mais adeante o resultado pessimo d'este regu-amento; 5.º pôl-os assim em maior sujeição dos adres e directores espirituaes; é este o principal ntento dos padres; mas felizmente é facto muito eral sairem-lhes os taes congregados mais avessos inimigos do que os restantes.

Não acabarei sem fazer notar um uso da Con-regação, que julgo immoral, porque habitúa pes-imamente os rapazes. No acto da admissão so-emne de novos congregados são estes obrigados fazer um juramento de que hão de conservar-se ieis á Egreja, defender os seus principios e os eus dogmas, etc. Ora os alumnos obrigados a este uramento teem 13 ou 14 ou 15 annos, e não

teem instrucção sufficiente para saberem o valo e a verdade d'aquellas coisas: portanto são obri gados a um juramento sem bases e por conse quencia irrito e nullo, e a prometterem aquillo a qu mais tarde a sua razão lhes mandará faltar. E pessimo costume dos jesuitas ensinarem e exigirem uns mechanismos sem vida nem fundamento solido, contra os quaes a razão illustrada se ha de revoltar mais tarde.

Nas praticas da Congregação e nos livros jesuiticos sobre os louvores da Virgem Maria ainda encontramos outras razões da mais justa censura. Os Bentinhos da Senhora do Carmo ou o Escapulario, taes como os apresentam, são uma verdadeira immoralidade, pois fazem consistir a salvação do individuo no simples facto de morrer vestido com o escapulario ou com os bentinhos ao pescoço. Porque, segundo os livros que tratam d'esse escapulario ou bentinhos, a Virgem Maria, entregando o Escapulario ao Geral dos Carmelitas, disse:

«Meu filho toma este habito como signal distinctivo da minha Ordem, e como um preservativo contra todos os perigos. Todo aquelle que morrer vestido com este habito escapará da condemnação do inferno.» (1)

(1) Huber, *Les Jésuites,* liv. IV, cap. III, pag. 108.

Isto é simplesmente immoral, porque se podem
ommetter todos os crimes impunemente com tanto
ue se conserve o escapularïo até á morte. E mais
mmoral ainda é que os livros refiram casos de in-
viduos que tendo morrido em peccado, mas com
escapulario ao pescoço, resuscitaram para se con-
ssarem e fôram para o ceu. (1)

O padre jesuita Nieremberg no livro, que li en-
e os jesuitas, *De affectu et amore erga Mariam Vir-
nem matrem Jesu*, escreve sobre a Virgem Maria
isas taes contra a razão e contra a fé catholica, que
gente chega a pasmar da tolice do padre que as
ncebeu e da pouca prudencia da Ordem que lhe
nsentiu a publicação. Eis algumas phrases:

«O seio puro de Maria é a sala onde as tres pessoas
vinas se junctam para deliberar sobre a eleição dos
mens e sobre a distribuição dos thesouros da graça.
sus consulta Maria, á qual deve muitos favores, so-
e a distribuição dos seus dons.» (2)

Estes periodos conteem puras heresias e estupen-
s contrasensos: 1.º Deus não delibera; 2.º Deus

(1) Huber, *Lés Jésuites*, liv. VI, cap. III. pag. 104.
(2) Huber, *Lés Jésuites*, liv. VI, cap. III. pag. 103.

determinou tudo desde a eternidade, antes portanto do nascimento da Virgem; 3.º Jesus não póde consultar a Maria, porque, sendo Deus, nada tem que consultar, estando tudo eternamente resolvido; 4.º Jesus nada póde dever a Maria, porque o creador nada póde dever á creatura. E' isto o que ensina a Fé Catholica.

Os jesuitas pretendem que os congregados, ao sairem dos seus collegios, continuem com a mesma devoção, e para isso conseguiram fundar em Coimbra uma Congregação de Maria, na egreja e convento de Santa Thereza. Os resultados porem não são grandes. Coimbra não parece já muito apta para estas coisas, por causa «das correntes damninhas a compleixões delicadas» que partem da Universidade, como prégou e escreveu o rev. professor Capella.

Nos collegios religiosos de meninas ha tambem Congregações de Maria, e tambem se continúam fóra do collegio, com a denominação de Associação das Filhas de Maria.

Os fins d'ellas nos collegios de meninas são os mesmos, que já vimos, falando dos rapazes; e fóra dos collegios são os mesmos das Zeladoras do Apostolado da Oração de que vou falar em seguida.

## APOSTOLADO DA ORAÇAO OU DO CORAÇAO DE JESUS

Esta associação é a que modernamente tem as-
oberbado todas as outras, e por isso a estudaremos
nais detidamente, para o que possúo todos os seus
vrinhos, regulamentos e relatorios.

Esta associação teve os seus principios no fim
o seculo XVII. (1) Uma freira do convento da Vi-
tação de Paray-le-Monial, em França, juntamen-
: com o padre La Colombière, jesuita, foram os
ıtroductores d'esta devoção. A freira tinha uns 25
nnos e o jesuita uns 32. A freira chamava-se Mar-
arida Maria Alacoque. A vida da Beata escripta
elo padre Bougaud, a qual tenho sob os olhos, é tão
neia de contrasensos, como a de S. Luiz já ana-
sada, e encerra contradicções espantosas. Leamos:

Pag. 31: «Desde os dois para tres annos teve gran-
: horror até á sombra do peccado.»

Vejam lá se as creanças aos tres annos teem

(1) Tudo o que escrevo sobre este assumpto é extrahido dos
rinhos da bibliotheca do *Mensageiro*, que irei citando; da
la da Beata Margarida Maria Alacoque, pelo padre Bougaud;
ıducção revista pelo padre Senna Freitas, Livraria Chardron,
da obra de Huber, *Les Jésuites*, liv. VI.

horror a outra coisa que não seja ao papão e á chinellas com que as mães costumam bater-lhes.

Continuemos a lêr:

Pag. 33: «A esta delicadeza de consciencia accres ceu em breve tal amor á oração e *instinctos* tão peco ces e admiraveis para a *penitencia* que é duvidoso di cidir se ha muitos seculos se viu coisa similhante.»

Pag. 36. «O *odio ao mal, amor ao retiro, afasta mento dos homens* taes são os primeiros traços que senhor gravou na alma d'esta sancta menina desde idade de cinco annos.»

Agora a contradicção a tudo isto:

Pag. 38: «Margarida era *alegre, viva, divertida e na turalmente propensa ao prazer*. Desde então (aos nove annos) este perdeu para ella quasi todo o seu gosto.

Combinem lá «o instincto da penitencia, o amo ao retiro e o afastamento dos homens» com «se alegre, viva, divertida e naturalmente propensa ao prazer», e tudo isto aos cinco annos!!!

Os padres escrevem estas coisas, porque saben que os seus leitores não teem raciocinio hastante para examinar todas estas falsidades descaradas.

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. VI., pag. 133.

Maria Alacoque «era sujeita a exaltações doen-
ias e talvez a allucinações», [1] esta é que é a ver-
lade.

Na narração da sua vida encontram-se quasi to-
os os signaes que o dr. Jahr, no Tratado sobre a
ura das doenças mentaes pela homeopatia, dia-
nostíca nas mulheres enfermas de hysteria: o es-
ase ou exaltação das funcções intellectuaes, a dôr
e cabeça quasi constante, a constricção de gar-
anta que impede a fala, a dôr ardente de estoma-
o, a dôr de coração, as convulsões, as syncopes,
tc. A sua vida de religiosa, desde os 23 annos, é
ma enfermidade continua, com febres, com dôres
gudas, com immobilidade durante horas, com que-
as constantes, etc.

Pag.as 228 e 229: «A isto accrescia um estado de
xtasis singular... tornando-a incapaz de qualquer of-
cio... Tambem a haviam empregado na cozinha, mas
oi por pouco tempo, porque tudo lhe caia das mãos...
inham-lhe confiado a educação das meninas... mas o
eu estado de estasis impedia-a de vigiar quanto era
ecessario... Accresciam ainda as doenças, dores su-
itas, recahidas repentinas, um estado que os medicos
ão comprehendiam (era no fim do seculo XVII, por isso
ão admira que não comprehendessem) e muito me-
ios as religiosas».

Foi n'este estado que lhe começaram, segundo ella conta e o jesuita La Colombière acreditou (?), as apparições de Jesus Christo, em diversas fórmas humanas, mostrando-lhe a vîscera do coração ardendo em chammas, e mettendo o coração da Beata no d'elle e vice-versa. O padre biographo conta tudo isto muito minuciosamente.

O facto positivo era que ella sentia uma grande dôr sobre o lado esquerdo, e por conselho de Jesus, segundo ella dizia, fez-se sangrar a primeira vez e depois repetiu-se a operação cento e noventa e duas vezes a pedido d'ella.. (1)

O Bispo de Soissons, Languet, que em 1729 lhe publicou a biographia, diz que Margarida foi a esposa de Jesus Christo e distingue conscienciosamente, por entre o mysticismo da sua vida, as phases das promessas, dos esponsaes e do casamento da Beata com Jesus. (2)

Entretanto depois da morte da freira, aos 43 annos de edade em 1690, a devoção do Coração de Jesus ficou quasi estacionaria, combatida por muitos theologos. Os jesuitas, depois da extincção da Ordem, lançaram mão d'ella para se rehabilitarem.

---

(1) Huber *Les Jésuits*, liv. VI, pag. 134.
(2) Huber, *Les Jésuites*, liv. VI, pag. 134.

Em 1794, um d'elles fundou, sob o nome de Sagrado Coração de Jesus, uma sociedade destinada a ser a continuação da sua Ordem. (1)

Em 1800 os jesuitas crearam em Paris a Sociedade das Damas do Sagrado Coração, para a educação do sexo feminino, que é por assim dizer uma succursal feminina da Companhia e possue actualmente umas cem casas ou mais, na Europa, na Africa e na America. (2)

Com o restabelecimento da Companhia em 1814, os jesuitas redobraram de esforços em propagar as associações do Coração de Jesus, que tanto lhes tinham servido para a sua restauração, dando-lhes o nome commum de Apostolado da Oração e do Coração de Jesus.

Este Apostolado é obra exclusiva dos jesuitas. O director geral é um jesuita, proposto pelo Geral dos jesuitas e approvado pelo Papa. (3) Lembro-me de dois d'estes directores, o padre Ramiére e o padre Regnault, que residiam em Tolouse, no sul da França. Além do director geral, ha directores centraes em cada paiz, e são tambem jesuitas, sempre

(1) Huber, *Les Jésuites*, liv. VI, pag. 135.
(2) Huber, *Les Jésuites*, liv. VI. pag. 135.
(3) *Manual do Apostolado da Oração* pag. 28.

que é possivel. Em Portugal foi primeiro director central o padre Prosperi, jesuita, e o segundo é o sr. padre Bento J. Rodrigues, tambem jesuita. (1)

Os Directores Centraes dividem os associados de cada paiz em dioceses, as dioceses em circulos, os circulos em freguezias. Os directores das dioceses e dos circulos chamam-se Directores Diocesanos, os directores das freguezias chamam-se Directores Locaes. (2) Os Directores Locaes escolhem entre os associados da freguezia os zeladores e as zeladoras que são, por assim dizer, como uns prefeitos ou subdirectores dos restantes socios.

Por todos os directores, zeladores e zeladoras é espalhado mensalmente o orgão do Apostolado, chamado *Mensageiro do Coração de Jesus*, não gratuitamente, mas por assignatura que custa em Portugal 1$000 réis annuaes, (3) e a assignatura do *Mensageiro* é recommendada muitas vezes no Manual, Relatorios e Regulamentos do Apostolado (4); e o Manual, a pag. 68, mostra o modo pratico de

(1) *Relatorio do Apostolado da Oração.* Anno de 1886-1887, pag.as 3, 4, e 5.

(2) *Manual do Apostolado da Oração*, pag. 27.

(3) *Manual do Apostolado da Oração*, pag.as 65 a 68.

(4) Vejam-se estes livros, e lá se encontrarão as confirmações do que noticio.

se elevar a assignatura a 6:000 exemplares o que dá, aos jesuitas, um lucro annual de cerca de réis, 6:000$000.

O *Mensageiro* publica-se já em 20 edições mensaes (1), em quasi todos os paizes onde os jesuitas se têem podido introduzir. Não teem, porém, essas edições nada de commum, a não ser a intenção geral pela qual os associados hão de trabalhar durante o mez, e que é indicada pelo Director Geral francez. (2)

Dadas estas indicações historicas e organicas da associação do *Apostolado da Oração*, vejamos: 1.º o numero de associados em Portugal; 2.º os fundos pecuniarios e gastos da obra; 3.º os livros e publicações que propaga; 4.º a moralidade ou immoralidade das suas instrucções.

1.º — NUMERO DE ASSOCIADOS EM PORTUGAL:

O numero dos associados em todo o orbe catholico diz o Manual do Apostolado, pag. 27, que é de 14:000:000.

O numero dos Associados em Portugal diz o *Relatorio do Apostolado* do anno de 1889-1890 que é de 903:185. A verdade, porém, exige que eu diga

(1) *Manual do Apostolado*, pag. 66.
(2) *Manual do Apostolado da Oração*, pag. 63 e outras.

que esse grande numero é mais nominal que real. Esta verdade talvez não agrade aos jesuitas, mas são elles que nol-a dizem. Lendo os Relatorios de differentes annos [1] vê-se que muitos circulos nem sequer mandam mappas com o numero dos associados, não podendo portanto saber o sr. jesuita, Director Central, e fabricador dos *Relatorios*, se n'esses circulos ainda existem ou deixaram de existir associados; e comtudo esses circulos lá figuram com grandes listas de numeros de associados.

Assim no ultimo *Relatorio* de 1889-1890, que diz serem os associados do Apostolado 903:185, vemos, de pag. 144 a 150, que o Director Central attribue os seguintes numeros de associados aos *circulos que não mandaram mappas:* no Patriarchado—25:040; na diocese de Braga—18:089; na de Beja—1:294; na do Porto—4:754; na de Coimbra — 12:801; na de Lamego — 26:602; na de Portalegre—4:098; na da Guarda —26:112; na de Bragança—6:858; na de Vizeu—4:187; na de Evora — 1:287; na de Faro — 797; na de Gôa — 4:064; na da Madeira—7:157; na dos Açores—8:019. Estas parcellas fazem a somma de 151:151

(1) Tenho deante de mim *Relatorios do Apostolado da Oração*, desde o anno de 1881 até ao de 1890.

associados duvidosos ou negativos, que se devem subtrahir ao numero calculado de 903:185.

D'aqui se vê que o numero real e positivo, dado pelos mappas officiaes e conhecidos, é muito menor do que o que os Relatorios apresentam. Comtudo os jesuitas teem interesse em apresental-o como muito grande para mostrarem a sua influencia e ao mesmo tempo animarem as suas hostes. E d'aqui se conclue tambem que aquelle numero total de 14 milhões de associados em todo o mundo é muito problematico, pois n'elle já entram os que em Portugal não apparecem nos Mappas. E deve-se saber que ainda o padre Bento Rodrigues é um pouco mais escrupuloso n'isto do que o padre Prosperi, porque, quando este falleceu e aquelle tomou conta da direcção no anno de 1886-1887, o padre Bento fez sair das estatisticas um numero enorme de associados que lá andavam em mappas ficticios, resultando uma grande baixa n'esse anno, como o mesmo padre confessa a pag. 143 do *Relatorio* de 1886-1887.

E, considerando já sómente o numero dos associados dos verdadeiros mappas, ainda encontraremos, sempre com a leitura dos *Relatorios*, que muitos associados são remissos e completamente indifferentes á obra e outros são egualmente nominaes.

Basta lêr o relatorio de 1889-1890, pag. 94, onde se nos diz que «a população inteira da ilha de *Santa Maria* se aggregou ao Apostolado.» Duvido muito de populações inteiras assim aggregadas... Fazem-me lembrar as antigas missões dos Jesuitas, onde elles contavam que convertiam e baptisavam n'um só dia milhares e milhares de pagãos tanto na India como na America.

O Relatorio de 1889-1890, pag. 151, diz-nos tambem que os circulos e directores diocesanos do Apostolado em Portugal são 71, que os centros e directores locaes são 1:129 e que os zeladores e zeladoras são 24:535. Serão todos elles reaes e vivos?

Que alguns d'elles não se importam com o Apostolado nem com os jesuitas, sei-o eu positivamente porque alguns m'o teem dicto. Por isso faltam tantos mappas, etc., etc., etc.

2.º FUNDOS PECUNIARIOS E GASTOS DO APOSTOLADO:

O padre Prosperi nas suas estatisticas annuaes sobre o movimento do *Apostolado*, entre muitas outras indicações, dava-nos sempre conta das *Esmolas gastas* e dadas pelos associados. O sr. padre Bento Rodrigues, que por fallecimento do antecedente ficou sendo Director Central desde 1886, continuou as estatisticas d'esse movimento pela

mesma fórma que o Prosperi, *excepto* na questão das *Esmolas*. Esta indicação foi *eliminada* completamente das estatisticas e só apparece uma ou outra noticia no relatorio das localidades indicando-nos pequenos gastos, cujas quantias já não veem expressas.

Por que motivos terá o sr. P. Bento Rodrigues, *eliminado* a verba das esmolas, que era tão interessante para o nosso estudo? Não os sei. Comtudo talvez não erre muito se disser que um dos motivos seria o parecer-lhe pouco honroso para a sua obra descobrir annualmente o monstruoso escandalo de fazer gastar ás nossas pobrissimas povoações contos e contos de réis, em missas, festas de egreja, bordados d'altares, etc., etc., etc. E que a verba das esmolas dos associados attinge quantias enormes, arrancadas suavemente ao nosso tão pobre povo já opprimido por um sem numero de contribuições, podemos sabel-o com dados officiaes: basta lêr os dois ultimos *Relatorios* feitos pelo padre Prosperi.

No *Relatorio do Apostolado da Oração* do anno de 1885-1886 encontramos as seguintes verbas de *esmolas gastas* e dadas pelos associados:

Diocese de Braga (pag. 27) — 2:533$750; D. de Coim-

bra (pag. 36) — 1:161$265; D. de Vizeu (pag. 39) — 543$560; D. de Evora (pag. 40) — 0; D. de Beja (pag. 41) — 0; D. de Portalegre (pag. 48) — 838$710; D. do Patriarchado (pag. 61) — 2:600$435; D. de Bragança (pag. 68)—970$545; D. do Porto (pag. 81)—5:226$145; D. de Lamego (pag. 85) — 818$140; D. da Guarda (pag. 94) — 1:769$550; D. do Algarve (pag. 96) — 41$870; D. de Macau (pag. 97) — 0; D. de Gôa (pag. 98) — 0; D. da Madeira (pag. 99) — 0; D. de Angra (pag. 100) — 0; D. de S. Thomé (pag. 101) — 0. A somma total d'estas parcellas dá 16:503$970.

São pois, em conta redonda, ***desaseis contos e quinhentos mil réis*** que o *Apostolado* jesuitico faz gastar, em missas, alfaias de egreja, etc., etc., tirando-os ás pobres algibeiras dos seus associados. E para obterem essa quantia bastava que os 836:010 associados d'esse anno (pag. 102) dessem cada um 20 réis.

No *Relatorio do Apostolado* do anno de 1884-1885 o escandalo é muito maior; porque, além das *esmolas* ordinarias que prefazem a quantia de 17:250$895 réis, encontramos a quantia de réis 13:925$779, exigida aos associados a titulo de *Peregrinação Espiritual a Roma*, o que tudo junto perfaz a somma total de 31:176$674 réis. Parece que peregrinar *em espirito* não custaria dinheiro, e comtudo custou perto de ***quatorze contos*** que fo-

ram enviados para enriquecer os magnates ecclesiasticos de Roma èmpobrecendo os tão pobres associados e associadas do Apostolado, que são quasi totalmente recrutados entre a gente do povo. Vamos aos algarismos.

*Esmolas gastas* (verba ordinaria).

Diocese do Patriarchado (pag. 54) — 2:169$665; D. de Coimbra (pag 62)—1:155$345; D. de Lamego (pag. 66)—1:930$815; D. de Portalegre (pag. 72)—765$350; D. de Bragança (pag. 76)—694$550; D. de Vizeu (pag. 79)—594$290; D. de Beja (pag. 79)—0; D. do Algarve (pag. 81)—30$000; D. do Porto (pag. 92) – 5:622$370; D. da Guarda (pag. 101)—1:887$505; D. de Braga (pag. 109)— 1:842$920; D. de Evora (pag. 110) — 0; D. de Angra (pag. 116) — 558$085. Total 17:250$895 réis.

*Esmolas* para a peregrinação *espiritual* a Roma.

Diocese do Patriarchado (pag. 54)—779$509; D. de Coimbra (pag. 62)—983$125; D. de Lamego (pag. 66) —692$735; D. de Portalegre (pag. 72) — 631$880; D. de Bragança (pag. 76) —1:562$880; D. de Vizeu (pag. 79)—225$810; D. de Beja (pag. 79)—0; D. do Algarve (pag. 81)—124$280; D. do Porto (pag. 92)—2:248$280; D. da Guarda (pag. 101)—1:905$200; D. de Braga (pag. 109) — 4:546$270; D. de Evora (pag. 110) — 0; D. de Angra (pag. 116) — 225$810. Total 13:925$779 réis.

Muito desejaria saber como se gastou esta ul-

tima verba de perto de *quatorze contos*, que foi r
cebida pelos jesuitas na Rua do Quelhas, n.º
como são recebidas outras analogas como vam
ver já com documento official.

Poderiamos continuar as transcripções em ann
atrazados, mas bastam os algarismos expostos. S
direi que no corrente anno de 1892 os associado
além dos gastos ordinarios, teem nova verba a di
pender ou melhor já a dispenderam. E' o *Mensagei*
quem nol-o faz saber (no n.º 130, janeiro de 189
nas capas), com o titulo de:

«*Solemne homenagem ao Sagrado Coração de Jes*
por occasião do 1.º centenario do nascimento do gran
Pio IX... Por iniciativa do zelosissimo conde Acqu
derni, e com o appoio de varios Directores centrae
inclusivé o de Portugal, trata-se de collocar a image
do Sagrado Coração reproduzida em precioso mosaic
na capella monumental onde se conservam as cinz
de Pio IX. *Por isso* se promove uma subscripção
20 réis cada pessoa... Será *collector* geral, encarr
gado de receber as listas preenchidas... o sr. Joaqui
Ferreira Sarmento, (irmão coadjutor jesuita que conhe
muito bem) —em Lisboa, *Rua do Quelhas*, 6, (reside
cia conhecida dos jesuitas).»

Paga dinheiro para um monumento de Roma, Z
*do Apostolado*, tu que os não tens em Portugal!

E no n.º 137, de agosto de 1892, o *Mensageiro* liz-nos que «a subscripção está fechada e que teve esultado bastante feliz.»

Mas o Apostolado da Oração não se contenta om estas sangrias á bolsa dos seus associados. No Regulamento das Zeladoras, pag. 16 e 17, reommendam-se as obras da *Propagação da Fé*, que nanda dinheiro para a França, a da *Santa Infania* que manda dinheiro para a China, etc., e a do *Dinheiro de S. Pedro*, que manda dinheiro para Roma, e outras tambem rendosas para os padres. E todas estas enormes sommas se pedem em nome o Coração de Jesus formando-se para esse fim ssociações especiaes, a muitas das quaes pertenci omo associado e pagante. São *mais outros contos de réis*, tirados ás algibeiras dos devotos, para junar aos *muitos contos* que o *Apostolado* lhe arranca nnualmente, e aos *muitos contos* que rendem os nealheiros das egrejas e dos nichos que se vêem as ruas de Braga, Covilhã, etc., etc.

3.º OS LIVRINHOS DE PROPAGANDA:

Nos *Relatorios* já mencionados no *Mensageiro* o *Regulamento* das Zeladoras, pag. 17, e no *Manual* do Apostolado de pag. 65 a pag. 69, recommendam-se constante e insistentemente certos *bons*

livros, de que já tambem nos falou o sr. padre Capella. A lista d'esses *bons* livros, é indicada nas capas do *Mensageiro* de janeiro de 1892 e no catalogo que alli se annuncia e tenho deante de mim e passo a transcrever textualmente, mudando unicamente a phrase «da Companhia de Jesus ou da C. de J.». na palavra, mais clara e breve, «jesuita»

## BIBLIOTHECA

DO

## «NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS»

Preço dos livros que se podem pedir ao Administrador — *Manuel Pedro dos Santos,* (irmão coadjutor jesuita) Rua do Quelhas, n.º 6, (residencia dos jesuitas) Lisboa (só estes que aqui vão notados e não outros ainda que venham na *Bibliographia* do *Novo Mensageiro;* nem outros objectos, ainda que sejam de devoção. O pagamento deve ser adiantado. O porte do correio, ou de caminho de ferro é franco no Reino e nos Açores. Para o estrangeiro accresce o porte do correio:

### 1.ª SECÇÃO

### Livros religiosos

1.º *Da existencia do Instituto dos Jesuitas,* pelo P. Xavier de Ravignan, (jesuita); — edição superior; broch. 500 réis, encad..... $70

Edição popular; broch. 300 réis, encad.. $500

2.º *No Ceu nos reconheceremos.* — Cartas de consolação, escriptas pelo P. Blot, (jesuita) — 2.ª edição novamente corrigida; broch. 200 réis, encad..... $300

3.º *Vida de S. Pedro Claver,* (jesuita) broch. 100 réis, encad..... $170

4.º *Vida de S. João Berchmans,* (jesuita); broch. 80 réis, encad..... $150

5.º *Vida de St.º Affonso Rodrigues,* (jesuita); broch. 100 réis, encad..... $170

6.º Estas tres *Vidas,* em um só volume; broch. 250 réis, encad..... $350

7.º *Vida do Beato Ignacio de Azevedo, e seus* 39 *Companheiros Martyres do Brazil,* (jesuita); broch. 160 réis, encad..... $260

8.º *Vida de S. Luiz Gonzaga,* (jesuita); broch. 120 réis, encad..... $190

9.º *Vida* (resumo) *de St.º Ignacio de Loyola,* (jesuita); broch..... $025

10.º *O Monge Pintor,* por João de Lemos; broch $120

11.º *Jesus fallando ao coração das Filhas de Maria;* broch. 140 réis, encad..... $200

12.º *O Mez do Coração de Jesus* (Junho), por Vanutelli; broch. 160 réis, encad..... $220

13.º *Compendio de Meditações para todo o anno,* pelo P. de La Puente, (jesuita); broch. 720 réis, encad..... 1$000

14.º *Compendio de Meditações de St.º Affonso;* broch. 110 réis, encad..... $170

15.º *Pensai-o bem, ou cuidados da alma penitente,* (por um jesuita); broch. 110 réis, encad..... $170

16.º *Cartilha do P. Mestre Ignacio,* (jesuita); encad..... $110

17.º *Thesourinho das almas piedosas,* com os officios do Coração de Jesus, pelo P. Thomaz Vitale, (jesuita) broch 140 réis, encad. $200

18.º *As Conspiradoras* Contos do P. Franco, (jesuita); broch..... $110

19.º *Manual do Apostolado;* broch. 70 réis, encad..... $130

20.º *Instrucções do Apostolado;* broch..... $020

21.º *Os Jesuitas,* por M. Scoton de Bassano;—
edição superior..... $050
Edição popular..... $020
100 exemplares d'esta..... 1$000
50 » » ..... $600
25 » » ..... $350

Cada 12 exemplares 1 gratis.

22.º *O Coração de Jesus consolado na Sagrada Eucharistia*..... $030

23.º *Regulamento dos Zeladores do Apostolado.* $020

24.º *O Liberalismo Desmascarado,* pelo Rev.º P. Ramiére; (2 volumes); broch. 1$200, encad. 1$600

25.º *Duas Obras de Misericordia,* por Sousa Monteiro; broch..... $400

26.º *Os Frades, Defeza, Justificação e Apologia;* broch..... $300

7.º *A Maçonaria, o que é, o que faz e o que quer;* broch..... $120

7.º *(a) A Semana Santificada em honra do Sagrado Coração de Jesus*..... $020

2.ª SECÇÃO

**Assignaturas do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», Orgão do Apostolado da Oração em Portugal**

8.º Assignatura por anno. No Reino, Madeira e Açores..... $750

Aos que se dignarem ser considerados bem-feitores..... 1$000

Estrangeiro e Africa Portugueza..... 1$000

India, 4 rupias; China, 2 patacas ou..... 1$300

Brazil (réis fracos)..... 3$000

Cada volume atrazado (para fóra do Reino accresce o porte)..... $550

Cada fasciculo *(idem)*..... $100

Quem se responsabilisar pela paga de 10 assignaturas terá a mais uma rupias:

Assigna-se em todo o tempo do anno, remettendo-se sempre os fasciculos atrazados pertencentes ao tomo que então correr (isto é, desde Janeiro), o qual deve ser pago por inteiro.

Não se acceitam assignaturas por semestre.

3.ª SECÇÃO

**Objectos do Apostolado da Oração**

29.º *Relatorio do Apostolado*..... $300

30.º *Rosarios* (em folhetos)..... $025
31.º *Rosarios* em folha com orações; cada 25 folhas..... $600
32.º *Ditos* em folha sem orações; cada 25 rosarios..... $300
33.º *Medalhas* n.º 4, para Zeladores; cada 10 (a 72)..... $720
34.º *Ditas* n.º 3, para Zeladores; cada 12 (a 45). $540
35.º *Ditas* n.º 1, para associados (Apostolado e Virgem); cada 100..... $650
36.º *Ditas* n.º 1, para associados (Apostólado e brasão); cada 100..... $420
37.º *Escapularios* do Cor. de Jesus; cada 100. $600
38.º *Estampas*, fundo d'ouro, etc.; cada 100 *(do Coração de Jesus)*..... 1$200
39.º *Estampas* grandes para os centros *(do Coração de Jesus)* a 800 réis e..... 1$500
40.º *Ditas* mais pequenas do Coração de Jesus a $200
41.º *Ditas* de S. Francisco, Lourdes, S. Pedro, S. Paulo, e Nossa Senhora do Rosario a.. $120
42.º Cada 100 patentes (correio)..... $020
43.º *Diplomas*, etc., cada 50 grammas de peso. $005

Nada se remette sem que o pedido venha acompanhado de sua importancia, dirigida a Manuel Pedro dos Santos.—Rua do Quelhas, 6. Lisboa.

*N. B.*—Não se acceitam sellos de *recibo* em pagamento.

A somma das verbas de todos estes livrinhos, revistas, medalhas, escapularios, etc. é de 24$675

réis; e, embora este ganho dos jesuitas pareça pequeno, não o é, porque a venda d'aquellas coisas é muito grande, pois muitos d'aquelles livrinhos, a maior parte dos quaes comprei para informar do seu merecimento os meus leitores, tem já 8, 9, e mais edições: seguem o systema de vender barato para vender muito e ganhar muito mais. Esta venda, porém, é por muitos titulos immoral, pois para ella se servem da religião e até da confissão. No *Manual do Apostolado*, pag. 68, lê-se:

«Tendo em vista o numero de centros, que já temos em Portugal e os seus respectivos Directores, Zeladores e Zeladoras, se todos os directores diocesanos e locaes assignassem o *Mensageiro*, e cada quatro Zeladores e Zeladoras tivessem uma assignatura, só assim já o numero dos assignantes se elevava a mais de 6:000!—(O *Manual* devia accrescentar que com isto os jesuitas teriam lucrado 6:000$000 de réis)—Qual será o Zelador ou Zeladora que na roda do anno não possa economisar 250 réis. Com menos de 25 réis que poupe cada mez já tem de sobejo. Pois esses 250 réis por quatro prefazem 1$000 réis, importancia da assignatura. De modo que com pouco mais d'um vintem por mez—(aqui o *Manual* esquece-se de muitos outros vintens que já arrancou ás pobres beatas e beatos para Esmolas do Apostolado, da peregrinação espiritual, da homenagem a Pio IX, do dinheiro de S. Pedro, da Propagação da Fé, Exercicios ao clero etc., etc., etc.)

—todos os nossos Zeladores e Zeladoras podem ser assignantes do *Mensageiro*, ter n'elle para si, e para os seus parentes e associados uma leitura amena, instructiva, solida, salutar, (elles elogiam-se) o que contribuirá efficazmente para melhor conhecerem as propriedades, belleza e encantos do sacratissimo coração de Jesus. E claro está que do maior conhecimento nasce o maior amor, e do maior amor a Jesus na terra segue-se infallivelmente a maior gloria com Jesus no ceu (e o maior lucro na terra podia accrescentar).»

E que qualidade de revista é o *Mensageiro*, cuja leitura, além de premiada com indulgencias de bispos e patriarchas, indulgencias que não teem os outros jornaes catholicos, serve para o «maior amor e maior gloria de Jesus»? E' uma revista que constantemente procura desacreditar os nossos homens mais instruidos, mais prestimosos e mais probos, especialmente Rodrigues de Freitas, Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Pinheiro Chagas, Teixeira Bastos, etc., etc., e se atacam baixamente todos os nossos jornaes desde o *Seculo*, o mais temído, até ao *Diario de Noticias* e ás *Novidades*, que é «o pasmo dos innocentes» e que está no rol dos jornaes «que se dão ou querem passar por sérios». (1)

(1) *Mensageiro do Coração de Jesus*, n.º 132, Março de 1892, pag. 154.

Tudo isto se prova com a simples leitura dos numeros do *Mensageiro* que tenho presentes, desde o de junho de 1891 até ao de outubro de 1892.

E para melhor impingir o seu *Mensageiro* e os seus livrinhos, o padre jesuita Mattos acolhe no n.º 133 do *Mensageiro*, abril de 1892, pag. 227 e 228, a seguinte doutrina:

«Sustentar com dinheiro e ler habitualmente, sem necessidade bem certa, as publicações da impiedade e do inferno é um peccado mortal *ex genere suo*. E não será um monstruoso peccado mortal sustentar um periodico para que... negue, offenda, zombe, insulte e aborreça a Jesus Christo, a SS.ma Virgem, a Egreja...?! Eu sei que ha sacerdotes pusilanimes, que por temerem as coleras inimigas, já por esquecimento da sua responsabilidade diante de Deus e dos homens, ácerca d'isto são, quando pregam, cães mudos; portam-se com negligencia a respeito da egreja, absolvem o cego, e não interrogam os penitentes se se dão a más leituras. O peccado de que falo deve ser necessariamente declarado em confissão... Deve negar-se a absolvição ao que não promette, clara e abertamente, queimar os livros impios — (para que assim não sejam desmascarados os enganos jesuiticos)—e os *diarios* do inferno e retirar a sua assignatura—(para a dar aos periodicos catholicos-jesuitas, que, alem de mal redigidos, impingem falsidades e calumnias; e para comprar os livrinhos jesuiticos de cuja infinita estupidez e immoralidade o leitor já leu alguns trechos).

Vá notando o leitor que a confissão, segundo a citação transcripta, serve, além d'outras coisas que veremos adeante, para arranjar dinheiro; e um cavalheiro contou-me um facto succedido com elle na confissão, que confirma isto plenamente, dizendo-lhe o padre que devia trocar a assignatura do *Seculo* pela da *Ordem* ou da *Palavra*.

Fazendo uma rapida analyse das publicações da «Bibliotheca do *Mensageiro do Coração de Jesus*» notam-se logo 4 coisas: 1.ª os grandes lucros pecuniarios que os jesuitas obteem com estes livrinhos que nem sequer lhes dão trabalho porque são traduzidos; 2.ª o nenhum valor litterario nem scientifico d'estes livrinhos de orações etc., mostrando ao mesmo tempo que os jesuitas portuguezes ha trinta annos ainda não produziram um livro de valor nem sequer mediano; 3.ª que estes livros são no genero da Vida de S. Luiz Gonzaga e da Beata Margarida Alacoque cujo valor o leitor já conhece. 4.ª que n'estes livros o que mais se procura é a honra, louvor e defeza dos jesuitas e dos seus santos, sem se fazer caso das coisas nem dos santos das outras Ordens Religiosas nem da Egreja Catholica. No *Thesourinho das Almas Piedosas* pelo padre jesuita Thomaz Vitale, actualmente na Covilhã, lê-se pag. 4 e 5:

«E por fim escolho as orações e melhores devoções aos Santos da Companhia de Jesus para que em tempo, em que a impiedade tanto persegue os jesuitas, concorramos a glorificar os Santos da Companhia, para que nos alcancem sua força e espirito.»

Este trecho sahido da pena d'um jesuita é muito interessante e signal de *muita* modestia e humildade.

E sobre os *bons* livros—tão elogiados pelo rev. professor Padre Capella—mais nada.

4.º MORALIDADE OU IMMORALIDADE DAS SUAS INSTRUCÇÕES:

As instrucções e deveres dos associados do *Apostolado* encontramol-os principalmente no *Manual* e no *Regulamento*. Leamos, pois, o *Manual*, pag. 38:

«5.º Fugir das más companhias, das *reuniões mundanas* a saber: dos jogos nas vendas, nos *clubs*, dos theatros, da leitura de livros maus e de *jornaes anti-catholicos*.»

De modo que o associado não deve jogar no *club*, ainda que seja uma bisca, ou o simples voltarete; tudo isso é mau e deve evitar-se, o que é prohibir a convivencia social! Não deve ir ao theatro; e os actores que representem ás moscas e morram de fome! Não deve ler jornaes nem livros anti-catho-

licos. N'esta ultima instrucção, a ser seguida, o pobre associado fica sem saber nada do que se passa, porque os chamados jornaes catholicos do paiz são tudo quanto ha de mais detestavel no campo jornalistico, sem noticias, sem instrucção e com falsidades como mostrámos n'outro capitulo. Além d'isto, esta instrucção é immoralissima, porque se obriga o pobre associado a não ler a refutação das falsidades dos jornaes e livros catholicos; é uma inquisição intellectual; é a peior infamia de toda a propaganda jesuitica, porque é coarctar o estudo das questões em que todo o homem se deve interessar; é a quinta essencia da malicia jesuitica. Elles temem os livros e jornaes que os refutam, por isso lhes prohibem a leitura, signal de que não teem de seu lado a verdade, a qual nunca teme a contestação. E' immoral e infame. Os anti-catholicos procedem muito pelo contrario, nunca prohibem a leitura dos livros catholicos, antes a recommendam, como eu recommendo a leitura dos livrinhos acima enunciados, dos quaes já fiz extractos, porque essa leitura serve muito para se conhecer a ignorancia e astucia insidiosa dos enganadores que os escrevem.

Uma instrucção da presidente das Zeladoras é (*Manual* pag. 41):

«4.º Vigiar o comportamento de cada uma com amor e prudencia...»

As zeladoras em cada localidade teem uma presidente a qual deve ser espia das outras: aqui temos a espionagem, tão conhecida no systema jesuitico, estabelecida em todas as freguezias e centros locaes. Nem merece commentario esta immoralidade.

Outra instrucção para zeladores e zeladoras, pag. 37:

«3.º Commungue ao menos uma vez cada mez...

E se a zeladora não estiver disposta a arrepender-se dos seus peccados, durante muitos mezes, tambem deve commungar? Parece que não deve. Mas as outras zeladoras commungam e hão de reparar que ella não commungue muitos mezes a fio, e estes reparos entre beatas são temiveis, como os jesuitas sabem, e portanto pode ser que a zeladora vá a commungar sem arrependimento, para evitar pesquizas e murmurações sobre a sua conducta. D'ahi confissões e communhões sacrilegas e uma religião toda ficticia, simulada e perversa.

Mas para consolar as zeladoras de todos estes incommodos, os jesuitas, que conhecem perfeita-

mente a vaidade das beatas e quanto se deixam seduzir por pequenas coisas, inventaram umas fitas vermelhas e medalhas de varios tamanhos, como vimos na Bibliotheca do *Mensageiro*, que, além de lhes renderem dinheiro excitam a vaidade das zeladoras, que, com ellas ao pescoço e sobre o vestido, pódem figurar nas egrejas e procissões.

## IV

### O Confessionario

Se o leitor reparou attentamente nos dois capi-
ulos anteriores, ha de ter advertido que o resulta-
lo e a recommendação final de todas as practicas
los dois meios de propaganda, já analysados, é a
onfissão. Nos *Exercicios espirituaes* e nas *Asso-
iações devotas* recommenda-se a confissão geral
le toda a vida, a confissão geral de cada anno, a
onfissão mensal, a confissão semanal, a confissão
as festas dos santos, em fim sempre e em tudo a
onfissão. E não se recommenda a confissão só e
implesmente, recommenda-se a confissão com um
onfessor fixo, que seja director e guia do indivi-
luo em todas as coisas que pertencem á sua alma
salvação, que afinal, bem examinado o passa-
nento catholico-jesuitico, são todas as coisas da vi-

da. E recommenda-se mais que a esse confessor se deve obedecer em todas as coisas, não fazendo nenhuma, ainda as boas, sem o seu conselho, e que não se deve mudar um tal confessor-director, mas conservar-se sempre o mesmo. Por conseguinte, o confessor jesuita ou ajesuitado, que é o mesmo, quer ser um confessor-director, sem cujo conselho e obediencia o penitente nada deve fazer. E como o pretende ser, tal o é.

Vista pois esta insistencia em recommendar a confissão, assim entendida, cumpre-nos estudar bem este ponto, que é grave, e, desde já o digo, é temeroso e terrivel para as familias e demanda a mais séria attenção dos paes e maridos.

E', porem, meu dever mostrar desde já a enorme distincção que existe entre o padre jesuita ou ajesuitado e o padre que não o é. Consta-me positivamente que ha muitos padres illustrados que, comprehendendo a situação difficil do sacramento da confissão, já não fazem interrogatorios, no confessionario, aos penitentes que ali vão, nem se occupam com saber-lhes os peccados; dão-lhes quando muito alguns conselhos; e outros, mais simplesmente, fazem a cerimonia da absolvição, e passam os papeis que são necessarios para certas formulas sociaes, e tudo está concluido.

A respeito d'estes não falarei aqui, pois sei bem comprehender a posição em que se acham e que elles tambem comprehendem.

Voltemos pois ao confessor-director, jesuita ou ajesuitado; e examinemos o seu confessionario, onde, ahi ao canto d'uma egreja, na atmosphera pesada e nevrotica do templo, elle colhe as redes lançadas nos exercicios, prégações e associações, não já falando ás multidões, mas n'um *tête-à-tête* tremendo, n'uma absoluta intimidade entre confessor e penitente, sem que nem o pae, nem a mãe, nem o marido possam saber nada do que ali se passa. Ali ha só padre e penitente; — o padre, que póde bem ser um rapaz novo cheio de vida e de poesia, ou um homem feito cheio de astucia e intenções duvidosas, ou um velho cheio de antiqualhas e pequices religiosas extrafalarias; — e o penitente, que póde muito bem ser, meu caro leitor, a vossa mulher, ou o vosso filho, ou a vossa filha, se os deixardes ir a esse colloquio intimo do confessionario, onde não sabereis nunca o que se disse, o que se contou e o que se aconselhou, a respeito de vós, da vossa educação e da vossa casa.

Que triste situação a d'um marido ou a d'um pae, depois que a mulher ou a filha contaram ao confessor, que afinal é um homem de carne e sangue,

certas infidelidades e casos minuciosos, que o desditoso marido ou o pobre pae ignoram completamente!

E que ascendente enorme não adquiriu sobre uma mulher, uma menina e uma familia, o padre que conhece segredos intimos, que escapam aos olhos do marido e dos paes!

E o que é que se diz, conta e aconselha no confessionario do jesuita?

Não vol-o direi eu, porque já prometti desde o principio (e o tenho cumprido) que não direi nada do meu conhecimento pessoal; mas ides ouvil-o de boccas autorisadas, de padres e de jesuitas, cujos livros tenho aqui sobre a minha meza de trabalho, os quaes, se vós os lesseis, produziriam melhor o effeito, que pretendo, do que tudo quanto eu escrever.

Huber escreve:

«Clemente VIII desconfiava muito do confessionario dos jesuitas e dizia: «A sua curiosidade os leva a penetrar em toda a parte e a impôr-se a todos, principalmente no confessionario; é o meio de saber tudo o que se passa na casa do penitente, tudo o que respeita aos seus filhos, aos seus domesticos, e ás pessoas que estão ligadas com elle, e ás que habitam no mesmo quarteirão. Quando confessam um principe, elles apoderam-se do governo de toda a sua casa, tentam mesmo

governar os seus Estados, fazendo-lhe comprehender que nada lhe poderá sair bem sem a sua intervenção e apoio» — «Desejaria saber (diz o mesmo papa n'outra parte) desejaria saber o que fazem elles todos os dias no confessionario, durante tres ou quatro horas, com pessoas que se confessam dia a dia. Não posso deixar de concluir que elles se servem da confissão como d'um meio de saber o que se passa no mundo». Esta apreciação do papa concorda com uma noticia do embaixador francez em Veneza, M. de Canaye, n'um despacho dirigido em 6 de junho de 1606 a Henrique IV: «Está provado com documentos jesuiticos, apanhados em Pergamo e em Padua, que os membros da Ordem se informam, na confissão, das aptidões e modo de vida dos habitantes, e que procuram conhecer os negocios mais importantes das povoações onde habitam, e fazem um registo tão exacto que sabem indicar os recursos dos Estados e das familias.» (1)

Agora deixemos falar os jesuitas. Mas n'este ponto sobrevem uma difficuldade enorme e infelizmente insuperavel. Os livros jesuiticos, que ensinam como o padre se deve haver no confessionario para interrogar os penitentes e as penitentes, são tudo quanto ha de mais obsceno e immundo.

(1) Huber, *Les Jésuites*. liv. VI, cap. II, pag. 95.

Refiro-me especialmente aos compendios do jesuita Gury, que são adoptados nas suas escolas e n'alguns seminarios e teem já numerosas edições. Os volumes, escriptos em latim, são dois: *Compendio de Theologia Moral* e *Casos de Consciencia*, aos quaes andam appensas as *Lições sobre o sexto preceito do Decalogo*, extrahidas por Rousselot da *Theologia Moral Universal* de J. G. Settler, para uso dos novos confessores e seminaristas. Paul Bert fez nas Camaras francezas um notavel discurso sobre a moral dos jesuitas, citando alguns trechos dos seus compendios. Os catholico-jesuitas cahiram sobre elle, dizendo que truncara e falsificara, accusação muito usada no processo jesuitico. O celebre deputado respondeu-lhes muito ao pé da lettra. . traduzindo para francez as principaes passagens do Gury. Fez uma revolução extraordinaria tal descoberta, e os jesuitas tiveram de se arrepender da accusação. Mas Paul Bert ainda assim não se atreveu a traduzir certos paragraphos de obscenidade revoltante, e limitou-se a transcrevel-os em latim, lingua geralmente ignorada pelo bello sexo.

Como eu necessito de reproduzir alguns trechos das obras jesuiticas, deixarei em latim os totalmente impossiveis de apresentar a olhares innocentes, e os outros ainda os não traduzirei litteralmente como

fez Bert, (1) mas muito por alto, pois é quasi impossivel não tropeçar em coisas vergonhosas em qualquer pagina do Gury; e em Portugal não se póde escrever com a mesma clareza com que em França.

Os compendios são muito volumosos: aqui só reproduzirei alguns pouquissimos trechos, que nos mostram como os jesuitas, pela confissão, ficam plenamente scientes ainda das menores coisas que se passam n'uma familia com relação a creados, creadas, filhos, filhas, mulher e marido.

O jesuita Gury, ao tratar dos peccados, começa por ensinar que o penitente deve declarar expressamente na confissão todos os peccados com a sua distincção especifica e numerica, isto é, o modo como se commetteu o peccado, quantas vezes se commetteu e quantos peccados se commetteram; e, para se entender tudo isso, dá numerosos exemplos, nenhum dos quaes, infelizmente, é sufficientemente decente para se traduzir aqui á lettra. Eis um d'elles, traduzido muito por alto:

---

(1) Juntamente com as citações dos livros do jesuita Gury, indicarei sempre as paginas da obra de Paul Bert, *La Morale des Jésuites;* porque, sendo esta obra uma simples traducção franceza dos compendios d'aquelle padre, será mais facil de consultar e entender pelo publico do que os volumes latinos do jesuita.

«Alexandre confessou-se de ter tido maus desejos, mas sem indicar o objecto, nem a condição das pessoas. *Pergunta-se*: devia ter confessado todas as circumstancias. *Resposta*. Sim, devia: a sua confissão foi muito incompleta... Era necessario dizer se a mulher era casada, parenta, religiosa.» (1)

Só por estas indicações do confessado, sobretudo nas nossas pequenas cidades ou em meios sociaes conhecidos, quantos segredos de familia ficam logo revelados e descobertos? E comtudo o caso que citei é o mais simples e o que menos dá a conhecer a extensão das revelações; os outros... não se podem traduzir aqui.

O *Pensae-o-Bem*, livrinho que se dá ao povo e ás creanças nos collegios, d'onde eu o conheço, tratando do exame de consciencia sobre o sexto mandamento, diz assim, a pag. 171:

«Se se tem posto voluntariamente em occasião proxima de peccado, isto é, em circumstancias nas quaes commummente lhe acontece offender a Deus. Finalmente examine-se de qualquer obra que tenha com-

(1) **Gury S. J.** *Theologia Moral*, Casos de consciencia sobre os peccados; Caso II, Distincção especifica dos peccados —**Paul Bert**, *La Morale des Jésuites*, pag. 70.

mettido contra a castidade, *explicando as circumstancias que mudam a especie, e que fazem um peccado diverso do outro,* conforme cada um o tiver na consciencia.»

Só estas phrases quanto não ensinam ás creanças, e quanto mais lhes não ensinarão os interrogatorios que ellas demandam da parte do confessor, como veremos adeante?!

Sabido já que tudo se ha de dizer na confissão, *explicando as circumstancias*, vejamos as perguntas que se hão de fazer no confessionario.

Com respeito aos creados ha muitas perguntas importantes; traduzamos uma ou duas, por alto para não nos sujarmos.

«Pergunta-se: é permittido a um creado levar a uma concubina cartas amorosas de seu patrão?—Resposta: Não é permittido, *ao menos sem razão muito forte.*» (1)

Esta phrase «ao menos sem razão muito forte» fará que o creado, que tenha levado as taes cartas, haja de explicar os motivos por que as levou, para

(1) **Gury S. J.**, *Theologia Moral*, Tratado das Virtudes, Capitulo III, Da Caridade; cooperação, § 251.—**Paul Bert**, *La Morale des Jésuites*, pag. 85.

assim o padre saber se a razão é *forte* ou não é *forte*, porque d'isto depende a absolvição. E, entrando o creado n'estas explicações, quantas coisas não se revelarão a respeito da familia do amo?!

Com respeito ás filhas vou reproduzir um «caso» textualmente:

«Lucilia, prevendo que bem depressa será obrigada a ir ao baile na festa de bodas de sua irmã, e a outros bailes de familia e amigos e até a um baile publico onde o pae a hade conduzir, *dirige-se ao seu confessor* e pergunta-lhe *se póde obedecer ao pae. Pergunta-se*: que deve o confessor responder a Lucilia. *Resposta:* Deve louvar Lucilia, cuja consciencia christã é timorata e prudente, e que prevendo o perigo, vem pedir o conselho *d'aquelle que vê*. Aconselhe a essa boa filha que procure algum meio de evitar esses bailes; mas não lhe imponha obrigação. Se ella não póde evitar o ir ao baile, recommende-lhe que, emquanto dançar, pense na morte e na divina justiça.» (1)

De modo que, louva-se uma filha por se não fiar no pae e por confiar antes no conselho do padre! E diz-se-lhe que ponha obstaculos a essa von-

(1) **Gury S J.**, *Theologia Moral*, Casos de consciencia sobre as virtudes, Caso XIII, sobre as danças. — **Paul Bert**, *La Morale des Jésuites*, pag. 89.

tade do pae; e que em ultimo caso esteja ali a pensar na morte. . .!

Os paes de familia, que entregam as suas filhas á direcção de confessores ajesuitados e jesuitas, ou de collegios a onde vão taes confessores, examinarão se estas theorias lhes conveem.

Outra pergunta a respeito das filhas:

«*Pergunta-se:* os filhos e as filhas podem abraçar o estado religioso contra a vontade de seus paes?—*Resposta*: Pódem, em principio. E melhor ainda, o filho ou a filha procederiam com maior sabedoria se, sentindo-se com vocação para o estado religioso e suspeitando que seus paes se opporão a isso injustamente, lhes occultarem a resolução e obedecerem á vontade divina. Entretanto não se deve aconselhar isto aos menores sempre que a coisa não seja muito apremiante ou se não esteja seguro da sua vocação.

«Em França, sobretudo, é necessario guardar-se de dar tal conselho aos menores, porque os paes, com o apoio do braço secular, podem-nos retirar de qualquer casa onde se tenham mettido e leval os de novo para a sua.» (2)

Este trecho não o commentamos: basta elle só

(1) **Gury S J.**, *Theologia Moral*, Tratado do IV preceito do Decalogo, capitulo I, obrigações dos filhos para com os paes, § 369.—**Paul Bert**, *La Morale des Jésuites*, pag. 116.

para explicar a fuga de raparigas e de rapazes para certos conventos: os paes devem meditar cada uma d'essas phrases, que todas encerram muitas coisas dignas de meditação.

Com respeito aos paes de familia leia-se este «caso» de consciencia:

«Mathurino, pae de familia impia, cuida muito cuidadosamente de seus filhos sob o ponto de vista temporal, mas parece muito descuidado emquanto á sua educação. O mais velho, quasi privado de instrucção christã, emprega-o no seu negocio; o segundo, para apprender um officio, emprega-o n'uma loja frequentada de jovens dissolutos; o terceiro, envia-o a um collegio pouco seguro sob o ponto de vista dos costumes e da fé.—Pergunta-se: que se deve pensar de Mathurino?»

O leitor talvez pense que este Mathurino é um bom pae, que encaminha bem os filhos, no commercio, na industria, e na carreira litteraria? Pois enganou-se; ouça o jesuita:

«Resposta: Mathurino commetteu um peccado mortal a proposito de cada filho... Ah! e quantos fazem outro tanto em nossos dias!» (1)

---

(1) **Gury S. J.**, *Theologia Moral*, Casos sobre o IV preceito do Decalogo, Caso VI, sobre os deveres dos paes.—**Paul Bert**, *La Morale des Jésuites*, pag. 120.

Aposto que, se Mathurino encaminhasse todos os tres filhos a fazerem-se padres, o jesuita diria que Mathurino tinha practicado uma grande virtude a proposito de cada filho.

Com respeito ao marido:

«O marido é obrigado em particular: A fazer que sua esposa cumpra os seus deveres religiosos e siga os preceitos da lei divina e da lei da Egreja: A castigar a esposa quando commette uma falta, se tanto fôr necessario para a corrigir e prevenir todo o escandalo... O confessor não deve dar logo credito ás palavras d'uma mulher que se queixa de seu marido, porque as mulheres são, por habito, inclinadas á mentira.» (1)

Este trecho é forte para o sexo fraco, e instructivo para o sexo forte, pois ficamos sabendo que a esposa se vae queixar ao padre confessor de coisas muito intimas que se passam na familia, d'onde nunca deviam sair.

Com respeito á mulher casada o *Pensae-o-Bem* (pag. 175) diz:

«Tendo a mulher casada alguma duvida a respeito

---

(1) **Gury S J.**, *Theologia Moral*, Tratado sobre o IV preceito do Decalogo, capitulo III, Das obrigações dos esposos, §§ 379 e 381.—**Paul Bert**, *La Morale des Jesuites*, pag. 117.

do matrimonio, exponha-a com humildade a um confessor prudente».

De modo que, certas minuciosidades sobre as questões mais intimas do leito conjugal vão resolver-se... com outro homem!

E que minuciosidades se tratam no confessionario, segundo os Compendios de Moral para uso dos aspirantes a padres?

Tenho debaixo dos olhos uma infinidade de minuciosidades, conjugaes escriptas n'esses compendios, e que só a mais refinada voluptuosidade podia ter analysado e trasladado ao papel. Mas não as posso traduzir, meu caro leitor, porque este meu livro não é escripto... só para maridos e paes de familia.

Calcule-se tudo por este paragrapho, que já não posso traduzir todo, com que começa o artigo sobre os peccados dos esposos:

«Ha peccados provenientes do acto conjugal cumprido por excesso... e peccados provenientes do acto conjugal por defeito...» (1)

(1) Gury S. J. *Theologia Moral*, Tratado do Matrimonio, cap. VIII, Do dever conjugal, art. III, Dos peccados dos esposos. — Paul Bert, *La Morale des Jésuites*, pag. 439.

E, a seguir a este exordio, todo um tratado minucioso, intimo e vivo! Emfim os aspirantes a padres, que estudam por esses livros, ficam muito mais conhecedores do assumpto do que muitos casados.

E se, sem sair dos volumes do Gury, entramos na parte extrahida do Settler pelo padre Rousselot, então já não ha traducção possivel. Aqui fala-se de tudo, com a maior distincção e clareza, tanto das coisas mais publicas como das mais intimas, dos bailes, da toilette, etc., etc. A respeito da toilette das senhoras está escripto, entre outras coisas, o seguinte, que só póde transcrever em latim:

«quae ita nudant pectus ut media ubera nuda appareant, aut quae tenui adeo velo pectus obtegunt ut ubera adhuc remaneant translucida, peccant mortaliter». (1)

Eu sei que, quando se objecta aos jesuitas quão pouco racional parece o interrogatorio de coisas tão obscenas no confessionario, elles respondem que o

(1) J. G. Settler, *Lições sobre o VI preceito do Decalogo,* cap. I, art. II, § XIV, A respeito da toilette das senhoras.— Paul Bert, *La Morale des Jésuites,* pag. 521. — Paul Bert faz o seguinte commentario : «As ultimas palavras, como não são bem precisas, prestam-se a interpretações, e exigem um estudo do facto, que póde ser bem perigoso».

medico, para curar os doentes, tambem tem de ir tocar em pontos muito melindrosos. Mas a resposta, alem de ser um triste subterfugio, não colhe, porque não tem paridade. O medico, quando isso é necessario, e só n'esse caso, e então a doença por si torna o acto menos tentador, não se subtrahe á vigilancia do marido ou do pae ou da mãe, que podem assistir e vigiar; o confessor, porém, começa por estabelecer, em principio, que ninguem póde assistir nem ouvir a intimidade da confissão, e não confessa só doentes, confessa tambem mulheres novas e meninas formosas e nas condições mais subjugadoras e captivantes.

Mas estas ainda se pódem chamar as pequenas coisas do confissionario; as mais importantes são as que vão até ao fundo da familia, minando-a totalmente, ficando, afinal, o jesuita como uma muralha entre marido e mulher. E, para que o leitor não julgue que faço rethorica, abramos o tão celebre romance, *Pequeñeces*. ., do jesuita padre Luiz Coloma, que ha pouco produziu um escandalo enorme em Hispanha. No liv. II, cap. VII, conta-nos Coloma que um tal Marquez de Sabadell, cujo typo o padre inventou como lhe aprouve para seus intentos, fôra ter com o jesuita padre Cifuentes, confessor de sua esposa, de quem vivia separado ha-

via tempo, para que o padre o auxiliasse a congraçar-se e unir-se de novo com ella. O jesuita disse-lhe que sim, que lhe parecia muito bem, porém que elle não era pessoa para dar conselhos a sua senhora esposa, que não lh'os pedira, mas que em todo o caso lhe daria uma carta para a Marqueza de Villasis, para que se entendessem os dois no assumpto. Mas, logo que o Marquez sahiu, satisfeito com a carta que levava, o padre confessor escreveu outra pelo correio á Villasis, recommendando-lhe que evitasse a approximação e encontro do Marquez com sua esposa a Marqueza, dando-lhe a entender que aquelle pretendia explorar a fortuna d'esta em detrimento d'um filho.

Com que direito ou justiça fez o jesuita uma tal recommendação á Villasis, pessoa estranha á familia? Não se podia dar o caso que o marido, embora antes desregrado, entrevistando-se de novo com a esposa, unindo-se com ella e sentindo-se acariciado pela meiga virtude da boa senhora, reconhecesse o caminho errado que seguia e achasse preferivel o ninho dourado do sancto viver domestico á vida aventurosa de antigos tempos?

Entretanto o padre Coloma pinta lucidamente a dobrez do seu confrade, que não disse logo ao Marquez ou que não se queria metter n'aquella questão

ou que não approvava o intento do Marquez. Em vez d'esta franqueza, usa de simulação escrevendo duas cartas diametralmente oppostas á mesma pessoa, uma por mão propria outra pelo correio. E para que se metteu o padre no negocio? Dissera que era sacerdote e que não tinha nada com negocios de maridos e mulheres. Este é que seria um proceder correcto: o descripto por Coloma serviu só para ficar toda a gente convencida de que era real e positiva a simulação dos confessores jesuitas e a sua intervenção, por meio do confessionario, em negocios seculares.

A simulação e intervenção em negocios seculares já levou os jesuitas n'outras epochas a relaxarem ou apertarem a moral a sabor dos seus interesses e conveniencias. E para que os leitores se convençam do facto, não lhes falarei da *Dévotion aisée* do jesuita Lemoine, nem das obras dos jesuitas Busenbaum e Escobar, obras geralmente condemnadas. Basta lembrar-lhes a historia de Portugal e fazer-lhes reparar na vida licenciosa dos nossos reis, desde D. João III até D. José I, os quaes tinham geralmente por confessores os jesuitas.

No romance de Coloma, o confessor impede a reunião do marido com a esposa sob o pretexto de evitar que este arruine a fortuna do filho. Mas,

quando se tracta das esmolas que as esposas dão, talvez em beneficio dos jesuitas, e em detrimento dos bens do casal e contra a vontade dos maridos, então os escrupulos dos Moralistas da Companhia, sobre o futuro dos filhos e dos parentes, desapparecem totalmente. E, n'este ponto, não só os factos conhecidos são practicamente convincentes, mas tambem os Compendios de Moral favorecem calculadamente as theorias lucrativas dos jesuitas. Eis o que o Gury ensina ás mulheres casadas:

«*Pergunta-se*: A esposa póde dar esmolas dos bens communs, isto é, do casal? *Resposta:* póde, mesmo quando ella tivesse bens proprios... Deve-se presumir que o marido consente que a esposa faça o que está em relação com os seus habitos e a sua posição; e, se o marido recusar, não é rasoavel...» (1)

E Jacques Gordon dá esta resposta:

«Uma mulher casada póde dar esmolas ou pelas necessidades *espirituaes* de seu marido, porque então faz dos bens do marido um uso util para elle; ou fazendo o que fazem as mulheres da sua condição; e, se o marido prohibir, deve-se entender que só prohibe os excessos.»

---

(1) **Gury S. J.**, *Theologia Moral*, Tratado da justiça e do direito, cap. II, § 555. — **Paul Bert**, *La Morale des Jésuites* pag. 175.

Talvez por aqui se entre no mysterio de tantas esmolas e heranças com que os jesuitas são contemplados pelos seus e suas penitentes, em detrimento dos parentes e dos pobres.

Vejamos alguma coisa com respeito á confissão das meninas.

O que se encontra nos taes livros sobre este assumpto deve sobresaltar qualquer pae e qualquer marido, quando a filha ou a noiva tem ou teve em creança um confessor que estudasse por elles. Infelizmente a traducção tambem me é vedada pela decencia. Basta saber-se que os taes livros declaram que ha motivos para suspeitar certos peccados nos meninos desde a edade dos dez annos e nas meninas desde a edade dos sete annos, porque n'essas edades já se encontram casos em que «voluptatem carnalem, venereosque motus sibi per tactus, situm corporis, femorum compressionem, tibiarum extensionem procurant». E por isso já então se póde indagar d'essas creanças:

«utrum honesto situ cubent, vestes modeste induant vel exuant; utrum seipsos nudos aspiciant, tangantve, utrum ab aliis aspici se et tangi passi sint... utrum ex tactu proprio vel alieno motus inhonestos et delectationem magnam experti sint; utrum tactus saepius repetiti et diuturni fuerint; utrum, percepta maxi-

ma voluptate, motus a seipsis cessaverint et ipsimet quieverint... utrum madefacti fuerint.» (1)

Os que entendem latim percebem facilmente que este immundo interrogatorio não se deve reproduzir em linguagem vernacula; mas os paes, que teem filhos e principalmente filhas, deveriam pedir a traducção d'elle aos entendidos, antes de deixarem as creanças innocentes ir á confissão e antes de as entregarem a certos collegios religiosos onde ha certos confessores.

Mas perguntar-me-ha algum pae que tenha filhas, e tenha comprehendido aquellas phrases latinas: em Portugal existem confessores que façam taes interrogatorios ás creanças?

A esse pae vae responder outro pae.

Contando-me algumas pessoas que n'uma terra de provincia se dera ha pouco o facto d'um pae retirar as filhas de certo collegio, onde as tinha a educar, por causa de certas perguntas que um jesuita lhes fizera na confissão, das quaes se queixaram aos paes, procurei informar-me directamente: e o pae, que se indignara tanto com o interrogatorio do pa-

(1) J. G. Settler, *Lições sobre o VI preceito do Decalogo*, cap. I, art. I, § XX.—Paul Bert, *La Morale des Jésuites*, pag. 519.

dre que retirara immediatamente as filhas do collegio que tinha tal confessor, enviou-me a seguinte carta, com auctorisação de a publicar, como vou fazer, deixando, porem, em abreviatura os nomes proprios, que estão por extenso no original:

«Ex.^mo Sr.—E' effectivamente verdade que retirei minhas filhas do collegio de N. S. da C. da C , onde estavam a educar. O principal motivo que me obrigou a retirar minhas filhas, no dia 5 do corrente anno, foi o modo porque eram interrogadas na confissão pelo padre T. V. que lhes fazia perguntas improprias de meninas inexperientes, despertando-lhes conhecimentos improprios da edade, que as podiam prejudicar no seu futuro moral. Póde V. Ex.ª fazer o uso que entender d'esta minha carta, que é puramente verdade o que n'ella exponho. Sou com a mais subida consideração, etc. L. 14—3—92. E. M. dos R.»

Depois de tudo o que acabamos de ler n'este capitulo, não é para admirar que o livro de Michelet, *O Padre, a Mulher e a Familia*, onde descreve com a sua linguagem viva e faiscante os effeitos terriveis do confessionario, tivesse um echo enorme no seu tempo, echo que ainda se perpetúa, convencendo todos os paes e maridos a meditarem bem no assumpto. Terminarei com alguns periodos d'esse precioso livro, que, infelizmente, perderão muito com a imperfeição do traductor.

«Quando penso em tudo o que encerra essa palavra *confissão, direcção*, essa palavra pequenina, esse poder enorme, o mais completo que póde existir no mundo; quando tento analysar tudo o que essa palavrinha contem, fico horrorisado. Parece-me que desço pela espiral infinita d'uma mina profunda e tenebrosa... A principio eu tinha compaixão d'esse padre, agora tenho-lhe medo...

Mas é necessario não ter medo, é necessario olhar de frente. Formulemos com simplicidade a linguagem do confessor:

«*Deus* te ouve, ouve-te pela minha pessoa; e por mim e vae responder.. Vem filha, vem e fala... O que não te atreves a dizer ao ouvido de tua mãe, dil-o aqui; ninguem o saberá jamais...»

Então, então, entre soluços, com o peito opprimido e sobresaltado, a palavra fatal escapa dos labios da penitente; escapa e... silencio... Ah! aquelle que ouviu essa palavra adquiriu uma vantagem enorme; e conservará bem a palavra que uma vez escapou. Deus queira que não abuse d'ella!... E quem a ouviu, não foi a madeira e o negro carvalho do velho confessionario, foi um homem de sangue e de carne.

E esse homem sabe agora a respeito d'aquella mulher o que o marido não tem conseguido saber nas longas intimidades das noites e dos dias, o que nem sabe sua mãe que julga conhecel-a por dentro e por fóra, tendo-a visto tantas vezes nua sobre os seus joelhos. Sabe-o esse homem e o saberá... Não tenhaes duvida de que elle o esqueça. Se a confissão está em

boa mão, tanto melhor, porque ficará ali para sempre. E ella... ella tambem fica sabendo que agora já ha um senhor do seu mais intimo segredo. Jamais ella passará deante d'esse homem sem abaixar os olhos...

E a familia, agora? e o marido?...

«Quem ousará dizer que a sua situação é agora a mesma que antes era... A pessoa pertence áquelle que sabe o seu pensamento. O padre, desde que obteve a revelação perigosa dos primeiros segredos, é quem possue a alma da mulher e a possuirá cada vez mais». (1)

Com que coragem apertará um marido a mão do confessor de sua mulher, a quem esta confessou talvez coisas que o deshonram a elle e a seus filhos?

E o confessor não poderá abusar da fraqueza confessada d'essa mulher?

A impossibilidade de expôr aos olhos innocentes toda a obscenidade dos Compendios de Moral não me permittiu dar a este capitulo a exacta impressão do confessionario jesuitico, que de certo poria em guarda os maridos e os paes de familia. Tive de fazer traducções muito por fóra da lettra, e

(1) J. Michelet, *Le Pêtre, la Femme et la Famille*, 2.e partie, ch. III, pag. 205.

tive de truncar citações; mas se os jesuitas e seus defensores me accusarem d'isso, posso traduzir-lhes litteralmente todas essas abominações, e creiam que sei latim de mais para poder dar á traducção todo o relevo e nitidez das phrases e scenas peccaminosas: sómente que no frontispicio da obra teria de advertir aos maridos e aos paes que não deixassem cair nas mãos de suas mulheres e filhas essa obra, que, afinal, não seria mais que a traducção do que os jesuitas e os padres ajesuitados perguntam, na intimidade do confessionario, a essas mesmas mulheres e filhas.

## V

### O ensino

É da maxima importancia, para clara intelligencia do que se vae ler n'este capitulo, comprehender uma profunda divisão e distincção que existe no ensino dos jesuitas. Os jesuitas dão ensino e educação a duas classes muito differentes de individuos: 1.ª a dos alumnos seculares extranhos á Ordem, a quem ensinam as disciplinas dos preparatorios para os exames nos lyceus, seguindo os programmas officiaes; 2.ª a dos alumnos religiosos já pertencentes á Ordem, a quem não ensinam preparatorios propriamente dictos, mas dão habilitação para o magisterio, seguindo a *Ratio Studiorum.* Hei de falar d'estas duas classes de alumnos, e é de absoluta necessidade perceber-se desde já que são completamente differentes; que o ensino e edu-

cação que se lhes dá é tambem muito differente; e que as casas, onde se lhes dá, são tambem differentes.

Os defensores dos jesuitas, não direi se de proposito se por ignorancia, procuraram, nos seus folhetos contra mim, confundir e baralhar estes ensinos, para arranjarem argumentos contra as affirmações do meu livro anterior. Assim, quando eu censurava os jesuitas por não consentirem a leitura de certos livros litterarios e philosophicos aos alumnos religiosos, que cursam esses estudos na edade de 17 a 25 annos geralmente, os defensores officiosos levantavam-se contra mim, dizendo que eu pretendia que esses livros se dessem ás creanças dos collegios, que cursam os preparatorios na edade normal de 10 a 16 annos. Como se vê, o argumento dos adversarios estribava n'uma base falsa, por elles arranjada, confundindo as edades dos alumnos, e, portanto, fazendo-me dizer o que eu não dizia. Esta reflexão não a faço por causa dos adversarios, que postos n'um terreno resvaladiço e quasi desconhecido para alguns d'elles, se arranjaram como puderam, segundo as maximas dos compendios de moral lá de casa; mas faço-a para que o leitor sincero a fixe bem e a tenha presente n'este capitulo. E n'elle tambem não direi

nada do meu conhecimento proprio, apesar de ter cursado todos esses estudos, tanto sendo extranho á Ordem, como depois pertencendo a ella.

Desenvolverei, aclararei e provarei, com documentos jesuiticos e opiniões de auctoridades ponderosas, tudo o que disse no outro livro e o que me cumpre accrescentar n'este.

### ENSINO AOS ALUMNOS EXTRANHOS Á ORDEM

Em Portugal, os jesuitas, quero dizer os religiosos da Companhia de Jesus, teem só dois collegios onde ensinam e educam alumnos seculares, que não pertencem á Ordem; são o collegio de Campolide em Lisboa, e o de S. Fiel na Beira-Baixa entre Castello Branco e a Covilhã. Tudo o que vou dizer se refere positivamente a estes dois collegios, embora se possa tambem applicar d'um modo geral aos collegios dos outros religiosos, a quem o povo tambem chama jesuitas.

E desde já advertirei que os dois collegios, apesar de pertencerem ambos á mesma Companhia de Jesus, de serem dirigidos pelos mesmos religiosos e de terem os mesmos mestres, que ás vezes se revezam e transferem d'um para outro, teem comtudo, como mostrarei com provas, differenças, senão fundamentaes, pelo menos bastante pronunciadas.

E a razão d'isso é simples. Campolide está em Lisboa, o meio mais illustrado e liberal da sociedade portugueza; e S. Fiel está quasi n'um ermo, n'um recanto da provincia da Beira Baixa, onde o meio social é ainda demasiadamente atrazado: além d'isso, para Campolide vão filhos de familias, da capital e da provincia, cujas ideias são conhecidamente avançadas; para S. Fiel, pelo contrario, vão em geral filhos de familias, cujas ideias são mais acanhadas e menos emancipadas de tradições fradescas. Em vista d'estas razões, a tactica jesuitica prescreve differenças de educação e ensino, e essas differenças dão-se, com quanto não fundamentaes nem essenciaes, por não parecer necessario tanto aos jesuitas. Pois se parecesse necessario, para a conservação da seita, differenças essenciaes, tambem as estabeleciam, a exemplo do que fazem os seus confrades dos Estados Unidos da America do Norte, os quaes, no mesmo collegio, ensinam alumnos catholicos e protestantes; aos catholicos dão educação catholica e aos protestantes não a dão, antes lhes deixam seguir a de seus paes. As provas do que acabo de affirmar apparecerão constantemente no decurso d'este capitulo.

A prosperidade e o engrandecimento da sua Ordem—eis o grande ideal do jesuita; já o demons-

trámos na primeira parte d'esta obra com testemunhas auctorisadas, como Huber, Compayré, etc. Por esse ideal os jesuitas trabalham, e muitos trabalham acerrimamente com assiduidade e constancia. Não lhes negarei essa actividade e energia, de que eu mesmo fui testemunha e exemplo; pena é que não seja encaminhada a melhor fim. Mas os seus fins e intuitos, infelizmente, são perniciosos, porque se dirigem a atacar a liberdade de entendimento, de vontade e de acção; liberdades primordiaes da natureza humana, que se devem respeitar e cultivar com a maior dedicação e carinhoso melindre.

Para maior clareza, tractarei a questão do ensino jesuitico debaixo de quatro aspectos: educação litteraria, educação physica, educação religiosa, e educação moral.

1.º *Educação litteraria.*

Nos dois collegios dos jesuitas, acima mencionados, ensinam-se todas as disciplinas do curso dos lyceus. Refiro-me á epocha desde 1877 para cá, porque só desde esse anno é que em ambos os collegios se ensinam todas aquellas disciplinas.

Quaes são as habilitações dos professores jesuitas?

No capitulo III da 1.ª parte d'este livro já apreciámos, com a *Ratio Studiorum* na mão e com auctoridades graves, a sciencia dos jesuitas e a pag. 84 vimos que elles geralmente estudam latim, grego, lingua nacional, rhetorica, e mathematica e physica elementares, faltando-lhes ainda o estudo da litteratura propriamente dicta, da geographia, da historia e das linguas estrangeiras. Os jesuitas, quando são mandados ensinar estas ultimas disciplinas, preparam-se com o auxilio dos compendios e d'outros livros que pódem haver ás mãos. As linguas estrangeiras são ensinadas, geralmente, por padres naturaes dos paizes onde se falam essas linguas ou por padres portuguezes que estiveram anteriormente n'esses paizes. O ensino das linguas estrangeiras poderá portanto ser bom ou mau, segundo o methodo e a sciencia dos professores.

Consultemos agora o Relatorio do sr. dr. Refoios, que muito nos ensina a respeito da habilitação positiva e practica dos professores dos dois collegios mencionados. A pag. 20 lê-se:

«Tinha declarado (o director do collegio de S. Fiel, P. de Antoni) que nenhum dos professores tem diploma official de habilitação, á excepção do Padre Meirelles, que é bacharel em Theologia... e desde então declarou que ignorava quaes as habilitações particulares de

cada professor, á excepção dos professores Castrilho e Silvares, e n'esta conformidade de ignorar as habilitações particulares dos professores do collegio, de que elle é o director, chegou tambem a ignorar as habilitações do professor de physica e chimica, das quaes ha pouco se tinha mostrado tão conhecedor.

Como ultima explicação disse o Padre Antoni que recebe muitos dos professores por lhe serem recommendados por pessoas da sua confiança, e que elles serão os competentes para declarar as suas habilitações.

Eil-as, taes como cada um as forneceu...

Manuel Arraiano, de Valle de Prazeres, districto de Castello Branco, estudou na Hespanha, em Valencia e Burgos, e especialmente n'uma casa de educação, por nome Carrion dos Condes, dirigida por padres: está no collegio ha 4 ou 5 mezes.

José Estevão Gonçalves, do Funchal, tem o curso do lyceu do Funchal, frequentou 2 annos da faculdade de Direito em Coimbra, tem ordens menores, recebidas em Pouy (França).

José Nunes da Silva, de Lisboa, tem exame de Philosophia Racional e de Oratoria no lyceu de Lisboa, é professor no collegio ha 5 annos.

José Dias Silvares, da Lardoza (aldeia que dista do collegio uma legua), filho de paes pobres, foi educado no collegio de S. Fiel, e depois foi á custa do mesmo collegio a estudar em estabelecimentos particulares de instrucção na Hespanha e na França, em Carrion (villa de Castella) e em Monfort (no departamento de Landes,

em França), tem *ordens menores* recebidas em Carrion.

José Maria da Silva, da Batalha, tem só exame de instrucção primaria, estudou latim proximo de Leiria; nunca sahiu de Portugal, tem estudado sósinho, sem mestres, mas declarou-se habilitado para ensinar qualquer disciplina do curso dos lyceus.

Luiz Abreu Campo-Santo, de Guimarães, tem estudado sósinho sem mestres, está no collegio ha 5 annos; tem licença do Arcebispo de Braga, desde a edade de 12 annos, para usar habitos ecclesiasticos.»

Omitto outros depoimentos de professores por desnecessarios, e porque alguns, se reproduzisse as suas affirmações, exigiam commentarios. Só direi, visto que não só conheço todos os professores aqui nomeados, mas fui tambem condiscipulo e collega de todos elles, que quasi todos faltaram á verdade mais ou menos, e que o ultimo, de quem falla o Relatorio, não estudou sem mestres, como disse, mas com diversos mestres, que conheci muito bem, e alguns d'elles tambem o fôram meus. O Relatorio continúa pag. 36:

«Examinando as informações dadas por cada professor, vê-se que estudaram quasi todos na Hespanha e na França, alguns declararam que em collegios dirigidos por padres, quasi todos em Carrion (Castella) e em

Pouy (França) e em Monfort, onde ha collegios de jesuitas; na grande maioria pobres, foram a expensas de alguem, cujo nome encobrem, á excepção do professor Silvares que disse ter ido á custa do collegio de S. Fiel; não apresentam titulos officiaes de habilitação, e comtudo alguns dizem ter recebido ordens menores; estudaram litteratura e sciencias e veem ensinal-as de graça, tendo percorrido collegios como o de Campolide e o do Barro; transportam-se d'umas para outras casas analogas, sempre com o mesmo systema. E' a historia dos jesuitas.»

Como d'aqui se conclue, a informação serve tambem para Campolide, porque os professores transitam d'um para outro collegio. Pena é que não tenhamos tambem um Relatorio sobre Campolide: syndicancias tem havido muitas, mas drs. Refoios, corajosos e liberaes, até agora, um só.

Sabidas as habilitações dos professores, saibamos o que ensinam e como ensinam.

Abramos o *Relatorio*.

Pag. 38: «O collegio de S. Fiel se por um lado ensina razoavelmente linguas, por outro lado dá uma direcção reaccionaria e fanatica ao espirito dos alumnos; um sobrinho d'um dos membros da commissão esteve no collegio e vinha educado de modo a affirmar que não é peccado matar o pae para servir a Deus.

Pag. 28, 29 e 30: «O ensino da philosophia e prin-

ipalmente o da historia é vicioso com uma direcção rofundamente reaccionaria.

A commissão mandou chamar os alumnos que no erão fizeram exame de historia: convidou-os a que preciassem a revolução franceza como lhes tinha sido nsinado. Um alumno, que foi approvado com distincão, foi o unico que se prestou a isso, estimulado pela ensura feita a outro distincto, que dizia não se lemrar já.

A apreciação de todo o movimento revolucionario e 1789 a 1793 na França foi a seguinte: que a revoıção franceza foi um grande mal, pois que d'ella naseram todas as ideias de liberdade que desde então se em espalhado por toda a Europa.

Esta apreciação é quasi a mesma que os alumnos o collegio fizeram em 1875 no lyceu de Castello Branco erante as commissões de exames, nomeadas pelo goerno.

No 1.º dia de exames apresentaram-se os alumnos izendo que da revolução franceza resultaram ainda eiores males que da liberdade d'imprensa. O digno residente do jury estranhou-lhes que os seus mestres ıes ensinassem aquella apreciação: no dia seguinte os ovos examinandos teciam nos exames os maiores elois á revolução franceza. (1)

(1) O sr. dr. Refoios, nas *Notas ao Relatorio,* addiciona, a ag. 73, o seguinte: «O Presidente do jury d'exames d'historia n Castello Branco, em 1875, era o sr. dr. José Augusto Sanıes da Gama, lente de Direito na Universidade; não me oc-

D'onde se prova, por um lado a direcção e natureza reaccionaria do ensino, e por outro lado a hypocrisia que d'um dia para o outro se recommendou aos novos examinandos; hypocrisia sim, porque a apreciação, ensinada hoje, é a mesma que appareceu no primeiro dia de exames.

O mesmo alumno do collegio, interrogado pela commissão sobre fórmas de governo, achou a monarchia absoluta notavelmente superior á monarchia constitucional.

A commissão desejou destrinçar bem se aquillo era a opinião isolada do alumno, ou se era o resultado do ensino na aula: o alumno foi bem explicito na resposta e os outros disseram que não conheciam outra apreciação.

A commissão não podia facilmente apreciar o re-

---

corre agora precisamente quem eram os dois outros membros do jury. Aquelle cavalheiro, conversando ha poucos dias comigo, disse-me que se recorda muito nitidamente dos factos que narra o relatorio relativamente aos exames de historia que em 1875 fizeram os alumnos do collegio de S. Fiel em Castello Branco, e accrescentou ainda mais «que no 2.º dia de exames foram tão exaggerados os elogios feitos pelos alumnos do collegio á revolução franceza, que elle teve de os advertir por esse facto». Com auctorisação expressa do sr. dr. Sanches da Gama, deixo aqui inseridos estes esclarecimantos.

O meu testemunho tambem poderá ter valor n'este caso porque eu fui precisamente dos alumnos com quem se deram os factos referidos no relatorio, pois fiz exames em Castello Branco precisamente em 1875, sendo alumno do collegio de S. Fiel.

ultado do ensino no presente anno lectivo, por estar inda no principio: visitou as aulas que encontrou a unccionarem de tarde: notou a circumstancia de que m todas ellas o professor estava com o barrete de padre a cabeça, tracta por tu os alumnos, e estes teem liberlade de se rirem uns dos outros com muita sem-cerinonia; e na aula de philosophia encontrou o professor é verdade que revelando perturbação) a dar uma denonstração da existencia de Deus, tão fóra de tudo uanto serve para o provar, que não deixa de a apreentar:—«Deus é um sêr omnipotente; logo deve ser ma realidade e não méra possibilidade; sendo possibidade apenas, não podia ter qualidades e portanto não odia ser omnipotente; logo é uma realidade, logo xiste».

No collegio ha já alguns instrumentos de physica e m pequeno laboratorio chimico: mas este anno não em alumnos a aula de introducção.

Todos os alumnos do collegio estudam ao mesmo empo n'uma unica sala d'estudo: e é notavel que sore as estantes dos alumnos se encontram, em muitos gares, pequenos quadros de sanctos, quasi todos em osição d'estasi profundo: de modo que mesmo na ocasião do estudo se desvia o espirito do alumno e se ncaminha n'uma direcção determinada.

E isto não desdiz do regulamento para os alumnos xternos, que logo á entrada do collegio se encontra um quadro; depois de determinar que não será admittido na aula o alumno que não fôr á missa todos os ias, e que não assistir a umas determinadas practicas

religiosas e não fizer um certo numero de confissões tem este regulamento o art. 9.º que diz pouco mais ou menos o seguinte:— «lembrem-se que n'este collegio se dá maior importancia á educação religiosa do que á scientifica e litteraria.»

Para complemento d'esta parte do Relatorio, procurei informar-me, com diversas testemunhas, cujos nomes posso citar, ex-alumnos e ex-professores dos dois collegios, a respeito dos compendios de historia n'elles adoptados. Eil-os segundo a ordem chronologica de adopção:

Em S. Fiel: Compendio de Historia, escripto pelo Doria; Compendio de Historia, em francez, pelo padre Drioux; Compendio de Historia pelo bispo Daniel, (traducção portugueza feita no Brazil).

Em Campolide: Compendio de Historia pelo Doria; Compendio de Historia, em francez, pelo jesuita Gareau; Compendio, em francez, pelo Drioux; Compendio de Historia por Consiglieri Pedroso.

Porque se fizeram estas alterações no uso dos compendios? O do Doria foi posto de parte por causa de certas opiniões a respeito do poder dos papas na edade media. Ao principio os padres cortavam do compendio as folhas referentes a esse poncto. Eu estudei por um compendio amputado. Isto praticava-se tambem, algumas vezes, com os

*Logares Selectos*, cortando-se-lhes as folhas em que vinha a descripção do Valle de Santarem por Almeida Garrett. Os alumnos davam aos livros, assim mutilados, a alcunha caricata de *capados*. Ainda ha pouco, um medico, ex-alumno de S. Fiel, me recordou este facto. Infelizmente não pude obter nenhum d'aquelles livros mutilados. Mas tenho deante de mim um Compendio de *Historia Patria* por Travassos Lopes, para o ensino primario, livrinho que me foi dado por uma menina saida, ha pouco, d'um collegio de freiras. N'este livro não ha folhas cortadas, mas ha palavras *riscadas* com largos traços de lapis vermelho.

Limpando com uma borracha os traços vermelhos, leem-se bem as palavras riscadas. Citarei algumas phrases, pondo em gripho as palavras riscadas pelas *boas* e *sabias* professoras:

Pag. 52: (Refere-se ao reinado de D. João III) «A inquisição teve dois effeitos: conter o lutheranismo, *e ser um instrumento horrivel do fanatismo e da politica.*»

«*Estas duas instituições* (inquisição e jesuitas) *eram inimigas.*»

«*O ensino do povo jaz abandonado.*»

Pag. 53: «mas o que é exclusivamente d'este reinado, *é a desmoralisação, o luxo, a inquisição, o jesuitismo, a falta de braços e de capitaes e o absolutismo.*»

Pag. 54: (a respeito do cardeal D. Henrique): «a segunda regencia desde 1562 até 1568, dirigida pelo *fanatico* D. Henrique.»

(A respeito de D. Sebastião): «O jesuita Luiz da Camara escolhido para preceptor e director espiritual do principe, *desenvolveu-lhe um fanatismo tal, que poude conseguir que o seu regio pupillo se afastasse do mundo, e só procurasse a perfeição da vida christã*».

Os que conhecem bem a historia de Portugal sabem quanto são verdadeiras as phrases riscadas: e comtudo as creanças não as podiam ler... um tal estudo era-lhes vedado!!!

Um cavalheiro, C. M. P., que é professor d'uma escola industrial, e foi muito tempo professor de ensino livre em Lisboa, conta-me, n'uma carta, que um rapaz, saido do collegio de Campolide, veiu ter com elle, quando professor de ensino livre, para que o preparasse para o exame de historia. Um dia, interrogando-o sobre os factos do reinado de D. José I, o alumno disse-os todos, menos um, aliás dos mais importantes. O leccionista fez-lhe primeira e segunda advertencia com o fim de lhe ajudar a recordar esse facto, que era a *expulsão dos Jesuitas* pelo Marquez de Pombal. E lembrando-lh'o afinal o leccionista, o rapaz mostrou-lhe o compendio, que usára no collegio, onde esse facto estava *riscado*.

Como, porem, *riscar* e *cortar* não foram julgados meios sufficientes para enganar os alumnos, os jesuitas mudaram de livros, adoptando os compendios já mencionados.

D'esses só pude obter o do bispo Daniel: *Curso de Historia por M.gnor Daniel, bispo de Coutances.*

No prologo do livro descobre-se claramente o motivo da escolha:

Pag. 6: «apresenta com a maior exactidão os factos, assigna-lhes as suas *verdadeiras* causas e consequencias *e responde victoriosamente* aos argumentos cavillosos, deduzidos da historia, *contra a religião de Christo e da Egreja.*

N'estas palavras está definido o fim do livro, o motivo da sua adopção e a fonte dos seus defeitos. Nos compendios de historia não se deve tratar de argumentos, deve-se tratar dos factos, e das suas causas, que estribam em outros factos anteriores. Quando se quer obrigar a historia a ser defensora d'uma determinada religião, resultam logo, muito naturalmente, falsificações e mutilações de factos. E' o que acontece no tal compendio do bispo francez, tão usado nos collegios religiosos do nosso paiz apezar de desfigurar a historia d'um modo deploravel. Basta ver o que diz a respeito da

*Reforma Religiosa* no seculo XVI e confrontal-o com o que Cesar Cantu, que não é suspeito, diz na sua obra a respeito do mesmo assumpto. O bispo francez transtorna os factos em muitos outros pontos.

Comtudo o livro foi approvado pelo conselho superior de instrucção publica, e por elle foi tambem approvado outro compendio de historia d'um padre portuguez, ao qual se mandou apenas modificar o prologo em subsequentes edições; mas, lendo a obra, nota-se que faltam n'ella certos factos importantes, que se pretendem occultar. No nosso paiz correm ainda outros compendios de historia, escriptos por padres com o mesmo fim, e não approvados pelo conselho de instrucção publica.

O Compendio de Historia pelo sr. Consiglieri Pedroso, lente do Curso Superior de Lettras, apesar de ser o melhor compendio portuguez, é o mais detestado, como se prova não só por não ser adoptado nos collegios religiosos e em alguns seminarios, mas por ser perseguido por certos escriptores, como o padre Mattos, o padre Correia Portocarreiro e quejandos. Em Campolide os jesuitas viram-se obrigados a admittil-o por ser adoptado no lyceu de Lisboa, onde os seus discipulos fazem exames; mas um alumno que frequentou a aula de

Historia n'esse collegio, quando lá se adoptava o Consiglieri, contou-me que o professor jesuita tentava com frequencia desdizer os factos narrados pelo distincto lente do Curso Superior de Lettras; o que produzia o effeito contrario, porque o professor jesuita (que me nomeou e conheço muito bem) era tido pelos proprios discipulos como pouco habil e menos sabedor.

Nos Collegios das Religiosas faz-se mais: chegam a forjar compendios para uso especial dos seus collegios. Possuo, e tenho actualmente deante de mim, dois d'elles, que me foram offerecidos por uma ex-alumna d'um collegio das Salesias. São os seguintes: *Compendio de Historia de Portugal, para uso das Educandas das Salesas* (sic) —Belem 1883. *Compendio de Chorographia de Portugal para uso das Educandas das Salesias.*—Lisboa—1878. Os compendios são detestaveis e a verdadeira historia subvertida.

N'outro collegio de Religiosas em Lisboa, do qual me chegou ás mãos um Relatorio de distribuição de premios, passa-se ávante: supprime-se, no ensino, a historia de Portugal e a chorographia portugueza. Eis as disciplinas que ali estudam, durante 6 annos, meninas de boas familias da capital: *Doutrina Christã*, 6 annos; *Portuguez*, 6 annos; *In-*

*glez*, 6 annos; *Francez*, 6 annos; *Allemão*, só algumas alumnas; *Musica, piano e theoria*, 6 annos.

Estas meninas elegantes ficam sem saber nada da historia do seu e dos outros paizes, nada de geographia, nada de litteratura, etc! Que educação tão elegante!

Um professor que, ainda ha pouco, fez parte dos jurys de exames no lyceu de Castello-Branco, aonde vão os alumnos de S. Fiel, escreveu-me:

«Como examinador em Castello-Branco, vi e julguei do methodo do ensino no collegio de S. Fiel do Louriçal. Em linguas bem preparados. Nas sciencias naturaes e na historia orientação falsa e reaccionaria».

Um antigo alumno de S. Fiel, que hoje frequenta medicina, escreve-me, n'uma carta:

«Historia, philosophia, e sciencias naturaes, ensinavam-nas n'um circulo muito restricto, visando sempre a certos fins, que não permittiam a qualquer alumno pensar d'outra maneira. Os homens verdadeiramente sabios engrandeciam-nos ou depreciavam-nos conforme elles tinham sido religiosos ou liberaes. Para elles Moigno era um sol eclipsando a luz de Darwin, Luiz Veillot o grande talento de França, Herculano o grande atheu d'este seculo, Guerra Junqueiro o impio, o demolidor do sanctuario e da Egreja. Dos livros cortavam o que não estava conforme com o seu pensar. Os fac-

tos cuja explicação era facil segundo os conhecimentos humanos, dentro da razão e do bom senso, explicavam-os pelo sobrenatural, pela força extranha do incognito. Em tudo viam mysterios, de tudo tiravam partido para alcançar os seus fins, quaes eram limitar o pensamento humano e obscurecer a consciencia.»

Dirá alguem: — mas os resultados d'estes collegios nos exames dos lyceus são satisfatorios, como se prova pelas listas dos alumnos approvados.

Responderei — que as taes listas d'esses collegios, como geralmente as de todos os collegios portuguezes, religiosos e seculares, nada provam.

Eis o que diz o sr. dr. Refoios (Relatorio, pag. 28) a respeito das listas dos alumnos approvados do collegio de S. Fiel:

«E' pena que ao lado do numero de approvações não figure o das reprovações, *base importante* para apreciar o resultado do ensino. A commissão não poude averiguar o tempo que cada um d'esses alumnos gastou na sua habilitação para exame; porque no collegio não ha livro de matricula, e o *director disse não saber dar informações* sobre este assumpto.»

Os collegios portuguezes costumam publicar, nos seus relatorios particulares e nos jornaes, a *lista* dos alumnos approvados nos exames, o que

nada prova a respeito do approveitamento d'esses collegios, não se publicando tambem a *lista* dos reprovados nos exames, e a *lista* dos que desistiram dos exames, e a *lista* dos que frequentaram as aulas e comtudo não foram dados pelos professores como aptos para exame.

Só com *estas quatro* listas juntas é que se póde fazer juizo do bom ou mau exito d'um estabelecimento. E n'este ponto os lyceus do Estado são exemplares, porque enviam annualmente á direcção de instrucção publica a estatistica do movimento interno dos alumnos com as taes quatro listas.

Sem as quatro... nada provado. Tenho deante de mim uma lista de perto de 300 alumnos d'um collegio secular, approvados no lyceu do Porto, e nem por isso faço juizo algum d'esse collegio, que aliás reconheço como bom pelo ter visitado e conhecer pessoalmente quasi todos os seus professores e directores. Não tenho os relatorios dos collegios dos religiosos: mas, se os tivesse, e n'elles lesse eguaes, menores ou maiores listas de approvados, por esse facto só, nem os julgava peiores nem melhores do que aquelle. Poderia um collegio apresentar menor lista do que o apontado acima e comtudo ser muito melhor que elle. Supponhamos, por exemplo, que o professor A tem na sua aula de francez 40 alum-

nos e o professor B tem 15. O professor A preparou 30 e d'esses trinta ficaram-lhe approvados 25: e o professor B preparou os 15 e ficaram-lhe todos os 15 approvados. Claro está que o professor B com os seus 15 approvados foi muito mais feliz que o professor A com os seus 25 approvados, apesar da lista d'este ser muito maior que a d'aquelle.

Estas reflexões servem para mostrar a todos que as listas, só de alumnos approvados, que os collegios, seculares e não seculares, publicam annualmente, teem pouco valor para se poder ajuizar do merito d'esses collegios.

No collegio de S. Fiel, nos primeiros annos de exames, appareciam nos Relatorios annuaes a lista dos approvados e a dos reprovados; mais tarde, como as reprovações começassem a avultar, supprimiu-se nos relatorios a lista dos *reprovados*, ficando só a dos *approvados*. Eu presenceei este facto, sendo ali alumno nas primeiras quatro epochas de exames, e póde-se verificar a exactidão d'elle pelos relatorios d'esse collegio desde 1874 ou 1875 até 1877.

2.º *Educação physica.*

A casa de Campolide nos seus primeiros tempos

era acanhada e pobre; e para pobres fôra fundada. Hoje está quasi reedificada, com dimensões regulares e espaçosas. A de S. Fiel tambem tem augmentado e melhorado muito. A alimentação d'estes collegios, principalmente do de S. Fiel, foi má e deficiente; hoje é regular em ambos; talvez, porem, ainda não tão boa, como deveria ser, por falta de bons cosinheiros, porque os *irmãos coadjutores* não são geralmente peritos no officio, e os collegios pretendem poupar dinheiro não curando de ter cosinheiros de profissão: são testemunhas d'isto centenares de alumnos que os têem frequentado.

N'estes collegios não ha os verdadeiros exercicios hygienicos prescriptos pela sciencia educativa, que se encontram n'outros paizes, principalmente na Inglaterra; mas tambem é certo que os estabelecimentos portuguezes peccam todos por esse defeito, começando pelos do Estado.

Ha, porem, n'estes e n'outros collegios religiosos duas coisas perniciosissimas para a saude: o desenvolvimento de certo vicio entre os alumnos, e o uso illegal, por parte da direcção, da pharmacia e da medicina.

A primeira coisa, de cujas consequencias tenho ouvido queixar muitos alumnos, provêm da pressão rigorosa com que são ali educados rapazes de 14,

15, 16, 17 e mais annos; e provêm tambem de que os padres, com a sua ignorancia ou fanatismo, condemnam-lhes o vicio pelo lado religioso com o medo do inferno, que lhes faz pouca mossa, quando deviam condemnar-lh'o, mostrando-lhes, energicamente as terriveis consequencias que produz no organismo; e, se se pudessem desprender das suas ideias fanaticas, deviam proceder moderada e prudentemente, como fazem os educadores sabios e que conhecem as forças e exigencias do organismo humano: a moderação, a cautella, e a sciencia dictam a alguns directores seculares um proceder muito differente do dos religiosos, e com muita razão.

A segunda coisa, o uso illegal da pharmacia e da medicina, é um verdadeiro crime.

Primeiramente, o facto de ter pharmacia em casa e dispôr dos medicamentos á vontade é um crime previsto pelo codigo penal.

Em segundo logar, esse uso illegal póde dar causa a verdadeiros *assassinatos*. Em Campolide, onde, por estar quasi dentro da cidade, é facil conseguir-se depressa a visita do medico, póde haver menos perigo; mas em S. Fiel, não só ha perigo, mas tem havido casos gravissimos, porque o medico do collegio costuma residir a 4 ou 6 leguas de distancia.

A respeito dos medicos de S. Fiel, o sr. Sebas-

tião Ramos Preto enviou-me a seguinte informação:

«Que o actual medico do collegio de S. Fiel é o sr. dr. José Pedro Dias Chorão, residente no Fundão a dezoito kilometros aproximadamente do collegio, e que os seus antecessores (ultimamente) foram os srs. dr. Megre da Covilhã (a 6 leguas de distancia) e dr. Accursio Torres residente em Alpedrinha (a cerca de 3 leguas), o qual exerceu durante pouco tempo a clinica no collegio por não se conformar com o procedimento dos padres, como claramente se deduz d'umas correspondencias publicadas por aquelle cavalheiro no *Correio da Beira*».

Os enfermeiros que conheci em S. Fiel fôram: 1.º Adrião, alfaiate e antigo militar; 2.º Lourenço, irmão-coadjutor jesuita, italiano, que nunca estudára pharmacia; 3.º Antonio Soares, que fôra militar e talvez barbeiro. Este ultimo, segundo me dizem, exerce hoje a mesma profissão no collegio de Campolide; onde foi enfermeiro durante muitos annos, um tal Aquilina, irmão-coadjutor jesuita, italiano.

O facto de os medicos residirem a muitos kilometros longe do collegio, e a impericia legal e positiva dos enfermeiros tem dado causa a muitas enfermidades e até a mortes de alumnos, principalmente em S. Fiel. Pelo que respeita ao primeiro

caso eu mesmo fui uma das victimas; com respeito ao segundo, isto é, a mortes de alumnos, ha coisas tão graves, (e algumas por mim conhecidas), que não as quero noticiar com palavras proprias, mas com as d'outros condiscipulos, ex-alumnos de S. Fiel. Um d'elles publicou uma noticia sobre um d'esses casos no n.º 26 do *Povo Portuguez,* jornal da Guarda, que foi transcripta pelo sr. dr. Refoios nas *Notas* ao Relatorio, pag. 71 e 72.

Outro ex-alumno escreveu-me, n'uma carta muito importante por diversos motivos, outros dois casos fataes, dados em condiscipulos d'elle e de que elle proprio foi testemunha.

Vou transcrever os tres casos, omittindo apenas alguns pormenores menos importantes por via de brevidade:

*Relatorio,* pag.as 71 e 72: «Proximo das ferias do verão de 1877 adoeceu gravemente o alumno de S. Fiel, Marcellino da Conceição, de Escallos de Baixo, districto de Castello-Branco.

Antes de cahir de cama, foi o nosso desgraçado amigo queixar-se ao sub-director do collegio, o qual lhe respondeu que a doença não passava de manhã e que por isso o não deixava recolher á enfermaria.

A doença foi avançando com proporções visivelmente assustadoras para os olhos de todos os condiscipulos de Marcellino da Conceição, que o viam definhar pouco

a pouco, sem que isso desse nas vistas caridosas do sub-director do collegio, que era então o padre Antonio Vieira, um coração preverso, fechado a todos os sentimentos de humanidade, um verdadeiro jesuita, residente hoje no collegio de S. Francisco de Setubal, pertencente á Companhia de Jesus.

Dentro em poucos dias Marcellino da Conceição cahiu de cama com todos os symptomas de congestão cerebral. Foi então que se lembraram de convidar a sciencia a tomar um logar, que a dedicação e a caridade não tinham primeiro occupado!

Marcellino morreu, pois, á falta de dedicação e de soccorro: diga-se isto bem alto, para conhecerem os sentimentos humanitarios dos jesuitas os que ainda hoje, em pleno seculo 19.º, fazem votos pelo restabelecimento das ordens religiosas.

Ainda aqui não pára a infamia dos jesuitas de S. Fiel

No dia seguinte, á noite, em que falleceu Marcellino da Conceição, os alumnos de S. Fiel deviam marchar para ferias. Os padres, receiando que os alumnos contassem ás familias o desamparo em que fallecera o infeliz doente, tractaram de occultar a sua morte.

Na noite, pois, que elle falleceu, os padres mandaram levar o cadaver por quatro creados para a Egreja do Louriçal do Campo, uma pequena povoação contigua ao collegio, com todo o segredo e silencio, como pretendendo encobrir um grande crime, conduzindo os restos mortaes do nosso infeliz amigo, com a mesma semcerimonia com que se arroja um cão á vasa repellente do monturo!!...

Os padres ao outro dia foram em numero de 4 a encommendal-o, e os alumnos fôram para férias na firme convicção de que o seu infeliz companheiro estava melhor, pois esse foi o boato, que os prefeitos tinham espalhado pelos seus subordinados. (1)

Aqui está um facto exposto com toda a nudez da verdade, um facto que nos faz estremecer de horror!! Repetimos, não nos limitamos a declamações banaes, argumentamos com factos, cuja authenticidade desafiamos qualquer pessoa a contestar. E ainda haverá alguem que em presença de factos d'estes entregue os seus filhos á educação de homens d'esta ordem?

Pelo que nos diz respeito, emquanto tivermos em lembrança o que passámos em S. Fiel, em quanto se não consumirem de todo os restos mortaes de Marcelino da Conceição, não podemos deixar de exclamar:— Fóra os jesuitas!»

Seguem factos identicos narrados n'uma carta d'um antigo alumno de S. Fiel, que os presenceou, a quem pedi informações, que estou auctorisado a reproduzir.

---

(1) Eu fui testemunha presenceal d'este facto; e lembro-me muito bem que fui dos poucos a quem na tarde do mesmo dia do fallecimento do rapaz se permittiu ir vel-o ao quarto; estava definhado, sendo antes muito gordo. Fui tambem dos que sairam no dia seguinte de manhã julgando vivo o meu desditado condiscipulo, que já era cadaver. Constou-me depois que morrera d'uma meningite.

«Meu caro Grainha.—Satisfazendo ao teu pedido, vou apresentar-te os dois casos de morte mais recentes, succedidos em S. Fiel no meu tempo. Ainda conservo muito bem na memoria os nomes e os traços caracteristicos dos dois meus condiscipulos fallecidos. Um era rapaz dos seus 16 para 17 annos, do Minho, olhos e cabellos pretos, peito d'uma robustez espantosa e um dos mais valentes da classe; era um *minhoto*, em toda a extensão da palavra, divertido e social, e o seu nome condizia com o seu phisico: chamava-se José Bravo.—O segundo, apezar de contar 14 para 15 annos, tinha apparencias d'uma creança, franzino e doente... (como a familia d'este rapaz é muito conhecida, occulto o nome que está no texto original da carta, indicando-o sómente com as iniciaes V. B.)

Estes meus dois condiscipulos eram pouco intelligentos e pouco fanaticos. Bravo cursava francez e outras aulas do 1.º anno d'uma reforma de estudos que então existia. Era frequentemente castigado e bastantes vezes os superiores lhe lançavam em rosto o sangue pobre da familia a que pertencia. A julgar por uma carta, que eu vi, o pae parece-me que era homem de pensamento livre e recto; lembro-me vagamente d'uma referencia, que um padre sub-director fez a essa carta, dizendo que «alguns paes criavam os filhos para o inferno». O resumo da carta, que foi lida a Bravo e não entregue, era o pae perguntando ao filho, se era verdade o que lhe constava, por um amigo d'elle, que fôra a ferias, ser elle castigado e maltratado frequentemente?

Ora pelas ferias grandes Bravo ficou no collegio. Permittia-se como sabes mais algumas liberdades aos alumnos... Bravo n'uma das excursões, por ter comido frutas quentes e bebido agua fria, debaixo d'um sol abrazador, ganhou umas terriveis febres malinas, que o prostraram n'uma cama durante alguns dias de ferias. Depois, pela natural influencia do rapaz, conseguiu ver-se livre da enfermaria e algumas melhoras; tomava o quinino e outras drogas, administradas pelo enfermeiro Antonio (Soares). Venceu assim todo o mez, ora de cama ora passeiando ao sol e não usando de dieta, porque comia á mesma meza com os seus condiscipulos que gosavam perfeita saude. Abriram-se as aulas e Bravo recahiu gravemente. Depois d'uns quinze dias de prolongado soffrimento e quando nós julgavamos que elle não escapava, appareceu nos uma manhã de gelo, quando nós todos teritavamos n'um quintal, alguns fazendo bonecos de neve e bolas com que jogavamos. Estava convalescente e parecia um cadaver. Tinha-se curado felizmente... *sem medico* ainda. Dois dias depois preparava-se um caixão para levar á cova o meu desditoso amigo. Quando o *medico chegou* já Bravo tinha fallecido victima d'uma pneumonia...(!) —Bravo dissera-me, um dia, que já tinha tomado 6 purgas desde que cahira doente.

Depois d'essas mesmas ferias viera V. B. um pouco adoentado e recommendado da familia. Mas como era um pobre *imbecil* (termo muito em bocca do sub-director) era obrigado a frequentar as aulas sem resguardo algum; e quando o pequeno se queixava, teria

para remedio algum bofetão. Andava por assim dizer aos pontapés de todos. Tinha a voz fraquissima, um halito insuportavel, feridas no corpo por ser escrofuloso, e lançava frequentemente sangue pela bocca, que era um sorvedouro de remedios receitados pelo enfermeiro Antonio (Soares). Entrou a primavera e V. B. queixou-se d'uma picada sobre o labio superior, lado esquerdo. Tomou proporções d'uma borbulha de mau aspecto e em tres dias inchava consideravelmente, deformando-lhe o rosto. Um panno com papas foi o primeiro medicamento do enfermeiro Antonio. V. B. comtudo conservava-se de pé, andando muito triste e com a cara toda ligada, embrulhado no seu casaco d'abafo; mas já por fim escolhia logar onde se deitasse, ou sobre uma pedra nos campos ou nos bancos do quintal. Quando emfim se reconheceu o mal, já não havia remedio. Não obstante Antonio enfermeiro entendeu fazer operação ao tumor, cortando-o com uma tesoura.

No dia seguinte o pobre V. B. fallecia, horrivelmente desfigurado! (1)

Isto, meu amigo, é uma simples apresentação dos factos, não esquecendo a circumstancia de que o tal V. B. sendo phtisico e escrofuloso, não era hygienico para um collegio, que tem a obrigação de olhar pela saude de perto de cem alumnos.

---

(1) Este triste acontecimento passou-se em 1886, e fui testemunha d'elle, sendo então professor no collegio de S. Fiel. De José Bravo não posso testemunhar pelo não ter presenceado; mas ouvi falar no caso a muitos condiscipulos.

Teu amigo e muito obrigado. Lisboa, 23—1—92. A. A. V.

*P. S.* Não sei se sabes que Antonio enfermeiro está agora no collegio de Campolide ou estava no verão passado. Como póde um homem, que era soldado raso no seu tempo, ser o que é, e salvar um desgraçado doente, que lhe caia nas mãos?»

Aqui estão tres factos, que teem todos os visos de criminosos, e que foram presenceados por centenares de testemunhas, sendo eu uma d'ellas com respeito a dois e tendo ouvido falar d'elles a muitos condiscipulos dos fallecidos (ou assassinados?)

Ah! que se houvesse muitos drs. Refoios, e as syndicancias não fossem o que costumam ser no nosso paiz, muitos crimes gravissimos d'este genero seriam descobertos e provados em collegios religiosos!

Mas as syndicancias são o que são, e, quando se começa a descobrir alguma coisa grave, vem logo montões de empenhos de beatas e de politicos a abafar a investigação; e ainda por cima, quando um homem se atreve, como eu, a apontar os factos com desassombro, sobrevêem insultos e calumnias de toda a parte, não só da parte dos accusados, o que não admira, mas até da parte d'aquelles que tinham obrigação de se informar e providenciar

sobre coisa tão séria, como é a saude das creanças, da nova geração portugueza.

Tristes governos! Desgraçado paiz!

3.º *Educação religiosa:*

Os alumnos de Campolide e de S. Fiel e geralmente os dos collegios religiosos são submettidos a uma educação religiosa que não é precisamente a prescripta pelo simples sentimento religioso, nem mesmo pela Egreja Catholica. E' uma educação religiosa especial, imposta pela *Ratio Studiorum* aos estudantes estranhos á Ordem e pelos Regulamentos d'esses collegios, da qual pódem testemunhar centenares de alumnos.

Pela manhã são *obrigados* a fazer oração e a ouvir uma practica ou pequeno sermão que lhes dirige um dos padres, por espaço de meia hora pouco mais ou menos. A Egreja Catholica não *obriga* nem *prescreve* isso.

São *obrigados* a assistir á missa todos os dias. A Egreja Catholica não *obriga* nem *prescreve* isso; *obriga* e só moralmente a ouvil-a *só* nos domingos e dias sanctificados.

São *obrigados* a confessarem-se todos os mezes; a *Ratio* assim o manda, e n'estes collegios assim se executa, tendo o alumno de apresentar bilhete

de confissão mensal. A Egreja Catholica não *obriga* nem *prescreve* isso; *obriga* (e só moralmente) uma *só* vez por anno; todas as mais serão *devoção*, mas não são *obrigação* imposta pela Egreja.

São *obrigados* ao retiro annual dos *exercicios espirituaes*. A Egreja Catholica não *obriga* nem *prescreve* isso.

São *obrigados* a assistir a varias novenas e devoções durante o anno, como o mez de Maria, o mez de Jesus, a novena da Conceição, etc. etc. A Egreja Catholica não *obriga* a nada d'isto.

Esta educação religiosa, excessiva e fradesca, seguida durante annos e exagerada e requintada com os *exercicios espirituaes*, cuja impressão já os leitores conhecem pela exposição escripta d'um antigo alumno e poderia ampliar-se com as declarações de muitos outros, produz os effeitos d'uma verdadeira seducção ou suggestão em espiritos ainda fracos, pouco instruidos, e preparados para a receber pelo fanatismo de certas familias ou do meio social atrazado. Se muitos alumnos, cujas familias teem espirito mais moderno e residem em povoações menos fanatisadas, não se deixam vencer por uma tal educação, muitos outros são arrastados por ella ou ao estado religioso ou ao fanatismo, permanecendo seculares.

E a prova d'isto está em que os alumnos de Campolide que teem entrado na Companhia de Jesus são relativamente poucos; e os de S. Fiel são relativa e absolutamente muitos.

Como prova, darei uma lista dos alumnos do collegio de S. Fiel (e só dos que me recordo), que, só no espaço de 3 a 4 annos de 1874 a 1877, tendo sido meus condiscipulos, entraram na Ordem dos Jesuitas, indicando de passo os que já sairam ou falleceram, segundo o que sei positivamente. Direi apenas o nome com que eram conhecidos na Ordem, o que de certo não será uma inconfidencia nem incommodará nenhum d'elles, nem dos que sairam nem dos que ficaram, porque, sendo felizmente os seus nomes muito vulgares no paiz, não se poderão attribuir a ninguem individualmente. Segue a lista:

Castro (saiu), Arraiano, Jorge, Carvalho, Marques (enlouqueceu e saiu), Cunha, Moura, Teixeira (saiu), Antunes (saiu), Cesar, Pinto, Ferreira (saiu), Ribeiro (saiu), Martins, Alves, Almeida F., Fidalgo (enlouqueceu), Albuquerque (falleceu), Martins T. (saiu), Borges (saiu). Temos aqui 20 rapazes entrados na Ordem no espaço de 3 a 4 annos. E todos estes eram menores, se exceptuarmos dois ou tres sobre cuja edade tenho alguma duvi-

da; mas a maior parte tinha 15, 16, ou 17 annos. E ainda os que tinham 15, 16, ou 17 annos quando foram do collegio para o noviciado da Ordem, tinham apenas 9, 10, ou 11 quando entraram no collegio.

E como até certa epocha os alumnos de S. Fiel costumavam passar todas as ferias no collegio sem visitarem as familias, nem as terras da sua naturalidade, resulta que a seducção foi começada n'uma edade tenra, sem interrupção de conhecimentos que a pudessem desviar; e se a isto accrescentarmos que as familias de muitos d'elles eram fanaticas, resulta que os espiritos ainda fracos e mal formados d'esses rapazes, d'essas vesdadeiras creanças intellectualmente, foram levados a uma vida desconhecida por seducção e suggestão reprehensiveis e criminosas. Pois os seus espiritos não estavam aptos nem tinham verdadeira liberdade moral para conhecerem e evitarem a vida que abraçaram. Convem notar que n'essa lista só figuram condiscipulos meus entrados desde 1873 a 1877; porque, se nomeasse tanto os anteriores como os posteriores a esse periodo, a lista seria muito maior. E note-se tambem que de alguns dos individuos nomeados, não sei se já falleceram ou se ainda estão na Ordem, porque alguns saem ainda depois de dez ou mais annos de vida religiosa.

E para confirmação de que esses rapazes foram *seduzidos* pelo *meio* reaccionario e fanatico de S. Fiel, que está n'um ermo, longe de cidades cultas, e pelo proprio fanatismo das familias e das povoações onde fôram educados, notarei que só me posso lembrar de 9 alumnos do collegio de Campolide que, em todo o tempo que elle funcciona, tenham entrado na Ordem dos Jesuitas; e ainda alguns d'esses entraram, não saidos immediatamente do collegio, como aconteceu com os de S. Fiel, mas depois de já terem convivido algum tempo na sociedade. E' possivel que haja mais, mas, fazendo esforço de reminiscencia, só posso recordar os nomes de nove.

Alguns alumnos d'estes collegios que não entram na Ordem, e não seguem cursos superiores, conservam ainda depois o fanatismo religioso. Mas não são o maior senão o menor numero. Os que seguem cursos superiores, esses geralmente não só abandonam o fanatismo inoculado pelos padres, mas passam a indignar-se contra elles e contra a sua educação, porque a sciencia faz-lhes ver claramente que no collegio fôram victimas de grosseiros enganos.

Ainda assim, conviria a todos os que foram alumnos de collegios religiosos que lessem e estudassem

os auctores modernos que teem escripto sobre Religião, como Renan, Taine, Draper, Spencer, Letourneau, Vinson, Bournouf, etc., que será como um contraveneno do virus fanatico que lhes foi tão fundamente inoculado e que em geral deixa vestigios.

Não basta a incredulidade e descrença nos antigos mestres e nas antigas ideias; é necessario formar o espirito com ideias sãs, fixas e positivas, colhidas em novos mestres, sabios e como taes respeitados no mundo scientifico, e em novos estudos litterarios e scientificos.

4.º *Educação moral.*

A educação moral póde-se já deduzir de muitas coisas que relatámos, algumas das quaes são até julgadas muito sanctas pelos padres. Por exemplo: A obrigação, positiva e não só moral, imposta aos alumnos de se confessarem mensalmente, não só é causa de peccados graves, segundo a theologia catholica, e de desprestigio da religião, com o que nada tenho, mas é causa grave do aviltamento do caracter, o que é peior. Provo: A confissão, para ser boa theologicamente, deve ser voluntaria e nascer de verdadeiro arrependimento, ora

não ha voluntariedade onde ha imposição, e na maior parte dos casos não ha arrependimento, como confessam categoricamente muitos alumnos com quem tenho conversado a este respeito. O resultado immediato são confissões sacrilegas e communhões sacrilegas, catholicamente fallando; e depois despreso absoluto por essas coisas, pois tenho ouvido dizer a muitos d'esses alumnos que no collegio fizeram tantas confissões que lhes chegam para toda a vida — e nunca mais se confessam.

Mas a peior e a mais temivel consequencia d'essa obrigação e imposição condemnavel é que os alumnos acostumam-se no collegio a fazer *pro formula* as coisas que alli lhes apresentam como mais serias, resultando d'ahi que mais tarde na sociedade encaram com a mesma falta de seriedade as coisas mais graves e serias da vida, acostumados desde creanças ao cynismo jesuitico dos caracteres reles, que se vendem a todos os que podem comprar, e se abaixam a todos os que teem poder, e acostumados a fingir e a simular perante os confessôres e os prefeitos.

Vimos, com auctoridades officiaes, que os alumnos eram ensinados nas aulas a ter certas opiniões historicas e philosophicas e a proferir perante os examinadores outras diametralmente oppostas. Ora

isto é uma perfeita escola de vileza e baixeza de caracter. Porque, se a opinião apresentada na aula é a verdadeira, é essa a que se deve apresentar em toda a parte, deante de todos, ou sejam condiscipulos ou examinadores, custe o que custar, doa o que doer; mentir é que não pode ser. E, se a opinião ensinada para se dizer perante os examinadores é a verdadeira, porque ensinam os padres nas aulas a contraria? D'aqui resulta que se ensina ao alumno a mentir officialmente, para evitar um pequeno desgosto. E que opinião ficarão tendo os alumnos, de mestres que lhes dão tal lição de impostura? Ficam tendo a ideia de que esses mestres são impostores, cobardes, e caracteres baixos, e jesuiticamente falsarios. E' a opinião com que ficam a maior parte dos discipulos dos jesuitas e por isso odeiam os mestres.

N'estes collegios fala-se constantemente contra os homens notaveis, que não são affectos ao jesuitismo, como Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, Herculano, etc., etc., calumniando-os e procurando redicularisal-os com epithetos injuriosos. Já o lemos n'uma carta d'um ex-alumno, e o *Mensageiro* dá-nos mensalmente os mais vergonhosos exemplos n'este ponto. Isto é despertar no espirito das creanças rancores e odios, coisa altamente condemnavel.

O sr. dr. Refoios tambem nos dá informações graves a este respeito, a pag. XII do seu excellente *Relatorio.*

Ha ainda outra coisa immoralissima, é a delação, antiga e sempre usada mola do systema jesuitico, que todos os escriptores condemnam, como se póde ver em Huber, Bert, Compayré, Deym, etc.

Sobre este ponto vai-nos elucidar um antigo alumno de S. Fiel, que n'uma carta me escreveu o seguinte:

«Para saber tudo o que se passa na communidade, até os segredos que se contam só a amigos, o jesuita trata de comprar com algumas meiguices, premios e outras maneiras de que só elle sabe tirar todo o resultado, aquelles alumnos em que elle conhece que a fraqueza d'animo e caracter mais malleavel e submisso póde servil-o com empenho e dedicação. E assim lança no meio da communidade uns tantos espiões, repartidos de maneira por toda a parte, que ora n'este ora n'aquelle grupo e mesmo até insinuando-se na amizade de alguns lhes arrancam segredos para depois virem contar tudo aos seus preceptores. Aquelles que se prestaram a ser delatores no meio dos seus companheiros de trabalhho, ainda hoje, aquelles que conheço e com quem tenho tratado depois de saido do collegio, se fazem resentir d'este defeito, são mexeriqueiros e intrigantes.»

Afinal o Compendio de Moral do jesuita Gury não só recommenda, mas louva a delação.

«Nas communidades religiosas, nos *collegios*, nos seminarios etc., *na maior parte das vezes* convem que a correcção se faça por via de *denuncia*, ou directa ou por terceira pessoa. Não se podem absolver os camaradas e condiscipulos que não consentirem em fazer taes denuncias, quando se trata de grave perigo para a communidade.» (1)

Em vista d'isto perguntará alguem: por que motivo os paes mandam os filhos para os collegios religiosos? Respondo: por quatro motivos: 1.º Porque se contentam que os filhos obtenham os certificados dos exames; 2.º Porque muitos não conhecem estes defeitos de educação nem estão sufficientemente instruidos para os poderem avaliar, julgando que ás creanças convem grande pressão educativa; 3.º porque muitos se deixam envolver pelo nosso corrupto meio social e estas immoralidades não lhes desagradam totalmente; 4.º porque muitos, a maior parte dos paes, julgam poder tirar-lhes mais tarde as ideias inoculadas no collegio. Ainda o sr. dr.

(1) *Theologia Moral*, Tratado das virtudes, cap. III, art. II, § 233.—Paul Bert, *La Morale des Jésuites*, pag. 82.

Refoios, a pag. XII do seu Relatorio, nos instrue a este respeito, com tanto maior auctoridade, quanto é um medico que fala:

«A maior parte das familias que mandam seus filhos para o collegio de S. Fiel, fazem-o esperando que lhes será facil apagar n'elles, á sua sahida do collegio, os vestigios da direcção jesuitica, aproveitando-lhes tão sómente o ensino litterario e scientifico. Esquecem-se de que é profundo o conhecimento que os jesuitas têem da organisação do espirito: não sabem a grande fascinação que sobre os espiritos infantis exerce a direcção jesuitica, profundamente calculada e estudada de longos annos; e ignoram, finalmente, todos os cuidados que é preciso empregar para que o cerebro da creança se desenvolva gradual e harmonicamente, adquirindo conhecimentos concretos, e se não atrophie ou se desequilibre pelo mysticismo e pelo esforço a que o obriga a concepção das grandes abstracções mysticas n'uma edade com que a natural aptidão é para receber noções concretas.»

ENSINO AOS QUE ENTRAM NA COMPANHIA DE JESUS

Como vimos, muitos alumnos de S. Fiel e alguns de Campolide, a maior parte por effeito de seducção e suggestão, entram na Companhia de Jesus, passando do collegio para o Noviciado da Ordem, que está n'um convento situado perto d'uma aldeola,

chamada Barro, a pouco mais d'um kilometro distante de Torres Vedras.

O Noviciado dura dois annos, normalmente; e, findos elles, os novos jesuitas passam aos estudos de humanidades, que duram um, dois ou tres annos, segundo a maior ou menor capacidade do alumno; e em seguida passam ao curso philosophico, que dura tres annos normalmente.

No livro «Os Jesuitas, etc.» estudei este assumpto em tres capitulos: no IX, Regras fundamentaes dos jesuitas, pag. 50; no XIV, O Noviciado, pag. 117; e no XV, Os estudos dos jesuitas, pag. 145.

Não tenho nada a modificar no que escrevi n'aquelles capitulos; porque, primeiramente, ali quasi não fiz mais do que apresentar as regras jesuiticas sobre o assumpto, regras cuja existencia ninguem ousou contestar; e em segundo logar, os adversarios não apresentaram uma *prova*, nem um *documento* em contrario.

Aqui só me resta explicar algumas coisas ali expostas e deturpadas pelos adversarios, e desenvolver outras, apresentando nomes e datas e mais algumas regras extrahidas do *Instituto da Companhia de Jesus*, como tinham sido aquellas.

## 1.º NOVICIADO

Em outubro de 1877, quando entrei a primeira vez no convento do Barro, encontravam-se ali duas classes de novos religiosos: os noviços e os estudantes de humanidades (quasi todos meus antigos conhecidos e condiscipulos). E para que se veja que a seducção exercida nos collegios, de que tenho fallado, era a causa de ali se encontrarem aquelles rapazes, vou escrever os seus nomes, a sua proveniencia, a edade approximada em que entraram, e a nota do fallecimento e saida dos que tenho noticia.

### NOVIÇOS

Martins (de S. Fiel, 16 annos de edade).

Justino (de S. Fiel, 21 annos de edade).

Almeida F. (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade).

Alves (de S. Fiel, 14 annos de edade).

Fidalgo (de S. Fiel, 15 a 16 annos de edade *enlouqueceu e falleceu)*.

Albuquerque (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade, *falleceu)*.

Martins T. (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade, *saiu)*.

Borges (de S. Fiel, 15 annos de edade, *saiu)*.

Castello (de Campolide, 20 annos de edade).

Lethiec (d'um collegio de jesuitas de França, 21 annos de edade).

*ESTUDANTES DE HUMANIDADES*

Carvalho (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade).

Mattos (ignoro a procedencia, 15 a 16 annos de edade, *saiu).*

Cunha (de S. Fiel, 15 a 16 annos de edade).

Teixeira (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade, *saiu).*

Moura (de S. Fiel, 18 a 20 annos de edade).

Pinto (de S. Fiel, 16 a 17 annos de edade).

Cesar (de S. Fiel, 16 a 18 annos de edade).

Ant. Caup. (de Campolide, 16 annos de edade, *saiu).*

Almeida J. (ignoro procedencia e edade, *saiu).*

As indicações de saidas e fallecimentos referem-se só ao praso de 9 annos de 1877 a 1886, e portanto, d'alguns d'esses rapazes, ignoro se vivem ainda ou se já falleceram, se permanecem na Companhia ou se já sairam d'ella.

Mas d'aqui já se póde observar que, n'um periodo relativamente curto, sairam da Ordem perto d'um terço dos que entraram. Calcula-se que saem

annualmente, em termo medio, um terço dos que entram e que morre outro terço, restando ainda o augmento annual de um terço. Assim n'uma epocha em que estive com os jesuitas, em 1883, calculava-se que entravam annualmente 600 individuos, que d'esses falleciam 200, saiam 200 e ficava ainda o augmento d'outros 200. No *Mensageiro* de julho de 1892, n.º 136, pag. 405, diz o padre Mattos: «Tenho deante de mim o catalogo dos fallecidos na Companhia de Jesus, no anno passado. Foram ao todo 262...» D'onde se vê que a media calculada, ainda não foi alterada consideravelmente. (1)

Dadas estas noticias historicas, que nos mostraram rapazes novos, quasi todos menores, entrados na Ordem com 16 a 18 annos, e vindos immediatamente de collegios, onde tinham entrado dos 10

(1) De proposito escrevi estas listas e fiz estas reflexões, para que os leitores que tenham conhecimento da *Resposta* do «Director da *Ordem*» percebam a serie de falsidades que elle disse a este respeito. Porquanto tendo eu escripto n'outro livro que se calculava que saiam annualmente da Companhia 200 jesuitas, o homemzinho disse que isto é uma contradicção, porque os 200 saidos juntos aos fallecidos determinariam o acabamento immediato da Ordem. O homem nem sequer sabe fazer esta simples subtracção: 600—200—200=200.

aos 13 ou 14 annos, e, portanto, com todos os indicios de terem entrado em virtude de seducções e suggestões estranhas, sem conhecimento algum do mundo, pois S. Fiel está n'um ermo, tendo só convivencia com os frades e condiscipulos; vejamos se no noviciado, pelo menos, os padres os põem em condições de bem averiguarem se lhes convem a vida do mundo ou a da Ordem.

O Noviciado é essencialmente instituido para o noviço ver se lhe convem a vida religiosa ou a do mundo. Ora, para poder ver se lhe convem a vida religiosa ou a do mundo, a primeira condicção é conhecel-as ambas, dar-lh'as a ver ambas, pol-o em contacto com ambas. Ninguem póde escolher entre duas coisas sem as conhecer ambas.

O *Instituto da Companhia* porá os noviços n'estas condições? Não: ao contrario occulta-lhes o conhecimento claro e completo de ambas. Leamos o *Instituto*.

Occulta-lhes o conhecimento do mundo, segundo prescreve a regra 10 do mestre de Noviços.

«No dia seguinte ao da entrada o *mestre* declarará ao noviço especialmente que não ha de tratar por palavra nem por escripto com estranhos nem com domesticos, alem d'aquelles a quem o superior designar

(se ao superior não parecer outra coisa por motivo grave).» (1)

Regra 39 do *Summario:*

«Se algum dos que estão em casa escrever a alguma pessoa, não o faça sem licença, e sem mostrar as cartas a quem o superior ordenar. E se para o mesmo vierem cartas, dar-se-hão primeiro a quem o superior tiver dado este cargo, o qual depois de ler, as dará ou não dará aquelle para quem vem, como julgar em o Senhor ser conveniente para maior seu bem, e gloria divina.»

Com estas duas Regras o noviço fica impossibilitado absolutamente não só de adquirir o mais leve conhecimento do mundo, coisa que antes não tinha, mas até de receber cartas de pae, mãe, amigos ou pessoas que o possam aconselhar, sem revisão do superior, e tambem de escrever ao pae, á mãe, á familia ou amigos, sem o mesmo superior dar licença e ver as cartas.

Sequestrado o noviço do mundo, que comtudo lhe deviam pôr deante para elle poder saber se lhe convinha ou não convinha, a vida religiosa tambem lhe não é dada a conhecer completamente. Leamos ainda o *Instituto.*

(1) *Instituto S. J.* Tom. I, pag. 340.

«Não convirá que sejam lidas, pelos que chegam de novo, as constituições *completas*, mas apenas um compendio d'ellas, por onde cada um entenda o que deve observar, se ao superior não parecer que convirá que a algum se deixem ver todas por causas especiaes.(1)

Regra 11 do *mestre* de noviços. «Deve ter um livro completo do *Exame, mas sem as Declarações*(2), em lingua latina para os que a entendem e em lingua vernacula para os que não entenderem aquella, e tambem na mesma lingua o *Summario* das Constituições e as Regras Communs.» (3)

D'estas duas citações se vê que ao noviço não se dão a lêr senão uns extractos do *Instituto*. Ora a primeira coisa que se devia fazer ao noviço era pôr-lhe deante, todo inteiro e completo, o *Instituto*, em os seus dois grossos volumes, para que visse se aquillo lhe convinha ou não convinha. Quando queremos entrar em qualquer sociedade mercantil, industrial ou bancaria, a primeira coisa que os

---

(1) *Institutum* S. J. Examen et Constitutiones, cap. I, nota G, Tom. I. pag. 196.

(2) As *Declarações*, como dissemos a pag. 34 d'esta obra, são uma explicação e interpretação das Constituições, feita pelo Geral Lainez, modificando as mesmas Constituições: são estas as declarações, cuja leitura, aliás importante, não é permittida aos noviços!

(3) *Institutum* S. J. Tom. I. pag. 340.

directores nos põem deante são os Estatutos, para vermos se nos convêem ou não. Os jesuitas procedem d'outro modo, constituindo-se em Sociedade secreta, e só deixam lêr o *Instituto* todo na terceira provação, já depois do sacerdocio, aos 33 annos de edade, quando já não é facil voltar atraz, e se está profundamente inoculado do viver jesuitico!!! É o que prescreve o mesmo *Instituto.* (4) Eu, porem—e convem confessar publicamente este peccado —li o *Instituto* muito antes da epocha marcada, quando apenas tinha 7 annos de Companhia; mas consegui havel-o ás mãos e li-o . . . ás escondidas.

Foi o unico livro que li occultamente na Ordem, e não tenho nenhum escrupulo d'isso. De modo que

(4) O «Director da *Ordem*» diz, a pag. 54 da sua *Resposta*, que a Regra 38 das *Communes*, em que prohibe mostrar o *Instituto* da Companhia aos extranhos á Ordem, foi revogada por decreto d'um dos Geraes; e que portanto, qualquer simples noviço o pode mostrar a todos; e, depois, pergunta que respondo eu a isto.—Respondo o seguinte: 1.º que tenho deante de mim o *Thesaurus Spiritualis Societatis Jesu*, impresso em 1874 em Rœhampton, na casa do Noviciado (ex typis domus probationis), e usado por um meu contemporaneo que saiu da Ordem em 1880, no qual se lê integralmente a tal Regra 38, tal qual a citei a pag. 45 de *Os Jesuitas* etc.; 2.º que na practica, a nenhum noviço dos que conheci e com quem convivi até 1886, se lhe deixou lêr o *Instituto* completo; e, se o noviço o não póde lêr, menos o poderá dar a lêr aos extranhos;

agora foi-me facil, para compôr esta obra, relel-o todo na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Os actuaes defensores dos Jesuitas, que tanto berraram contra mim, nunca leram tal livro, pois dizem erros monstruosos sobre as coisas mais elementares da Ordem. O sr. padre Portocarreiro até ignora a existencia das Assistencias na Companhia. O director do jornal, a *Ordem*, chega a confundir estudantes extranhos á Ordem com estudantes pertencentes á Ordem. O pseudonymo Antonio José Rodrigues da Silva Gandra, esse, confunde tudo e ignora tudo ainda o mais elementar, do que lhe apontei alguns exemplos, e chega a dizer que os noviços estão no Noviciado para se educarem, quando não é para isso

---

3.º que o «Director da *Ordem*», ao contrario do que eu faço constantemente, não publicou o *tal* decreto do Geral, que revogou a tal Regra 38; 4.º que realmente existe qualquer coisa n'esse sentido, decretada por dois motivos: primeiro, para tirar o mau effeito que a tal Regra sempre produziu, e segundo, porque o *Instituto*, depois da extincção dos jesuitas por Clemente XIV, acha-se nas Bibliothecas Publicas proveniente das bibliothecas particulares dos jesuitas, e portanto a prohibição tornou-se ridicula; 5.º que isso que existe é só para *inglez ver*, como se costuma dizer, porque, na practica, a Regra continúa a imprimir-se nas edições modernas, como a citada em 1874, e de facto aos noviços e ainda aos outros religiosos não se permitte a leitura do *Instituto* completo até á *terceira probação*, isto é, até aos 33 annos.

que alli estão, é para ponderarem e examinarem se aquella vida lhes convem ou não.

E por isso o noviço não paga, nem pode pagar nada á Ordem, em nenhum tempo, embora seja rico, porque o *Instituto* estabelece a seguinte declaração ou contracto entre a Ordem e o religioso: A Ordem compromette-se a dar ao religioso tudo o que lhe seja necessario para a sua alimentação, vestuario e instrucção, exigindo-lhe, porem, obediencia em tudo, e execução dos serviços que lhe impuzer, podendo demittil-o ou expulsal-o sempre e em toda a occasião que convenha á mesma Ordem; e o religioso compromette-se a obedecer em tudo aos Superiores da Ordem e a fazer todos os serviços que ella mandar, podendo, por sua vez, sair sempre que queira.

Todos os ensinamentos do Noviciado estão nas seguintes Regras explicadas n'outro livro:

Não se deve preoccupar com a familia. Regra 8 do *Summario.*

Não se deve preoccupar com a patria. Regra 43 do *Summario.*

Deve manifestar toda a sua consciencia e vida aos Superiores. Regra 40 do *Summario.*

Deve delatar os outros. Regras 9 e 10 do *Summario.*

Deve obedecer cegamente como cadaver. Regra 36 do *Summario.*

Não deve seguir opinião differente da da Companhia, nem escrever ou dizer publicamente coisas contrarias a essa opinião preconcebida e dada pela Ordem. Regra 42 do *Summario.*

Para complemento d'estes ensinamentos, a vida do noviço é toda dedicada ao mysticismo mais apreniante. Levanta-se cedo todos os dias, faz duas meditações por dia, ouve missa, occupa-se em serviços domesticos, lê livros piedosos, faz dois exames de consciencia, e ouve explicações e praticas do *mestre*, etc... Em geral o *mestre* apparece pouco e delega a sua auctoridade em um dos noviços que, como vimos a pag. 42, fica sendo um superior subalterno e *syndico* da classe; está em relação immediata com o superior maior a quem tem de relatar o que se passa entre os companheiros e do qual recebe as ordens que transmitte a estes, que por tanto lhe devem obedecer, executando todas as occupações que elle lhes distribuir; e por isso tem o nome de *distributario.* E' um logar de confiança, que ha em todas as classes da Companhia, e que o

*Instituto* diz se ha de dar ao mais prudente e serio. Eu tive este cargo, tanto entre noviços como entre estudantes, como podem testemunhar os meus contemporaneos na Ordem, e como se prova pelos mesmos catalogos e livros dos jesuitas portuguezes. Faço esta reflexão para com ella tapar cabalmente a bôcca calumniosa do «Director do jornal a *Ordem*», que a pag. 105 da sua *Resposta*, com o fim de tirar o valor moral ao meu livro, que tanto o aterrou, diz «que os jesuitas não me davam muita confiança, porque não me sentiam vocação nem verdadeiro espirito religioso; e que todos presentiam em mim um judas». Tudo isto é calumnia, porque occupei sempre os logares de confiança, tanto no noviciado como nos estudos, e ainda como professor fui encarregado de escrever a historia do collegio de S. Fiel, o que é signal de confiança, e fui tambem encarregado d'outros serviços, que só se entregam a pessoas de confiança. E a prova d'isto está... nos catalogos dos jesuitas e nos *diarios* das casas da Ordem onde estive. Apello do defensor dos jesuitas para os proprios jesuitas. Que mostrem os seus livros... e a calumnia ficará por terra.

### 2.º *ESTUDOS DE HUMANIDADES*

Já no capitulo III da primeira parte d'esta obra fallei do que é o curso das humanidades na Com-

panhia. Em Portugal n'este curso estuda-se: latim, portuguez, grego e rhetorica. Não se estuda litteratura propriamente dicta e os motivos d'isto estão nas regras apontadas n'aquelle capitulo, e cujo fim é fazer que o espirito da independencia não entre no cerebro d'esses estudantes, cuja edade é geralmente de 17 a 20 annos. A rapazes d'esta edade, que em breve hão de ser professores nos collegios de Campolide e S. Fiel, prohibe-se a leitura de todos os auctores modernos, desde Victor Hugo a Bourget. Os defensores dos jesuitas não só não contestaram isto, mas até o affirmaram e approvaram como bom. O pseudonymo Silva Gandra chama *xoldra* a Flaubert, Daudet e Zola; e o padre Cosgaya no *Progresso Catholico* n.º 24, 19 de dezembro de 1891, tem na mesma conta a Baudelaire, Banville, Mendés, Hugo, Arce e Junqueiro.

E com respeito a todas as diversas escolas e formas de romantismo tenho deante de mim um folheto lithographado composto por um jesuita, professor de rhetorica, para uso dos estudantes de humanidades. Na impossibilidade de o transcrever todo, para não engrossar o livro, só trasladarei para portuguez as seguintes theses, provadas em forma escholastica, porque alguns estudantes de cursos superiores me pediram esta traducção:

«These 1.ª O Romantismo é na litteratura o mesmo que o Protestantismo na Religião, o Racionalismo na Philosophia e Theologia, e o Liberalismo na Politica.»

«These 2.ª O Romantismo repugna, intrinsecamente, aos legitimos fins da eloquencia Sagrada.»

«These 3.ª O Romantismo destroe a propria Esthetica, e as bellas lettras.»

«These 4.ª O Romantismo é um meio inventado e escolhido pelos impios para arrastar os jovens para as sociedades secretas.»

«These 5.ª O espirito do Romantismo é deametralmente opposto ao espirito da Companhia de Jesus.»

Por estas theses ou proposições poderá o leitor instruido avaliar o que são os estudos de humanidades dos jesuitas, qual o seu fim, e qual a preparação que dá aos que as estudam para exercer o magisterio.

### 3.º *ESTUDOS PHILOSOPHICOS E SCIENTIFICOS*

No Capitulo III da primeira parte d'esta obra, pag. 68, falei sobejamente dos estudos de philosophia e de sciencias entre os jesuitas. A philosophia é a escholastica; as sciencias são estudadas só elementarmente; apenas algum raro estudante é man-

dado, em França e Inglaterra, a escolas superiores e officiaes a frequentar disfarçadamente alguns estudos mathematicos ou scientificos.

A orientação d'esses estudos jesuiticos ficou exposta n'aquelle capitulo com a traducção das *Regras* impostas aos Provinciaes e aos Professores a este respeito.

O sr. Pinheiro Chagas, na *Historia de Portugal*, tom. VII, de pag. 105 a 107, define perfeitamente essa orientação, mostrando que foi ella a ruina dos nossos estudos universitarios n'uma epocha em que começavam a levantar-se. O sr. Oliveira Martins na *Historia de Portugal*, tom. II, pag. 85, dedica um capitulo inteiro e bem pensado a mostrar a subserviencia, mesquinhez e degradação moral e intellectual dos estudos dos antigos jesuitas.

Ideias liberaes, filhas da moderna illustração scientifica, os jesuitas, não só as não professam mas nem as admittem, nem deixam lêr os livros de sciencia que as defendem, aos seus estudantes de philosophia, rapazes geralmente de 20 a 25 annos. Não sou eu que o digo, são as regras já apontadas, e é o sr. D. José de Almeida, defensor dos jesuitas, no seguinte periodo d'um artigo escripto por S.s Ex.a na *Nação* n.º 11:589, 26 de janeiro de 1892:

«Verdade é, caro Redactor, que doutrinas anti-catholicas, *opinião* com um saborsinho ao *liberalismo,* á *illustração* moderna, á philosophia atheia, embora mui engenhosamente enfeitadinha, vêem lá *uma bruxa,* são logo logo sacudidas, e com tanta gana e diligencia, como Jesus sacudiu os vendilhões do templo. E fazem os Religiosos muito bem, pois ninguem quer o ladrão em casa...»

Eis ahi, liberaes leitores, o que são os professores a quem confiaes os vossos filhos.

E todos os mais Religiosos e Religiosas professam, geralmente, as mesmas opiniões.

# QUARTA PARTE

---

# A ACÇÃO JESUITICA EM PORTUGAL

# A ACÇÃO JESUITICA EM PORTUGAL

Os religiosos da Companhia de Jesus, foram a principio chamados *Theatinos*, e só mais tarde tomaram o nome de *Jesuitas*, derivado da palavra *Jesus*.

Ora Jesus, o Jesus dos Evangelhos, é a figura mais sympathica que se encontra nas lendas dos povos: pobre, humilde, manso, carinhoso. Toda a sua vida é pobresa; a sua convivencia é só com pobres, gente rude e plebea; o seu cuidado são os desgraçados e os pequenos. Elle vive até aos trinta annos n'uma pobre loja de carpinteiro; e, quando depois, ao cabo das suas pregações, se vê rodeado pelas multidões compactas que o acclamam e victoríam enthusiasmadas, manda abrir caminho por entre as turbas, ás creancinhas e diz: «deixae vir a mim esses pequeninos.» Nas suas parabolas, que tanto calavam na alma popular, exalta a acção generosa do samaritano, oriundo d'uma raça abjecta, porque foi este o unico que levantou do chão o mendigo que caíra doente na via publica e o levou para a estalagem, emquanto os phariseus e sacerdotes do templo perpassavam altivos, sem lançar uma vista de commiseração para o pobre doente prostrado no lagedo, ao desamparo de todos.

Jesus não apparece nunca entre os ricos, os nobres e os poderosos do mundo; e, se afinal vae á presença d'estes, é para ser condemnado, sendo ali arrastado pelos ferozes servidores d'esses mesmos potentados.

Os Jesuitas, que se arrogam tão insistentemente o nome de Jesus, devem naturalmente seguir este modelo. E nós

vamos, *provavelmente*, encontral-os entre os pobres e desgraçados que tanto abundam em Portugal, procurando alliviar-lhes os soffrimentos, estabelecendo asylos para as creanças desamparadas, hospitaes para os doentes faltos de meios, soccorrendo o operario que não tem trabalho, a viuva que não tem pão para dar aos filhos, o orphão a quem falta o poderoso arrimo dos paes: e vamos, *provavelmente*, vel-os n'esta tarefa constante de bemfazer, fugindo sempre e desprezando os olhares dos poderosos e influentes, longe sempre dos palacios dos ricos, vivendo em casas humildes e miseraveis, a exemplo da lojinha onde Jesus consumiu o melhor da vida, sustentando-se tão pobremente como o mesmo Jesus e como os pobres a quem procuram soccorrer. E com tanta maior probabilidade os encontraremos assim, quanto nas suas constituições se lê que devem exercer *gratuitamente* os seus serviços feitos ao proximo.

E', pois, summamente *provavel* que a obra dos jesuitas em Portugal seja uma obra toda beneficencia e caridade; asylos e hospitaes gratuitos para os pobres; e para elles proprios casas modestissimas e humildes.

E, se eu vos dissesse já, meus caros leitores, que, procedendo ao exame da obra jesuitica em Portugal, havemos de encontrar precisamente o contrario de tudo isto: que não os havemos de encontrar longe dos grandes do mundo, mas muito intimamente ligados com elles, sendo até os preceptores de seus filhos; que não os havemos de encontrar com os pobres para os auxiliar com esmolas pedidas aos ricos, mas que os havemos de encontrar a pedir esmolas, não só aos ricos mas tambem aos pobres, para elles se enriquecerem e engrandecerem; que não os havemos de encontrar fundando hospitaes e asylos para os desamparados, mas que os havemos de encontrar convertendo os estabelecimentos de beneficencia, que encontrarem, em casas de lucro e ganancia propria, depois de expulsos os pobres e desgraçados que lá havia?!

Se eu vos dissesse simplesmente tudo isto, vós ficarieis espantados e com razão e talvez não me acreditasseis.

Pois bem, as coisas são realmente assim; a obra jesuitica em Portugal não só não é de humildade e de caridade mas é de ganancia e honrarias proprias. Mas tudo isto não o direi eu; haveis de lel-o nos documentos de testemunhas presenceaes, que tiveram occasião de observar a nefasta acção jesuitica desde que ella começou em Portugal.

Vou fazer a historia de cada uma de suas casas, apre-

sentando-vos o testemunho de individuos auctorisados, que estiveram n'essas mesmas casas desde os seus primeiros tempos até hoje.

Escusaes mesmo de dar credito a qualquer coisa que seja referida exclusivamente por mim.

Vinde comigo inquerir testemunhas auctorisadas e oculares; e vós, com o vosso bom senso e fino criterio, dareis o vosso veredictum.

II

# O COLLEGIO DE CAMPOLIDE

Não posso falar no collegio de Campolide, sem me recordar saudosamente do padre Rademaker, esse sancto homem, em cujo coração se abrigava o mais terno e compassivo amor pelos pobres e infelizes.

Todos os que tiveram verdadeira intimidade com Rademaker ficaram fazendo d'elle um conceito de muita estima e sympathia. Os seus discipulos d'outro tempo — já lá vão mais de trinta annos — são concordes n'esta apreciação.

O sr. Silva Pinto, antigo e festejado redactor da *Folha do Povo,* e um dos antigos discipulos de Rademaker, escreveu n'uma longa e bella narrativa para o *Jornal da Noite,* de Lisboa (n.° 6:546, 3.ª pagina, quinta-feira 7 de janeiro de 1892) o seguinte:

> «**Jesuitas** — Um livro que tenho presente, *Os Jesuitas,* do sr. Manuel Borges Grainha, transporta-me o espirito á contemplação de factos de ha trinta annos. O auctor d'este livro refere-se, com muito coração e muita justiça, ao jesuita Carlos Rademaker, o fundador do collegio de Campolide. O *padre Carlos,* como lhe chamavamos nós, os pequenitos, não era bem um fanatico da sua ordem; fanatismo só tinha o da caridade, e foi assim que elle consagrou a sua fortuna á educação, ao sustento e ao gasalhoso abrigo de centenares de creanças pobres... »

Esta é que é a verdade, confessada por todos os que conheceram Rademaker intimamente. Não era um fanatico

pela sua ordem, era um fanatico pela caridade com os pobres — sancto fanatismo!

Rademaker, vivendo com a familia na Italia, entrou, ainda novo, na Companhia de Jesus, chegando provavelmente a fazer os votos simples. Mas a expulsão dos jesuitas d'aquelle paiz, e talvez ainda outras causas, fizeram que o nosso patricio abandonasse a Companhia dos Jesuitas; o que é evidentemente certo, pois o encontramos, algum tempo depois, em Portugal *administrando* os seus bens, e gastando-os em obras de caridade, sem sujeição nem dependencia de nenhum Superior da Ordem.

Era um simples padre secular e, como tal, vivia em Lisboa, quando em 1856 a febre amarella, dizimando milhares de familias, deixou na orphandade e miseria muitas pobres creanças da capital.

Rademaker, á vista d'aquella desolação, com o seu coração ardentemente bemfazejo, determinou immediatamente fazer servir os seus bens de fortuna ao amparo d'esses pobresinhos, que ficavam n'este mundo sem o arrimo mais suave e forte, que a natureza nos concede, os paes e as mães. Constituiu-se portanto em segundo pae d'esses desamparados. Para levar a effeito esse intento fundou um *Asylo* para abrigo dos orphãos, dando-lhes a um tempo o pão do corpo e o do espirito, sustento e educação. Mas para tão benemerita e dispendiosa fundação não contava só com o seu patrimonio, que não tinha a grandeza que taes emprezas demandam, contava tambem com esmolas de amigos e pessoas caridosas. E estas não lhe faltaram desde o principio, como me escreve n'uma carta o sr. S. L. por informação d'um antigo professor d'aquelle *Asylo*.

Este estabelecimento de caridade fundou-se primeiramente no Rato, d'onde passou para o Largo da Paschoa (1) e d'aqui para o sitio de Campolide, onde hoje se levanta o collegio do mesmo nome, que a principio era uma pequena casa de campo, sendo ainda em 1877, quando a visitei pela primeira vez, uma construcção pouco espaçosa e irregular, mas já com alguns accrescentamentos lateraes tambem pouco regulares; só em 1884 é que se começou uma construcção nova, completa e regular.

Rademaker fundára a principio o asylo só com o intuito de educar pobres e orphãos. Depois, «como quer que pes-

(1) O sr. padre Antonio Cordeiro, ultimamente director do Collegio de Campolide, foi alumno do asylo de caridade, quando este estava no Largo da Paschoa; ouvi-lh'o dizer muitas vezes.

soas devotas e altamente collocadas instassem por que elle educasse meninos ricos, o padre addicionou ao seu estabelecimento de caridade uma secção de pensionistas, «*secção de janotas*», como lhe chama Silva Pinto. (1)

Tal era o Asylo de Campolide em 1859, um anno antes dos jesuitas apparecerem em Portugal.

O sr. Silva Pinto foi alumno de Campolide precisamente n'esta epocha; por conseguinte julguei que o seu testemunho, como tão valioso, seria importante para os meus leitores formarem juizo n'esta questão e por isso lhe dirigi a seguinte carta:

«Ex.mo Sr. — Sabendo que V. Ex.ª esteve, como alumno, no collegio de Campolide em tempo do padre Carlos Rademaker, peço a V. Ex.ª o obsequio de me indicar que classes de alumnos havia n'aquelle collegio, em que relação numerica estavam os alumnos gratuitos para os que pagavam, e quaes eram as ideias e predilecções do padre Carlos com respeito ás duas cathegorias. Agradecendo desde já a resposta, rogo a V. Ex.ª me permitta dar-lhe publicidade. — De V. Ex.ª servidor att.º e obg.º — *M. Borges Grainha.*»

O sr. Silva Pinto dignou-se responder-me immediatamente pela fórma seguinte:

«Ex.mo Sr. — A'cerca do que V. Ex.ª se digna perguntar-me, posso responder-lhe o seguinte: Fui alumno do collegio dos jesuitas no tempo do padre Carlos Rademaker, em 1859. O numero dos alumnos *pobres*, entre elles consideravel numero de orphãos, seria o de duzentos approximadamente. O dos *ricos* orçaria por trinta. Refiro-me aos internos. Eu era externo e pagava, como os externos ricos. Estes, bem como os externos pobres, eram em limitado numero.

Recordo-me de um dia, a proposito d'um conflicto de rapazes, na aula dos *ricos*, nos haver dito o padre Rademaker: — «Estou fartissimo de os aturar, aos senhores! O melhor é irem para suas casas, e deixarem-me com os meus pobres!»

Era a esse grupo dos seus educandos — albergados, vestidos e sustentados por elle — que o padre Rademaker prodigalisava os seus disvellos e carinhos. Raramente apparecia entre os felizes da sorte.

(1) *Jornal da Noite*, n.º 6:546 quinta feira 7 de janeiro de 1892, pag. 3, columna 1, Lisboa.

Julgo ter satisfeito aos desejos manifestados por V. Ex.ª, e aproveito a occasião para o felicitar pelo seu honrado e corajoso livro. De V. Ex.ª etc. Lisboa, 30 de janeiro de 1892. — *Silva Pinto.*»

D'esta carta se deduz: 1.º que o collegio de Campolide, em 1859, continha pobres gratuitos e ricos pensionistas; 2.º que o numero dos pobres gratuitos era muitissimo maior que o dos ricos que pagavam; 3.º que Rademaker queria e attendia mais aos pobres que aos ricos; 4.º que os seus intuitos eram só o amparo dos pobres e orphãos, addicionando ao seu instituto alguns rapazes ricos em attenção ao pedido das familias.

No anno seguinte, em 1860, Rademaker lembrou-se de pedir ao Geral dos Jesuitas que lhe mandasse, para o auxiliar n'esta caridosa empreza, alguns jesuitas italianos, que se achavam expulsos de Italia e dispersos por differentes paizes.

Foi este o seu grande erro e a ruina da sua obra de *caridade*. Porque Rademaker, não tendo tido tempo em Italia de conhecer bem intimamente o espirito ambicioso dos jesuitas, julgava-os a todos pelo seu caridoso espirito, tendo-os por tão caritativos como elle proprio e como o Jesus dos Evangelhos, com cujo nome se appellidam. Enganou-se o sancto homem: e o seu engano custou-lhe amargos dissabores.

Mas historiemos. O Geral dos Jesuitas, Pedro Bekx, accedeu ao pedido de Rademaker, enviando-lhe logo em seguida, e por differentes vezes, muitos padres italianos. Entre elles, a maior parte dos quaes conheci e tratei pessoalmente, lembro-me dos seguintes: Meloni, Colle de Vita Cagliari, Luiz Prosperi, Domingos Moscatelli, Catani, Franco Sturzzo, Thomaz Cassi, Guarmani, Vicente Ficarelli, Sangaglia, De Antoni, etc. quasi todos hoje fallecidos.

Rademaker fez então pela primeira vez ou, mais provavelmente, *renovou* os votos *simples* da Companhia de Jesus, e foi investido pelo Geral na direcção dos jesuitas em Portugal, ficando superior de todos os padres italianos recem-chegados.

Tudo isto se acha textualmente confirmado a pag. 3 do folheto de N. Branco, ex-jesuita, *Os segredos dos Jesuitas de Portugal,* publicado em Coimbra em 1888.

Mas esta *Superioridade* de Rademaker durou pouco, terminando, segundo boas informações, em 1862 ou, o mais tarde, em 1863, dois ou tres annos depois da introducção dos jesuitas em Portugal, por quanto o sr. A. C. N.,

ex-jesuita, que hoje occupa uma posição importante na nossa sociedade, e que entrára na Ordem em 1865, escreve-me, informando-me que «em 1865 já era Superior dos Jesuitas o padre Vicente Ficarelli, e que já antes d'este tinha sido Superior outro jesuita Italiano, de cujo nome não se recorda.» Creio que o Superior anterior a Ficarelli foi o padre Cagliari ou o padre Colle de Vita. D'outra parte sou informado por um cavalheiro, muito conhecido no Porto, que Rademaker prégára uma novena n'aquella cidade em 1864, facto que não condiz muito com o cargo de Superior, que geralmente se occupa do governo interno da Ordem.

Por que motivo teria sido Rademaker exonerado tão depressa da superioridade e superintendencia dos jesuitas, que elle chamára, governando-os apenas dois a tres annos, ao passo que o padre Ficarelli durou na Superioridade e governo pelo menos desde 1865 até 1887, durante perto de 23 ou 24 annos?

A razão é muito simples: porque Rademaker, segundo diziam os padres italianos, não tinha o espirito da Companhia de Jesus, porque Rademaker até então não só não era professo, mas nem sequer tinha feito os estudos da Companhia, que são a engrenagem, onde o espirito dos novos jesuitas mais se affeiçoa ao molde intellectual da Ordem, e não tinha feito tambem a *terceira provação,* que segundo o *Instituto,* é o ultimo e definitivo noviciado, que se faz só depois de terminados os estudos, e que dura um anno, durante o qual se explicam as Constituições e mais leis do *Instituto,* que só então lhes é permittido ler por completo; o que tudo é habilitação necessaria e fatal para tomar o grau de *professo* que Rademaker ainda não tinha attingido. E, emquanto se não fizer tudo isto, não admira que se não tenha o espirito da Companhia de Jesus, esse espirito terrivel e machiavellico, que tanto mal tem custado á liberdade, á sciencia e á tranquillidade das familias e dos povos.

Quem me subministrou informações exactas a este respeito, como testemunha contemporanea e presenceal, foi ainda o sr. A. C. N., que entrou na Ordem em 1865 e saíu d'ella em 1874.

N'uma carta, em que me refere que Rademaker foi por duas vezes mandado para Hespanha, accrescenta com relação á primeira vez: «sei que foi com o fim de fazer certos estudos preparatorios, para defender these, e d'esta fórma habilitar-se para receber o *grau de professo.*»

E o jornal a *Palavra* confirma isto mesmo, porque no n.º 152 vem transcripta uma poesia de Rademaker, recitada

por elle no convento de Loyola em Hespanha no anno de 1868, por occasião de tomar o *grau de professo* ou fazer a *profissão*. Ora, se Rademaker só em 1868 tomou o *grau de professo,* claro fica que em 1860, quando chamou os jesuitas para Portugal, ainda não era professo.

Mas parece que, mesmo depois de Rademaker ter passado por todas estas iniciações e de já ser *professo,* os superiores italianos, que se tinham apoderado totalmente do governo dos jesuitas e dos collegios de Portugal, ainda não consideravam Rademaker como possuido e bem inoculado do espirito da Companhia; porque tendo elle voltado a Portugal, e já então *professo,* depois de 1868, nem o fizeram Superior dos jesuitas de Portugal, nem mestre dos noviços, nem sequer superior do collegio de Campolide ou do de S. Fiel, os quaes são cargos de honra e de confiança e que se dão aos individuos de maior estimação e que estão bem embuidos do tal «espirito jesuitico». Mas, ao contrario de tudo isto, foi mandado como missionario a fazer missões pelas provincias do norte, e n'esta especie de missões costumam ser empregados geralmente os homens julgados de menos valor e capacidade, como sabem todos os que teem lidado com jesuitas. Uma prova d'isto é que em 1872 a 1873 fez Rademaker uma missão em Vianna do Castello, missão de que é optima testemunha um cavalheiro, (J. J. P. R.) que em virtude d'ella entrou na Ordem em 1873, saindo d'ella em 1880, e que me testemunhou o facto minuciosamente.

Mas por esta epocha, creio que em 1874 pouco mais ou menos, levantou-se no Porto, onde então estava Rademaker, certa indignação contra elle, por motivos que não narrarei por não ter provas nenhumas a favor nem contra Rademaker. O que é certo é que os Superiores jesuitas se aproveitaram do caso para enviar o padre de novo para Hespanha, onde permaneceu quasi até ao fim da vida. Ora aquelle caso foi tomado como pretexto para arredar novamente de Portugal o padre Rademaker; porque, se os superiores o quizessem conservar no nosso paiz, podiam-no ter enviado, por exemplo, para o Barro, como superior ou mestre dos noviços ou mesmo como simples subdito, porque alli, longe das cidades, n'uma aldeia desconhecida, n'um sitio ermo e sem movimento e onde não vae nenhum visitante de monta, podia estar perfeitamente occulto ou desconhecido, se tanto fosse necessario. E eu poderia citar exemplos, em que se veria que os Superiores jesuitas, em circumstancias similhantes, têem enviado os

seus subditos para aquella casa retirada do povoado com o fim de affastal-os da povoação onde houve escandalo ou onde se tornou difficil viver.

Mas não: os superiores italianos decididamente não queriam Rademaker em Portugal a incommodal-os na sua obra; e assim como da primeira vez tomaram, como pretexto para o enviar para Hespanha, a falta de habilitação do padre, habilitação que poderia adquirir em Portugal, como outros teem adquirido; assim da segunda vez tomaram, como pretexto para o mesmo fim, um pequeno arruido levantado contra elle no Porto, como se no paiz não houvesse mais terras para viver do que a invicta cidade.

De todos estes factos, narrados por testemunhas presenceaes e auctorisadas pela sua posição social, conclue-se: 1.° que Rademaker quando em 1856 fundou o Asylo de Caridade, não só não era *professo,* como affirmei n'outro livro, mas nem sequer tinha feito os estudos e outras iniciações jesuiticas; 2.° que, quando em 1860 pediu ao Geral dos Jesuitas que mandasse alguns para Portugal, tambem ainda não era *professo,* nem completamente iniciado no espirito da Ordem; 3.° que em fins de 1860 fez ou renovou os votos *simples* da Ordem, e não os de *professo,* e, com essa primeira e simples iniciação, ficou sendo Superior dos Jesuitas em Portugal; 4.° que, em breve, foi apeado da Superioridade, attenta a sua falta de iniciação e de espirito jesuitico, sendo substituido no governo por jesuitas *extrangeiros,* e principalmente pelo italiano Fícarelli, que, em contraposição foi superior durante 24 annos; 5.° que Rademaker, apesar de já ser padre e de ser um homem summamente caritativo e bondoso, foi julgado sem a preparação intellectual e sem o espirito requerido na Companhia, e com esse pretexto afastado de Portugal e mandado para Hespanha; 6.° que Rademaker, segundo o proprio testemunho dos jesuitas expresso na *Palavra,* só foi *jesuita professo* em 1868, isto é, *doze* annos depois de fundar o Asylo da Caridade, *oito* annos depois de introduzir os jesuitas em Portugal e *cinco* annos depois de ser Superior dos Jesuitas em Portugal; 7.° que depois de 1863, em que foi apeado da Superioridade, não tornou mais a influir no governo dos jesuitas em Portugal, porque esteve em Hespanha quasi até á morte e nos pequenos intervallos que residiu em Portugal não teve Superioridade pela qual podesse exercer o seu influxo nos destinos da Ordem; não tendo, portanto, desde 1863, responsabilidade alguma no que os outros superiores e confrades fizeram em Portugal;

antes, elle mesmo reprovou muitos actos praticados por elles e d'elles se queixou deante de cavalheiros, alguns dos quaes estão na Ordem, e outros sairam já d'ella, podendo citar os nomes d'esses individuos onde preciso e conveniente fôr.

Conhecida assim a vida de Rademaker fundador do *Asylo* de Campolide, voltemos atraz para historiarmos como aquelle estabelecimento passou de *Asylo* para pobres e gratuitos a *Collegio* só para ricos e alumnos que pagam.

Como vimos pelo testemunho do sr. Silva Pinto e ainda pelo dos proprios defensores dos jesuitas, Rademaker fundou primitivamente o asylo *só* para pobres; mas, ainda depois de admittir alguns *poucos* ricos que pagavam, a sua predilecção e dedicação especial era para os pobres. Demais, segundo outras testemunhas, Rademaker sustentava o asylo não só com o seu patrimonio, mas ainda com esmolas de pessoas amigas e caridosas, como por exemplo o padre Thimotheo, irmão de Carlos Rademaker, como confessa o padre jesuita Mattos no *Mensageiro do Coração de Jesus.*

Sendo isto assim, e sendo Rademaker tão caritativo, será crivel que o proprio Rademaker mudasse a sua obra de caridade e compaixão pelos desvalidos, em obra de lucro e ganancia apparatosa? Claro está que não. E, comtudo, é certo, como todos sabem, que o collegio de Campolide é, desde ha muitos annos, só para quem póde pagar e pagar caro.

Ora este facto explica-se muito bem, desde que se saiba que Rademaker desde 1863 deixou de exercer influencia no andamento dos collegios da Ordem, e desde que sabemos, pela historia, que os jesuitas tiveram em todos os tempos a mira em influir na nobreza e nos argentarios para solidificarem o seu poder, arrimados ao poder secular e couraçados com a força do dinheiro. Leia-se Huber, Ranke, Sherr e o proprio Certineau Joly, e lá se verão as provas constantes. Para Portuguezes nem sequer é necessario recorrer áquelles historiadores. Todos sabem que em Lisboa havia o collegio jesuitico dos Nobres, onde hoje é a misericordia de Lisboa, a S. Roque; e em Coimbra havia um collegio de jesuitas com o mesmo fim.

Mas não necessitamos recorrer a factos de historia de seculos passados. Vamos estudar o facto que diz respeito a Campolide com testemunhas presenceaes e ainda hoje vivas.

No livro «*Os Jesuitas,* etc.» falára eu d'esta mudança do *Asylo* de Campolide em *collegio,* quasi de passagem, em

nota, e sem grande desenvolvimento. Mas os jesuitas, como a coisa era tão flagrante e se achavam tão culpados, tomaram esta referencia muito a peito e procuraram defender-se por todos os modos e artes. Infelizmente para elles, a sua defesa é de tal ordem que mais os compromette e com a pequena refutação que lhes vou fazer verá o leitor como elles proprios confirmam a minha asserção.

A defeza dos jesuitas reduz-se a dois pontos: Examinemos cada um: 1.º O *director da Ordem* [1] e o auctor do livro, *Os jesuitas e mais alguma coisa,* [2] dizem que Rademaker mudou os orphãos e pobres que estavam em Campolide para o collegio do Barro, deixando em Campolide só os ricos. Mas os mesmos dois auctores confessam que o orphanato do Barro acabou pouco depois, e o segundo auctor confessa ainda que alguns orphãos voltaram pouco depois para Campolide. D'aqui se conclue que, voltando em breve os orphãos para Campolide, a casa de Campolide voltou de novo a ser um *asylo;* resta-lhes portanto ainda explicar-nos como é que Campolide deixou de ser asylo depois d'este facto e, comtudo, não o explicam. Demais a caridade de Rademaker provada e testemunhada por todos, não deixaria acabar o orphanato ou asylo do Barro e de Campolide, para que essas casas se tornassem em casas de lucros e ganancias para a Ordem.

E de facto não deixou, como havemos de ver no capitulo seguinte, ao historiarmos a fundação do asylo do Barro, com testemunhas contemporaneas e presenceaes, que tambem as procurarei para elucidar os leitores.

2.º Não podendo os defensores dos jesuitas explicar a mudança de *asylo* em *collegio,* por meio da invenção do Barro, recorrem a outro expediente. E dizem que a fortuna de Rademaker diminuiu muito com a quebra da casa bancaria Bessone, onde Rademaker tinha fundos. Concedido este facto, que me consta ser verdadeiro em parte, ainda a tal mudança não tem explicação satisfatoria. Porque: 1.º Rademaker não ficou totalmente exhausto com aquella quebra, porque, quando morreu, ainda fez testamento d'alguns bens seus, por signal que deixou por testamenteiro e herdeiro, simulado, um parente meu muito proximo; 2.º porque o asylo não era sustentado só pelos bens de Rademaker, mas pelas esmolas dos bemfeitores, como confessam os proprios jesuitas. E nós vemos muitos

(1) Pag. 46.
(2) Pag. 139 e 140.

estabelecimentos de beneficencia, creados e sustentados por esmolas, permanecerem sempre com o seu caracter primitivo. Quantas casas de beneficencia ha no nosso paiz, que começaram de esmolas, progrediram com esmolas e vivem de esmolas? 3.º porque as mezadas d'alguns alumnos que pagavam, admittidos por Rademaker quando Campolide começou a ser um mixto de asylo e collegio, podiam auxiliar a educação, pelo menos, d'alguns pobres, como acontece em alguns collegios seculares que conheço; e comtudo em Campolide não ha nenhum pobre; 4.º porque (e isto é o mais importante) as esmolas teem affluido a Campolide d'um modo espantoso, desde o principio até hoje, como vou provar com testemunhas presenceaes e auctorisadas, e portanto podiam continuar a ser ali educados gratuitamente não só alguns, mas muitos orphãos.

Rademaker, para a sua obra de beneficencia, contava com 3 elementos: 1.º o seu patrimonio; 2.º as mezadas dos que pagavam; 3.º as esmolas.

Vejamos se os jesuitas, desde que tomaram conta do collegio ahi por 1863, até hoje, teem podido contar sempre com estes 3 elementos.

1.º O primeiro elemento — patrimonio de Rademaker — não desappareceu totalmente, porque, por morte d'elles, ainda ficaram alguns predios em Lisboa e em Torres Vedras, como consta do seu testamento feito em beneficio dos jesuitas sob o nome d'um jesuita.

Demos, porém, de barato que o rendimento d'elles seja pequeno.

2.º O segundo elemento — excesso positivo de receita sobre a despeza, receita proveniente das mezadas dos alumnos que pagam — chegava muito bem para sustentar bastantes pobres, se os jesuitas continuassem os caridosos intuitos de Rademaker. Sobre este ponto temos uma testemunha valiosa, o sr. N. Branco, ex-jesuita, que foi professor em Campolide durante cinco annos pouco mais ou menos, de 1882 a 1887, e que portanto devia saber cabalmente o que ali se passava.

Este cavalheiro escreveu em *Os segredos dos jesuitas em Portugal*, pag. 8, o seguinte:

> «No collegio de Campolide póde dizer-se que men-
> «salmente para cada familia a despeza é termo mé-
> «dio de 30$000 réis, que multiplicados por 150 alum-
> «nos que ha no dito collegio, fazem a verba mensal
> «de 4:500$000 réis, n'um anno 54:000$000 réis!!!

«A despeza annual poderá subir a 15:000$000 réis, «que, deduzidos dos 54:000$000 réis, restam liquidos «39:000$000 réis!

«E como não pagam aos professores, que todos são «jesuitas com o voto de pobreza, imaginem os leito-«res que riqueza e sumptuosidade não pódem ter em «tudo.»

Todos os que teem tido filhos em collegios de religiosos sabem que effectivamente a mezada, que realmente teem de pagar no fim de cada mez, não é simplesmente a do programma, 16$000 réis ou 18$000 réis; é uma mezada approximadamente o dobro da mezada expressa nos programmas, porque os *extraordinarios* são uma fonte inexhaurivel de despeza para os paes e de ganho para os padres. Fallando com muitos paes, a este respeito, ainda não encontrei um só que discrepasse n'este ponto: Os *extraordinarios* dos collegios religiosos... são uma mina geralmente desconhecida dos collegios seculares.

Sendo, pois, indubitavel que o collegio de Campolide tira grandes proventos e lucros do saldo das mezadas dos alumnos, se os jesuitas tivessem o espirito caritativo de Rademaker, cuja predilecção era toda para os pobres e desamparados, tratariam de, com esse excesso de saldo, sustentar e educar ali, ou n'outra parte, alguns pobres e orphãos, pois as creanças miseraveis e desgraçadas abundam infelizmente no nosso paiz. Não seria isto mais honroso para os jesuitas, que se inculcam humildes, caritativos e seguidores de Jesus, do que gastarem esse saldo em levantar grandes edificios que dão na vista, e em trazer os seus alumnos (á custa dos mesmos alumnos e sem consultarem os paes) em grandes passeios de S. Fiel para Campolide e de Campolide para S. Fiel, sem proveito algum para a instrucção dos mesmos alumnos?

Hão de confessar que nãô teem o espirito caridoso de Rademaker, como Rademaker não tinha o espirito orgulhoso e egoista dos jesuitas.

3.º O terceiro elemento — esmolas de pessoas amigas — não só não tem desapparecido, mas tem augmentado. Leiamos ainda o folheto do sr. N. Branco, pag. 10:

«De tudo se collige a causa porque elles (os jesuitas) enriquecem tanto. E ninguem creia que exaggeramos: tudo é verdade e de tudo temos provas em nossa mão.

«Nem este modo de se tornarem poderosos é exclusivo. Têem outros. Induzem muitas pessoas ricas, mórmente senhoras, a quem dirigem no espirito, a darlhes boas sommas de dinheiro, a que chamam *esmolas*, promettendo rezar por ellas muitos rosarios e fazer varias devoções para em tudo mostrarem *gratidão* a seus bemfeitores.

«*Na egreja, que ha pouco edificaram em Campolide, cuja despeza subiu a alguns contos de réis, não gastaram nem cinco réis; tudo foram esmolas para a salvação das almas.* Quando alguem está para passar d'esta vida, se é rico e elles lhe assistem, aconselham-no (para *plena remissão dos seus peccados)* que deixe esmolas para a educação da juventude em collegios catholicos, como são os seus. E ninguem se espante do que dizemos, que ainda não são decorridos muitos annos, que isto mesmo aconteceu com o celebre Pedro Pina de Castello-Branco, a quem os jesuitas de S. Fiel foram apanhando os seus 30 a 40 contos, estando elle nos transes da morte.»

Por este trecho do folheto de N. Branco, que foi testemunha presenceal, vê-se que os jesuitas teem recebido muitas esmolas a titulo de educarem jovens pobres nos seus collegios, e comtudo em Campolide ha muitos annos que os pobres foram totalmente abolidos, como o foram em todos os seus estabelecimentos, como provaremos.

Em vez de empregarem as esmolas em educação e sustentação de pobres, gastam-nas em fazerem grandes casas e egrejas luxuosas, ao passo que nós lemos nas vidas de antigos Santos da Egreja Catholica que alguns d'esses homens, verdadeiramente Santos, chegavam a vender os vasos sagrados para soccorrer a pobreza e a miseria.

Mas os jesuitas não só desviam as muitas esmolas, que recebem, do fim caritativo que Rademaker sempre teve em vista e executou emquanto foi Superior, mas gastam-nas muito mais superfluamente, em grandezas e faustos mais proprios de grandes senhores seculares, do que de religiosos que professam pobreza. E' ainda N. Branco, testemunha ocular, que a pag. 8 nos refere o que viu em Campolide n'um celebre anniversario d'um director d'esse collegio:

«Assistamos a um dos seus jantares de primeira classe, como elles dizem. Seja o de um dia d'annos d'um jesuita já velho, venerando, d'um Superior. Riquissimos tapetes adornam o pavimento d'uma magnifica sala, finas e lavradas cadeiras de macios es-

tofos, dispostas convenientemente, esperam os roçagantes jesuitas, que parecem principes na soberba como entram n'aquella sala! Musicas quasi fabulosas começam de ouvir-se melodiosamente. De repente, como por encanto, outro salão, mais luxuosamente adornado, se vos apresenta ante vossos olhos. Uma fonte peregrina no centro em fórma de gruta, borbulhando um crystallino fio de agua, que se vae deslisando por sobre brancas flores e hervinhas atravez da sala; mil varias plantas, fingindo frescos e mimosos jardins, com muitos passarinhos, differentes nos cantos e nas côres, a trinarem hymnos suaves no meio d'esse templo artificial, aonde com flautas e rebecas vão tambem alguns jovens tangendo bem ensaiados musicas, eis, amados leitores, a *pobreza* que alli descobris.

«Então, tendo cada qual tomado o seu logar, começam aquelles *reverendos* a ser servidos com exquisitos regalos... as fumegantes travessas de variados manjares... o delicioso pescado, os frangãos, as perdizes, o cordeiro, o gordo peru... os raros pudins... e sobremezas, quer nacionaes, quer d'outros paizes, com os exquisitos vinhos e finos licores... Então, quando já o fino licor os transportou, tudo é enthusiasmo! Então louva-se o papa, exalta-se a egreja, celebra-se a Companhia, que tão grandes *bens encerra no seu seio*...»

«Mas, para maior realce d'este quadro, digamos tambem duas palavras sobre o tratamento dos alumnos, que, attendendo ás mensalidades, devia ser magnifico, e é muito somenos. Em Campolide os alumnos queixam-se continuamente da alimentação ordinaria... Aos collegiaes apresenta-se a carne sem ser escolhida, mal guisada e acondimentada... Os creados da meza são verdadeiramente uma lastima! Parece que cada qual timbra em andar mais immundo!»

O banquete, a que aqui se refere N. Branco, lembro-me de o ter ouvido censurar a varias pessoas, que a elle assistiram ou tiveram noticia, como mais proprio de ricos senhores seculares do que de religiosos, que devem ser amantes da propria humildade e pobreza. Mas o tal director julgou que por este modo elevava mais a honra do collegio, porque o que geralmente se estima é o dinheiro, e não a honradez e bondade de caracter.

Fica, portanto, bem provado que ao collegio de Campolide nem tem faltado esse excesso de receita das mensalidades dos alumnos, nem esmolas em grande abundancia. E fica tambem provado, porque elles proprios o confessam,

que, apesar d'esse rendimento, em Campolide já ha muitos annos se não educam pobres nem orphãos.

E portanto fica provado, até á evidencia, que os jesuitas não são caridosos, que não teem o espirito caritativo do padre Rademaker, e que mudaram um estabelecimento de beneficencia em casa de lucro e ganancia propria.

Elles dirão, como disse já alguem, que do dinheiro que conseguem haver ás mãos, por qualquer meio, pódem fazer o que quizerem. E' verdade isso. Mas o que não pódem é inculcar-se bons religiosos e pessoas caridosas, fazendo d'elle o uso que fazem, sobretudo, quando em grande parte o recebem a titulo de esmolas para fazerem bem aos pobres — bem ,que não fazem.

Ahi ficam os depoimentos das testemunhas, todas presenceaes e oculares, pois do meu conhecimento pessoal nada disse; o leitor imparcial julgará como entender.

Infelizmente, sob um aspecto, e felizmente, sob outro, não posso terminar este capitulo sem me referir a uma carta publicada na *Resposta* do *Director da «Ordem»*. E digo infelizmente, porque a publicação d'essa carta me obriga a dizer certas verdades amargas, que desejaria occultar, a respeito d'um jesuita, que considero e com quem mantive relações intimas de amizade. Digo, porém, felizmente, porque essa carta, que vem com pretenções a contradictar as minhas anteriores affirmativas, é, depois de convenientemente explicada, a melhor confirmação d'ellas.

Em «*Os Jesuitas* etc.», escrevera eu, a pag. 35, o seguinte:

> «A historia dos Jesuitas em Portugal, ha alguns annos, não estava nem sequer começada, porque o jesuita encarregado de a escrever, que ao tempo era bastante independente de caracter, não podendo por causa das regras narrar certas intrigas de alguns superiores dos Jesuitas em Portugal, e não querendo violentar o seu caracter, deixava descançar na gaveta os documentos que lhe eram entregues. Na historia actual dos Jesuitas em Portugal ha effectivamente certas asperezas, que farão que essa historia não seja facil de escrever a um jesuita independente. E' por isso que *ella estará talvez por fazer a estas horas, como esteve durante annos.*»

N'este trecho revelava eu aos leitores as seguintes coisas:

1.ª que havia um jesuita encarregado de escrever a

historia dos Jesuitas em Portugal; occultando comtudo o nome para evitar melindres pessoaes e por consideração com o individuo.

2.ª que essa historia *talvez* ainda não estivesse feita, como não estava durante o tempo em que eu tive communicação com o dito jesuita.

3.ª que a razão d'esta historia não estar terminada era a *independencia de caracter* do dicto jesuita; porquanto a historia era de pequeno volume, comprehendendo apenas a obra jesuitica d'uns 24 annos, desde 1860 em que os jesuitas entraram até 1884 em que o dicto jesuita fôra encarregado de a escrever, e tendo elle sido testemunha de quasi tudo o que havia de escrever, porque entrara na Ordem quasi logo ao principio.

4.ª que essa *independencia de caracter* fazia com o que o dicto jesuita não violentasse o seu caracter; preferindo, para não falsificar a historia occultando o procedimento dos jesuitas italianos para com o padre Rademaker, não a escrever ou pelo menos demorar o mais possivel a sua composição até ao total desapparecimento dos mesmos Jesuitas italianos, dos quaes já restam muito poucos.

Como se vê, havia aqui indicações minuciosas que era impossivel inventarem-se tanto ao certo, e que só podia saber quem tivesse estado em intimo contacto com o tal jesuita *cujo nome se occultava por motivos de respeito e amizade.*

Pois bem: o tal jesuita não reparou na attitude correcta e attenciosa do meu modo de escrever; e não lhe soffreu o animo que não viesse a publico declarar o seu nome e dizer que effectivamente a tal historia não só não estava concluida, mas estava ainda apenas *esboçada* (e já lá vão 8 annos!)—o que tudo confirma o meu dicto.—Junctou, porém, a estas declarações, outras em que manifesta contradicção e falta de verdade, como mostrarei. E sinto ter de o mostrar, porque direi verdades muito verdadeiras mas muito amargas, que comtudo me vejo obrigado absolutamente a publicar, visto elle chamar-me «calumniador».

O tal Jesuita, pois, é, segundo elle mesmo confessa (pag. 295 da *Resposta*) o sr. padre João Seraphim Gomes, com quem convivi durante annos.

Vivi a primeira vez com este padre de 1877 a 1878, na casa do Barro proximo de Torres Vedras; depois em Hespanha em 1882; mais tarde em S. Fiel de 1885 a 1886. Da primeira vez era elle professor de rhetorica, na segunda estudava theologia, e na terceira foi meu collega no ensino

em S. Fiel. N'este collegio, elle ensinava litteratura e eu portuguez e latinidade, tendo nós ambos os mesmos alumnos; demais, elle estava encarregado, desde o anno anterior, de escrever a historia geral dos jesuitas em Portugal e eu estava encarregado de escrever a historia particular do collegio de S. Fiel (tudo isto consta dos proprios *catalogos* ou relatorios annuaes dos Jesuitas, que elles podem apresentar quando lhes approuver). A mais d'isso viviamos, elle e eu, em aposentos contiguos, tendo diariamente muitas occasiões de conversar.

Fôra elle que me communicára grande parte ou a quasi totalidade do que encerravam as poucas phrases do trecho citado do meu livro. Felizmente elle não só m'o communicou a mim, mas tambem a outras pessoas cujos nomes posso citar, e, inclusivamente, dissera parte d'isso a um secular muito intimo da Ordem, a quem essas coisas se podiam dizer, e dissera-lh'as deante d'alguns que então tinham pouca edade, mas que hoje se lembram bem dos factos narrados e os contam publicamente, como eu mesmo já lhes ouvi.

Posto isto, lê o leitor a carta tal qual a cita o director da «Ordem», a pag. 297:

> «Sou eu (padre João Seraphim Gomes) o pobre jesuita alludido e calumniado na pag. 35. Graças a Deus «ao tempo era *tão* independente de caracter» como sou agora. A historia já então estava começada: outros tinham visto parte do meu trabalho... Nunca achei em documentos alguns dos que me eram entregues, nem dos que por mim tenho conseguido, nenhumas «intrigas de alguns superiores dos Jesuitas em Portugal». Não tinha, pois, necessidade de *violentar o meu caracter*. Mas outras tarefas de mais urgencia, accumuladas sobre as obrigações de professor e de sacerdote, me teem impedido de continuar e desenvolver o meu trabalho *apenas esboçado*...»

D'esta carta concluem-se duas coisas principaes, que confirmam as minhas affirmações, isto é: 1.º que è certo haver Jesuitas em Portugal e haver um jesuita encarregado de escrever a historia dos Jesuitas no nosso paiz; 2.º que essa historia está hoje, em 1892, «apenas esboçada», tendo o tal jesuita sido encarregado da obra em 1884. A isto accresce uma contradicção, porque n'uma parte diz que «outros já tinham visto parte do trabalho», e n'outra diz que esse trabalho «está apenas esboçado». Ora um tra-

balho *apenas esboçado* nunca foi um trabalho feito, nem no todo nem na parte. Não póde estar feita, em 1885, parte d'um trabalho que em 1892 está *apenas esboçado:* isto é elementar.

A rasão que o sr. padre Seraphim dá para desculpar o facto de não ter feito, durante o espaço de 8 annos, um trabalho tão pequeno como a historia dos Jesuitas em Portugal, durante 20 a 30 annos, é publicamente falsa. Porque se sabe que o sr. padre Seraphim, para ter tempo de fazer a sua obra, foi dispensado d'outros trabalhos, tendo durante certo tempo apenas uma hora d'aula por dia, como de 1885 a 1886 em S. Fiel: e n'outras épocas, nem essa hora d'aula teve. Logo, não foram as grandes occupações que o impediram.

O sr. padre Seraphim diz que não achou, nos *documentos,* intrigas de superiores. Não era assim que elle fallava n'outros tempos. Mas o sr. padre Seraphim não necessitava de *documentos*, porque era testemunha de vista d'essas intrigas, como muitos outros Jesuitas e ex-Jesuitas, e até contára *essas intrigas* a pessoas que podem dar d'isso testemunho. Finalmente, o sr. padre Seraphim parece ter-se julgado calumniado por eu lhe ter chamado *caracter independente.* Ora eu julgava ter-lhe feito ainda uma boa recommendação. Mas, como não a acceita como tal, antes a tem por calumnia, continuarei affirmando que ella é verdadeira. E a prova de que o sr. padre Seraphim era julgado pelos superiores como *um caracter independente e insubmisso,* é que devendo ser admittido ao *grau de professo* em 1883, anno em que terminou a *terceira provação,* como é de costume, e o *Instituto* prescreve para os que estão bem provados, os superiores, não o considerando bastante submisso e para castigo, que o *Instituto* tambem prescreve, não o admittiram ao *grau de professo* senão em 1886, dois a tres annos depois. O sr. padre Seraphim sabe bem que não póde negar esse facto. E, para eu não ser imperiosamente obrigado a referil-o e a recordar-lh'o, melhor seria não me ter chamado «calumníador», e conservar-se n'um incognito de que não se saiu airosamente para a gente que o conhece e ignorava estas particularidades e outras que ainda se podiam ajuntar.

O sr. padre Seraphim teve a coragem de vir dizer a publico que tem gasto **oito annos** em *esboçar* uma historia, de que eu tenho recomposto a parte principal e maior, apenas com alguns mezes de trabalho, tendo aliás muitas occupações officiaes e inadiaveis!!! E pretende jus-

tificar-se d'isto com desculpas que servem apenas para demonstrar que, no fundo da questão, ha razões mais fortes a embargar-lhe a penna, razões que são as apontadas por mim, conhecidas por muitas pessoas e até narradas por sua revd.ª a alguem.

III

# O CONVENTO DO BARRO

Os dois defensores dos Jesuitas, o *anonymo* da *Ordem* (1) e o *pseudonymo* Antonio José Rodrigues da Silva Gandra (2), para desculparem os seus defendidos, da mudança do antigo asylo de Campolide para creanças pobres em collegio para ricos, recorreram ao expediente do orphanato no convento do Barro.

Vejamos, pois, o que as testemunhas dizem a este respeito; e temos testemunhas oculares desde o principio.

O convento do Barro, que está situado a um kilometro de Torres Vedras, pertenceu antigamente aos frades Alcantarinos. Pela expropriação dos conventos foi parar ás mãos d'um particular, que em fins de 1860 o cedeu ou vendeu ao padre Rademaker, sendo este já Superior dos Jesuitas em Portugal.

Para que fim quiz Rademaker o convento do Barro, collocado em um ermo, no fundo d'um valle cercado de collinas, e distante de grandespovoações?

Para fundar alli o *noviciado* dos Jesuitas.

Ouçamos as testemunhas.

Sêja a primeira o sr. N. Branco, ex-jesuita, que em *Os Segredos dos Jesuitas em Portugal* escreveu, a pag. 4 e 5, o seguinte:

(1) *Resposta* ao livro de M. Borges Grainha sobre *Os Jesuitas e as Congregações Religiosas*, etc., pelo director da *Ordem*, pag. 40.

(2) *Os jesuitas e mais alguma coisa* por Antonio José Rodrigues da Silva Gandra, pag. 139 e 146.

«O famoso jesuita, Carlos Rademaker, que todos conheceram e admiraram pela sua eloquencia, tendo sido completamente fanatisado por elles em Italia, foi quem introduziu os actuaes em Portugal. Escreveu a Pedro Backs, geral da Companhia de Jesus que mandasse alguns Jesuitas para este reino. Becks, aproveitando a expulsão dos de Italia, enviou-lhe uma porção de padres escolhidos, que fundaram então a chamada *Missão Portugueza*, de que foi primeiro superior Rademaker.

Estiveram a principio em Sernache do Bom Jardim. A direcção do seminario das missões ultramarinas, que o governo alli tem, corria então sob um certo Superior, de que em Lisboa se tinha todo o conhecimento; mas querendo os Jesuitas defender o *noviciado*, que já alli haviam estabelecido, das indagações do governo, trataram logo de angariar o dito Superior, que, filiando-se na Ordem, ou não dava parte dos *noviços* ao governo, ou, se d'elles fallava, era só como se fossem seminaristas. E não parou só n'isto a manobra, porque o tal individuo ficou sendo superior só de nome e apparentemente, mas de facto estava, como os outros, sujeito a um Superior jesuita; tudo tão bem calculado, que em Lisboa nada se sabia (1).

Tendo-se, porém, dado não sei que desintelligencia entre o Superior de nome e o de facto, teve o governo algum receio de que os jesuitas houvêssem estabelecido o *noviciado* dentro do seminario. Mandou logo averiguar. Apenas os negros sotainas de Loyola foram sabedores, posto que quasi de improviso, do que se passava, assustados, mas sempre com a conhecida sagacidade, correm ás salas, onde tinham os *noviços* e mandam que se misturem immediatamente com os seminaristas, (entre todos havia confiança para isto) emquanto elles retiram de sobre as mezas do noviciado tudo quanto cheira a frades e conventos.

Escondem os Sanctos Christos, occultam os livros das suas regras e segredos, desviam para logares escusos todos os quadros dos heroes da sociedade e com summa hypocrisia collocam sobre as mezas, em vez das *Meditações* de La Puente e dos *Exercicios de perfeição* de Affonso Rodrigues, diccionarios francezes, latinos, portuguezes, as obras de Cicero, a Eneida, as odes de Horacio, compendios de sciencias.

Feito tudo isto, vão sem demora acompanhando o

(1) Tenho ideia de ouvir dizer que o Superior reconhecido pelo governo era um tal padre Barroso, que conheci já depois de filiado na Ordem e hoje fallecido; e o Superior jesuita era o padre Meloni, italiano, primeiro *mestre* de *noviços*, tambem já fallecido.

enviado do governo por toda a casa e mostrando-lhe quanto elle desejava ver, logrando-o comtudo sabiamente. Este foi dizer a Lisboa maravilhas dos padres, da sabia organisação do seminario, de tudo o que vira.

Eram, porém, muitas as difficuldades para a permanencia dos Jesuitas em Sernache. O governo desconfiava d'elles e o seminario não lhes podia estar sujeito sem graves inconvenientes. Por esta causa resolveram logo ir collocar decisivamente o *noviciado* n'um logarejo, chamado *Barro*, perto de Torres-Vedras, n'um antigo convento de frades alcantarinos, para mais facilmente n'aquelle ermo e com o nome de *collegio do Barro* se defenderem contra os governos.

Esta foi a primeira casa que tiveram em Portugal. D'ella, d'esse ninho jesuitico, tem sahido e vão sahindo ainda hoje os Jesuitas que ha actualmente entre nós.

Para este noviciado mandam os jovens que vão apanhando com enganos nos seus collegios e fóra d'elles.

N'este trecho de N. Branco, estão indicadas duas coisas: 1.° que o convento do Barro serviu desde muito cedo para o *noviciado*, que já não podia permanecer em Sernache: 2.° que para *occultar* o noviciado se lhe deu o nome de *collegio do Barro*.

E de facto a casa ao principio tomou não só o nome, mas a realidade de collegio, porque, para dar aos *noviços* internos uma feição de collegiaes, não o sendo, (porque os noviços não estudam) o padre Rademaker fez da casa um *externato*, mas gratuito. Rademaker tinha sempre em vista a caridade com os pobres e nunca o lucro e a ganancia.

Tambem consegui encontrar uma testemunha d'esse tempo, muito valiosa, qual é o ex.mo sr. Sisenando Marques, auctor do importante livro, *Expedição Portugueza ao Muatiânvua*, expedição de que foi sub-chefe.

Sabendo que este cavalheiro recebera a sua primeira educação no collegio do Barro, recebendo ali lições como externo, escrevi a s. ex.ª pedindo se dignasse informar-me sobre este assumpto, auctorisando-me a dar aos meus leitores as suas informações; ao que s. ex.ª accedeu.

A minha carta era do theor seguinte:

Ex.mo Sr. — Sabendo que v .ex.ª estudou algum tempo no antigo collegio do Barro, perto de Torres-Vedras, pedia a v. ex.ª se dignasse informar-me sobre os seguintes pontos: 1.° que disciplinas se ensinavam

n'aquelle estabelecimento ; 2.º que especie de alumnos o frequentavam ; 3.º se havia alli internos ; 4.º se a leccionação era ou não gratuita ; 5.º durante quanto tempo frequentou v. ex.ª o dito collegio ; 6.º se sabe até quando se deu alli instrucção a alumnos externos; 7.º se o padre Rademaker ia ou não a essa casa ; 8.º que especie de poder lhe parece teria elle alli.

Agradecendo penhorado o obsequio d'estas informações, subscrevo-me com toda a consideração. — De v. ex.ª att. ven. obrig. — M. Borges Grainha.

O illustre africanista dignou-se responder-me immediatamente, prestando-me as seguintes informações, de que foi testemunha presenceal:

«Ex.mo Sr. M. Borges Grainha. — Em resposta aos oito quesitos da carta de v. ex.ª, os quaes se referem ao collegio do Barro, nas cercanias de Torres-Vedras, no tempo em que eu o frequentei, tenho a informar v. ex.ª do seguinte :

Quanto ao 1.º sei que se leccionava instrucção primaria, portuguez, francez, latim e latinidade e consta-me que tambem logica e philosophia.

Quanto ao 2.º, que me recorde, era o collegio frequentado por filhos-familias que pretendiam fazer exame de preparatorios para seguirem algum curso, e tambem por alguns rapazinhos filhos de trabalhadores das aldeias e casaes contiguos a quem os professores ministravam instrucção primaria.

Quanto ao 3.º de positivo nada posso informar a v. ex.ª; no entanto recordo-me de ter ouvido dizer que no internato havia alguns mancebos a estudar e que se dedicavam á carreira ecclesiastica. (1)

Quanto ao 4.º, posso affirmar a v. ex.ª, que o ensino era *gratuito* quer o alumno fosse pobre, quer remediado, ou abastado: no segundo caso estava eu e nunca pude conseguir que os professores acceitassem a mais insignificante remuneração. — Escusado será dizer que me refiro aos alumnos externos, visto, como já acima disse, pouco ou nenhum conhecimento ter da organisação do ensino interno, se é que o havia, como supponho.

Quanto ao 5.º, se a memoria me não falha, frequentei o collegio nos dois annos de 1862 e 1863, como externo.

(1) E' a mesma maneira simulada, já empregada pelos jesuitas em Sernache, para occultar os *noviços* da Ordem, fazendo espalhar no publico que aquelles rapazes eram *simples seminaristas* que se dedicavam á carreira ecclesiastica.

Quanto ao 6.º nada posso affirmar a v. ex.ª com dados de certeza physica, porque sahi da localidade no anno de 1864; porém, por ouvir dizer, tenho a certeza moral de que a alludida instituição acaba n'este mesmo anno ou pouco tempo depois.

Quanto ao 7.º sei, *de visu*, que o padre Rademaker frequentava aquelle estabelecimento; lá lhe fallei algumas vezes, e seja-me permittido dizer aqui a v. ex.ª, sem que eu fosse jesuita e sem que hoje o pretenda ser, mesmo porque já estou velho, para tentar nova carreira, que Carlos Rademaker era homem muito accessivel e bastante sympathico. Não só Rademaker mas tambem Prospero Martinho eram crédores da minha sincera estima e creio que da de todos os seus alumnos.

Quanto ao 8.º e ultimo, não posso precisar bem qual o poder que Carlos Rademaker tinha junto á instituição, todavia recordo-me de ouvir dizer que fôra elle o fundador do collegio; e o que é certo é que todos lhe obedeciam e que eu sempre o considerei n'aquella casa como o primeiro superior hierarchico.

Creio com isto ter satisfeito ás perguntas de v. ex.ª se não tão cabalmente como seria dos meus desejos, pelo menos com o pequeno subsidio da fraca reminiscencia d'um passado que conta cerca de 28 annos.

Tenho a honra de me subscrever. — De v. ex.ª. M.º att., etc. — Lisboa, 12-9-92. — A. Sesinando Marques.

D'esta preciosa carta deprehendem-se, além d'outras mais coisas, como, por exemplo, a sympathia que todos os discipulos professavam e ainda hoje professam pelo caritativo e bondoso padre Rademaker, deprehendem-se, repito, duas coisas importantissimas para o estudo historico da casa do Barro. A primeira é que o externato foi, sempre e absolutamente, gratuito, e embora alguns alumnos podessem e quizessem pagar, Rademaker nunca acceitou dinheiro. Este facto, referido por testemunha tão auctorisada, é a refutação plena dos dois defensores dos Jesuitas citados ao principio d'este capitulo; porquanto elles disseram que Rademaker acabou com o orphanato do Barro, por não ter dinheiro para o sustentar, e uma testemunha ocular auctorisadissima vem dizer que Rademaker não quiz acceitar dinheiro. Logo não foi dinheiro o que faltou. O que faltou foi a superioridade do governo de Rademaker, porque, como vimos atraz, em 1862 ou 1863, Rademaker deixou de ser Superior dos Jesuitas em Portugal, e em 1864, logo depois, acabava o externato, como consta ao sr. Sezinando Marques, e como de facto acabou, como

o vamos provar com outra testemunha. Mas poder-se-ha perguntar: porque é que os Jesuitas não mudaram o externato gratuito em pago, como fizeram em Campolide?

Por tres rasões: 1.ª porque isso não seria honroso nem facil n'aquelle estreito meio, onde o collegio começou a tornar-se conhecido como gratuito, pois nas terras pequenas tudo se sabe, o que não acontece nas grandes; 2.ª porque o externato não podia dar muito, pois o convento fica a muita distancia de Torres Vedras, o que difficultava as idas e voltas diarias dos alumnos; e dos casaes mais visinhos pouco ou nada havia a esperar; 3.ª porque o fim principal foi occultar o noviciado, tornando-o viavel, com a feição de collegio, e depois de tres ou quatro annos já estava considerado por todos como collegio para estudantes que se preparavam para a vida ecclesiastica; e o externato podia acabar perfeitamente, extincta a sua razão primitiva.

A segunda indicação valiosa que a carta nos dá é a de que os mancebos, que estavam *internos* no Barro, se dedicavam á vida ecclesiastica. Pelo menos assim o pensa o sr. Sezinando Marques e o pensava toda a gente que tinha conhecimento da casa, e assim era na verdade. Logo tambem fica refutada a opinião dos defensores dos Jesuitas que dizem que Rademaker passara para o Barro os orphãos de Campolide, porquanto esses orphãos não se dedicavam só á vida ecclesiastica, nem Rademaker podia ser tão perverso que obrigasse aquellas pobres creanças orphãs de Campolide a seguirem todas a carreira ecclesiastica.

Os *internos*, que viviam no Barro, não eram *orphãos* nem creanças soccorridas pela caridade, eram os *noviços* da Ordem que assim ficavam occultos ás vistas do governo e das suas auctoridades, que n'aquelle principio eram mais cuidadosas n'esta questão, a ponto de ser necessario passar o noviciado de Sernache para o Barro.

E para maior confirmação do que vou dizendo, tenho o depoimento d'outra testemunha importante, o sr. A. C. N., ex-jesuita, que entrou no noviciado do Barro em 1865, portanto logo ao principio do seu estabelecimento. N'uma carta, já por vezes citada, escreve-me:

«Se a casa do Barro foi collegio de orphãos, não sei».

Ora, se o sr. A. C. N., que residiu n'aquella casa em 1865, apenas quatro annos depois da sua fundação, *não sabe* se foi collegio de orphãos, é porque realmente o não foi; pois em tão curto espaço de tempo difficil seria ter-se apagado totalmente a ideia do orphanato, se elle existisse. Ou então, se existiu, durou apenas alguns mezes, pois

aquelle *não saber* do sr. A. C. N. só se póde explicar sendo a duração do orphanato tão ligeira e curta, que passasse desapercebida.

Além d'isso tenho dados positivos que provam que o convento do Barro serviu para *noviciado* desde muito cedo, porquanto fizeram ali a sua entrada logo ao principio, em 1860 a 1861, tres individuos, hoje padres jesuitas, os padres Cordeiro, Cruz e Salles (1), sendo *mestre* de noviços o padre Meloni, italiano, que foi o primeiro com este cargo desde Sernache. E desde então até hoje conheço muitas testemunhas que ali cumpriram o *noviciado* da Ordem. E até sei os nomes dos *mestres* de noviços, que foram successivamente desde 1860 até 1881 os padres Meloni, Sturza, Catani, Moscatelli, italianos; e desde 1881 até hoje os padres Bento Rodrigues e Antonio Arraiano, e todos elles são professos. Poderia mesmo indicar o nome da maior parte dos noviços que ali deram entrada desde uma época bastante remota, pois me informei sufficientemente de testemunhas anteriores ao meu conhecimento pessoal e pratico.

Mas não é isso o que importa. O que interessa a este estudo historico são as seguintes conclusões extrahidas legitimamente dos depoimentos das testemunhas oculares que o leitor já ouviu: 1.ª que o convento do Barro serviu desde o principio para *noviciado;* 2.ª que a existencia ali de um *orphanato interno* ou foi de tão curta duração que passou imperceptivel, sem já haver d'ella reminiscencias tres a quatro annos depois da fundação da casa, ou, n'outra hypothese, tal *orphanato iuterno* nunca existiu; 3.ª que, para encobrir o noviciado, Rademaker, como superior, ordenou que ali se dessem aulas a algumas creanças, que as frequentaram como *externos*, vivendo em casa dos paes e indo ao collegio unicamente a receber lições; 4.ª que estes *externos* eram educados *gratuitamente,* o que está de accordo com a caridade reconhecida, constante e incontestavel do padre Rademaker; 5.ª que esse *externato* não acabou por falta de meios, mas porque ou os Jesuitas julgaram que d'elle se podia prescindir, pois estava conseguido o fim primitivo, que era tornar viavel o *noviciado* aos olhos extranhos, como collegio para estudantes que se dedicassem

(1) O primeiro d'estes padres foi alumno do asylo de Rademaker, no Largo da Paschoa, em Campolide, os dois ultimos são da Covilhã, e creio que algum d'elles esteve primeiro no collegio de S. Fiel. Isto vae com vista aos defensores dos jesuitas.

ao sacerdocio, ou julgaram que não valia a pena estarem a cançar-se com o ensino de externos, não sendo provavel ganhar muito por esta via n'aquelle local, como é bastante distante da villa; 5.ª que, em todo o caso, desde que os Jesuitas viram que podiam prescindir d'aquelle véo do *externato*, não fizeram mais caso das pobres creanças dos casaes visinhos e deixaram de os ensinar, destruindo assim aquella instituição caritativa de Rademaker. E' um procedimento muito semelhante ao que tiveram em Campolide, onde tambem acabaram com o asylo gratuito fundado por Rademaker. Em conclusão: os Jesuitas destruiram tambem no Barro uma instituição humanitaria e *gratuita*, que encontraram fundada por Rademaker.

Agora que os leitores já conhecem o principio e primeira fórma do convento do Barro, direi duas palavras a respeito da evolução historica d'esta casa jesuitica.

Desde 1860 ou 1861 começou n'ella o *noviciado* da Ordem. Concluidos os dois annos de *noviciado* os novos religiosos iam estudar humanidades a Roma. Mas depressa se procurou evitar esta despeza, creando na mesma casa do Barro, ao lado do *noviciado*, o curso dos estudos de *humanidades*, segundo a *Ratio Studiorem*, para educação litteraria dos religiosos que terminavam o noviciado.

Assim permaneceu a instituição, com perfeito caracter jesuitico, até 1887. Em outubro d'este anno o *curso de humanidades* passou para uma casa comprada pelos jesuitas em Setubal, por 9:000$000 réis, ficando no Barro *só* o *noviciado*.

A casa de Setubal tomou o nome de collegio de S. Francisco, e fica no bairro de Troino; e, para disfarçar o seu caracter jesuitico, estabeleceu-se tambem ali um pequeno *externato* (1), mas não *gratuito* para todos, como fôra o estabelecido por Rademaker no Barro.

Em 1882 começou no Barro a funccionar outra instituição annexa e ligada com o *noviciado*. Esta instituição tem o titulo de *escola apostolica*, fundada para ser como ante-camara do noviciado e como um viveiro que alimenta o mesmo *noviciado*, porque para essa escóla são mandadas as creanças pobres ou ainda remediadas, que os missionarios podem conseguir por esse paiz, nas suas missões, com o fim apparente de os educar, mas com o fim premeditado e calculado de os attrahir a entrarem na Ordem, o que succede

(1) Nos *Segredos dos jesuitas de Portugal*, por N. Branco, pag. 6 e 7, relata-se o facto d'esta mudança, de que eu tambem fui testemunha presencial

frequentemente. Consta-me que n'este anno de 1892 a 1893 dassou para Guimarães a *escola apostolica* que estava no Barro, ou então se fundou em Guimarães uma succursal d'aquella, sendo fundador e supertor o sr. padre Bentd Rodrigues. E' mais um centro para enganar creanças.

IV

# O COLLEGIO DE S. FIEL

Se para a historia dos dois estabelecimentos fundados por Rademaker, de que fallámos nos dois capitulos anteriores, obtivemos depoimentos de testemunhas importantes, para a historia do collegio de S. Fiel não só terá o leitor testemunhos tambem valiosos, mas mais completos e perfeitos, porque procedem não só de testemunhas presenceaes, desde o principio da casa até hoje, mas de documentos officiaes assignados por cavalheiros encarregados, pelo governo, de syndicar aquella casa em 1880.

O collegio de S. Fiel é, depois do de Campolide, o segundo estabelecimento de instrucção secundaria que os jesuitas possuem em Portugal para educação de alumnos extranhos á Ordem.

Fica situado nas faldas da serra da Guardanha, ramificação da da Estrella, entre a Covilhã e Castello Branco, a seis leguas d'aquella cidade e quatro d'esta, e a um kilometro da Soalheira, estação do caminho de ferro da Beira Baixa mais proxima do collegio.

A pequenissima distancia do estabelecimento está uma aldeia chamada Louriçal do Campo, d'onde era natural frei Agostinho da Annunciação, fundador do *asylo* de S. Fiel, que hoje está transformado no collegio da mesma invocação.

Frei Agostinho fôra frade franciscano, e tivera de abandonar o silencio do claustro em virtude das leis de Aguiar que extinguiram os conventos, quando em Portugal ainda havia homens capazes de acabar com conventos e morgados.

Aquelle bom ex-frade entendeu, porém, como todos os que

teem boa vontade e virtude, que fóra do convento se póde fazer ainda maior bem ao proximo, do que quando se está encerrado dentro das quatro paredes da cella, sujeito ás ordens d'um superior. E, lançando os olhos para a multidão de pobres creanças, que a orphandade atira quotidianamente para os embates da desgraça e do vicio, guiando-se pelos caritativos dictames do seu bondoso coração, tratou de crear lá, junto á sua solitaria aldeia, um estabelecimento de beneficencia, como o que Rademaker fundára quasi ao mesmo tempo ás portas da populosa capital. Provavelmente, Rademaker e frei Agostinho ainda então se não conheciam, mas os corações de elite assemelham-se, e, embora as palavras os não ponham em contacto, o suavissimo anjo da caridade segréda a cada um os mesmos santos e deliciosos pensamentos

Por isso, frei Agostinho, como Rademaker, condoeu-se da sorte das pobres creanças, que perdem cedo o deliciosissimo e incomparavel bem do bafo paternal, e fez-se segundo pae d'essas infelizes creaturinhas. Mas os jesuitas, assim como destruiram a santa obra de Rademaker, que teve a infelicidade de confiar n'elles, assim lançaram por terra a de frei Agostinho, que tambem se fiou n'elles enganadamente!

Santos homens! repousem as vossas cinzas em paz, porque, embora os orphãosinhos tenham perdido o beneficio que vós lhes querieis proporcionar perpetuamente, n'este livro aprenderão elles a soletrar o vosso nome, e o conservarão eternamente no meigo sacrario da saudade mais viva e mais agradecida!

Mas historiemos, ou antes, ouçamos as testemunhas.

A primeira será o sr. Sebastião Ramos Preto, cavalheiro digno e respeitavel, que reside na aldeia do Louriçal do Campo e assistiu desde o principio ao desabrochar do estabelecimento de S. Fiel, e está em intimas relações com parentes proximos do fundador. Eis a resposta que se dignou dar a varios quesitos que lhe fiz, para inteira informação dos meus leitores:

«Ex.mo Sr. — A muitas das perguntas que V. Ex.a me faz na sua apreciada carta de 23 de março, responde precisamente o Relatorio da commissão de syndicancia feita ao collegio de S. Fiel em 1880 e da qual fez parte o sr. dr. Sousa Refoios, a quem na realidade cabem os maiores elogios pela fórma como aquelle cavalheiro se houve não só na elaboração do

relatorio, mas tambem pelas excellentes considerações que lhe faz. Pena foi que tal trabalho ficasse inutilisado.

«Conjunctamente envio outros documentos comprovativos do que V. Ex.ª affirma no excellente volume *Os jesuitas em Portugal.*

«Relativamente aos outros esclarecimentos que me pede, tenho a dizer o seguinte:

«1.º Que a edificação do collegio principiou em 1852.

«2.º Que o fundador foi frei Agostinho d'Annunciação, e que foi auxiliado na edificação da casa pelas esmolas e dadivas de diversas pessoas.

«3.º Que o collegio era destinado á educação de «meninos e meninas, orphãos de pae e mãe» : tal era a intenção do fundador.

«4.º Que esteve como gerente da casa, em principio, o sr. dr. Francisco Grainha ; n'esta época o collegio foi destruido completamente por um incendio, isto haverá 30 annos pouco mais ou menos.

«5.º Que o collegio foi reedificado pelo mesmo frei Agostinho, sendo para isso auxiliado por diversas pessoas, mas principalmente pela infanta D. Isabel Maria.

«6.º Que a gerencia da casa deixou de pertencer ao sr. dr. Francisco Grainha, devido a graves desintelligencias que se travaram entre elle e o pessoal da casa, vendo se então o fundador obrigado a chamar os Lazaristas e as Irmãs da Caridade, que ali se conservaram até á sua expulsão.

«7.º Que frei Agostinho resolveu então entregar a direcção da casa aos jesuitas, realisando-se então a venda do collegio por dois contos de réis, que, segundo se affirma, o fundador frei Agostinho nunca recebeu. (Relatorio da commissão, pag. 19).

«8.º A venda foi feita em 1873, e a escriptura da compra e venda foi feita em Lisboa nas notas do tabellião Joaquim Barreiros Cardoso, no liv. 932, fl. 10.

«9.º Que, desde que os jesuitas tomaram conta do collegio o numero dos pensionistas augmentou e o numero dos orphãos decresceu rapidamente, constando-me que *hoje* de facto *não existem* orphãos n'aquella casa de ensino.

«10.º Que o actual medico do collegio é o sr. dr. José Pedro Dias Chorão, residente no Fundão, a dezoito kilometros approximadamente do collegio, e que os seus antecessores (ultimamente) foram os srs. dr. Megre, da Covilhã, e dr. Accurcio Torres, residente em Alpedrinha, o qual exerceu pouco tempo a clinica no collegio por não se conformar com o procedimento dos padres, como claramente se deduz d'uma

correspondencia publicada por aquelle cavalheiro no *Correio da Beira*.

«11.º Que hoje a situação do collegio é prospera e que os lucros devem ser grandes.

«12.º Que a receita da casa não é só devida ás mensalidades dos alumnos, mas tambem, e em grande parte, a diversas congregações e irmandades que teem a sua séde no collegio e cujos estatutos não estão approvados legalmente. Entre grande numero de irmandades e congregações que ali ha, destaca-se principalmente a de S. Josè, que conta milhares de irmãos, pagando cada um 10 réis mensaes, afóra outras importantes, verdade que menores, mas mais rendosas.

«13.º Que a egreja do collegio abre ás 4 e meia ou 5 horas da manhã e fecha ás 7 horas da noite.

«14.º Que no collegio se teem feito os chamados «exercicios espirituaes», que são distribuidos da seguinte fórma: para os alumnos, tres dias ao anno; para o povo, oito dias ao anno; para os padres, oito dias ao anno (para estes são convidados os parochos das aldeias limitrophes, naturalmente para captarem as suas sympathias). Consta-me que este anno houve um «retiro» especial para as senhoras, que costumam frequentar o collegio, cujas praticas não eram feitas na egreja mas sim no interior do collegio, n'uma sala *ad hoc*.

«15.º Que o fallecido Manoel Antonio Ribeiro Gaspar (1) era irmão de frei Agostinho.

Taes são as informações que pude colher e que são corroboradas por um parente proximo e protegido de frei Agostinho.

Terei sempre o maximo prazer em receber as suas ordens, e creia V. Ex.ª ser verdade tudo o que affirmo. Quando, pois, V. Ex.ª entender que lhe posso ser util, mande o que se assigna — De V. Ex.ª etc.— Louriçal do Campo, 23 — 4 — 92. — *Sebastião Ramos Preto*.»

Como se vê, as importantissimas informações d'esta carta, que quasi formam a historia completa da casa, são corroboradas por um Relatorio official e por um parente proximo de frei Agostinho, além de muitas outras testemunhas que, como eu, presencearam todas ou parte das coisas que a carta refere.

(1) O sr. Manoel Antonio Ribeiro Gaspar, irmão de frei Agostinho, dignou-se ser padrinho de chrisma do auctor d'este livro, como prova de muita e reciproca amisade.

O Relatorio feito pelo sr. dr. Refoios não só confirma todas estas informações, mas *desenvolve* e *comprova* a maior parte d'ellas, com dados colhidos nos depoimentos das pessoas do collegio e nos proprios livros da casa, apesar de alguns estarem evidentemente falsíficados, como no mesmo Relatorio se prova.

Transcrevamos, pois, algumas passagens do Relatorio, que dizem respeito directamente aos dois pontos principaes — fundação do *asylo* ou *casa pia* para pobres por frei Agostinho — e — transformação feita pelos jesuitas do *asylo* ou *casa pia* em *collegio* para *ricos*.

A pag. 19 lê-se, com respeito á fundação do asylo e á passagem d'elle para o poder dos jesuitas:

> «O padre Antoni (1) declarou ser sómente director e administrador do collegio de S. Fiel; e interrogado sobre a origem e fundação do collegio e sobre quem é actualmente o dono e responsavel, apresentou, para satisfazer á 1.ª parte, a copia d'um requerimento do padre Agostinho da Annunciação, já fallecido, e d'uma portaria de 9 de março de 1852; e para satisfazer á 2.ª parte, um traslado de escriptura de compra e venda, lavrada em Lisboa nas notas do tabellião Joaquim Barreiros Cardoso, no livro 932, fl. 10. Da copia do requerimento vê-se que o padre Agostinho da Annunciação requereu ao governo de Sua Magestade auctorisação para fundar na freguezia do Louriçal *um estabelecimento de orphãos* ou *casa pia*, compromettendo-se a sustental-a por si e com esmolas dos fieis, pedidas para esse fim, e a fazer-lhe doação dos seus bens por sua morte. Da copia da portaria vê-se que lhe foi concedida auctorisação para fundar *uma casa pia*, foi-lhe recommendado n'essa portaria que calculasse bem se os meios de que dispunha, juntamente com as esmolas, seriam sufficientes para a sustentação da *casa pia;* e a portaria impôz-lhe a condição de ter estatutos approvados segundo a lei.
>
> E' de notar que esses estatutos não existem, segundo declaração do padre Antoni.
>
> Do traslado da escriptura vê-se que em 6 de novembro de 1873 o padre Agostinho da Annunciação fez escriptura de venda d'esse estabelecimento por dois contos de réis aos padres Georges Lambert, Ignacius Cory Scoles e Henry Foley, residentes em Londres — sendo procurador do vendedor José Fran-

(1) Jesuita professo italiano.

co de Sousa (1), proprietario, residente em Lisboa, rua do Arco Bandeira n.º 30, e sendo procurador dos compradores o padre Bernardino Pereira Monteiro (2), morador na rua do Quelhas n.º 6, freguezia da Lapa.

Apesar de ser officialmente extranha á sciencia juridica, tem a commissão sérias duvidas se por ventura o padre Agostinho podia fazer venda d'uma *casa pia*, embora instituida por elle, accrescendo a circumstancia de que o estabelecimento, vendido em 1873, comprehendia não só o estabelecimento primitivamente transformado em *casa pia* em 1852, mas além d'isso, com todos os melhoramentos que recebera á custa das esmolas, que decerto não pertenciam ao padre Agostinho, mas sim á *casa pia:* a commissão admira tambem o baixo preço da venda.

As duvidas da commissão teriam toda a rasão de ser, se frei Agostinho realmente vendesse a casa aos jesuitas para fazerem d'ella casa de negocio; mas o certo é que frei Agostinho consentiu n'aquella venda (?) ou melhor simulação de venda, porque, querendo passar em santo descanço os ultimos dias da sua já provecta idade, entendeu que os jesuitas conservariam ao estabelecimento o caracter de *casa pia*, isto é, sustentariam e educariam grande numero de orphãos, embora admittissem alguns alumnos que pagassem e auxiliassem com as mezadas os rendimentos da casa. E por isso, ao passo que permittiu a venda da casa, deixou em poder dos jesuitas as propriedades e mais legados que, por meio de esmola, obtivera para ella—signal de que não queria o dinheiro da venda, pois se tivesse cubiça de dinheiro, a primeira coisa que recolheria eram esses rendimentos, parte do seu patrimonio e parte que lhe tinham sido dados a elle, e não faziam corpo integrante da casa.

E' ainda o Relatorio que a pag. 23 nos informa sobre este ponto:

(1) No *Relatorio do Apostolado da Oração*, de 1884-1385, nas capas, 2.ª pag. lê-se que este sr. José Franco de Sousa (hoje fallecido) era administrador do *Mensageiro do Coração de Jesus*, revista dos jesuitas; portanto tinha intimas relações com os compradores.

(1) O padre Bernardino Pereira Monteiro é o thesoureiro e procurador geral de todos os jesuitas residentes em Portugal. E os padres inglezes que figuram na escriptura de compra e venda são jesuitas residentes em Londres e que nenhum conhecimento teem do collegio. Tudo foi simulado n'esta venda phantastica.

> «O director do collegio informou que a despeza mensal do collegio é, termo médio, 1:500$000 réis; e como esta verba de despeza é muito superior á receita proveniente das mensalidades dos alumnos, explicou o director que o resto da receita provém de propriedades que pertencem ao collegio, e que disse *terem pertencido* ao padre Agostinho, e de fundos publicos; e feita uma larga interrupção sobre este assumpto, calculou mais tarde em 1:200$000 réis o valor (note-se, não o rendimento) das unicas duas propriedades que citou, e disse que em fundos publicos tem uma inscripção de 1:000$000 nominaes, *legado* do Barão de Castello de Paiva, e mais no valor de 300$000 réis nominaes».

Os jesuitas não contam para o sustento e augmento do collegio só com estas verbas legadas pelo fundador e bemfeitores e com os legitimos rendimentos das mensalidades, como fazem os collegios seculares que são sèrios; contam com outras receitas, cuja proveniencia, se não é criminosa, é tal que elles a occultam o mais possivel até ás pessoas encarregadas officialmente pelo governo de as syndicar.

Leamos o Relatorio a pag. 24, onde, depois de se calcular, pelos algarismos dados pelo thesoureiro do collegio, que a quantia proveniente das mensalidades dos alumnos não corresponde á receita *escripta* nos livros da casa, accrescenta:

> «E' certo que os alumnos, sob a apparencia d'uma pequena mensalidade, pagam mais a titulo de despezas extraordinarias, em que entram merendas, etc.; mas isso não basta; a proposito de outras quantias necessarias para completar o algarismo da receita, a commissão dará conta do que encontrou a proposito de *irmandades*».

Agora é que nós entramos nas verdadeiras fontes de receita arranjada pelos jesuitas — *irmandades* e *heranças*.

Leamos o Relatorio, pag. 31 e 32, onde encontramos algarismos positivos, provenientes de *irmandades* e *devoções*, e onde se entrevê a existencia d'outras fontes de receita:

> «No livro de contas correntes vê-se que o dinheiro das missas, sermões, *esmolas*, etc., etc., tudo entra no cofre commum, o cofre do collegio; mas acham-se

n'elle verbas de *receita* que são d'uma grande significação. Assim, por exemplo, estas:

— Em 31 de dezembro de 1879 recebi do padre Moura por conta do *Apostolado*..... 36$615

— em março de 1880, encommendas do Apostolado da Oração ..... 87$820

No mez de junho de 1880, seguidamente uma á outra, estas duas verbas de receita:

— Encommendas para a Congregação de S. Luiz..... 43$625

— Encommendas do *Apostolado*..... 50$540

Pareceu á commissão que *encommendas* figurariam antes como *despeza*, do que como *receita;* e assim o manifestou (1).

Assim se explica como a receita do collegio é superior ás mensalidades dos alumnos; ha pelo menos esta origem de receita a mais.

Na receita apparecem tambem verbas com o seguinte titulo: — Objectos vendidos na portaria — ; a commissão sabe que esses objectos são bentinhos diversos.

A commissão não conseguiu que o director e capellães dessem informações harmonicas sobre este ponto: —se na egreja ha confrarias ou irmandades... Se foram todos uniformes em dizer que não havia confrarias, mas sim congregações ou devoções, foram da maior desharmonia no numero d'estas, no seu nome, na quota paga por cada um dos associados. No dizer d'uns, não ha quota fixa, cada um dá o que quer; segundo o padre Cappucci, cada associado da devoção de S. José dá 10 réis por mez, e ha muitos associados... Além d'isso as taes congregações ou devoções teem chegado até Castello Branco, e a commissão sabe que ha quotas fixas e muito mais elevadas, chegando algumas a 40 réis por semana.

A pag. 37 o Relatorio ainda attesta a existencia positiva d'outras verbas de receita, cuja procedencia os jesuitas se obstinaram totalmente em não declarar, signal de que não é muito lisa ou pelo menos legal e honrosa, pois ninguem deixa de manifestar o que não deshonra, quando a isso é compellido pela auctoridade.

Esta procedencia são as heranças, arranjadas sabe Deus como, e outras esmolas graúdas, que elles occultam.

(1) O reparo da commissão é muito justificado; mas essas *encommendas* são verdadeira fonte de *receita*, porque são objectos que os jesuitas vendem na rua do Quelhas, em Lisboa, como mostrei a pag. 340 e seguintes d'este livro.

> «Tem-se gasto na parte material do collegio e da egreja (annexa ao collegio e pertencente a elle), quantias importantissimas cuja origem se esconde. Occulta-se tambem ainda a proveniencia d'uma parte da receita actual: porque as obras do collegio continuam, gasta-se mais d'um conto de reis no gabinete de physica, constróe-se um ramal de estrada para dar mais facil accesso ao collegio, e para tudo isto é preciso dinheiro, cuja origem se não aponta e que o publico conhece. A commissão limita-se sobre este ponto a ajuntar a este relatorio uma petição articulada na acção de nullidade dos testamentos de Pedro de Pina de Carvalho e Falcão, e que corre impressa.

Como se conclue dos trechos transcriptos, os cavalheiros encarregados da syndicancia não encontraram muitas verbas de receita nos livros de contas que o director lhes apresentou. A razão d'isto, como se conclue do Relatorio, é dupla: a 1.ª é que os livros apresentados não foram *todos* os livros de contas que deviam existir n'um collegio com o movimento de 138 alumnos como tem o de S. Fiel; e a 2.ª é que os mesmos livros apresentados estavam errados, e portanto falsíficados por serem feitos á pressa.

O Relatorio, depois de dizer que aos syndicantes foi apresentado um livro de contas correntes, contendo unicamente dois annos, todo o de 1879 e o 1880 até ao principio de dezembro, época em que ali chegou a commissão de syndicancia, accrescenta a pag. 24:

> «O thesoureiro informou que não havia livro anterior 1879, porque os livros, depois de preenchidos, inutilisam-se; e esses eram importantes, porque d'elles deviam constar as importantes verbas de despeza nas obras do collegio e provavelmente a proveniencia da receita. O inutilisarem aquelles livros contrasta com o facto de terem guardado todos os que servem para tomar nota das despezas extraordinarias dos alumnos; estes foram apresentados.

O facto de dizer o thesoureiro d'um collegio de grande movimento que tinha inutilisado todos os livros de contas correntes anteriores, pelo facto de estarem preenchidos, conservando apenas os de dois annos, é uma prova evidente de se *occultarem* os livros que se exigem e não convém mostrarem-se, porque: 1.° qual é a casa importante que inutilisa os seus livros de conta corrente onde podem exis-

tir dividas, saldos, etc , e onde póde ser necessario procurar elementos para calculos futuros? 2.º qual é o estabelecimento que inutilisa livros de contas correntes, das quaes póde vir a ser necessario tirarem-se certidões, como adiante veremos com respeito a S. Fiel?

Claro está que nenhum negociante bom administrador admittirá que seja verdadeiro o facto de, n'um collegio, se inutilisarem livros de tal importancia, restando a convicção de que o thesoureiro faltou á verdade, no que parece concordar o Relatorio. Demais o thesoureiro não podia inutilisar taes livros, porque faltaria ás regras dos thesoureiros das casas da Ordem, escriptas no Instituto, e que são expressas n'este ponto, e exigem que o thesoureiro do collegio tenha e conserve não só um livro de contas, mas tres; e que não só os conserve emquanto fôr thesoureiro, mas que os entregue intactos ao seu successor, e que dê d'elles conta ao thesoureiro geral da Provincia, que a seu turno deve ter e conservar certos livros e dar d'elles contas a outros superiores maiores.

Houve, pois, evidentemente sonegação de alguns livros de contas.

E não houve só sonegação d'alguns livros, houve até falsificação nos apresentados, porquanto a pag. 24 do Relatorio lê-se a seguinte nota:

> «E' preciso notar que a verba de janeiro (1880) — 1:849$775 — é decomposta em duas: uma a vencida em janeiro (1880) — 1:320$995, e a outra, *saldo* do mez de dezembro (1879) — 528$780. E comtudo no livro apresentado via-se em dezembro de 1879 um *deficit*».

Este facto é curiosissimo e dá a medida da atrapalhação dos padres que, não tendo tempo sufficiente para se prepararem para illudir totalmente a syndicancia, como pretendiam, fizeram contas atabalhoadas, esquecendo-se de sommar parcellas e escrevendo saldos onde havia *deficits; deficits* que são muito dignos de reparo, e evidentemente falsos, porque, emquanto os livros accusavam aquelles *deficits*, o collegio ia gastando diariamente, mensalmente e annualmente contos de reis, com grandes obras de alargamento e engrandecimento da casa, obras constatadas e examinadas pela commissão.

No Relatorio, a pag. 75, vem um trecho curiosissimo a proposito d'uma verba do livro de contas, intitulada —*En-*

*commendas do Apostolado da Oração,* e da qual os padres a principio não souberam dar explicação immediata e de que só alguns dias depois mandaram por escripto ao sr. dr. Refoios uma nota explicativa, a respeito da qual s. ex.ª escreve:

> «Esta nota explicativa, que vinha com pretensões a ser mais uma burla ladina, é curiosa pelos seguintes motivos: 1.º não dá explicação de todas as verbas indicadas; 2.º depois de tantas difficuldades, apoz as quaes, emquanto estavamos no collegio, não foi possivel justificarem a despeza que nos queriam fazer acreditar como feita, foi preciso ficarem muito a sós para darem a conta, sem fornecerem documentos; 3.º tendo recebido, segundo diziam, aquellas quantias para differentes encommendas, as verbas de despeza apontadas pelo padre thesoureiro dão a somma da receita tão *exactamente* como se o fornecedor (?!) das estampas, quadros, etc., tivesse feito antecipadamente um orçamento. Em conclusão, burla tão clara, que toda a gente percebe.

Do que fica provado até agora, com o depoimento de testemunhas presenceaes, conclue-se que o Collegio de S. Fiel: 1.º foi fundado em 1852 por frei Agostinho da Annunciação, ex-franciscano, para servir de *asylo* ou *casa-pia* a orphãos d'ambos os sexos — (no plano primitivo, que eu vi e anda estampado em algumas lythographias de S. Fiel, a egreja dividia e separava totalmente a casa em dois corpos differentes, ficando a um lado os meninos e a outro as meninas); 2.º que o estabelecimento foi queimado por um incendio ahi por 1862; 3.º que foi reedificado pelo mesmo frei Agostinho com os rendimentos do seu patrimonio e com o poderoso auxilio de pessoas caritativas e muito especialmente da Infanta D. Isabel Maria; 4.º que reedificada a casa, com bens particulares do fundador e com grandes esmolas, continuou a servir para o mesmo fim de educar *gratuitamente* pobres e orphãos; 5.º que com a expulsão dos Lazaristas e irmãs da Caridade, frei Agostinho chamou os jesuitas para ministrarem o ensino e dirigirem a educação, ficando porêm debaixo das suas ordens e depois debaixo das do padre Antonio Justino — (não sei precisamente o anno em que alli entraram os jesuitas, creio que foi talvez em 1867; em 1870 já alli os encontrei eu e já era director o jesuita padre Ignacio Leva, italiano, que succedera no cargo a outro jesuita o padre Salvatore, tambem italiano.)

6.º que em 1873 frei Agostinho entregou totalmente o estabelecimento aos jesuitas, exigindo estes uma simulação de venda com o pretexto de cohonestarem a transição, mas com a intenção preconcebida de se livrarem mais tarde das peias de caridade do bom frade; 7.º que depois d'esta venda simulada o collegio ainda ficou com elementos pecuniarios sufficientes para sustentar muitos orphãos, sendo estes elementos — 1.º legados de frei Agostinho, do Barão de Castello de Paiva etc.; 2.º *esmolas* e heranças avultadas como a de 40 contos de Pedro Pina e outros que teem dado para alargar muitissimo a casa e comprar boas propriedades; 3.º dinheiro de bentinhos, irmandades ou associações etc. etc.; 4.º o proprio dinheiro dos pensionistas.

8.º que, apezar de todos estes elementos pecuniarios, parte legados de beneficencia, parte dados a titulo de esmola, os jesuitas tiraram totalmente o caracter de beneficencia áquella casa, dando-lhe o do mercantilismo, não só *diminuindo* successivamente o numero dos *gratuitos* (em vez de o augmentarem, visto em 1881 terem recebido uma herança de 40 contos), mas acabando totalmente com os *pobres*, orphãosinhos, que são a canalha vil e plebea, que não tem dinheiro, nem honra, nem influencia para dar. Em contraste com a *diminuição* constante e final *suppressão* dos pobres *gratuitos*, o numero dos ricos e dos que podem *pagar* tem augmentado constantemente.

E' esta a *obra jesuitica* em S. Fiel.

Como o ponto mais importante da presente publicação é desmascarar *a obra* jesuitica, mostrando que não só não é caritativa, mas que é gananciosa, e cruelmente expoliadora dos tristes e magros soccorros dados aos pobres por pessoas beneficentes, quero deixar este ponto bem explicito, em face de indicações precisas e documentos officiaes.

Em outubro de 1870, com oito annos de edade, fui enviado por meus paes, a conselho de meu tio, para o Collegio de S. Fiel. Mas não fui como *interno*. Em 1870 os *internos* do collegio de S. Fiel eram todos ou quasi todos *gratuitos*. Fóra do collegio, na aldeia proxima, do Louriçal do Campo, havia um sujeito, chamado Domingos, que tinha uma casa particular onde se hospedavam alguns estudantes, que *pagavam* hospedagem e alimentação, indo assistir diariamente ás aulas no collegio, que lhes eram franqueadas gratuitamente. Lembro-me que havia então n'essa casa uns sete ou oito rapazes, sendo eu um d'elles; e lembro-me tambem que nos principios de 1871 morreu o tal Domingos,

passando a casa a um tal Antunes, que, segundo me consta é hoje professor primario na Covilhã.

Em outubro de 1871 tomou conta do governo do collegio, de S. Fiel o jesuita, padre João Baptista de Antoni, o qual modificou o regulamento interno do collegio, *admittindo* mais alumnos pensionistas que *pagavam* a pequena mensalidade de 4$500 mensaes. Estes pensionistas eram poucos, e eu fui um d'elles, pois tive de passar de externo a interno, não só porque acabou a casa particular que dava hospedagem a estudantes, mas porque meu tio exigiu que a minha educação fosse mais presa.

D'aqui data o predominio dos jesuitas em S. Fiel. Porque n'este tempo já frei Agostinho, velho e cançado, tinha sahido de S. Fiel, retirando-se para o Varatojo, onde falleceu ha bastantes annos, e a administração superior da casa tinha sido confiada, pelo fundador, ao padre Antonio Justino, homem timido, já muito velho e gasto, que conheci perfeitamente, e que deixava correr tudo totalmente á mercê e vontade dos superiores jesuitas. Frei Agostinho não entregou absolutamente a administração do collegio aos jesuitas, entregou-a ao dito padre Justino; mas como este começou a soffrer de continuos achaques, sem se poder mover facilmente, nem observar o que se passava, os jesuitas foram-se assenhoreando do estabelecimento, até que, fallecendo pouco depois o bom velho, exigiram a frei Agostinho a simulação da venda do collegio, com o pretexto de legalisarem a sua estada ali. Frei Agostinho accedeu; a venda fez-se em 1873, mas em breve os jesuitas começaram a mostrar a sua *obra*, diminuindo o numero dos orphãos e começando a alargar a casa, que foram enchendo com pensionistas.

Frei Agostinho, depois de effectuada a simulação da compra, teve a infelicidade de viver mais algum tempo para ter conhecimento da deshonrosa transformação que os jesuitas estavam dando á sua obra de beneficencia. Um sacerdote, que exerce um logar importante entre o clero portuguez, referiu-me ainda ha pouco tempo que frei Agostinho, desgostoso com o procedimento dos jesuitas em S. Fiel, escrevera ao Geral dos mesmos, Pedro Bekx, queixando-se-lhe do facto, e citando-lhe a caridade de S. Ignacio de Loyola e outros santos jesuitas, e que o Geral lhe respondera com uma carta muito amavel, dizendo-lhe que desculpasse, porque, infelizmente, nem todos os jesuitas eram tão perfeitos como S. Ignacio de Loyola, e que elle ia dar as suas providencias, no sentido de se corrigir qualquer imperfeição

Se o Geral deu ou não as providencias, não sei: o que sei é que a *obra* jesuita não só não parou, mas continuou, até acabar totalmente com a existencia de orphãos gratuitos.

Mas o mais curioso é que, apesar d'isto, os jesuitas querem passar por caritativos, e fazem constar que certos alumnos estão no collegio como gratuitos, quando isso é totalmente falso. Conheço dois meus antigos condiscipulos, que no collegio sempre passaram por *gratuitos*, e, comtudo, como ultimamente fui informado, nunca o foram, porque, embora as familias fossem pobres e não tivessem dinheiro para pagar, havia outras pessoas caridosas que *pagavam* por elles ao collegio; entretanto o collegio ficava com a fama de caritativo, e as pessoas, que realmente eram caridosas e sustentavam aquelles alumnos, ficavam na sombra.

Além d'estes dois factos, que hoje conheço, o Relatorio, a pag. 17, apresenta-nos outros do mesmo genero:

> «Alguns dos orphãos sabe a commissão que teem sido sustentados, não pelo collegio, mas por individuos extranhos, a quem os padres por vezes pedem; o collegio recebe para isso mezadas, e d'este facto ha assentos feitos no livro de contas correntes do collegio. Se os ha assim actualmente, não o sabe a commissão (1).

A pag. 68 o Relatorio transcreve do n.º 24 do *Povo Portuguez*, da Guarda, o seguinte:

> «A proposito de orphãos, vem a pello dizer que os jesuitas de S. Fiel foram dando de mão a alguns, que havia do tempo de frei Agostinho da Annunciação, ficando só aquelles a quem notavam alguma intelligencia e vocação jesuitica, e cujas mensalidades estivessem a cargo de alguma alma caridosa. De um bemfeitor sabemos nós, que contractou por 100 libras adeantadas a educação d'um orphão, durante quatro annos.
>
> Notando que a mensalidade era de 6$500, vemos que no fim de 4 annos o *orphão* entrava com a quantia de 450$000 réis, ficando o restante para livros e vestuario, que se resume a uma sotaina e a alguma

(1) Eu posso testemunhar á commissão que dois alumnos que na occasião da syndicancia eram tidos geralmente pelos condiscipulos como alumnos *gratuitos*, não o eram realmente, porque pessoas caridosas lhes pagavam regularmente as mensalidades. Esses dois alumnos ahi estão promptos a testemunhar a verdade.

roupa branca, que deixavam em pessimo uso os mais alumnos: chegando a andar em pleno inverno os pobres orphãos com calças de cotim!!... Do calculo, que fizemos, veem pois os leitores que 100 libras era uma quantia sufficiente para os jesuitas não chamarem *orphão* ao alumno de que fallamos.

As noticias da commissão a este respeito vão só até ao fim de 1880, epocha da syndicancia. Posteriormente áquella data, informa, como já vimos, o sr. Sebastião Ramos Preto que actualmente não consta que no collegio haja alumnos *gratuitos;* e quando eu alli estive, como professor, no anno lectivo de 1885 a 1886, já não me constou que existisse lá algum alumno *gratuito.*

Mas n'este particular ainda ha mais a observar. E é o seguinte:

A maior parte dos poucos alumnos *gratuitos*, que entraram depois de 1871, foram conservados e educados no collegio com intuitos de proselytismo religioso, para fazerem d'elles jesuitas, como fizeram d'uma boa parte, cujos nomes já ficam citados na 3.ª parte d'este livro. De modo que a *gratuitidade* para com esses não foi caridosa, mas com o fim de se approximarem d'elles, levando-os seduzidamente a seguil-os e a servir-lhes as suas ideias, ganhando depois dinheiro para a Ordem, como professores nos seus collegios, e como padres com as esmolas das missas, dos sermões, etc., etc. De modo que exploraram as pobres creanças, educando-os *gratuitamente* para os seduzirem a fazerem-se jesuitas como fizeram.

Em resumo: os jesuitas encontraram em S. Fiel uma casa de beneficencia para educação *gratuita* de orphãos pobres; e depois, apesar de obterem muito dinheiro a titulo de *esmolas* para os pobres, acabaram com a educação *gratuita* d'essas desgraçadas creanças e trataram de receber só gente que pagasse.

E isto não o disse eu, disseram-no pessoas auctorisadas e documentos officiaes. E d'esses documentos officiaes deprehende-se a cada passo que os proprios jesuitas acham a sua *obra* tão vergonhosa que occultam livros, contradizem-se nos depoimentos, e falsificam contas.

Sendo muito para reparar que o primeiro a contradizer se, e a faltar á verdade descaradamente seja o proprio director do collegio, e em coisas muito graves para a boa fama dos padres; porquanto existindo pegadas ao quintal do collegio umas casas, onde (Relatorio pag. 34, 75 e 76),

vivem só mulheres novas e solteiras ou mulheres separadas dos seus maridos, o director declarou á commissão «que não lhe é agradavel que venham para alli viver aquellas mulheres», e por outro lado a commissão foi informada que o mesmo director adeanta ás vezes dinheiro para essas casas e dirige a parte technica, sendo essa informação dada á commissão «por pessoas da visinhança, que não se limitaram a uma affirmação vaga, mas contaram casos comprovativos».

Ahi está a *obra* jesuitica, de que elles mesmos se envergonham, e ahi está o credito que merecem os professores e directores do collegio de S. Fiel, e de quejandos estabelecimentos de ensino.

V

## A GRANDE ACCUSAÇÃO DOS MEUS ADVERSARIOS

Uma das accusações, que os catholico-jesuitas mais atiçaram contra mim, foi a da ingratidão. E comtudo essa accusação é falsa, como todas as outras, e vem provar mais uma vez a falta de sinceridade e de boa fé d'esses pseudo-bons-homens.

A accusação teve por unico fundamento uma noticia *anonyma*, que appareceu na *Palavra* (n.º 146, 1 de dezembro de 1891) logo no principio da questão.

Honroso criterio de gente que quer passar por sincera!

Eu escrevi um livro, *assignei-o* com o meu nome e profissão, tomando a responsabilidade de tudo quanto escrevi, que a não ser verdadeiro me deshonrava a mim e á minha posição official; e, apezar de tudo isto, os catholico-jesuitas gritaram que eu não merecia credito e negaram, sem provas, tudo quanto escrevi, só pelo facto de eu o ter escripto.

Em seguida vem um *anonymo*, que se intitula «ex-alumno do collegio de S. Fiel», escreve na *Palavra* um artigo, em que critica o meu livro declarando não o ter lido, e accrescenta que eu estive «bastantes annos, como alumno *gratuito*, cursando com aproveitamento» no collegio de S. Fiel; e, apezar do auctor do artigo ser *anonymo*, apezar de se apresentar a fazer a critica d'um livro declarando préviamente não o ter lido, immediatamente todos os catholico-jesuitas, que querem passar por sinceros, desde os padres Correias aos padres Capellas, todos sem excepção, começam d'alli por deante a gritar e a repetir, em jornaes e livros, que eu era um ingrato, porque tendo sido edu-

cado *gratuitamente* pelos jesuitas, agora os vinha atacar e combater.

Serão sinceros os homens que procedam assim, desde os padres Correias aos padres Capellas?

Não o são com toda a certeza: um homem sincero não acredita nunca um *anonymo* que accusa, e muito menos quando este se apresenta com tão detestavel criterio. Para os homens sinceros nunca valeu mais o dito d'um *anonymo* irresponsavel, do que o dito d'um individuo que presenceou os factos e assigna a sua obra e a chancella com o seu nome e a responsabilidade da sua posição. Symptomatico criterio de gente!

Ora bem, senhores catholico-jesuitas, a noticia dada pelo tal *anonymo*, e a que os senhores deram credito só porque era contra mim, embora a sã rasão exigisse reserva em acreditar, era uma noticia *falsa*.

Eu não fui alumno *gratuito* do collegio de S. Fiel. Paguei e paguei carissimo; porque não só paguei com o dinheiro, mas paguei com a propria independencia que me roubaram, seduzindo-me a entrar na Ordem d'elles e trazendo-me enganado muitos annos.

Como já disse no capitulo anterior, fui para o collegio de S. Fiel, como *externo* e *pagando*, em 1870. Em abril de 1871 falleceram um apoz outro minha mãe e meu pae, ficando meu tutor, meu tio, o padre João Grainha, que nunca deu contas d'esse tutoria, e eu continuei como *externo* e pagando, na casa onde estava hospedado. Em outubro de 1871 entrei no collegio de S. Fiel, como *interno*, mas *pagando*, sendo dos poucos pensionistas que então foram admittidos: lembro-me muito bem d'isso. Entretanto fez-se a liquidação da casa de meus paes, restando ainda, além d'outras coisas, dois predios que só foram alienados dezaseis annos depois.

A renda d'elles era mais que bastante para fazer face á pequena mezada de 4$500, que então se pagava no collegio, sendo eu o unico dos irmãos que então estava a educar.

Não havia pois motivo para eu estar no collegio como *gratuito*; nem a rapacidade dos padres o consentiria, tendo eu, como tutor, um tio abastado e tão affecto aos jesuitas que até lhes pagava mensalidades para educarem algumas creanças pobres, de que elle queria fazer jesuitas ou pelo menos padres, além de grossas esmolas que sempre deu aos jesuitas, não só de S. Fiel, mas d'outras terras

do reino, como é summamente facil provar e como veremos no capitulo seguinte.

De mais, esse meu tio não só era meu tutor, mas tinha obrigações contrahidas para com a minha familia, porque, como já vimos, foi elle que contribuiu para a sua queda material, além d'outros motivos, que por agora resolvo calar, mas dos quaes ha testemunhas vivas e promptas a depôr em abono da verdade. E, se em algum periodo o pagamento das mensalidades não foi feito regularmente pelas difficuldades d'uma liquidação, é certo que tudo se pagou integralmente como fui informado verbalmente pelo meu tutor; sendo portanto falsarios e não sinceros os que se quizeram aproveitar d'esse pequeno periodo de tempo para me aggredir.

De tudo isto se conclue que é falsissimo que eu fosse alumno *gratuito* do collegio de S. Fiel; e tanto o não fui que eu proprio tinha sempre algum dinheiro, pouco ou muito, á minha disposição n'uma caixa que existia no collegio para esse effeito, e com elle não só pagava a assignatura d'alguns jornaes jesuitas, que nos impingiam, como o *Mensageiro* e creio que a *Ordem*, mas até dava esmolas para a Congregação de N. Senhora, etc., etc., o que deve constar dos respectivos livros, se os padres não lhes fizeram o mesmo que aos livros de contas correntes lá da casa. Esta é que é a verdade dos factos; sendo portanto falsidade o que noticiou o tal *anonymo*.

Supponhamos, porém, que durante certo periodo, ou mesmo durante todo o tempo, eu fosse educado *gratuitamente* no collegio de S. Fiel. Deveria eu gratidão por isso aos jesuitas? Não. Aos jesuitas nada devia; deveria gratidão, e muita, a frei Agostinho da Annunciação, que foi o fundador do collegio, o que deu e creou fundos para a educação *gratuita* de orphãos, fundos que os jesuitas, como já vimos, roubaram aos orphãos, para os fazerem render em seu proveito. Aos homens que, não dando nada de seu, roubam as creancinhas pobres, como provam relatorios officiaes, não devo gratidão; consagro desprezo e odio, como lh'o consagrarão todas as pessoas de bem. Ao bemfeitor dos pobres, a frei Agostinho, a esse consagro o mais profundo affecto, e prézo tanto o seu nome e o da sua familia, que escolhi para meu padrinho de chrisma um irmão d'elle, já hoje fallecido, o sr. Manuel Antonio Ribeiro Gaspar.

Mas concedamos ainda por um momento que realmente eu fosse educado *gratuitamente* pelos jesuitas e com di-

nheiro dos proprios jesuitas. A accusação de *ingrato* ainda não tinha valor.

Que culpa tenho eu que alguem me mettesse n'um collegio de jesuitas, quando eu tinha apenas oito ou nove annos, e me conservasse lá até aos quinze, com o intento manifesto e calculado de me seduzirem para abraçar o jesuitismo, como seduziram e como abracei?

Que responsabilidade tem uma creança n'aquillo a que o obrigam os tutores?

Que agradecimento deverá uma creança a individuos que o educassem *gratuitamente*, mas dando-lhe uma educação falsa e enganadora, escravisando-lhe o espirito, tolhendo-lhe o desenvolvimento intellectual, e servindo-se d'essa educação para levarem essa creança a servir-lhes mais tarde de meio de enganar outros e ganhar dinheiro para elles?

Uma creança assim enganada scientificamente, e seduzida religiosamente, deve gratidão aos seus enganadores e seductores, embora gratuitos, ou deve-lhes aversão e odio?

Toda a gente sensata dirá que essa creança, quando mais tarde fôr homem, deve ter aversão e odio aos taes gratuitos enganadores e seductores.

Ponhamos um exemplo. Supponhamos que uma d'essas companhias de cavalheiros de industria, compostas de malfeitores que vivem do roubo e do assassinio, como se teem descoberto algumas, apanha na rua uma creança abandonada, a leva comsigo, a educa para a tornar apta a perpetrar os roubos e crimes que são a sua divisa e officio. Essa creança, quando a mesma illustração que lhe deram e o progresso da idade lhe mostrar a maldade da companhia que o educou, deve por ventura ficar com aquella gente toda a vida, praticando o que ella pratica e que lhe ensinaram a praticar, ou deve vir a publico gritar contra tal companhia e denunciar á policia essa horda de malfeitores, por quem teve a infelicidade de ser educado e seduzido?

Toda a gente sensata dirá que este ultimo procedimento da creança, quando fôr homem, é o acertado, o justo e o honroso; e que até mereceria ser premiado pela sociedade o individuo que tal fizesse.

Pois bem: foi precisamente o que me aconteceu a mim; só com a differença de que eu ainda em cima gastei dinheiro em receber aquella educação, com que me enganaram e seduziram.

Dir-me-hão, porém, os leitores que eu tenho um meio

melhor de responder á accusação, que é requerer por certidão ao director do dito collegio, para que elle passe do que constar a respeito dos meus pagamentos ou gratuitidade.

Ha esse meio, é verdade. E foi esse até o primeiro que me occorreu, e que empreguei, e com toda a franqueza.

Logo que vi a accusação circular em todas as publicações jesuiticas contra mim, escrevi ao director do collegio de S. Fiel pedindo-lhe cortezmente que me quizesse passar certidão do que constasse nos livros da casa.

Bem sabia eu a difficuldade que os jesuitas teriam n'esse ponto, vistas as informações officiaes, que transcrevi nos capitulos anteriores, do sr. dr. Refoios. Os jesuitas nada pódem dizer dos livros de conta corrente anteriores a 1879, pois disseram á Commissão official de syndicancia «que os tinham inutilisado». Ora, tendo eu estado no collegio de 1871 a 1877, nada pódem dizer d'esse periodo, cujos livros foram destruidos, segundo elles disseram, ou foram occultos, segundo me disse a mim o mesmo jesuita que arranjou a tramoia, de que já dei conta n'outro livro.

Em face d'estas difficuldades, eu esperava uma carta do Director, que fosse muito jesuitica, sem nada dizer. E, como o calculava, assim se deu.

Os leitores, bem lembrados do capitulo antecedente, vão lêr e julgar a resposta do director do collegio de S. Fiel, que é a seguinte:

> «Ill.mo Sr. — Pede-me V. S.ª em sua carta de 5 do corrente que o informe quanto tempo esteve V. S.ª como gratuito, durante a epocha em que foi alumno d'este collegio de S. Fiel, e que informe, diz V. S.ª, segundo o que constar dos livros d'esta casa.
>
> Naturalmente V. S.ª esqueceu-se de que nem os livros d'este collegio escaparam a seu dente calumniador, pois affirma V. S.ª na pag. 359 da sua obrasinha que na occasião da syndicancia foi alterada toda a escripturação d'esta casa, trabalhando-se n'isso tres dias e tres noites e guardando-se os verdadeiros livros em logar occulto. Quer agora informações baseadas sobre uma escripturação que V. S.ª não se correu de chamar falsificada?
>
> Não conheci nunca senão uma especie de livros: serão estes os falsificados ou serão os que estiveram mettidos no tal logar occulto que V. S.ª engenhou? Em todo o caso que fé podem merecer a V. S.ª? Pobres livros! Consolam-se com os livros santos de Deus que V. S.ª não tracta melhor a pag. 229 da sua dita obrasinha.

De mais a mais, não é airoso a um bemfeitor alardear as esmolas, que reparte. Para informações tem V. S.ª os seus bons tios que se incumbiram da sua educação.

Deus Nosso Senhor haja dó e piedade de V. S.ª é o que pede todos os dias — Um creado de V. S.ª — S. Fiel 17-2-92.—O director do collegio de S. Fiel.»

Esta carta não tem outra assignatura, mas consta-me que o director é o sr. padre Luiz d'Abreu Campo Sancto, o tal cuja falsidade official perante a commissão de syndicancia já ficou provada a pag. 385 d'esta obra. N'esse tempo, em 1880, ainda o sr. padre Campo Sancto era apenas professor do collegio; hoje já é director.

Esta carta é curiosissima por todos os lados que a miremos. Diz que eu quero informações baseadas n'uma escripturação que eu declarei falsificada. O que eu queria era que o director se espetasse como espetou. Elle diz que «nunca conheceu senão uma especie de livros»; ora eu pergunto-lhe se n'essa especie estão os livros que desde 1871 a 1877 o seu antecessor disse officialmente que estavam inutilisados. Se n'essa especie estão esses livros, de 1871 a 1879, e sua rev. os conhece, tendo começado a ser director só depois de 1888, claro está que elles existem e o seu antecessor faltou á verdade; se n'esta especie de livros não entram os de 1871 a 1879, com que direito insinúa no final da carta que é meu bemfeitor, não existindo os unicos livros por onde poderia saber e com que poderia provar que era meu bemfeitor?

Emquanto ao que eu disse no outro livro a respeito da tramoia dos livros de contas correntes, remetto-o para o que transcrevi do Relatorio do sr. dr. Refoios. Emquanto a dizer que eu posso pedir informações a meus tios, responderei: 1.º que era o collegio a entidade legal que as devia dar exactas pela escripturação, que nenhum estabelecimento sério inutilisa; 2.º que só um de meus tios, o padre dr. João Grainha, é que sabia d'essas coisas, porque só elle era meu tutor e só elle tratou d'isso e nunca deu contas a ninguem dos seus actos de tutor; 3.º que esse meu tio, quando o sr. director me respondia, já estava incapaz de raciocinios coherentes, fallecendo poucos mezes depois; 4.º que o sr. director sabia isso muito bem, assim como sabia que, sendo esse meu tio tambem jesuita, pelo menos dos *terceiros*, elle diria só o que conviesse. E teria ainda a responder outras coisas, mas essas serão para outro logar, se fôr necessario.

De resto, a carta do sr. director está perfeitamente pau-

tada pelos moldes jesuíticos e não responde ao que *devia* responder, se fosse um director sério d'um estabelecimento sério. E o homem, que hoje como director occulta uma certidão que se lhe exige, revela a mesma falta de caracter com que em 1880 disse officialmente a uma commissão official que «estudára sem mestres», quando eu conheço perfeitamente alguns dos que teve.

VI

# A CASA E A EGREJA DOS JESUITAS NA COVILHÃ

Uma das terras de provincia, onde mais se tem evidenciado a obra gananciosa e especuladora dos jesuitas, é sem duvida a Covilhã. A *obra* chegou a tornar-se tão sensivelmente escandalosa que já não ha na Covilhã pessoa sensata e independente que a não censure. Tem me chegado aos ouvidos uma multidão de informações e queixas gravissimas n'este sentido.

Historiemos: e o leitor fará o juizo que entender.

Ahi por 1865 ou 1866 chegou á Covilhã um jesuita, o padre Nicolau Rodrigues, hespanhol, que se hospedou em casa de meus tios, os padres Grainhas, onde viveu bastante tempo. Entretanto o dicto jesuita, de accordo com meus tios, tratou de estabelecer na Covilhã uma *Residencia* da Ordem, alugando para esse effeito uma pequena e modesta casa na rua de S. Thiago. Os primeiros jesuitas que a habitaram foram os padres, Nicolau Rodrigues, hespanhol, Sangaglia, italiano, e Miranda, portuguez.

Temos, portanto, tres jesuitas na Covilhã. Vejamos o que fizeram. E, primeiro, vejamos o que deveriam fazer, se seguissem o exemplo do Jesus dos Evangelhos, e dos santos mais venerandos da Religião Christã.

Na Covilhã, por esse tempo, ainda não havia um *asylo* para creanças pobres e desamparadas. Ainda hoje mesmo se póde dizer que o não ha; porque o pequenissimo asylo, ha annos estabelecido pela Camara Municipal, bem pouca cousa

é para a multidão de creanças que, n'uma terra tão epidemica, como aquella tem sido, ficam annualmente abandonadas á miseria, sem pae nem mãe. Em todo o caso a iniciativa da Camara é digna de elogio.

Tambem faltava na Covilhã um bom *hospital*, amplo, e capaz de conter os doentes pobres, que, para a grande população trabalhadora da cidade, devem ser, e realmente são, muitos. E tanto assim que a Camara, e alguns cavalheiros mais illustrados e distinctos da terra, trabalham actualmente em fundar um grande hospital no sitio de S. Antonio.

Na Covilhã tambem faltavam *escolas nocturnas* bastantes para ensinar aquella excellente classe manufactureira, que é enorme, e infelizmente, em grande parte, analphabeta.

A' chegada dos jesuitas á Covilhã, faltavam, pois, *asylo*, *hospital*, e *escolas*, n'aquella cidade laboriosissima e benemerita, onde a pobreza, a miseria e a ignorancia do povo contrastam pasmosamente com o seu valor e trabalho.

Se os jesuitas recemchegados seguissem verdadeiramente as doutrinas de Jesus, e os exemplos dos Santos Padres da Egreja, que chegaram a vender os calices sagrados para soccorrer os orphãos e os pobres, que deveriam fazer? Deviam procurar fundar esses estabelecimentos, que faltavam, persuadindo a isso as pessoas auctorisadas, angariando esmolas para esse effeito, e dando a essas obras de caridade não só o seu apoio moral, mas todo o seu tempo e serviços pessoaes.

Fizeram tudo isto? Ou fizeram pelo menos alguma d'estas coisas? Não; não.

Então o que fizeram?

Construiram uma boa casa de vivenda para elles proprios, e construiram, tambem para seu serviço proprio e exclusivo, e junto á sua casa, uma egreja, talvez a maior da Covilhã, com uma torre muito altã, havendo já n'essa terra muitissimas egrejas, e, por signal, que duas d'ellas, e muito amplas, estão apenas a 30 ou 40 metros da que edificaram, e são a da Misericordia e a de S. Pedro.

Mais. Para a edificação da sua casa, da sua egreja, e da sua torre, pediram dinheiro, de esmola, á gente da terra, havendo esmolas de libra, semanal ou mensalmente; e obtiveram que os altares da egreja fossem feitos á custa de amigos e devotos.

Mais ainda. Depois de edificada a egreja, ainda continuaram a pedir e ainda pedem hoje e pedirão constantemente: dizendo-se até vulgarmente na Covilhã que a *fabrica* que na

terra rende mais é a Egreja dos Jesuitas. Calculam individuos de lá, que me narram os factos, que não deve render menos de 15:000$000 a 20:000$000 réis annualmente, attenta a grande quantidade de *irmandades, congregações, bentinhos, livrinhos*, etc., com que elles fazem negocio.

Um dos mais illustrados sacerdotes covilhanenses, que conheço, como prova dos estratagemas empregados pelos jesuitas para obter dinheiro, mostrou-me um impresso, feito e assignado por jesuitas em 1874, e que elle guardava ha annos religiosamente, auctorisando-me a que o trasladasse aqui.

E' como segue.

*«Eu sou o Coração de Jesus, que habito na Egreja de S. Thiago, e venho pela primeira vez provar a sinceridade com que vos consagrastes a mim no dia 9 de novembro do anno proximo passado, pela offerta com que concorrerdes a solemnisar a festa da conclusão do mez de junho, que será celebrada no segundo domingo, 12 de julho, na Egreja onde Eu habito.*

*Covilhã, de Junho de 1874.*

O director
*P. Francisco Xavier de Miranda* (jesuita)

O thesoureiro
*Luiz Antonio de Carvalho* (negociante)

O secretario
*Antonio d'Almeida Moreira* (não conheço)

Pelos zeladores e zeladoras
*P. Nicolau Rodrigues* (jesuita)»

O illustrado sacerdote, que me entregou este documento, dizia-me: Veja que perfidia para enganar o povo e attrahir dinheiro á sua Egreja! dizem que o Sagrado Coração habita n'ella, como se não habitasse em todas as outras! E depois mettem a fallar o proprio Coração de Jesus, e afinal .. são elles os que subscrevem! Fazem do Coração de Jesus um pedinte, e são elles os que embolsam o dinheiro!

E a este proposito, abriu-me o livro do Abbade Ducreux, *Os seculos Christãos ou Historia do Christianismo*, onde no tomo quinto pag. 139 se conta do hereje Tanchelino o seguinte:

«Tudo quanto lhe davam (a Tanchelino) era pouco; e para excitar a liberalidade dos que seduzira inventou um estratagema digno da sua impiedade. Prégava n'uma praça publica em Anvers, e mandou vir uma imagem da Santissima Virgem e ajuntando a sua mão com a da imagem disse com grande insolencia: «Mãe de Deus, eu vos recebo n'este dia por minha esposa»; depois voltando-se para o povo, que á vista d'esta profanidade se devia levantar contra elle, continuou dizendo: Bem vêdes que me tenho desposado com a Santissima Virgem: a vós é pois que toca supprir os gastos de tão excellente desposorio: aqui estão dois cofres: os homens e as mulheres tragam separadamente as suas offertas, para que eu possa julgar qual dos dois sexos tem maior amor a mim e a minha esposa. As mulheres distinguiram-se na generosidade, privando-se do mais precioso que tinham para depositar aos pés do impostor.»

Lido o trecho, o sacérdote notou a grande similhança, que havia entre o hereje Tanchelino e os jesuitas da Covilhã: aquelle dizia que se desposara com a Santissima Virgem e que por isso lhe levassem dinheiro, estes dizem que o Coração de Jesus habita lá em casa d'elles e que por isso lhes levem dinheiro. Bem apanhado.

Depois comparava tambem o povo de Anvers, que se deixou enganar e embair, com o povo da Covilhã, que tambem tem escorregado com os cobres. Eu, porém, fiz-lhe n'este ponto uma advertencia, observando-lhe que o povo da Covilhã já se não deixa cair tanto na esparrella. Elle concordou, mas advertiu que teem sido necessarios milhares de desillusões, para que alguns, só alguns, os vão conhecendo.

VII

## OS JESUITAS EM OUTRAS CIDADES

Alem das terras mencionadas, os jesuitas ainda teem *Residencias* em outras cidades do paiz, como em Lisboa (Rua do Quelhas, 6), no Porto (Rua da Boavista, 142), em Braga (Rua de S. Barnabé) e em Castello Branco, etc.

Em Lisboa, como na Covilhã, a sua *Residencia* pega com um collegio de meninas, dirigido por freiras Dorotheias.

A respeito da obra jesuitica n'estas *Residencias* pouco ou nada ha a dizer de novo ou differente do que já fica dito com referencia a outras suas casas.

E' sempre a mesma falta e carencia absoluta de beneficencia.

Em nenhuma d'estas cidades ha ou houve jesuita algum, se exceptuarmos Rademaker, que tenha fundado um unico estabelecimento para educação *gratuita* de pobres.

No Porto ha muitos estabelecimentos pios, mas nenhum fundado por elles. Os asylos para ambos os sexos, as casas para orphãos, a officina de S. José... nada se deve aos jesuitas, é tudo obra de seculares, sacerdotes ou leigos.

Em Braga, ha asylos para meninas orphans como o da Tamanca, ha o collegio da Regeneração para mulheres perdidas, a officina de S. José para educação artistica de rapazes pobres; mas tudo isso se deve a seculares, sacerdotes ou leigos, que os sustentam e dirigem.

O mesmo podemos dizer com respeito a Lisboa, onde diversas commissões seculares de beneficencia teem me-

lhorado, de modo muito honroso e caritativo, a situação das creanças pobres e desamparadas.

Com respeito aos jesuitas, o que encontramos em toda a parte é que elles teem procurado arranjar boas vivendas e ricas capellas e Egrejas para elles... e para os pobres... nada.

E' contra esta *acção* jesuitica, anti-liberal, anti-misericordiosa, e vilmente exploradora, que o meu espirito se revolta irresistivelmente.

E' essa *acção*, que conheço intimamente e que acabo de relatar, que me leva a combater o jesuitismo por todas as fórmas e em toda a parte e occasião.

Eu reverenceio e adoro a figura profundamente sympathica, liberal e humanitaria de Jesus, que viveu sempre pobre e humilde; eu venero alguns sanctos, do calendario da Egreja, que vivendo pobremente, sem ostentações nem vaidades, se dedicaram de alma e coração ao soccorro dos pobres e miseraveis; eu conservo toda a saudade e carinhosa recordação de dois sanctos homens, cujos nomes ficam n'estas paginas, fundadores de *asylos* para pobres, em cujo amparo dispenderam os seus haveres; eu curvo-me, ainda hoje, reverente deante de todos aquelles que sem affectação nem vangloria, sem cuidarem em fidalguias nem honrarias, se sacrificam pelos pobres, gastando com elles o seu dinheiro e o seu trabalho, cobrindo com o silencio e com a obscuridade as suas boas acções; eu sympathiso com todos os individuos de qualquer religião, catholicos ou protestantes, que vão para os sertões africanos ensinar os selvagens a trabalhar, a ler e a ser homens civilisados.

O que, porém, não posso tolerar são os que fingem caridade, onde só ha luxo e réclame de vaidade; os que fingem caridade e religião, para explorarem os ingenuos em proveito proprio; os que fingem bondade e devoção para perseguirem atrozmente os que são de opinião contraria; os que fingem humildade de sabujos deante dos poderosos e ricos para usarem de prepotencia e valentia com os fracos e pequenos; os que fingem santidade e virtude e não passam d'uns miseraveis exploradores e falsarios.

Jesus, o adoravel Jesus, não póde estar ao lado d'estes.

Jesus, o adoravel Jesus, — segundo a phrase de Edgard Quinet — incontestavelmente passou-se para o nosso lado.

FIM

# APPENDICE

## Opinião da imprensa (1) ácerca do livro do mesmo auctor «Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos.»

### O Seculo

(Lisboa, domingo, 6 de dezembro de 1891)

**Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal**

O lamentavel caso de envenenamento praticado no convento das Trinas provocou tal indignação no espirito publico, que o governo se viu obrigado a nomear uma commissão de syndicancia aos estabelecimentos de instrucção dirigidos por congregações religiosas. Temos conhecimento, pelas noticias da imprensa diaria, que os membros da commissão syndicante se teem reunido por diversas vezes; mas ignoramos inteiramente que trabalhos iniciaram para dar cumprimento á missão de que foram incumbidos.

Qualquer que seja a orientação tomada pelos illustres commissionados, para convenientemente poderem dar uma opinião segura sobre uma obra feita em grande parte só para occultar os trabalhos realisados na sombra, verdadeiros trabalhos de toupeira, parece-nos que não deverão desprezar um excellente fio conductor que veio agora á luz da publicidade.

Referimo-nos ao livro ha dias sahido do prélo com o titulo de *Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal nos ulti-*

(1) Quasi toda a imprensa liberal se occupou com elogio d'esse livro; escolhemos, porem, só cinco artigos firmados por homens de lettras muito conhecidos e publicados em jornaes das primeiras cidades de Portugal, Hespanha e Brazil.

*mos trinta annos*, e devido á penna do sr. M. Borges Grainha, professor do lyceu de Braga e ex-alumno do curso superior de lettras.

*

A commissão de syndicancia precisa consagrar especial attenção ás revelações contidas n'este livro, e deverá mesmo, em razão da particular competencia do auctor sobre o assumpto de que trata, chamal-o a depôr como testemunha valiosissima, a exhibir provas documentaes, a completar informações e esclarecimentos, que deixa no livro levemente esboçados, e emfim a indigitar os nomes de outras testemunhas, a que frequentes vezes se refere e que de certo não são menos valiosas para completo conhecimento do assumpto em questão.

O sr. Borges Grainha declara cathegoricamente que *não porá duvida em individualisar casos* que menciona *em particular ás pessoas sensatas que se interessem por estas questões.* Cremos que actualmente ninguem ha mais interessado em conhecer tudo o que diz respeito a estas questões, do que os membros da commissão syndicante, afim de poderem desempenhar se conscienciosamente da sua espinhosa missão.

O sr. Borges Grainha tem particular competencia na materia, porque «foi educado por jesuitas, e não só viveu com elles durante a sua primeira educação,» mas «seguiu-os por diversas terras, *passando entre elles por differentes categorias e classes e occupando mesmo n'ellas alguns logares*, que dando-lhe certa superioridade, lhe facultavam ao mesmo tempo maneira facil e azada de os conhecer radicalmente.» O auctor esteve «alguns annos n'um collegio estrangeiro onde cursavam os estudos annualmente 200 a 300 estudantes jesuitas de quasi todas as nações.»

*

As relações muito intimas do sr. Borges Grainha com alguns dos jesuitas mais qualificados da ordem e nomeadamente com o padre Carlos Rademaker, que ha trinta annos (em 15 de agosto de 1860) os introduziu de novo em Portugal, permittiram-lhe assistir ao desenvolvimento não só do jesuitismo propriamente dito, como de diversas congregações religiosas que á sombra d'elle se teem expandido por todo o paiz.

O sr. Borges Grainha, espirito intelligente e aberto a todas as verdades scientificas, não se deixou prender nas malhas da rede jesuitica que desde os sete annos o envolveu. Sahiu franca e denodadamente para o campo opposto, onde se combate pelo bem da humanidade.

O seu livro não respira odios; não é a denuncia de uma alma rancorosa e vingativa; pelo contrario ha em todo elle um sopro de justiça e de amor do proximo.

«O que me arrasta implacavel e irresistivelmente a esta publicação, escreve o auctor, é a compaixão dolorosa e a lembrança viva, que conservo e conservarei sempre, das dores,

das amarguras, dos soffrimentos, das torturas moraes de toda a especie, a que vi submettidas muitas creanças, seduzidas com medos phantasticos e com ideaes fementidos.»

Este livro é um poderoso antiseptico contra o jesuitismo. Se á commissão de syndicancia póde servir de lanterna para as investigações nas trevas, ao publico em geral deve prestar um salutar beneficio como energico desinfectante moral e intellectual. Para isso conviria que andasse de mão em mão.

*

No *Seculo* de 16 de agosto traçámos um ligeiro e incompleto esboço das congregações religiosas, que existem em Portugal com manifesto desprezo das leis vigentes. Mencionámos quatro corporações do sexo masculino, os Jesuitas, os Franciscanos, os padres do Espirito Santo e os Lazaristas, e varias do sexo feminino, como as irmãs hospitaleiras, as Dorotheas, as irmãs de caridade francezas, etc., etc.

No livro, de que nos occupamos acha-se uma enumeração mais completa com a resenha das suas casas, residencias, collegios, e outros estabelecimentos.

Entre os religiosos, faltou nos indicar os Dominicanos, que teem a sua casa central na egreja do Corpo Santo, em Lisboa. Entre as religiosas ha as Salesias, as Dominicanas, Ursulinas, Damas do Sagrado Coração, Irmãs da Missão, as Irmãs do Bom Pastor, etc.

Todas as congregações religiosas trabalham para o mesmo fim; ha, entre ellas, grandes distincções, tendo sempre o primeiro logar a Companhia de Jesus, a qual não perdoaria nunca ser confundida com as outras ordens. Mas os ultimos papas, principalmente Pio IX, remodelaram as grandes ordens religiosas da edade média e crearam uma infinidade de pequenas congregações, á imagem e semelhança da ordem dos Jesuitas. Os estatutos ou constituições d'estes são os mais engenhosos de todos os que se fizeram para dominar sorrateiramente a sociedade. Por este motivo, Pio IX amoldou as diversas congregações religiosas ás regras dos Jesuitas.

*

O livro intitulado *Monita secreta*, segundo diz o sr. Borges Grainha, «é apocrypho e não tem outro valor senão o de apresentar algumas regras dos jesuitas e desordenadamente.» Já o sr. Lino d'Assumpção negou tambem a authenticidade d'esse livro, e antes d'elle outros escriptores com mais ou menos solidos fundamentos.

Os verdadeiros estatutos ou constituições da Companhia de Jesus não se veem facilmente; os Jesuitas guardam os com o maximo cuidado, não só da vista dos profanos, como dos proprios Jesuitas das classes inferiores. Constituem elles os segre-

dos da Companhia; mas os segredos não estão tanto no texto das regras, como na interpretação pratica que lhes dão. «Para comprehender bem esta interpretação pratica, diz o auctor, é necessario não só conviver muito tempo com Jesuitas, mas conviver com Jesuitas de varias nações, com Jesuitas de varias classes e ter finura e astucia para recolher e perceber todas as palavras e escriptos que possam dar luz sobre estes assumptos.»

O sr. Borges Grainha, transcrevendo as principaes regras e traduzindo-as da fórma que os Jesuitas as interpretam, mostra como pela confissão, pela delação mutua, pelo desprezo dos mais sagrados laços de familia, o jesuita se faz um instrumento passivo e obediente ás ordens de um poder occulto.

Diz a regra: «Cada um dos que vivem debaixo de obediencia, ha de fazer conta que se ha de deixar levar e reger da divina Providencia, por meio do Superior, como se fosse um corpo morto que se deixa levar para onde querem ou como uma bengala ou bordão na mão de um homem velho que em tudo quanto se quer valer d'elle para tudo serve.»

*

O recrutamento de religiosos e religiosas faz-se de duas fórmas, ou levando para os conventos filhos e filhas de familias pouco conhecidas e sem influencia, quasi sempre de povoações pequenas, ou seduzindo os alumnos, que as familias lhes confiam para ensinar, não sendo das mais graúdas, com os encantos da vida religiosa e da vida celestial e amedrontando-os com os terrores do inferno e com a perdição do mundo.

A seducção exercida pelos missionarios nas aldeias e villas é talvez o mais fertil processo de arrebanhar gente, especialmente gente nova do sexo femenino.

O sr. Borges Grainha descreve admiravelmente a maneira como os jesuitas procedem nas missões, e depois como exercem a seducção nos collegios religiosos.

«O jesuitismo, diz elle, propaga se na rasão directa da ignorancia do meio, e na rasão inversa da illustração d'esse meio.»

Como auxiliares da propaganda teem os jesuitas, e como elles as outras congregações religiosas, grande numero de collaboradores seculares, que são, como o vulgo os denomina, os *jesuitas de casaca* e as *jesuitas de saia*.

Em geral os religiosos e religiosas, que nos primeiros tempos são attrahidos para os conventos pelos encantos que lhes descrevem, depois, se não caem n'um fanatismo monomaniaco, arrependem-se, e de bom grado abandonariam a vida monastica se varias circumstancias lhes não difficultassem esse retrocesso. Muitos religiosos e muitas religiosas, affirma-o o sr. Borges Grainha, receberiam com intimo contentamento um acto governamental que os restituisse ao mundo.

Ainda outra affirmativa curiosa, que encontramos n'este livro: «Para muitas Religiosas e principalmente Hospitaleiras, a entrada nas Congregações Religiosas e a vida n'ellas não re-

presenta um sacrificio ou acto de humildade christã, mas antes maior commodidade e tambem orgulho mulherengo.» E esta affirmativa não repugna á rasão, desde que se saiba, como afiança o auctor, como testemunha presencial, que a grande maioria das hospitaleiras são raparigas do povo, mulheres acostumadas aos trabalhos rudes do campo, creadas de servir, que labutavam da manhã á noite, apanhando pancada, ouvindo ralhos, tendo um mau passadio, verdadeiras escravas, as quaes pela entrada para os conventos se fazem senhoras, freiras, e passam a ser tratadas *como se fossem santas*...

Este recrutamento de mulheres é prejudicial para a agricultura, para a industria, para a vida util e positiva do mundo.

O jesuitismo, no decurso de trinta annos, tem feito enormes progressos no nosso paiz, aproveitando especialmente o concurso do sexo feminino. Para isso inventou o *Apostolado da Oração* e outras associações devotas como a de *S. José*, a de *S. Luiz Gonzaga*, a das *Filhas de Maria*, a da *Boa Morte*, a da *Santa Infancia*, etc.

O *Apostolado da Oração* é a principal; o Relatorio de 1890 dava já a esta associação 903:785 associados, isto é, a quinta ou sexta parte da população do paiz!

O livro do sr. Borges Grainha demonstra á evidencia a necessidade de promptas e energicas providencias. Não chegará á mesma conclusão a commissão de syndicancia?

TEIXEIRA BASTOS

## O Dia

(Lisboa, 16 de Janeiro de 1892)

**Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos**, por *M. Borges Grainha*. — Quando o governo, obrigado pelos clamores geraes do paiz, se determinou a mandar proceder a uma syndicancia ás casas religiosas existentes em Portugal, ainda este livro não tinha vindo á luz; aliás não teria mais que fazer do que lêl-o e mandar immediatamente ordem a todos os governadores civis, para que se fechassem esses coios de atrophiamento intellectual de nossos filhos, alguns dos quaes o são tambem de deturpação moral.

O que, porém, se não fez então, ainda hoje se póde fazer, e o governo não deve hesitar em enviar este trabalho de sciencia, verdade e sinceridade, á nomeada commissão, para que cada um dos seus membros faça d'elle o *vade mecum* investigador.

E' assombroso esse trabalho de sapa que os jesuitas, nos ultimos tempos, teem feito entre nós e que o sr. Grainha denuncia com uma coragem rara, apontando nomes, numeros e localidades.

Mas o que é ainda mais assombroso, são os processos de alliciação de rapazes e raparigas, sendo deveras monstruosa a maneira como, quando introduzidos na familia, elles usam e abusam do seu poderio sobre as mulheres, levando a deshonra ao lar, em paga dos bens que d'ahi arrebatam.

Lido este livro, que não é uma declamação rethorica, mas um repositorio de factos indiscutiveis, qualquer que seja o governo que continuar a consentir jesuitas em Portugal e ordens religiosas de homens e mulheres pelo reino, deve ser apontado como réu de traição á patria, como cumplice do atrophiamento moral e intellectual em que vae entrando a geração que começa agora na vida.

Antigamente a falta de bons collegios desculpava a existencia dos *Campolides* que para ahi pullulam; hoje o mais reles collegio vale mais do que a mais adiantada casa de ensino jesuitico, porque geralmente os jesuitas de Portugal são pouco instruidos; haja vista um tal padre Mattos, redactor de um pamphleto catholico, que é d'uma imbecilidade pasmosa, e ao mesmo tempo de um atrevimento inaudito.

E' este livro, pois, que põe a descoberto fins, processos e meios da execranda companhia, que recommendamos aos paes e mães honrados que estimem e amem seus filhos; é a obra d'um homem de bem, d'um cidadão benemerito e d'um amigo acrisolado e sincero da luz, do progresso e da sciencia.

Os mochos de sachristia pódem piar contra elle; as rãs dos pantanos beatos coaxar, mas o livro ha de fazer a sua carreira e ser lido emquanto houver liberaes honrados n'esta terra.

LINO D'ASSUMPÇÃO.

## Jornal do Brazil

(Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1892)

### CHRONICA LITTERARIA DE PORTUGAL

Ainda está viva na lembrança de todos a emoção produzida pelo crime do Convento das Trinas de Mocambo. Como é natural, a imprensa jornalistica apoderou-se do facto mais para explorar a curiosidade dos leitores, do que para discutir o problema terrivel da invasão do jesuitismo sob diversas fórmas na sociedade portugueza. Todos os governos teem sido indifferentes perante as reclamações do espirito liberal contra este assalto ás consciencias e á intelligencia que o jesuitismo organisou por meio de prédicas e de collegios de ensino.

A proposito do caso das Trinas, acaba de apparecer agora um livro destinado a produzir um certo escandalo, e se intitula: *Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos*; é seu auctor um antigo alumno do curso superior de lettras, e actualmente professor de latim e littera-

tura no lyceu de Braga, o sr. Manoel Borges Grainha. Este appellido pertence em Portugal a um celebre padre da Covilhã, que é ha mais de trinta annos chefe da reacção religiosa na provincia da Beira; e effectivamente o professor Borges Grainha, como seu sobrinho, foi educado sobre o seu influxo fanatico, entrando muito cedo para a direcção dos jesuitas em differentes collegios da Companhia, onde subiu alguns gráos de confiança.

Quando tive por discipulo no curso superior de lettras o sr. Borges Grainha fiquei admirado de seu estado de emancipação intellectual, e mais ainda da habilidade com que soube desprender-se dos mil liames com que o envolveram quando o atiraram para o poder dos jesuitas. Quando elle me contava o viver intimo dos collegios e das residencias, muitas vezes lhe lembrei a necessidade de escrever um livro sobre esse assumpto, livro que seria um serviço á humanidade, ás consciencias incautas. O livro *Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal* foi escripto por suggestões analogas, e determinado pela emoção do crime das Trinas. O auctor ao terminar o seu livro, cheio do mais vivo realismo, serve-se da phrase de Zola que pinta a sua situação especial: «Creou-se entre os padres, e hoje não tem mais do que evocar as suas reminiscencias para pintar este meio pouco conhecido, onde certas paixões e certos sentimentos tomam um desenvolvimento extraordinario.» Não é menos curiosa a pagina autobiographica, em que pinta a época passada entre os jesuitas, e como ficou excepcionalmente habilitado para conhecel-os por completo: «o auctor d'este livro foi educado por jesuitas, e não só viveu com elles durante a primeira educação, mas levado por uma série de processos variadissimos que, pelo decorrer d'esta obra, se poderão comprehender, seguiu-os por varias terras, passando entre elles por differentes cathegorias e classes, e occupando mesmo n'ellas alguns logares, que dando-lhe certa superioridade, lhe facultavam ao mesmo tempo maneira facil e azada de os conhecer radicalmente. Contribuiu ainda muito efficazmente para este conhecimento estar o auctor alguns annos n'um collegio estrangeiro onde cursavam os estudos annualmente 200 a 300 estudantes jesuitas de quasi todas as nações: havia inglezes, allemães, francezes, hespanhoes, italianos, americanos do norte e do sul, não faltando mesmo um ou outro individuo das restantes partes do mundo. O auctor tem, pois, conhecimento d'esta gente, não só profundo, mas variado.

«Para esse fim, dedicou-se tambem, com desejo e curiosidade, a ler todos os livros regulamentares da Ordem, vencendo mesmo certas difficuldades que se lhe oppunham á leitura d'esses livros, o que nem sempre é facil mesmo aos iniciados.» Diante de uma tal prova de competencia, o livro promette satisfazer a mais viva curiosidade.

São variados os capitulos em que o sr. Borges Grainha trata das relações dos jesuitas com as demais ordens religiosas, do catalogo approximado das congregações religiosas existentes

em Portugal; dos livros regulamentares dos jesuitas; dos segredos e regras fundamentaes da Companhia; dos differentes processos da seducção religiosa por meio de missionarios e por meio de collegios de educação; sobre os caracteres dos jesuitas de casaca ou coadjutor temporal e de jesuitas de saias; do noviciado, e estudos entre os jesuitas; professos e coadjutores espirituaes; a vida intima dos jesuitas; o ensino das religiosas; as irmãs de caridade; asylos-collegios e recolhimentos; a vida intima das religosas; finalmente das relações dos jesuitas com o clero secular e com os homens de lettras e dos meios que empregam para ludibriarem as syndicancias officiaes.

No decurso da sua exposição, o sr. Borges Grainha mostra como a companhia, creada por Loyola com um intuito exclusivo das missões entre os povos barbaros e da educação nos collegios, foi transformada pelo geral Claudio Acquaviva, que lhe deu a disciplina de uma corporação destinada a systematisar os esforços para o retrocesso e reacção contra a emancipação intellectual da Europa na Renascença. Vê-se que está armado de um seguro criterio historico, conhecendo que a Companhia se tem modificado segundo as correntes da sociedade européa, apesar de proclamar a sua perfeita inalterabilidade. E por esta exclusiva missão de retrocesso é que os jesuitas se tornaram mais habeis de que todas as outras ordens religiosas, para lutarem contra a liberdade civil, politica e de consciencia, emfim contra o progresso da civilisação humana. E' sabido que existe uma crise profunda na Europa, e que este fim do seculo XIX põe em evidencia: a necessidade de fundar um novo poder espiritual, que não seja essa affronta humana das dynastias privilegiadas minadas por todos os vicios da degenerescencia organica.

Herdámos esta reconstrucção do seculo XVIII, tendo-nos a Revolução franceza desobstruido o campo pela sua obra de negação. Mas tocámos já o fim do nosso seculo sem ter iniciado essa obra, sem a qual a civilisação ou recuará ou se esgotará em uma actividade material sem plano. A necessidade foi sempre illudida pelos governos parlamentaristas inventados pelos ideologos que fizeram a transacção entre o suffragio universal e o privilegio dynastico por meio das cartas constitucionaes. Começou este trabalho de retrocesso pela Santa Alliança em quanto á parte temporal, e pelo restabelecimento dos jesuitas, emquanto ao poder espiritual. Diante da corrente impetuosa do socialismo, ou da incorporação do proletariado na sociedade moderna, os dous poderes decahidos colligaram-se para o retrocesso. Onde houver um governo com intuitos conservantistas ahi apparece logo o jesuita para organisar o systema de reacção a favor do passado. As proprias ordens monasticas que ainda existem na Europa, foram modificadas n'este sentido por Pio IX, que as remodelou sob o typo da disciplina jesuitica. Tirou-lhes o caracter ascetico, deixando em plano secundario as rezas, as penitencias e as contemplações isoladas, para dar aos seus membros a participação no conflicto social pelo confessionario, pela prédica nas grandes capitaes e

pelo ensino, aggremiando todos os elementos fanaticos em guerrilhas ou pequenas congregações: «Hoje póde-se dizer que todos os religiosos e religiosas teem e seguem as regras dos jesuitas, e por isso não anda muito erradamente o povo quando chama a todos jesuitas.»

Em Portugal, como se vê pelo catalogo organisado pelo sr. Borges Grainha, temos destinados á educação, os Jesuitas, Dominicanos, Ursulinas, Damas do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs da Missão, Dorotheas; e a titulo de caridade as Irmansinhas dos pobres, Irmãs do Bom Pastor e Hospitaleiras. Tudo isto se acha sob a protecção da casa reinante, que vê nos jesuitas o esteio da sua conservação no throno.

O governo portuguez finge que não sabe que existem em Portugal as ordens monasticas, e chegam a perguntar os seus jornaes reptilianos: Onde estão os jesuitas?

Todos lhes podem responder: os *Dominicanos*, em Lisboa, em S. Paulo; os *Lazaristas* em S. Luiz, e no Porto em Santa Quiteria; os *Padres do Espirito Santo*, em Braga, no collegio e noviciado do Espirito Santo, no Porto á praça do Coronel Pacheco; os jesuitas, em numero de duzentos, teem casas em Torres Vedras, no convento do Barro; em Setubal, no convento de S. Francisco; em Lisboa, a residencia do Quelhas onde está o provincial; em Braga, na de S. Barnabé; no Porto, rua da Boavista; Covilhã; Castello Branco; em Macáo, Goa e Moçambique, e já na ilha da Madeira; os seus collegios são o de Campolide, em Lisboa, e o de S. Fiel, entre a Covilhã e Castello Branco. Os *Franciscanos* teem em Torres Novas o Varatojo; Peniche, Casa Branca a Boa fé.

Os conventos de mulheres, hoje empregadas pelos jesuitas na obra do retrocesso social, e que no seculo XVI foram desprezadas por ellas, essas pobres *Inigas* que os compremettiam pelas suas allucinações, acham-se agora fortemente organisadas: as *Salezias* teem casa no Porto e Lisboa; as Dominicanas, Ursulinas, Sagrado Coração e Irmãs da Missão, alastram-se por Coimbra, Braga, Aveiro. E' n'estas casas que se escondem os raptos das raparigas e filhas de familia por effeito de desvairamento das missões; mudam-lhes os nomes e passam-nas de casa para casa, umas extinguindo-se rapidamente pela consumpção da phtysica, e outras atiradas para os conventos em paiz estrangeiro onde desapparecem para sempre.

Foi n'este abysmo que cahiu a pobre creança de dezeseis annos, no convento das Trinas. O caso é profundamente tragico, por que veio revelar muitos pormenores do viver das casas de religiosas que estão sob a direcção jesuitica; mas facilmente se esquecem as peripecias do terrivel drama. O livro do sr. Borges Grainha é que não cahirá no esquecimento: e se os governos que dirigem este paiz obedecessem a um sentimento patriotico, com certeza teriam procedido com energia repellindo de Portugal estas congregações, e salvando a geração da degradação inevitavel para que caminha.

THEOPHILO BRAGA.

# Las Dominicales del Libre Pensamiento

(Madrid, 31 de Diciembre de 1891)

## ¡AL JESUITISMO!

Acaba de publicarse en Portugal un libro de inmensa importancia. Titúlase *Los Jesuitas y las congregaciones religiosas en Portugal en los últimos treinta años.* El autor de ese libro conoce á fondo al jesuitismo.

Oigámoslo decir al mismo:

«El autor de este libro fué educado por jesuítas y no solo ha vivido entre ellos durante la primera educación sino que, por una serie de procesos variadísimos, que no podrían especificarse en esta obra, los ha seguido por varios países, pasando entre ellos por diferentes categorías y clases, ocupando en ellas ciertos puestos que, dándole cierta superioridad, le permiten al mismo tiempo manera fácil de conocerlos radicalmente. Ha contribuido además eficazmente para este conocimiento el haber estado el autor algunos años en un colegio extranjero donde curs ban sus estudios anualmente de 200 á 300 alumnos jesuítas de casi todas las naciones; había ingleses, alemanes, franceses, españoles, italianos, americanos del Norte y del Sur; no faltando algún que otro individuo de las restantes partes del mundo.

«El autor tiene, pues, conocimiento de estos hombres, no solo profundo, sino variado. A este fin se dedicó también con ardor y curiosidad á leer todos los libros reglamentarios de la Orden, venciendo ciertas dificuldades que se le oponían y que no es fácil dominar aun á los mismos iniciados.

«Conocer bien la Orden de los jesuitas es un gran paso para conocer todas las demás órdenes religiosas por las razones que apuntaré más adelante.

«Además de esto, otras causas se han combinado para que el autor pueda conocer de cerca la educación de los colegios religiosos de niñas, habiendo conseguido visitar muchos de ellos y estudiar su organización interna.

«Con esta experiencia, en parte propia y en parte ajena, el autor va á revelar cosas nuevas, que á los profanos no les seria dado saber.»

Estamos, pues, en presencia de un hombre que domina los secretos del jesuitismo, no solo como puede este estudiarse en los reglamentos, sino lo que vale más, como son en la realidad.

Ahora agréguese que el autor del libro es una persona de representación oficial en Portugal, es profesor del Instituto de Braga.

Sobre esto, no hay más que hojear su libro para convencerse de que se está ante una persona que se halla en posesión de conocimientos profundos sobre literatura, filosofía y las restantes ramas de la cultura humana. Se trata de un profesor en toda la extensión de la palabra que está poseído del espíritu de su tiempo y del que anima á la enseñanza general del hombre

moderno. Tiene, pues, competencia propia, de fondo, á más de su competencia oficial.

Pues bien, este hombre dice á la sociedad: el jesuitismo con todo el engranaje de las demás órdenes religiosas, así de hombres como de mujeres, que ha fundado, es una máquina terrible que está produciendo los efectos más horrorosos en la sociedad.

Y lo demuestra, y lo comprueba de mil modos.

Es más. Se ve que su libro no responde á una pasión de odio contra la sociedad de Jesús, responde al contrario, á un sentimiento de compasión hacia los jesuítas mismos que son las primeras víctimas de la vida contra naturaleza que vienen haciendo. La fuerza de su argumentación aumenta así.

En prueba de la imparcialidad del fin que guía al autor, su libro no contiene ataque alguno contra estos ó aquellos jesuítas, ataca la institución, ataca la vida que hacen, la enseñanza que difunden, las armas que emplean, las doctrinas que predican.

Además, al ocuparse de cada una de las órdenes subordinadas que los jesuítas tienen á su servicio, esas órdenes ya de mujeres, ya de hombres que, com asombro de las gentes, están levantando grandes edificios alrededor de Madrid, de Barcelona y de todas nuestras primeras ciudades, les dá la consideración que merecen dentro del organismo jesuítico, de suerte que se ve que el autor conoce á fondo el asunto que trata y va considerándolo en su objetividad, abstracción hecha de todo personalismo.

No es, pues, ninguna declamación, sino un trabajo de análisis, de demonstración y de ciencia. Un soplo de sinceridad, de verdad y de rectitud anima sus páginas.

Un santo amor á la verdad, á la sociedad y á la humanidad ha movido al autor para trazar su libro. Conmovida profundamente la sociedad portuguesa á consecuencia del crimen cometido en el Convento de las *Trinas* de Lisboa, en la persona de la hermosa y cándida niña Sara, el autor del libro ha querido decir á la sociedad portuguesa: «pues ese crimen no es más que un detalle insignificante de la vida jesuítica, esa víctima no es más que una de tantas como aplasta diariamente la máquina del jesuitismo; el más digno de compasión es el jesuíta mismo que después de pasar las torturas más espantosas para asesinarse moralmente, se ve forzado de un modo necesario y fatal á servir de agente a ese mecanismo infernal.»

Con la superioridad que dan el talento, la ciencia y el conocimiento de causa, el autor demuestra el error que propalan los clericales y mantiene el vulgo de los hombres cultos sobre la superioridad de inteligencia del jesuitismo. Con los métodos de enseñanza en la mano, con los textos que estudian, con la vida intelectual que hacen los jesuítas, el autor demuestra que ni igualan ni pueden igualar á los hombres civiles. Pasa luego revista á las celebridades del jesuitismo, y hace ver que lo han sido á pesar del jesuitismo y contra el jesuitismo. En prueba del conocimiento detallado que tiene de hombres y cosas rela-

tivos á la Compañia de Jesús, vamos á citar lo que dice respecto al padre Coloma, que ha estado aquí de moda en los últimos tiempos:

«Ultimamente apareció en España una novela que alcanzó gran renombre en ese país, titulada *Pequeñeces*, cuya primera edición se agotó ya: novela escrita por el jesuíta padre Luís Coloma. Pero la Compañia no tiene razón para envanecerse de este producto literario, porque el padre Coloma, á quien conozco muy bien, y con quien he convivido, entró ya de edad en la Compañia, teniendo antes fama de buen escritor y guardando abundancia de notas preparadas para futuros cuentos y novelas.»

Todo el mundo sabe, en efecto, que el padre Coloma debe sus dotes literarios á la Universidad y á los literatos sevillanos. Aparte de que el éxito principal de su libro se debe al escándalo y á la desenvoltura con que trata á la aristocracia y á los hombres políticos de la Restauración; esto es, á la parte *mundana* de la obra.

Con este conocimiento de causa, el autor de *Os jesuitas*, ataca la enseñanza jesuítica, no solo por sus tendencias generales para seducir y engañar á los inocentes niños, sino por su insuficiencia literaria y cientifica, demostrando la superioridad sobre ella de la enseñanza civil. Solo padres de un entendimiento embotado y de un corazón rudo é insensible llevarian á colegios jesuiticos á sus hijos después de leer esta obra. Se trata de un profesor que ha enseñado en colegios jesuíticos y en colegios civiles, que por su carácter de miembro de la enseñanza oficial está todos los días examinando los resultados de una y otra enseñanza. No se puede, pues, dar ni mayor competencia ni más elementos para juzgar con rectitud y acierto.

En cuanto á la enseñanza de las mujeres de hábitos, en cuanto á los colegios de *Ursulinas*, *Trinitarias*, *Doroteas* y toda esa nube de órdenes que el jesuítismo ha destacado por todas partes para apoderarse del alma de la mujer, el autor habla con el desprecio merecido. Las profesoras de esos colegios, incultas en casi su totalidad, montaraces muchas, fanáticas y místicas en general, son incapaces de dar á las niñas una enseñanza á la altura de nuestro tiempo y de los fines que debe cumplir la mujer en el hogar y en la sociedad.

El tipo de esas religiosas, es esa hermana Colecta del convento de las Trinas, arrancada del hogar paterno y de las labores del campo por los misioneros para aparecer convertida en maestra de niñas, tan ignorante como ruda, cruel y maligna. Solo un ignorante requintado será el que lleve sus hijas á educar en tales colegios, cuyas profesoras, sin título alguno académico, dejan el estropajo ó el cuidado de las mulas en la casa de labor, catequizadas en el confesonario, para ir á dar lecciones de gramática ó historia á las niñas. ¡Ahí está el tutor de la infeliz Sara, llorando la culpa de su ignorancia!

Por eso, libros como *Os Jesuitas* son de una utilidad inmensa porque abrirán los ojos de los que aún los tienen cerrados so-

bre lo que es el jesuitismo, desterrando esa fatal ignorancia, causa de tantas desdichas y crímenes.

El profesor M. Borges Grainha, autor de ese libro, al desenmascarar con tanta inteligencia como valor el jesuitismo moderno, ha hecho un servicio imponderable á la sociedad. Cuanto dice en su libro es aplicable á España, aún en mayor escala que en Portugal, porque aquí ha tomado más desarrollo y posee más influencia y dinero la Seciedad de Jesús.

Tremendo es este golpe que recibe el jesuitismo. Uno de los suyos armado de las poderosas armas de la verdad, se le acerca, le arranca la máscara y muestra toda la hediondez de su faz ante el público.

Cuanto escribe el profesor Borges Grainha era conocido de los filósofos, historiadores y hombres de sólidos conocimientos acerca de las instituciones sociales. El espíritu infernal de la Compañía había sido denunciado á la sociedad por hombres de genio como Pascal y últimamente por Michelet y Quinet en aquellas lecciones cuya magia de estilo deleitan á la par que instruyen. Pero el trabajo de Borges Grainha es de otra índole distinta, que hiere por lo mismo con más fuerza á la Compañía de Jesús; es un trabajo dirigido á la masa social, sin galas retóricas, sin elucubraciones, fundado todo él en hechos cuya elocuencia y verdad están al alcance de todas las inteligencias. La impresión que saca el que lee el libro es esta: «este hombre no engaña; este hombre, al combatir con tanta rudeza á la Compañía de Jesús, no quiere sino hacer un bien á la sociedad».

Jesuítas: el libro del profesor Grainha es una maza que os aplasta. Con él en la mano, la Revolución tiene el derecho de borraros por siempre de la sociedad que infestáis con vuestro pútrido aliento.

Mal acaba para vosotros el año de 1891. En Francia os descubren y os cazan en las guaridas donde os ocultáis, como se oculta la víbora para morder y matar. En Portugal os asestan un golpe de muerte.

Libre-pensadores españoles: vuestro deber os llama á continuar esa obra de purificación en el año de 1892. Defended á los niños y á las niñas; defended á las esposas y á las hijas; la mano jesuitica que se agita en la sombra pugna por arrastrarlas á la muerte. ¡Guerra á los enemigos de la familia y de la sociedad! ¡Guerra al jesuitismo!

¡A ellos!

Demófilo (D. Lozano).

## La Avanzada

(Barcelona, 17 de Deciembre de 1891.)

**Notas bibliograficas.** — Con el titulo de «*Los Jesuitas y las congregaciones en Portugal en los últimos treinta años*», ha pu-

blicado en Porto el Sr. D. Manuel Borges Grainha, profesor del Liceo de Braga, un interesantísimo cuanto valiente libro, que el autor ha tenido la deferencia de remitirme.

Más bien he devorado que leído las 307 páginas de que el volumen consta; tal es el interés que su lectura despierta.

El Sr. Borges Grainha, que fué por azares de la vida educado por los Jesuitas, que convivió con ellos en diversos países durante muchos años, y que, por lo tanto, pudo apreciar de cerca y detenidamente estudiar los tipos, las costumbres, el espíritu, la organización y la labor sorda y nefanda de la Compañía de Jesús; el señor Grainha, que á pesar de su prolongada permanencia en las tinieblas jesuíticas y de su roce con la maldad, supo conservar los ojos abiertos á la luz y noble y pura su alma, era en verdad el hombre digno y osado, el escritor de recto é ilustrado criterio, llamado á poner de manifiesto la llaga cancerosa que los manejos jesuíticos van extendiendo sobre nuestras sociedades indiferentes que torpes comprometen el porvenir de las futuras generaciones y su existencia propia.

Por ello el Sr. Borges Grainha ha escrito, no sólo un hermoso libro, si que también un libro bueno, de los que no abundan mucho.

Alma grande, enamorada de la virtud, incapaz de sentir el odio, no ha mojado su pluma al acometer la empresa de escribir contra los jesuitas á quienes trató muchos años, en la hiel del rencor; no. Corazón sereno y puro, inteligencia robusta, hase levantado, como impulsado por un resorte, al conmoverse en su país la conciencia pública por el doble crimen perpetrado en el Convento de las Trinitarias, de Lisboa, y ha empuñado la pluma, evocado sus recuerdos, ordenado sus observaciones y sus estudios, para decir sin pasión y sin temor la verdad, pero la verdad toda, con la mente fija en el imperativo categórico de ser justo.

El libro del Sr. Borges es, de una parte, el eco del grito de la conciencia portuguesa alarmada por los crimenes del convento de las Trinitarias; de otra, la voz de alerta dada á la sociedad toda por un espíritu culto.

No es propio de breves reseñas bibliográficas como forzosamente han de serlo estas, entrar en consideraciones acerca del fondo del libro, y nos pesa grandemente. Hemos de limitarnos á recomendar con eficacia suma la publicación que nos ocupa á todos los hombres estudiosos y que se preocupan del porvenir de nuestras sociedades.

En el libro ocasión de esta compendiosa reseña, no obstante concretarse al estudio de los Jesuitas y demás corporaciones religiosas en Portugal, hallarán cuantos lo lean datos curiosísimos é importantes acerca de las ordenanzas ó reglamentos de los Jesuitas; sus procedimientos de catequización en el campo, los colegios y las ciudades; el noviciado de los Jesuitas; sus estudios; la enseñanza envenenadora que dan en sus aulas; el origen del dinero que les ayuda en sus empresas; las causas de su predominio; los médios de combatirlos, etcétera, etc.,

asuntos todos de palpitante interés y que con prematura demandan ser conocidos, si se quiere oponer un dique á la invasión de la banda negra, que se extiende como la langosta, gracias á la falta de instrucción, en los países de nivel intelectual ménos elevado.

Cuantos deseen adquirir el libro que nos ocupa, pueden dirigir sus pedidos á la Librería de *L'Avençs* Puertaferrisa, 21, única hasta ahora en nuestra ciudad que trae á España libros de nuestro hermano el ilustrado pueblo portugués.

Después de esto, sólo me resta enviar al Sr. Borges Grainha mi entusiasta y cordial aplauso por la publicación de su libro, y suplicar á otros distinguidos escritores que me han favorecido enviándome sus obras, dispensen si de la del Sr. Borges, últimamente recibida, hablo primero.

La naturaleza del libro «*Los Jesuitas etc.*» imponía su prioridad. Se trata en él de un tema de interés capital, palpitante, urgentísimo; de un asunto de utilidad pública.

No se extrañe nadie de que en tal concepto haya merecido en estas *Notas* mi atención preferente.

CRISTÓBAL LITRÁN.

# INDICE

Plano da obra ..... 1

PRIMEIRA PARTE

**Conhecimentos geraes**

I — Os jesuitas estudados por auctores illustres..... 11
II — Resumo da historia geral dos jesuitas..... 29
III — A sciencia dos jesuitas..... 60
IV — As missões dos jesuitas entre barbaros..... 95

SEGUNDA PARTE

**Processos de defeza**

I — Como os jesuitas se defendem..... 111
II — O sr. Padre Corrêa Portocarreiro..... 122
III — O Director da *Ordem*..... 133
IV — Antonio José Rodrigues da Silva Gandra..... 148
V — Os jornaes catholico-jesuitas ..... 148
VI — Monsegnor Almeida Silvano ..... 175
VII — O sr. Padre Martins Capella ..... 203
VIII — Um protesto de familia..... 222
IX — Uma excepção honrosa ..... 246
X — Os defensores occultos..... 261

TERCEIRA PARTE

**Meios de propaganda**

I — A propaganda jesuitica..... 277
II — Os Exercicios Espirituaes ..... 279
III — As associações devotas..... 312
IV — O confessionario..... 353
V — O Ensino ..... 378

QUARTA PARTE

**A acção jesuitica em Portugal**

I — A acção jesuitica em Portugal..... 439
II — O collegio de Campolide..... 442
III — O convento do Barro..... 460
IV — O collegio de S. Fiel..... 469
V — A grande accusação dos meus adversarios..... 485
VI — A casa e a egreja dos jesuitas na Covilhã ..... 492
VII — Os jesuitas em outras cidades..... 496

## APPENDICE

**Opinião da imprensa àcerca do livro do mesmo auctor «Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal»**

*O Seculo* (Teixeira Bastos)..... 499
*O Dia* (Lino d'Assumpção)..... 503
*Jornal do Brazil* (Theophilo Braga)..... 504
*Las Dominicales del Libre Pensamiento* (Demofilo)..... 508
*La Avanzada* (Cristóbal Litrán)..... 511

---

# ADVERTENCIA

N'este livro escaparam algumas incorrecções typographicas, que o leitor sensato corrigirá e desculpará.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
3742
A1B6

Borges Grainha, Manoel
O Portugal jesuita